

DE 1972 A 25 DE DEZEMBRO DE 1973

30/4 – Começou a G.P. a 12/4. O inimigo, possivelmente informado por alguma denúncia, atacou de surpresa o Peazão entre as 15 e as 16 horas daquele dia. Avisado com poucas horas (2) de antecedência, pela massa, o D.A. retirou-se organizadamente para a mata. O G3 daquele D., que estava sediado no Peazão, dada a superioridade do adversário, não ofereceu combate, mas salvou seus efetivos, seu armamento e diversos materiais. No entanto, muitas coisas foram deixadas no local, principalmente roupa e a oficina. O C do DA mandou avisar o G2 e o G1, ordenando-lhes que se retirassem para um ponto previamente estabelecido, onde se encontraria o DA. A manobra realizou-se com pleno êxito. Na manhã do dia seguinte, 13 de abril. Juntavam-se o G3 e o G1. Três dias depois, chegava o G2, tendo realizado marcha difícil pelos caminhos e pela mata, enquanto no ar sobrevoavam helicópteros e nas estradas ouviam-se rajadas de metralhadoras. Os G1 e G2 salvaram todo o seu equipamento, armas e todos os objetos de uso.

Na manhã do dia 13 foi enviado um mensageiro (Land) para apanhar o com. Cid e recolher informações sobre o inimigo e o estado de espírito da massa.

No dia 14, também pela manhã, despachou-se o com. Nu. Para avisar o DB. E a 17, dois com. (Be e Pau) foram mandados atalhar o Jo. Que naquele dia dirigia-se ao Peazão que já estaria ocupado pelo Exército.

O moral do DA é bem elevado, não há sinal de temor e todos se mostram ansiosos de enfrentar o inimigo. Embora a alimentação seja pouca, não há sinal de nenhuma reclamação.

A 17 regressa o com Nu. Informa que o DB está bem, retira-se salvando seus pertences e prepara-se para realizar uma operação ofensiva. Ao voltar, Nu. Encontra-se na estrada com Joaq. Que lhe informa que o PA do PP do DC fora atacado no dia 14 por mais ou menos 15 homens. Três co que se encontravam no PA conseguem fugir, mas deixam tudo no local, inclusive três fo. e as mochilas. Dois outros co encontravam-se em pesquisa na mata e podiam voltar ao PA a qualquer momento. Um co colocado no caminho para atalhar os dois co. e impedir que voltassem ao PA. Joaq. Também comunica que Jo. Sairá a 16, para avisar o DA do ataque ao DC, dirigindo-se ao Peazão onde já se encontravam tropas do Exército. Nu, ao voltar de sua missão, passando próximo da Consolação ouviu inúmeros tiros de fuzil 45 e rajadas de metralhadora.

No dia 18, regressam Be e Pau sem ter cumprido sua missão porque não encontram o caminho que leva à estrada do Chefe. Mesmo que achassem, nada adiantaria uma vez que Jo. Por lá passou um dia antes.

O DA desde o dia 12 até o dia 22 acampou em 4 lugares diferentes. Embora tenha caçado 2 tatus, 1 guariba, 1 macaco-prego, 6 jabutis e pescado alguns peixes, alimenta-se de suas reservas. A farinha está por acabar e é necessário conseguir provisões com a massa. As dificuldades com alimentação são grandes. Foi feita uma reunião com todo o DA para informar seus c sobre a situação. Outra reunião mais demorada foi feita a 21, onde destacamos a importância da nossa luta e a nova fase que se iniciava no movimento do povo brasileiro por sua emancipação. Sublinhamos a necessidade de se constituir uma força guerrilheira combativa e chamamos a atenção de todos os co. Para a importância da disciplina militar. Ao fazer considerações políticas procuramos dar uma perspectiva otimista, mostrando Ter sido um êxito a retirada do D, sem perdas e com todo o material. Até agora mostrava-se justa a orientação militar do P. A tarefa do DA era desenvolver o auto-abastecimento, fazer propaganda revolucionária, ligar-se às massas para colher

informações, obter alimentos e recrutar novos combatentes e realizar algumas ações pequenas contra o inimigo.

No dia 22, chega o Land de sua missão. Atrasou-se porque houve desencontro sobre o ponto onde devia ser recolhido. Fizera boa viagem pela mata e pelos caminhos. No Local, na Transamazônica, onde tinha de apanhar o Cid, estava sediado um posto do Exército. Os ônibus e demais veículos estavam sendo vistoriados. Cid e os que deviam vir com ele não apareceram. Dada a vigilância do inimigo, Lan não repetiu o ponto a 1G como estava combinado. Que será feito do Cid? Fará imensa falta. Talvez, daqui a algum tempo, consiga entrar na zona. Se não nos puder ajudar aqui ajudará o P. lá fora e coordenará todo o apoio político à GP. O Land trouxe informações úteis. A massa diz que 70 soldados atacaram o Peazão. O inimigo espalha que somos assaltantes de bancos, terroristas e difunde outras calúnias. Mas os camponeses não acreditam. Nos conhecem há muitos anos e sabem que somos pessoas honestas, corretas, amigas do povo e que lhes prestaram muitos favores. Alguns se dispuseram a nos auxiliar. As perspectivas de ajuda da massa parecem boas. O Lan defrontou-se com um bate-pau montado no PT (um dos burros do DA). Passou por elementos da massa. O Bate-pau, além de dizer que éramos terroristas, acrescentou que tínhamos fabricado muitas armas, que estávamos armados até os dentes e que o inimigo estava nas “bocainas” para nos pegar quando saíssemos da mata.

No dia 22 saio com o Nu e o Ju para me encontrar com o C do DB e com o Pe. Da CM. A viagem apresenta algumas peripécias, pois os igarapés estão cheios e é complicado atravessá-los. O helicóptero continua voando. Chegado ao ponto, lá encontro os companheiros. Tinham matado um porcão, trazido bananas e mamão obtidos com a massa. Na vinda, o Os, C do DB, fizera agitação em duas casas de camponeses e recebeu a aprovação das pessoas presentes. Informa que seu D está concentrado. Parece-me que recuou em demasia, não interpretando bem a ordem que lhe fora transmitida. O Pe comunica que DG retirou tudo do PA. Como fizeram fogo de dia, um avião sobrevoou sobre eles. Completa a informação sobre o DC. Um elemento saiu para apanhar os co novos. Dois outros co foram, por sua vez, esperá-los. E um quarto, depois do ataque, saída para avisar estes últimos. A situação do DC é delicada. Conhecem pouco a mata, pois são novos em certa parte da zona, e os caminhos estão sendo vigiados pelo inimigo. Aguardamos mais informações dos co que foram se ligar ao DC. Depois de fazer o balanço da situação, que julgamos favorável, traçamos algumas tarefas para os D A e B e também para a CM. O Pe informa que o Jo não chegou a ir ao Peazão. A massa contou-lhe o que ocorria e ele voltou ao seu PA. Teve muita sorte.

Dia 24 fazemos viagem pela mata em direção ao acampamento do DB. A 28 lá chegamos. O estado de ânimo dos co. é bom. Discutimos com o comando e depois foi feita uma reunião com todos os co. Levantamos a questão que já tínhamos apresentado no DA. No acampamento a vida corria normalmente, quase como se fora um PA. Também insistimos para que os co. se ligassem mais às massas, colhessem informações sobre o inimigo e realizassem uma ou mais operações ofensivas. Com exceção do DC, do qual carecemos de informações, tudo parece ocorrer normalmente. Não se nota sinal de fraqueza em ninguém. Todos querem combater. Muitos co. se destacam e os mais atrasados vão se adaptando à nova vida. No DA, ZC mostra-se um C tranqüilo e equilibrado. Tem sus co. na mão, embora tenham surgido alguns probleminhas secundários. Piauí também é um bom VC. Os CC de GG revelam-se bons, bem como seus substitutos eventuais, exceto Zezinho devido à sua doença.

No DB também o moral é elevado. O Os é um com C, acatado e respeitado. O Zeca também vai bem, embora, como sempre, anda um pouco irritado. Para todos os co dos diferentes DD, entrou-se em uma nova fase de luta. A inexperiência é geral. Mas acabaremos superando todos os obstáculos e os co acabarão por dominar os métodos da GP. Reagrupadas nossas forças, guardadas as coisas que atrapalham nossa movimentação, poderemos nos propor a novas tarefas, tanto no que se refere ao auto-abastecimento, quando à propaganda revolucionária, à ligação com as massas e às ações contra o inimigo.

1/5 – Hoje, Dia Internacional do Trabalho, encontramos-nos na mata, eu, Pe e Ivo. O rádio anuncia que o governo elevou o salário-mínimo para 268 cruzeiros na GB. Que pândegos esses gorilas da ditadura... Pode, por acaso, um trabalhador viver com uma quantia tão irrisória? E, Garrastazu, cinicamente, ainda fala em distribuir o “produto do desenvolvimento” com todos. Mas os que enriquecem cada vez mais são as empresas imperialistas, os grandes capitalistas e os latifundiários, enquanto o povo empobrece em escala crescente. A ditadura ultrapassa todos os limites do ridículo. O inefável Júlio Barata, Ministro do Trabalho, anuncia uma “grande” dádiva dos generais: a “aposentadoria” ao homem do campo. E, pomposamente, em Belo Horizonte, entrega a pensão de meio salário-mínimo a 9 lavradores de mais de 75 anos. Trata-se do maior acinte aos milhões de camponeses que vivem abandonados, na fome e na miséria. A demagogia barata da ditadura jamais enganará as massas. Para compensar a verbosidade ditatorial, que enjoa a qualquer um, à noite ouvimos a Rádio da Albânia que nos relata as comemorações da festa dos trabalhadores naquele país e desmascara o governo dos generais.

Também, a 1º de maio regressa o Ju, que fora buscar o Joaq, tarefa cumprida com êxito. A CM está completa e reúne-se. Incorporamos a ela o Ju. Este é um revolucionário exemplar. Além de suas tarefas de médico, está sempre disposto a realizar qualquer missão. No dia seguinte, acompanhado do Ivo e de 2 co do DB, Zezinho e Peri, vai ao encontro do Jo para transportar a carga da CM e do DG. Também leva a incumbência de ir ao ponto de encontro de emergência com o DC, uma vez que o Joaq informa não ter aparecido ninguém do DC no local combinado para o dia 21. Leva diretrizes concretas para o DC, de acordo com a situação em que se encontre. A falta de notícias do DC nos deixa apreensivos.

A CM reúne a 2/5 com o C do DB e reitera as diretrizes dadas anteriormente. O DB vai mudar de acampamento e guardar seus bagulhos. Osv apresentou um plano concreto de trabalho e de operações. Embora modesto, se for executado dará um bom resultado político. Insistimos sobre a linguagem a ser usada com a massa. O inimigo procura nos apresentar como marginais. Em nota fornecida pelas autoridades militares, divulgada pela rádio, diz-se confusamente que ao sul da cidade de Marabá, foram localizados malfeitores procurados pela Polícia Federal, quando as forças militares realizavam investigações sobre contrabando. Em seguida, diz que prosseguem os “exercícios” com a participação do Exército, Marinha, Aeronáutica e Polícia Militar. A reação procura evitar a repercussão da nossa luta falando em contrabando e bandidos foragidos. Quer jogar terra nos olhos do povo. Que diabo de contrabando é esse que mobiliza, em seu combate, as três armas e a Polícia Militar do Pará de contrapeso? A esta hora, Marabá, São João do Araguaia, S. Domingos, Araguatins, Xambioá, Imperatriz, Tocantinópolis, Porto Franco, Araguaína e muitas outras cidades e corrutelas devem estar em polvorosa. Devemos repelir todas as calúnias e dizer claramente por que lutamos. Precisamos dar argumentos políticos de acordo com o nível de compreensão da população. É necessário difundir ao máximo o Manifesto do Movimento de Libertação do Povo, no qual está incluído o programa de reivindicações locais por nós defendido. Somos defensores do povo, lutamos contra a

opressão e a exploração. O Pará, bem como todo o Brasil, deve ser uma terra livre, sem grileiros e tubarões, onde os pobres possam cuidar de suas terras sem nenhuma perseguição e com a ajuda de um governo verdadeiramente do povo. Somos inimigos irreconciliáveis da ditadura. Nossa política é ampla. É preciso se orientar pelo programa do MLP e falar linguagem acessível à massa. Na propaganda revolucionária armada é indispensável ter iniciativa e espírito criador. As massas, se falarmos em linguagem a elas compreensível, virão para o nosso lado. A ditadura com sua política infame só pode ser odiada pelo povo. O importante é esclarece-lo.

Dia 3/5 reúne-se a CM e troca idéias sobre os seguintes assuntos: a) localização e funcionamento do Comando; b) ligações com o P; c) a tática a seguir pelas forças guerrilheiras; d) a propaganda revolucionária a ser desenvolvida na região. Algumas medidas práticas são tomadas.

O DB, antes de levantar acampamento deixou-nos alguns mantimentos que nos dão para viver alguns dias.

7/5 – No dia 5/5 mudamos de acampamento. O local oferece relativa segurança e um pouco mais de conforto. No dia seguinte, Pe vai ao encontro com o Jo e com o Ju. Ninguém aparece. De regresso, traz um jabuti, o que melhora o nosso jantar. O Pe revela-se excelente mateiro, dominando bem o terreno. Mostra capacidade militar e tudo indica que será um bom chefe. O Joaq traz uma lata de farinha que estava no último acampamento. Defrontou-se com um bando de caititus. Mas estava sem espingarda, pois a carga era pesa demais. Assim, ficamos sem reserva de carne. O Joaq começa a dominar o terreno. É homem calmo, tranqüilo e trabalhador. Muito promete como dirigente militar.

Estamos com poucas notícias dos DD. Pensamos que breve as teremos. O que nos preocupa, no entanto, é a falta de repercussão da nossa luta. Há quase um mês que fomos atacados e nada se fala a respeito, nem no país e nem no exterior. A Rádio da Albânia comenta a situação das massas no Ceará, onde lavra a seca, faz comentários de toda ordem sobre o Brasil, mas não diz uma palavra sobre o nosso Pará e a mata em que nos encontramos. Será que o P ainda não sabe de nada? Isto nos faz pensar sobre a sorte do Cid. Aconteceu alguma coisa com ele? Não acreditamos que tenha sido preso. É suficientemente vivo e esperto para deixar que o apanhassem. Precisamos dar repercussão à nossa luta. Isso é vital para nós. A extensão do nosso movimento, o número de co que envolve, a bandeira que levantamos, o tamanho da região conflagrada, bem como a selva, junto à Transamazônica, necessariamente chamarão a atenção sobre nós. É indispensável romper a barreira da censura ditatorial. A propaganda de nossa zona guerrilheira atrairá milhares de jovens para a luta e aumentará o prestígio do P que tem, agora, grandes possibilidades de crescer. Temos urgentemente de nos ligar com o P. É o que faremos na primeira oportunidade.

12/5 – Faz, precisamente, um mês que a luta começou. Embora poucas sejam as notícias, tudo faz prever que a GP tende a se desenvolver. Ainda não temos elementos suficientes para fazer um balanço. Este será realizado logo que tenhamos novos dados.

No dia 9, Pe saiu para tomar contato com o DA e, de volta, trará notícias que fornecerão meios para melhor avaliarmos a situação. Aguardamos, pois, seu regresso. Também não há novas informações do DB. O Osv não tem aparecido no ponto, mas dentro de poucos dias entrará em ligação conosco. Joaq desde o dia 6 tem ido ao encontro de Jo e dos 3 elementos do DB que estão com ele. Mas todos eles têm faltado. Será que se perderam? Julgamos que, hoje, chegarão, uma vez que ontem ouvimos um tiro de 20 perto do nosso acampamento. Tudo indica que sejam Jo e os demais co. Não pode ser massa

porque não estamos em época de “marisco”. O inimigo não sairá por aí a dar tiros, nem vimos nenhum sinal de sua presença. Estamos à espera do Ju e do Ivo que foram encontrarse com elemento do DC. Se tudo correu bem, logo estarão aqui.

15/5 – A paciência é uma virtude essencial na guerrilha. Isto estamos aprendendo na prática da vida diária. No dia 12 não apareceu ninguém. Nem no dia 13. Ficamos, eu e Joaq que nem piloto em dia sem teto e sem contar com instrumentos de vôo (por coincidência por cima de nós voa insistentemente um helicóptero – que chato!). Como poderiam desaparecer ao mesmo tempo 6 co em duas missões diferentes? Estávamos muito preocupados. No dia 14 a coisa se esclareceu. Encontramos por acaso o Ju e o Zé Bali (Ivo). Esperaram gente do DC até o dia 10. Não apareceu viva alma. A 11 regressaram. No caminho o Ju foi atacado por violenta malária e obrigado a permanecer deitado a 12 e 13. Só a 14 pôde reencetar a marcha. Seu último acampamento estava situado bem perto do nosso. Trouxe carne moqueada de caititu que tinham obtido no curso da viagem. Ju e Ivo deram notícias do Jo e dos outros. Tinham partido a 6. Estavam, portanto, atrasados de 7 dias. Com certeza Zezinho, que era o guia, não acertara o lugar do encontro. Joaq e Ivo foram ao ponto de Jo e eu e Ju ficamos aguardando no lugar, onde acidentalmente encontramos os dois. Às 14 horas Joaq e Zé Bali (Ivo) regressam sem nenhuma notícia do Jo. Nessa hora, também ocasionalmente, surge do Flav, chefe do G do DB. Estava perdido e procurava o caminho para voltar ao seu acampamento. Indicamo-lhe o caminho. Por seu turno, ele nos informou que já cortaram 90 latas de castanha e que os seu co têm caçado bastante. Está de barriga cheia. Mostra maior disposição e vigor físico. Diz-nos também que o Ju encontra-se com ele. Chegou a 9 com os outros 3 combatentes. Confirma-se, assim, a previsão de que o camponesinho não encontrara o ponto. O tiro que ouvimos a 11 fora dado por Jo, que matara um “gorgo”. Flav informa igualmente que fizera junto com outro co uma pesquisa entre a massa. Esta o recebeu muito bem. Aceitou com satisfação as idéias expostas no programa do MLP. O elemento de massa comunicou-lhe que desceram de um helicóptero em Santa Cruz 25 soldados. Estes eram todos “curaus” e nunca tinham visto mata. Vieram a pé e não tiveram disposição de atravessar o “Gamegia”, que naquele dia estava cheio. Só na manhã seguinte se atreveram a fazê-lo. Limitavam-se a queimar as casas do PA e voltaram fagueiros. Estavam acompanhados do delegado do vilarejo. A massa também dá uma notícia bem triste para nós: fora visto amarrado a um jipe um jovem de chapéu de couro quebrado, que estava armado de 38 e duas caixas de bala, faca e facão. Só pode ser o Ger do DB que a 17 do mês passado saíra para avisar o DC sobre o ataque do Exército ao DA. Acrescenta que foram presos em S. Geraldo um preto e velho de bigode. Só podem ser Zé Fco e o Vict, que saíram para pegar os co novos. É uma grande perda para o DC. Zé Fco passou quase 37 anos à espera da LA, depois de participar, como marinheiro, da insurreição de 35. Quando a GP se inicia, é preso acidentalmente. Isso já é azar demais. É preciso que os co lutem também por ele. A prisão de Vict é um grande desfalque ao D a que pertence.

Até a chega do Ju ficamos 4 dias nos alimentando à base só de farinha e de algumas castanhas de Sapucaia. Não é por falta de caça. Mas a falta de sorte é grande. No dia que ouvimos o tiro, meia hora depois deste ter sido disparado, um veado passou tranqüilamente a 10 metros do nosso acampamento. Joaq não atirou para não denunciar o lugar onde estamos. Na noite do mesmo dia nos “visitaram” um tatu enorme, que fugiu lepidamente aos golpes de facão do Joaq, e uma anta, que ao nos perceber fugiu, guinchando, como um tanque.

No dia 13, diante do acampamento, apareceu um bando de caititus. Joaq atingiu um mas ele conseguiu fugir. O jabuti ainda é o nosso grande fornecedor de carne.

16/5 – A 15, de tarde, apareceu Osv, calmo e tranqüilo como sempre. Traz novidades. O inimigo está fazendo da “quinta” de Felipe, perto do PA do “Gamegia”, um campo de pouso para seus helicópteros. O Osv visitou 8 casas de camponeses e em todas elas foi muito bem recebido. Fez uma explanação muito eloqüente e também convincente de nossa luta. A massa está indignada porque os soldados tocaram fogo em nossas casas. Há grande pesar pela prisão do Ger. Todos os elementos de massa, com quem conversou, prometem nos ajudar. Dão notícias de Santa Cruz e de Xambioá. Nesta cidade foi presa uma jovem professora que parece ser de esquerda ou revoltada com a situação em que vivem as massas da região. Na casa de sua mãe, em Santa Cruz, morava o Am. Quando ela foi detida as freiras e o padre da localidade protestaram veementemente, dizendo que se ela não fosse solta também queriam ser presos. Diante dos protestos, a Polícia Federal, ou o Exército, foi obrigada a libertá-la. O fato deve ter repercutido na cidade. Outras informações: a tropa que veio ao Castanhal era constituída de jovens, inclusive o tenente que comandava. Estava doido para voltar para a sua base e não revelava nenhuma vigilância. Em Santa Cruz, bebiam cachaça e mantinham as armas ensarilhadas. Podiam ter sido alvo fácil de uma emboscada. No Castanhal limitou-se a queimar as casas. E no Gamegia, além de incendiar as barracas cortou os mamoeiros e as plantações de macaxeira, deixando as raízes.

Alguns elementos da massa fazem a defesa aberta de Osv e criticam o Exército. É boa a nossa situação em relação aos camponeses.

O Osv informou que ao se dirigir à casa de um elemento da massa, foi parar inadvertidamente no caminho e deparou-se com um grupo de cinco elementos armados, tendo uma metralhadora. Pareciam ser da Polícia Federal. Tinham subido a Gameleira de motor e se apresentavam como geólogos para enganar os camponeses. O Osv e o Comprido, que o acompanhava, travaram tiroteio com eles. O da metralhadora foi morto e um policial foi ferido. O tropeiro que estava com eles, e mais um inimigo, saíram em desabalada carreira. Outro ficou de tocaia num muguicho com a metralhadora e o revólver do morto. Foi o primeiro choque do DB com o inimigo.

Hoje, chegou o Jo, que, após comer, logo regressou com o Osv para o acampamento do G do Cast a fim de trazer duas latas de farinha. Amanhã voltará.

Nos últimos dias nota-se febril atividade da aviação. Aviões a jato cortam os ares duas, três e até quatro vezes por dia. Também voam aparelhos a pistão. Os helicópteros movimentam-se sem cessar e o dia todo. O que procura o inimigo? Julgamos que está transportando tropas para esta área. Será que pretendem entrar na mata? Pior para eles. O G do DB, que está por aqui, vai sair da área e nós iremos logo levantar acampamento.

O Ju desde que chegou está na rede. A malária não o larga. Está quase sempre com 39° de febre. Assim permanece há 5 dias. Emagreceu muito e está debilitado. Seu ânimo, no entanto, é elevado.

17/5 – Os helicópteros continuam a voar e o Ju ainda está nas garras da malária. A febre, contudo, baixou para 37,5°. Preparamo-nos para levantar acampamento amanhã.

20/5 – Finalmente o Ju ficou bom da febre e somente ontem é que pudemos transferir o acampamento. O lugar parece ser bom e livre dos rastros deixados pelo DB quando acampou por aqui. Também o último G do DB saiu da área. Ainda não esclarecemos o “mistério” do tiro disparado a 11. Não foi o Jo. Talvez alguém daquele G.

Quando Joaq, o Jo e o Ivo partiram para buscar o que restava no acampamento abandonado depararam com um respeitável veado. Jo o acertou com a 20 e o Ivo terminou de liquidá-lo com um tiro de revólver. À noite tivemos churrasco de veado e sarapatel de miúdos. Melhorou nossa reserva de carne. Infelizmente a malária atacou o Joaq, que juntamente com o Ivo tinham de atender o ponto do DC. Hoje está melhor e só amanhã partirá. O impaludismo está nos castigando.

Desde o dia 16 desapareceu a atividade aérea do inimigo. Esporadicamente ouve-se o barulho de avião ou helicóptero.

Ontem à noite a Rádio Tirana deu uma breve notícia de nossa luta. Rompeu-se a cortina de silêncio que se estendia sobre os nossos combatentes. Temos a impressão que a notícia não foi enviada pelo P, mas que se filtrou através de uma agência telegráfica estrangeira. O noticiário tinha pouco conteúdo político e apresentava o movimento quase como espontâneo e ao lado de lutas de menor importância como a de S. Domingos do Capim e outras. Contudo, a notícia tem importância, pois muitos brasileiros ficam sabendo que no Brasil existe um movimento guerrilheiro de certa envergadura e que se subsiste há quase 40 dias. É necessário destacar o fato de que a guerrilha desperta grande simpatia entre as massas e a grande mobilização de tropas na Transamazônica e no Araguaia. Isso a Rádio Tirana assinalou. Estamos certos de que o noticiário dessa Rádio melhorará na medida em que o tempo correr e nós ampliarmos nossas ações.

É urgente o contato com o exterior. Estamos somente aguardando a volta do Pe para decidirmos o que fazer a respeito.

O Ju e o Ivo acabaram de sair para apanhar o resto dos bagulhos que ficaram no último acampamento, e o Jo também partiu para buscar uma rede para o Ju e outras coisas que aqui estão faltando.

21/5 – A Rádio Tirana voltou ontem a abordar a nossa luta. Difundiu uma nota sobre a ação das Forças Armadas no Norte do país. Deu destaque merecido ao assunto e o tratou de maneira política. Nota-se, agora, que os dados foram fornecidos por quem conhece os problemas daqui. Isso nos faz crer que o Cid conseguiu se safar, colheu informações e pôde transmiti-las aos amigos da Albânia. Para nós, o Cid em liberdade é um alívio. Alimentamos esperança de tê-lo breve em nosso meio. Confirma-se nossa previsão de que a Rádio Tirana, com o correr do tempo, melhorará seu noticiário sobre a luta guerrilheira nas selvas do Araguaia. Com certeza irradiará o manifesto do MLP em Defesa do Povo e pelo Progresso do Interior.

Aqui, temos que intensificar a propaganda revolucionária, recrutar novos co para as Forças Guerrilheiras e amigos para a nossa causa. E isso não é difícil de realizar. As condições parecem favoráveis. Na próxima reunião da CM discutiremos esse problema.

A “bóia” entre nós vem sendo farta de carne, castanha e farinha. À noite nos damos ao luxo de um café. Hoje, saíram Joaq e Ivo para reatar a ligação com o DC. Temos, porém, poucas esperanças de concretizá-la. Esperemos. Agora mesmo o Ju também partiu para pegar o Pe que deve trazer muitas novidades do DA. Falando deste D, queremos assinalar que a Rádio Tirana só falou da sua área, sem mencionar nada sobre a área dos outros DD. A atividade do DA está repercutindo mais ou a concentração do inimigo é maior sobre ele.

É necessário reproduzir o manifesto do MLP e trabalhar mais com ele.

22/5 – O Ju não regressou do ponto do com o Pe, o qual está a mais ou menos duas horas do nosso acampamento. Isso nos deixou bastante preocupados. Às 17 horas voltou o Jo, que trazia uma “tona” e um jabuti. Este ficou para o quebra e aquela foi devorada no jantar. A “tona” é um pássaro excelente. Talvez melhor que o peru. Hoje de manhã o Ju

apareceu. Perdera-se na mata e não chegou a encontrar o local onde deveria estar o Pe. A experiência revela que na mata ninguém é bom. Os melhores mateiros costumam se perder com frequência. Acompanhado do Jo, Ju saiu agora mesmo para apanhar o Pe.

A Rádio Tirana voltou a repetir a notícia da nossa luta. Precisamos enviar-lhe informações para alimentar o noticiário sobre a guerra de guerrilha no Araguaia. Logo que tivermos portador assim o faremos.

24/5 – Chegou o Pe, que se encontrava no local desde o dia 21. Fez uma viagem rápida. Informou que no dia 10, no local combinado, juntou-se ao ZC, que estava acompanhado da AL. Está grandemente entusiasmado com as notícias do DA. O pessoal deste D está bem, embora existam dificuldades de pouca importância. Resolveu em parte o problema de alimentação. Matou dois veados, dois jacarés, um caititu e apanhou muitos jabutis. Altamente positiva é a informação sobre a massa. Uma equipe chefiada por Piauí e composta de Be, Land e Su visitaram cinco casas e conversaram com diferentes pessoas. A recepção foi a melhor possível. Acima de qualquer expectativa. Todos nos apoiaram, prestaram valiosas informações e se dispuseram a nos ajudar de diferentes formas. Isso mostra que os nossos co são bastante queridos pelos camponeses e que estes são receptivos à nossa orientação. Confirma-se a justeza da nossa linha militar. A mata nos abriga e o povo nos ajuda. Com as informações do Piauí elevou-se o moral do D. A massa também revelou que o Exército também se retirara da área e se encontrava nas corrutelas. Deixou de policiar a Transamazônica, estabelecendo somente um posto de controle próximo de S. Domingos e outro em frente da estrada de S. Felix. Em seu lugar ficaram alguns grupos da Polícia Militar. O Exército também bateu em nossa “beira” e lá prendeu um elemento de massa, que tomava conta da quitanda, levando-o para Brasília. A mulher e os 10 filhos desse elemento de massa ficaram ao desamparo. É preciso ajuda-los. Correm as mais pitorescas lendas a respeito dos companheiros do DA, sempre revelando simpatia. Sobre a Tia, dizem que foi surpreendida num carro, mas não foi presa porque virou fumacinha. Afirmam que ela é “cientista” (feiticeira). Elementos da massa informam que foi preso, próximo a S. Domingos, um jovem parecido com o Lu. Talvez se trate do Nilo, que liberamos por não desejar participar da luta. Ele sabe pouca coisa a nosso respeito.

O DA elaborou todo um plano de trabalho de massa e de propaganda revolucionária. Pensa em se reabastecer através dos camponeses. Duas equipes foram organizadas. Uma comandada por ZC (com 8 co) e outra chefiada por Piauí (com 6 co). Acreditamos que terão êxito.

Hoje a Rádio Tirana tratou novamente da nossa luta. Deu-lhe importância, mas não forneceu novos dados. Temos que enviar ao P informações, a fim de dar maior repercussão à luta na região do Araguaia.

É urgente fazer um balanço da situação. Analisar nossa atividade política e militar, o comportamento da massa e a tática do inimigo. Precisamos delinear com clareza as perspectivas da luta e elaborar um plano de trabalho. Na próxima reunião da CM nos orientaremos nesse sentido.

Até agora não temos tido dificuldades com a alimentação.

26/6 – Ontem reunimos a CM para dar um balanço da situação e traçar algumas tarefas concretas. Nessa reunião examinou-se a tática até agora empregada pelo inimigo, a atitude da massa diante da nossa luta, a política que devemos aplicar na região e a tática que devemos pôr em prática. No que se refere à primeira questão, constatamos que o Exército, embora tivesse ocupado algumas cidades e estabelecido postos na Transamazônica, não enviou grandes contingentes contra os nossos PPAA. Suas tropas de ataque variavam entre

20 e 25 homens (a informação de que contra o Peazão foram mandados 70 soldados não era correta). Acresce que vinham cansados (foram obrigados a caminhar longas distâncias a pé) e mesmo temerosos. Tivéssemos nós um melhor serviço de informações e experiência militar, poderíamos assestar no inimigo rudes golpes nas áreas de todos os DD. Os soldados queimaram os nossos PPAA e, após pequena permanência naqueles locais, retiraram-se. Pelo visto, a tática das Forças Armadas tem em vista dar a menor repercussão política à nossa luta. Dizem que somos criminosos e estabeleceram férrea censura sobre tudo o que se refere às guerrilhas do Araguaia. Também retiraram o aparato militar para evitar comentários do povo e impedir ao máximo que diferentes regiões do país se apercebam o que se passa aqui. Parece que pretendem dar a impressão que se trata de uma operação de polícia. É possível, igualmente, que o inimigo fosse obrigado a se retirar da zona porque, com nosso recuo para as matas, não tinham a quem combater e ficava atoa estacionado nos nossos PPAA ou em seus postos. Suas dificuldades de transporte e abastecimento parece ter-se agravado. A zona é bem hostil para ele. É mais confortável acantonar em Marabá, Araguaia e outras cidades. No entanto, a retirada do inimigo parece ser momentânea. Este deve estar se preparando melhor (parece que não tinham idéia do vulto da luta). Com certeza estão organizando novos contingentes militares mais treinados e fazendo levantamento topográfico da região (isso explica o continuado movimento de aviões e helicópteros). O Exército, sem dúvida, diante da nossa atividade, enviará numerosas forças para a região e para essa eventualidade devemos estar preparados. Mas, seja qual for a mobilização, o inimigo se deparará com um inimigo esquivo, com uma selva hostil e com uma população que simpatiza com os revolucionários. Se soubermos aplicar corretamente nossa concepção de GP, qualquer tática dos soldados da ditadura fracassará.

Sobre a atitude da massa, podemos afirmar que é de profunda simpatia em relação à nossa luta e de condenação às forças da repressão. O comportamento das massas superou as nossas expectativas. As visitas feitas nas áreas dos DD A e B revelam que os camponeses tendem a nos ajudar com informações, alimentos e combatentes. Seu apoio político aos guerrilheiros manifestar-se-á cada vez mais. Eles são receptivos à nossa propaganda, expressam-se contra o governo, desinformam o inimigo e são contra os poderosos. Nossa influência tende a se alastrar entre o povo pobre da região. Acreditamos também que a pequena burguesia das cidades próximas e das corrutelas simpatizam conosco. Mesmo alguns elementos abastados, descontentes com a ditadura, darão seu apoio à luta. Tudo isso é um fator bastante promissor e da maior importância para a sobrevivência das Forças Guerrilheiras. Parece que neste primeiro embate pela conquista das massas a reação foi derrotada. Esperamos que assim continue no futuro.

Quanto à política a aplicar na região, ela deve ser a mais ampla possível. Nossa orientação está expressa no manifesto do Movimento de Libertação do Povo. Precisamos falar a linguagem mais simples possível e traduzir com cores locais a linha política que defendemos. Não devemos aparecer unicamente como vítimas da ditadura, mas como defensores do povo explorado e oprimido, como inimigos irreconciliáveis dos poderosos e da ditadura. Concitar as massas à união e à luta. Respeitar a propriedade, principalmente das massas. Atacar somente as propriedades dos que efetivamente nos combaterem. Dizer que somos contra este governo que defende os “grileiros”, esfomeia o povo e deixa a população abandonada, sem escolas e assistência médica, sem qualquer ajuda. Os nossos propagandistas têm se saído bem na tarefa de falas às massas.

No que diz respeito à tática militar a seguir, devemos ser bem flexíveis. A vida confirmou a justeza da nossa concepção de luta armada e comprovou que fomos capazes de

estabelecer uma justa relação entre o fator topografia do terreno e a importância das massas. As selvas nos abrigam das investidas do inimigo e as massas camponesas nos ajudaram a sobreviver e a crescer. Tivéssemos começado a luta em região sem mata, com terreno desfavorável, já teríamos sido liquidados, mesmo contando com a simpatia das massas. Agora, para nós fica patente a diferença radical entre a nossa teoria de GP e a concepção “foquista”. O fato de o inimigo ter tomado a iniciativa quando ainda não tínhamos ultimado nossos preparativos, determinou que sofrêssemos um golpe com a prisão de alguns quando em missão em cidades ou estradas. Mas resguardamos o grosso de nossas forças, o que constitui um êxito. A nossa inexperiência militar impediu que, no início, golpeássemos o inimigo, tanto no DA como no DB. Mas os fatos indicam que o desenvolvimento da luta nos é favorável e será, no futuro, ainda mais favorável. É certo que a cortina de silêncio que a ditadura baixou sobre nossa luta nos é desfavorável. Temos que romper essa cortina, pois se as massas tomam conhecimento da guerrilha, sua repercussão será imensa em todo o país. Nossa tática deve consistir em: 1) realizar intensa propaganda revolucionária armada; 2) garantir o auto-abastecimento; 3) levar a cabo ações armadas contra o inimigo, de maior ou menor envergadura. Este tipo de ação ou a ocupação de pequena cidade ou lugarejo será sempre um meio de propaganda e uma forma de crescer (conseguir armas, equipamentos, recrutar elementos da massa, etc). Precisamos aproveitar o recuo temporário do inimigo para enviar nossos propagandistas armados a todos os recantos da região, a todas as casas de camponeses.

Depois de discutir a situação, fazendo um balanço da atividade de quase um mês e meio. Tomamos as seguintes decisões:

desenvolver o sistema de depósitos de abastecimento e criar, apoiado nas massas, uma rede de fornecedores;

organizar o serviço de informações apoiado nas massas;

organizar a propaganda revolucionária armada. Fazer planos concretos: constituir equipes; determinar áreas e os nomes dos moradores a serem visitados, tendo sempre em conta a defesa contra o inimigo;

]sempre que possível realizar recrutamento de novos co entre a massa e procurar organizar os camponeses;

preparar, à base de informações, ações contra o inimigo (emboscada, assalto, fustigamento). Programar a ocupação de alguns vilarejos ou pequenas cidades

restabelecer o contato com o DC com a participação de uma equipe do DB (o Ju como responsável);

estabelecer, com a maior urgência, a ligação com o P;

continuar na pesquisa do terreno e prosseguir na elaboração dos “croquis”. Fazer planos concretos de DD;

imprimir o manifesto do MLP;

aumentar a guarda e estabelecer normas para o acampamento da CM;

emitir um comunicado.

Ontem a Rádio Tirana deu excelente notícia sobre a nossa luta. Nota-se que ela foi redigida por quem está por dentro da situação e conhece nossa preparação. Deve ser o Cid, que impedido de aqui chegar está nos ajudando de fora.

Foi desvendado o mistério do tiro do dia 11, desfechado próximo ao nosso acampamento. Jo acabou se lembrando de que quando se encontrava com o DB, fora ele, perdido na mata, quem dera um tiro de 20 num coxia (um macaco de carne muito boa).

30/5 – No dia 28/5 Ju e Ivo partiram para tomar contato com o acampamento da retaguarda do DA. O Ju foi examinar o Paulo que, segundo informou o Pe, caiu da rede e dizia estar com as pernas paralisadas. Aquele co tem dado trabalho ao D. Pouco ou quase nada colabora no trabalho de abastecimento e tem assumido atitudes nada condizentes com as de um revolucionário. Os “bulas” do D acham que a paralisação das pernas é simulação, embora possa não ser consciente. O Ju foi ver do que se trata a fim de evitar qualquer injustiça. Em exame anterior, ele constatou no Paulo um desvio acentuado de coluna, embora não determinasse nenhuma limitação física. A queda da rede pode ter agravado seu estado e ocasionado uma paralisia temporária ou definitiva. Vejamos o que o Ju vai dizer. Ele estará aqui de volta até o dia 3/6. Seja qual for a situação do Paulo, ele constitui um sério problema para o D.

Ontem sobre o nosso acampamento sobrevoou um “teco”. Como antes chovera, ele passou bastante baixo. Parecia estar em viagem normal e não em pesquisa de terreno ou localização de guerrilheiros. A atividade aérea do inimigo continua permanente.

Não temos tido dificuldade de “bóia”. Quase todos os dias conseguimos dois ou três jabutis. Alguns são jabutis, outros carumbés. A jabota, quando ovada, merece um poema. Quase todas as noites faz-se substanciosa sopa com os ovos, a madre e o fígado, a qual se acrescenta um palmito de babaçu, castanha de sapucaia e inhame que se consegue nas capoeiras. Leva também um pouco de farinha. É um prato suculento. O Ju não se cansa de entoar loas à jabota ovada. Salve a jabota! Merece um monumento. E certamente o terá.

Amanhã o Pe vai sair para pegar o Osv. Logo teremos novas notícias do DB. Falaremos com o C do DB sobre as diretrizes tomadas pela CM. O Jo elabora o plano do DG e pensa também em procurar alguns elementos da massa para assegurar o abastecimento. Breve mudaremos de acampamento para uma área nova.

Rádio Tirana continua a insistir na nossa luta, mas se observa que carece de notícias. Estava preocupado com alguns problemas internos do D, mas sem maior importância. Discutimos com ele as diretrizes da CM, com as quais concordou plenamente. Irá tomar providências para entrega ao Ju parte do G do Cast a fim de incursionar na área do DC com o objetivo de restabelecer a ligação com aquele D. Informa o Osv que na beira do Araguaia, No trecho da Cachoeira, desceram cerca de 90 soldados do Exército, comandados por um major. Destes, metade ocupou os portos e a outra metade entrou pelos caminho até Couto Dantas. A massa foi retirada do local e enviada para a beira do rio. Esta providência depois foi relaxada, segundo outras informações. Dias depois a tropa retirou-se e não sabemos se regressou ou se foi substituída. Os soldados só avançam pelos caminhos da mata com a cobertura de pequenos aviões e helicópteros. Estes costumam, em tais ocasiões, metralhar a mata que margeia as estradas (caminhos). No dia 4, Osv voltou ao seu D acompanhado do Pe, tendo em vista planificar a atividade do D em nova área, que seja mais povoada.

O Ju que, acompanhado do Ivo fora ao DA para examinar a situação de saúde do Paulo, regressou a 2. Desviou-se do rumo e foi bater na porteira do Mano. Por isso atrasou-se e não foi nem ao ponto. Perder-se na mata é fato normal. Pena é que não trouxe informações do DA.

Mudamos novamente de acampamento. É um local que apresenta um certo conforto e menos exposto que o anterior. A vida nos acampamentos vem se tornando rotina. Na última semana intensificou-se novamente a atividade da aviação do inimigo. Quase todo o dia helicóptero e pequeno avião pesquisam ponto por ponto da mata. Qual a finalidade dessa atividade? Inquietação? Mapeamento? Cobertura de tropa? Localização de guerrilheiros? Quem sabe?

Continuamos sem problemas de alimentação. Dois a três jabutis por dia e de vez em quando um macaco ou um caititu.

Ju e Jo foram buscar alguns bagulhos nos depósitos da CM. Trarão o aparelho de pressão. Será bom para nós que, há mais de mês e meio não controlamos a pressão arterial.

Parece que o verão chegou em definitivo. Não chove mais. Isso é um bem e um mal. Não mais ficamos encharcados e nem as coisas se molham, o que nos causava grandes transtornos. Os mosquitos e outros insetos tendem a sumir. Mas, por outro lado, a água começa a escassear. Não podemos acampar junto aos grandes igarapés, uma vez que o inimigo poderá nos localizar. Teremos que recorrer aos olhos d'água, 'as cacimbas e aos poços. Também é possível que diminuam as borboletas. Estas nos dão maravilhoso espetáculo. Miríades destes insetos, de todas as cores e tamanhos fazem evolução de verdadeiro balé. São numerosas, pequenas, brancas e diáfanas, que, como se fossem um bando de moçoilas, voam em todas as direções, movimentado-se garridamente. Recordamos a leveza das bailarinas do Bolshoi. Lago dos Cisnes. Mas são estas que imitam as borboletas. Outras vezes, surge solitária, grande e vistosa, exibindo um azulado fulgurante, num esvoaçar elegante e tranqüilo, borboleta que se assemelha à mulher bonita a expor seu charme a enfeitados admiradores. Também é freqüente encontrar borboletas multicoloridas e dos mais diferentes recortes de asas, que se assemelham a balzaquianas de esplêndidos vestidos a despertar sentimentos reprimidos em guerrilheiros jejunos. A mata revela, assim, seus encantos e nos distrai num mundo de dificuldades e preocupações.

Amanhã partirão Joaq e Jo para se ligar com o DA e o Zezinho para importante missão. Aqui ficamos torcendo para que este alcance êxito integral.

8/6 – Foi entregue aos DD para ser divulgado entre as massas e enviado ao P a fim de que o distribua no país e no exterior o nosso primeiro comunicado. É o seguinte o seu teor:

**MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DO POVO (MLP)
FORÇAS GUERRILHEIRAS DO ARAGUAIA
COMUNICADO Nº 1**

Aos posseiros, trabalhadores do campo e a todas as pessoas progressistas do Sul do Pará, Oeste do Maranhão e Norte de Goiás.

Aos moradores dos municípios de Marabá, S. João do Araguaia, Conceição do Araguaia, Araguatins, Xambioá, Tocantinópolis, Porto Franco e Araguaína.

Ao Povo Brasileiro

No passado mês de abril tropas do Exército, em operações conjuntas com a Aeronáutica, Marinha e Polícia Militar do Pará, atacaram de surpresa antigos moradores das margens do rio Araguaia e de diversos locais situados entre S. Domingos das Latas e S. Geraldo, prendendo e espancando diversas pessoas, queimando casas, destruindo depósitos de arroz e outros cereais e danificando plantações. Este traiçoeiro ato de violência, praticado contra honestos trabalhadores do campo é mais um dos inúmeros crimes que a ditadura militar vem cometendo em todo o país contra os camponeses, operários, estudantes, democratas e patriotas.

O governo dos generais procura difamar as vítimas de suas arbitrariedades, espalhando que se trata de ação realizada contra marginais, contrabandistas e assaltantes de banco. Mas a população da região não acredita em tais mentiras. Conhece, há muitos anos, os perseguidos, todas as pessoas corretas, dedicadas ao trabalho e amigos da pobreza, sempre prestativos e solidários com o povo, em particular com os que são espoliados pelos grileiros e alvo das injustiças da polícia. Os soldados as agrediram porque elas não querem viver

como escravos sob o chicote dos militares que, acabando por completo com as liberdades, oprimem impiedosamente os brasileiros e enxovalham a Nação.

Diante do criminoso ataque das forças armadas governamentais, muitos habitantes da zona de S., Domingos das Latas, Brejo grande, Araguaatins, Palestina, Itamirim, Santa Isabel, Santa Cruz e S. Geraldo resolveram não se entregar, armar-se com o que puderam e enfrentar corajosamente o arbítrio e a prepotência do Exército e da polícia. Com tal objetivo, internaram-se nas matas do Pará, Goiás e Maranhão, para resistir com êxito ao inimigo, muito mais numeroso e melhor armado. A fim de desbaratar as operações militares da ditadura, defender suas vidas e desenvolver sua luta pela posse da terra, a liberdade e uma existência melhor para toda a população, decidiram formar destacamentos armados, criaram as Forças Guerrilheiras do Araguaia. Tomara, também, a iniciativa de fundar uma ampla frente popular para mobilizar e organizar os que almejam o progresso e o bem-estar, os que não se conformam com a fome e a miséria, com o abandono e a opressão.

Deste modo surgiu o Movimento de Libertação do Povo (MLP), onde podem ingressar os moradores da região e de outros Estados, muitos dos quais vêm tendo suas terras roubadas por gananciosos grileiros e são perseguidos, presos e espancados pelos agentes da ditadura. Nele há lugar não só para os pobres como também para todo patriota, seja qual for a sua condição social, que deseja por abaixo a ditadura e instaurar no Brasil um regime verdadeiramente democrático.

Este movimento lançou manifesto em defesa do povo pobre e pelo progresso do interior, refletindo as mais profundas aspirações populares por uma vida digna, livre e feliz. No documento estão incluídas as reivindicações mais sentidas da população local, que constituem o programa do MLP, a bandeira de luta da pobreza e de todos os elementos sensíveis ao desenvolvimento efetivo das regiões atacadas.

Por sua vez, as Forças Guerrilheiras do Araguaia, mostraram-se firmemente dispostas a combater os soldados da ditadura. Na zona próxima a Santa Cruz, alguns combatentes dessas forças defrontaram-se com inimigo superior em número, matando um, ferindo outro e dispersando os demais. As tropas do Exército, depois de cometer inúmeras arbitrariedades contra os moradores da região, sem revelar até agora disposição de luta nas matas, retiraram-se, temporariamente, das zonas onde atuam os destacamentos do povo e concentram-se em cidades, povoados e corrutelas. Não valeram os grandes e aparatosos efetivos militares, os helicópteros e aviões, os lutadores do povo, de armas nas mãos, usando a tática de guerrilha, realizam a propaganda das idéias e do programa do MLP entre os moradores, que os apoiam com entusiasmo e repelem as calúnias difundidas pela ditadura contra os revolucionários.

A luta armada que se desenvolve no Sul do Pará e em outros lugares vem contando com a simpatia de amplos setores da população, não só do campo como também de importantes cidades situadas em torno da região rebelada. Isto porque a luta ora iniciada é de todos os oprimidos, de todos os que não aceitam o cativo e anseiam derrubar o regime político tirânico imposto pelos militares. Não por acaso os generais escondem os motivos de suas criminosas investidas. Teme que o exemplo dos habitantes do Araguaia seja seguido por todo o povo brasileiro.

O Movimento de Libertação do Povo (MLP) e as Forças Guerrilheiras do Araguaia apelam para os moradores da região a fim de que engrossem a resistência à odiosa ditadura militar, aos grandes magnatas, aos grileiros e aos gringos norte-americanos que, no Norte e Nordeste do país, já se apoderaram de imensas extensões de terra e das ricas minas de ferro da Serra Norte, perto de Marabá. A todos conclamam a se estruturar nos comitês do MLP

ou em outras formas de organização. Não há outro caminho para o povo senão combater valentemente os opressores. Cada lavrador, cada posseiro, cada trabalhador de fazenda ou castanhal, cada injustiçado, cada patriota, deve ajudar, de todos os meios, os que enfrentam sem temor as tropas do governo de traição nacional.

O povo unido e armado derrotará os inimigos.

Abaixo a grilagem!

Viva a liberdade!

Morra a ditadura militar!

Por um Brasil livre e independente!

Em algum lugar da Amazônia, 25 de maio de 1972

O Movimento de Libertação do Povo (MLP)

O comando das Forças Guerrilheiras do Araguaia.

9/6 – Ontem partiam Joaq, Jo e Zezinho e amanhã segue o Ju para realizar sua missão junto ao DC. Iremos, juntamente com o Ivo, ao encontro do Pe, que nos dará notícias do DB.

Há alguns dias a Rádio Tirana não se refere à nossa luta. Deve ser por falta de informações. A censura da ditadura e o cerco do inimigo em nossa região impedem, em grande medida, que as notícias cheguem ao P, ao povo e aos nossos amigos do exterior. Mas isso é temporário. Com nossa atividade, acabaremos rompendo a pesada cortina do silêncio que os generais estenderam sobre nós. A reação, que tanto estardalhaço faz a qualquer ação dos “foquistas”, não dá um pio sobre os guerrilheiros do Araguaia. É o pavor que o exemplo destes guerrilheiros e a revolta se generalize pelo país inteiro.

Falando sobre propaganda, não sabemos porque a Rádio Pequim ainda nada disse sobre as guerrilhas de nossa região. Certamente, melhor informada dará cobertura à nova frente de luta criada no Brasil. Também a Rádio Havana cala. Mas, esse silêncio é diferente. Tem outras causas. Fidel nunca nos deu e nem dará colher de chá. Continua em posição revisionista, na qual se atola cada vez mais. O noticiário cubano sobre sua “transcendental” visita aos chamados países socialistas causa enjôo. Castro não se cansa de fazer rasgados elogios a consagrados oportunistas como Zhivkov da Bulgária, Kadar, da Hungria e Gierek, da Polônia. Na capital húngara superou-se no palavreado inconseqüente, derramou em grande estilo sua verborragia. Recebeu dos revisionistas magiães a miniatura de um tanque e outros presentes. Atacado de calculada amnésia, esqueceu-se das indignadas palavras de Guevara, em seu diário na Bolívia, sobre os dirigentes da Hungria, ao comentar nota de um jornal oficial daquele país que chamava Che e seus companheiros de aventureiros e pespegava-lhes outros epítetos. Guevara causticou severamente os oportunistas de Budapeste e Fidel agora os enaltece. Por estranha ironia, o chefe do governo cubano visitou com grande pompa uma escola com o nome do conhecido combatente antiimperialista morto em terras bolivianas. Entre os revisionistas, a falta de coerência, e também de vergonha, é geral. É lamentável que uma revolução tão importante como a revolução cubana tenha sido truncada e mesmo traída. A próxima visita de Fidel a Moscou – onde os dirigentes social-imperialistas soviéticos receberam festivamente o arqui-criminoso Nixon e com ele concertaram inúmeros acordos – deixará, mais uma vez, bem claro, que o revolucionário castrista não passa das palavras, dos discursos grandiloqüentes e vazios. O auto-intitulado chefe da revolução continental, em cada país visitado, arranca a máscara, revela-se um demagogo vulgar e se desmoraliza em escala sempre maior. E isto é bom para o movimento revolucionário da América Latina .

13/6 – Ontem completou dois meses do início da luta. Mas continuamos sem novas notícias. Infelizmente não encontramos o Pe, pois o Ivo, que era o guia, perdeu o rumo. Depois de vagar três dias na mata, regressamos, a duras penas, ao acampamento. Com certeza o Pe deve estar bastante preocupado. Agora nada podemos fazer senão aguardar o próximo contato.

A Rádio Tirana continua sem informações a nosso respeito. No dia 12, irradiou artigo publicado no “Bandeira Vermelha”, órgão do PC da Polônia (M-L), sobre o 50º aniversário e 10º da reorganização do PC do Brasil. Muito bom o seu conteúdo. Lembramos do simpático e combativo secretário do partido marxista-leninista polonês que conhecemos na Albânia. O artigo afirma que o exemplo dos comunistas brasileiros estimula a luta dos trabalhadores poloneses contra a ditadura revisionista. É uma lição de internacionalismo proletário e nos ajuda em nosso esforço para libertar o Brasil dos generais e do imperialismo norte-americano.

Aqui, no acampamento, como em toda a mata, temos como inimigos três figuras bastante incômodas: o carrapato, o pium e a mosca varejeira. Com a chega da estação seca os carrapatos proliferam de maneira quase infinita. São de vários tipos, mas há os que infernizam com maior frequência a vida de todos. Quando não é o mucuim (ou micuim) é o carrapato de fogo. A este não existe quem possa resistir. Toda pessoa que ele ataca é obrigado a caçá-lo imediatamente. Tira a camisa, a calça, o calção e tudo o mais. Quanto ao mucuim, de tamanho diminuto, representa inimigo invisível que se localiza nos lugares mais indiscretos. É necessário agüenta-los pacientemente.

No que diz respeito ao pium, trata-se pequeno monstro. Parece-se com uma pequena formiga, que anda com rapidez e instantaneamente alça vôo que nem helicóptero (por sinal acaba de passar um avião por cima do acampamento). Quando ferroa é para valer. Chupa o sangue, o local da mordida arde e fica marca acentuada. Dizem que é o transmissor do lecho (leishmaniose). Ainda bem que no verão começa a rarear.

Já a mosca varejeira, a maior “chata” deste planeta, tem o azul brilhante, dourado da bolha de sabão. A “vareja” surge como que por encanto logo que se expõe carne ou roupa suja e quando estamos molhados de suor. Começa imediatamente a zunir e a pôr ovos. É necessário ter o máximo cuidado com a caça, senão a mosca estraga tudo. A “vareja” é insistente e nunca perdoa. Penetra em toda a parte. Às vezes resolve por seus ovos nos ouvidos ou no nariz da pessoa. Enfim, temos, igualmente, de atura-la. Nosso consolo é que os soldados da reação também são obrigados a enfrentar tais perigos. E eles são menos resistentes a eles que nossos guerrilheiros.

16/6 – Saímos a 14 com o Ivo em missão de pesquisa. Andamos das 8 às 17 horas. Fomos até a confluência de uma grota relativamente grande com um igarapé maior. O local apresenta belo panorama. Pudemos, então, enxergar uma nesga de céu, que não víamos há dois meses. Exploramos mais uma hora, igarapé abaixo. De regresso, Ivo trazia um carumbé e um jacu, os quais nos garantiram a “bóia” do dia 15. Ave vistosa, o jacu, quando bem cozido é por demais gostoso. Não se compara, no entanto, ao mutum, que rivaliza com o peru. O peito do mutum nada fica a dever a este. Há dois tipos de mutum: o peniche e o castanheira. O último, o maior, satisfaz plenamente a cinco ou seis pessoas. Para nós constitui uma festa caçar mutum. E isto é freqüente.

Ontem a Rádio Tirana tratou da espoliação da Amazônia. Matéria otimamente lançada. Soube ligar a situação desta região com a luta que travamos aqui. Embora não trouxesse novas informações a nosso respeito, o autor mostra que a libertação da Amazônia só pode ser conseguida pela luta armada, e nos apresentou como exemplo. Com novos

dados, aquela emissora fará excelente propaganda da luta que ora se desenvolve nas matas do Araguaia.

Desde o dia 10, eu (de agora em diante falarei na primeira pessoa do singular, acabarei com a “frescura” do “nós”) eu e o Ivo estamos sós. No acampamento, a vida é monótona e, naturalmente, leva à meditação. Fico a pensar nos camaradas da cidade a quem me ligam sólidos laços de amizade forjados em longos e longos anos de militância partidária. aguardo com ansiedade notícias suas e também maior solidariedade e ajuda concreta por parte deles à nossa luta. Lembro-me do pessoal de casa. Que estarão fazendo Al e Vic? Neste mês, o Marcelo, meu neto, faz seis anos. Estou me tornando um ancião. Ora bolas! Não me rendo, continuarei a ser sempre jovem, um revolucionário, um marxista-leninista. Não por acaso o comunismo é a juventude do mundo. Confio, com o mesmo ardor de moço, na vitória da revolução no Brasil.

19/6 – Tornei a sair ontem em tarefa de exploração com o Ivo (este, no dia anterior, abatera dois jacus e comemos até nos fartar). Desta vez subimos o igarapé maior e logo encontramos enorme castanheira. O chão estava coalhado de ouriços e recolhemos cerca de duas latas de castanhas, aumentando, assim, a nossa reserva de alimentos. Foi o Ivo que agüentou todo o peso durante mais de 3 horas de andanças. A viagem de regresso, deparamo-nos com um carumbé e jabota. Estava assegurado o “boião” de hoje e amanhã. No acampamento, como em toda a mata, apareceu outra personagem incômoda: a mutuca. Parece que com o calor ela prolifera. Atazana a nossa vida. Trata-se de uma mosca grande, munida de uma tromba, verdadeira seringa hipodérmica. Sua ferroadada é bem dolorosa e seu zunido é de tirar a paciência de qualquer um. Quando pousa sobre a pessoa, fica imóvel, talvez inebriada pelo gosto do sangue. Então, é fácil mata-la.

Ouvi novas reportagens sobre a “transcendental” visita de Fidel. Agora está na Alemanha Oriental. Continua a vender seu peixe podre, a fazer demagogia vulgar e a apoiar com entusiasmo os revisionistas. Está muito feliz com a triste figura que vem fazendo e se afunda mais e mais no lodaçal do oportunismo.

22/6 – Esquisito vem sendo o clima nesta segunda quinzena do mês de junho. Parece até que estamos na estação das águas. Vem chovendo com freqüência e alguns dias se apresentam nublados como o de hoje. Ontem mesmo choveu à noite e na manhã de 19 caiu pesado “toró”. Tudo isso nos causa embaraços. Mas não tem grande importância. Logo o sol brilhará intensamente, e seus raios se infiltrarão entre as árvores e seu calor animará o habitante da selva.

No dia 20 não apareceram o Joaq e o Jo, como estava combinado. Penso que era cedo para chegarem. aguardo ansioso a sua presença, pois trazem novidades do DA. Aqui estarão a 25.

Hoje de manhã saí com o Ivo. Ele abateu um mutum e uma cotia. Assim, livrar-nos-emos da “dieta” da polenta no leite da castanha de ontem e de hoje de manhã (durante o dia não se cozinha). A propósito da castanha do Pará, é preciso assinalar que, comendo-a diariamente, como fizemos, ela determina uma diarreia constante. Deve ser o seu óleo. Precisamos ser mais moderados na castanha, embora seu teor nutritivo seja elevado.

O Ivo acaba de ter uma manifestação de malária. Tomou quinino e está de rede. Se não ficar logo bom será um espeto. Agora só conto com ele para atender os pontos, caçar e realizar outros misteres de que não tenho condições de fazer.

23/6 – O dia começou com intensa atividade aérea do inimigo. Além do ruído do helicóptero que ouvimos permanentemente, já passaram sobre nosso acampamento mais de

5 aviões, entre os quais um jato. Isto em apenas duas horas. Que será? Espero o regresso do Joaq e do Pe para saber o que há. Talvez eles saibam alguma coisa.

Como agora estou livre, aproveito o tempo para recordar fatos que antecederam o ataque das forças reacionária aos nossos PP AA. Havia muitos indícios de que essa agressão logo se verificaria. A 17 ou 18 de março, encontrava-se num dos PP AA do DC quando Pe apareceu inesperadamente e comunicou que chegara um portador de Plo, avisando que um elemento que fugira daquele D fora preso. Era uma notícia grave. O desertor poderia nos denunciar. Mas o aviso também informava que ele, até então, nada dissera. Isto serviu para que afrouxássemos a vigilância. Medias concretas foram, no entanto, tomadas. Decidi suspender a minha programação no DC. Este destacamento foi posto em estado de emergência e ordens expressas foram dadas para reforçar a segurança. Os demais DD já tinham sido avisados. Mas, apesar disso, não nos preocupamos suficientemente para enfrentar uma surpresa e responder à altura a um ataque inimigo. Regressei ao PA do DG, onde funcionava a CM. Esta reuniu imediatamente e tomou uma série de outras providências. Chegavam notícias de que em S. Geraldo estava estacionada pequena tropa do Exército, mas que lá se encontrava apenas em função da repressão à caça e à pesca ilegais. Acreditamos em tal conversa. Companheiros nossos estiveram no vilarejo e nada viram de anormal.

Como se aproximava o dia da chegada do Cid, parti, a 9 de abril, juntamente com o Ju, para o Peazão, de onde saíram os companheiros que iriam trazer aquele camarada. Bem próximo do nosso destino, ao passar pela casa do último morador, notei que este e mais outro camponês nos olhavam admirados, dando a impressão de que queriam avisar qualquer coisa. Como não desejasse que conhecessem o Ju, não parei e continuei meu caminho. No Peazão tomei conhecimento de conversas estranhas de alguns camponeses amigos. Falavam de revolução e criticavam o governo. Um chegou a perguntar pelo nosso “fuzilão” e outro nos aplaudiu por armazenarmos sal. Também o Nu e o Nel encontraram camponeses da região de onde foram obrigados a sair. Eles diziam claramente que sabiam os motivos de sua saída brusca e comprometiam-se a não falar com ninguém. Praticamente, o nosso segredo estava rompido.

Na manhã seguinte, quando o Ju já partira para atender alguns doentes do G2, chegou o Sand, informando que ele e o Lu encontraram um cidadão de S. Domingos e este perguntara se eram “mineiros”. Diante da resposta negativa, comunicou que soubera em Marabá que um tenente, dispo de um croquis que assinalava S. José e Bom Jesus (ambas corrutelas colocadas nos dois caminhos que levam ao Peazão), vinham “juntar” uns “mineiros”, entre os quais havia um velho com duas filhas, conhecido de um coronel, que se achava naquela cidade. Dizia conhece-lo (não sei se do rio Araguaia se do Rio de Janeiro). Não demos a necessária importância à comunicação porque o informante parecia suspeito pelos seus antecedentes. Assim mesmo, tomaram-se algumas medidas. Decidiu-se dormir fora de casa e despachar o Piauí para S. Domingos para averiguar o que acontecia.. Ao meio-dia de 12 de abril apareceram dois camponeses com a informação de dois tipos estranhos, com aspecto de investigadores, estavam investigando o caminho do Peazão. Utilizando um elemento da massa chegara até o entroncamento do caminho do Peazão com a estrada do Mano. Estava para nós bastante claro qual o seu objetivo. Quando nos dispúnhamos a tomar as providências exigidas, chegou a notícia de que soldados se aproximavam e estavam a uma distância que duraria duas ou três horas para percorrer. Assim, o G3 do DA se mobilizou e retirou-se, carregando o que podia. Foram feitas três

viagens do Peazão ao Peazinho. Mas a “bagulheira” era grande e muita coisa útil ficou no PA5 (Peazão).

Voltando à situação presente: prossegue a atividade aérea do inimigo. Até a tarde muitos aviões cruzaram os ares.

24/6 – Novamente eu e o Ivo saímos para uma exploração. Mal andamos uma hora, Ivo abateu um veado (uma fêmea) de regular tamanho. Temos, assim, carne para vários dias. Meu companheiro de acampamento vem se revelando um bom caçador.

Apareceram em meu corpo algumas “corubas”. Não sei se são fêrias comuns ou “lecho”. O fato é que elas aborrecem um bocado. Espero a chega do Ju para saber do que se trata.

À noite, por sinal véspera de S. João, passamos todo o tempo ao lado do fogo, um respeitável fogaréu, moqueando a carne do veado. Tudo saiu bem.

26/6 – Passou o dia 25 e o Joaq não apareceu. Já está atrasado e tal atraso complica as coisas, pois há pontos a atender e só disponho do Ivo. Enfim, espero que o Joaq e o Jo cheguem até 30. Amanhã, juntamente com o Ivo, vou ao encontro do Pe. Penso que terei mais sorte. Se ele vier, terei mais um elemento para trabalhar e notícias frescas.,

Nosso estoque de comida está quase reduzido a nada. Acabou-se a farinha, o milho (do qual se faz fubá) e o arroz. Dispomos unicamente de carne para alguns dias, três latas pequenas de leite em pó e dois pacotes de maizena. Se o Osv, do DB, acompanhar o Pe, poderá nos arranjar farinha e “safaremos a onça”.

A Rádio Tirana, que há muitos dias não falava da nossa luta, noticiou ontem que o L’Humanité Rouge, órgão do PC (ML) da França, publicou nota referente aos acontecimentos verificados aqui no Pará. Como introdução, fez um comentário sobre o nosso Partido, apresentando-o como defensor da luta armada para derrubar a ditadura. A Rádio Tirana continua sem notícias a nosso respeito. Por que os camaradas da cidade não as enviam? Se não sabem de nada, devem agitar, de qualquer maneira, o assunto. O inimigo nada dirá, por enquanto, sobre nós. Se ele não propala que nos derrotou, é indício claro e insofismável de que prosseguimos na luta. Por que não se publica o Manifesto de Libertação do Povo? Por que não se faz uma série de reportagens sobre a região? Por que as organizações de massa, como a UNE, não nos apoia? Por que não se fala de algumas figuras populares, como o Pretão, o Ju, a Preta e outros, que se encontram entre nós? Por que todo esse silêncio? Francamente, não compreendo. Será que a reação deu algum golpe na direção? Não creio.

28/6 – No local combinado, apareceu o Pe acompanhado de dois co do DB. Trouxe algumas notícias. O DB mudou sua zona de operação para uma área mais povoada. Foi uma providência acertada e que dará bons resultados. Osv, com assistência da CM, elaborou um plano de visitas à massa, incluindo vinte famílias. Por ora só visitou duas casas. Os camponeses estão temerosos diante das ameaças da reação. Mas nem por isso deixam de ajudar nossos co das mais diferentes formas. Segundo as informações, os soldados enchem os povoados, corrutelas e mesmo cidades. Palestina e Brejo Grande estão repletos de tropas do Exército. O mesmo acontece com Araguatins. Aí, os Oficiais prendem e espancam pessoas suspeitas de amizade com os co. Também fazem demagogia. Prometem título de posse de terra aos lavradores, detêm alguns exploradores da economia do povo, como um tal Granjeiro, fiscal da prefeitura de S. João do Araguaia que extorquia dinheiro e produtos dos camponeses. Mas a massa os olha com desconfiança. Só os mais odiados bate-paus apoiam as forças repressoras. Enfim, a mobilização militar é grande. Estamos dando trabalho à ditadura.

Apesar de haver alguns probleminhas no DB, seu moral é bom. A malária está atacando os co, que procuram corta-la com os remédios de que dispõem.

Dois co do DB dormiram ao lado, bem perto mesmo, de um acampamento de uma força do Exército. Observaram-na atentamente. Era composta de 35 homens armados de FAL e metralhadoras. Estavam muito bem vestidos, usavam boina, mantinham atitude displicente e pouco vigilante. O desperdício de munição é grande. Através de tiro seus comandantes dão ordens. Quando pretendem reunir a tropa atiram; quando ordenam o início da marcha ouve-se o detonar das armas e assim por diante. Parece que querem se acostumar com os tiros. É possível que estejam assobiando no escuro por temor de algum fantasma... Parece que o inimigo vai concentrar mais tropas na região. Algumas patrulhas fazem incursão na mata, de maior ou menor duração. Corre o boato de que o Exército está custeando alguns mateiros mercenários para localizar os rastros de nossos DD, a fim de, senhor de sua localização, ataca-los de surpresa em seus acampamento. Precisamos redobrar a vigilância dar um corretivo a tais mateiros.

29/6 – Somente hoje de manhã o Ivo regressou do ponto que iria ter com os dois co do DB que acompanharam o Pe. Levava remédio contra a malária para aquele D e receberia uma lata de querosene de farinha. Mas eles não apareceram. Como o Ivo não poderia voltar de novo ao local do encontro, pois tinha que atender a um ponto com o Ju, o Pe saiu em seu lugar. Ambos só voltarão à tardinha. Estou sozinho no acampamento. Há dois dias amainou a atividade aérea do inimigo. O silêncio é grande. Só uma infinidade de mutucas me chateiam com ferroadas e um zunido insuportável. Em compensação liquido-as em massa.

Pe voltou três horas depois de ter partido. O percurso em que costumamos gastar quatro horas, ele fez em sessenta minutos. Orienta-se muito bem na selva e corta caminho. Em pouco tempo tornou-se excelente mateiro. Anda nesse labirinto, que é a mata, como se estivesse em casa. Trouxe uma lata de farinha e um quilo de sal e entregou o remédio contra a malária. O Ivo regressou ao entardecer sem ter encontrado o Ju, o que era previsto.

A Rádio Tirana voltou a abordar a nossa luta. Divulgou ótima reportagem enviada do Brasil, dando um quadro correto da situação, com informações precisas e encarando – o que é muito importante – o aspecto político das guerrilhas do Araguaia de maneira acertada. Situou a resistência armada no Sul do Pará dentro da luta geral do povo brasileiro contra a ditadura. Deixou de lado a posição anterior de apresentar os fatos ocorridos na região como movimento exclusivamente camponês, minimizando-o ao coloca-lo no mesmo nível das lutas espontâneas que se verificaram em S. Domingos do Capim e em outros lugares. /de maneira hábil e nada sectária, mostrou que os levantes armados ocorridos em Marabá e S. Geraldo são um exemplo capaz de estimular a revolta geral dos brasileiros. Enfim, a reportagem ajuda nossa luta e esclarece a opinião pública do país sobre o que acontece nesta parte da Amazônia. Espero que os camaradas da cidade enviem novas matérias à Rádio Tirana, dêem publicidade ao manifesto do MLP e façam adequada cobertura política da ação revolucionária que aqui se verifica.

30/6 Não apareceu o Joaq, o que me deixa seriamente preocupado. O que teria acontecido?

4/7 – No dia 1º saiu o Ivo para atender ao encontro com o Zezinho e passar na referência do Joaq. O primeiro não apareceu, como eu esperava, mas em compensação voltou com o último, acompanhado do Ari, novo co do DG que veio transferido do DA. Foi uma agradável surpresa, Joaq traz boas notícias e carne de veado. No DA tudo corre bem, apesar da malária que ataca muitos co. Em boa parte, os co resolveram o problema do abastecimento. Armazenaram alimentos para alguns meses e conseguiram comida para se

sustentar até agora. Realizando propaganda revolucionária armada, duas equipes do D, comandadas, respectivamente, por ZC e Piauí, atingiram mais de 170 pessoas. A equipe de ZC fez uma incursão mais extensa, ao longo do beiradão do Araguaia, e falou a 70 pessoas, enquanto o Piauí percorreu o “centro”, entrando em contato com 90. A So, uma das “bulas” do DA, que integrava esta última equipe, deu consultas a cerca de 20 mulheres. Ambas equipes conseguiram informações úteis e algum alimento. Todos voltaram gordos e bem dispostos. Foram recebidos com simpatia pela massa e a maior parte dela nos apoiou. Uns poucos, muito poucos mesmo, elementos da massa, talvez por temor ao inimigo, tem posição ruim, embora não se manifestem diante de nossos co. Um deles, talvez seja o Eduardo, que voltou de Belém, onde se encontrava preso, tomando atitude nada boa. Parece que foi comprado pelos militares. Trata-se de um tipo interesseiro, que em época de paz, se manifestou como nosso maior amigo para receber favores. Agora, apossou-se das mercadorias da quitanda da beira e parece fugir ao contato com os nossos co. Mas, de outra parte, elementos com os quais não mantínhamos qualquer vínculo nos aplaudem e mostram-se dispostos a nos ajudar. Os co do DA foram informados de que o Exército assassinou o Nilo, aplicando-lhe as mais atrozes torturas. E ele não queria combater. Isto manifestou desde que chegou aqui e por isso foi liberado da tarefa de guerrear. Deixamo-lo ir embora. Pouco conhecia a nossa organização. Mas a reação não o perdeu. Travamos luta de vida e morte. Não podemos ter qualquer ilusão. Enfrentamos um governo de bandidos. Outra informação que nos foi transmitida esclarece que dois policiais, ou militares, chegaram à “beira” do DA dizendo-se amigos dos “paulistas”, no dia 2 de março, e que, mais ou menos a 6 Eduardo era detido. E nós só soubemos da ação do inimigo dia 12, poucas horas antes do ataque ao Peazão. De certo modo falhou o nosso sistema de informações. Tivéssemos sabido o que ocorrera na “beira”, poderíamos ter evitado algumas quedas em outros DD e tomado providências mais eficazes. Aproveitamos a experiência. Com a incursão do DA ao longo do Araguaia, o inimigo se mobilizou em grande estilo. Transformou a “beira” do DA (PA1) em base de helicópteros e de soldados. Intensificou-se o patrulhamento. Cavou trincheiras na Transamazônica. Mas grande á a sua falta de vigilância. Companheiros nossos têm controlado os movimentos de suas patrulhas e só não realizaram ação contra elas por falta de co que, em sua maioria, estavam em tarefas de propaganda revolucionária armada. Dois co surpreenderam dois soldados tomando banho com uma sentinela displicente. Só não os fustigaram porque, no momento, não era conveniente. Breve o DA realizará ações mais positivas contra o inimigo.

A Rádio Tirana, no dia 2, irradiou artigo do Cid, tendo como centro os acontecimentos ocorridos no Sul do Pará. Matéria curta e muito boa. É um chamamento à luta. Encarou os fatos com grande amplitude e mostrou o sentido político de nossa resistência armada. Na primeira oportunidade discutiremos esse artigo em todos os DD. Também ficamos satisfeitos por estar o Cid são e salvo. A 3, a mesma rádio transmitiu a reportagem a respeito do relatório do Bispo de Marabá sobre os maus tratos ao padre Roberto e à Irmã Maria das Graças. Matéria excelente. O relatório, indiretamente, projeta a nossa luta nacionalmente e fora de nossa fronteira. A resistência armada, aqui no Araguaia, aguça contradições entre a ditadura militar e a Igreja Católica. Corajosa a atitude do Bispo. Este, em seu relatório, fala de guerrilheiros das regiões de S. Domingos e S. Geraldo e informa que um tal major Odon afirmara que o tenente Alfredo, que torturou os religiosos, estava nervoso e cansado por ter passado uma semana na mata. Ficaré mais nervoso ainda porque terá que enfrentar por muito tempo os guerrilheiros na selva... Faço idéia da repercussão do fato na região – Palestina, Araguatins, Marabá, Imperatriz e outras cidades e vilarejos -.

Afinal, a pesar da ditadura impor severa censura sobre a nossa guerrilha, esta acaba se tornando conhecida de vastos setores da população.

Hoje, saíram rumo ao DA, o Pe e o Ari. O primeiro dará uma grande ajuda aos co daquele D.

Segundo a informação do Joaq, a prisão do Paulo é bastante ruim. A tal paralisia nas pernas era simulação. Que farsante! Agora, pede transferência de D ou que o mandem para outra tarefa do P. Está visivelmente acovardado. A CM não aceita seu pedido. Trata-se de elemento preguiçoso e inútil. Aguardemos sua atitude no futuro. O Regulamento Militar é para ser aplicado, indistintamente, a todos os co.

8/7 – Acaba de sair o Ivo para encontrar o Ju, que não pôde vir com o Joaq por estar atacado de malária (uma terçã maligna) e ficou no DA. Jo estará acompanhado de Ari que viajou com o Pe até o ponto com o DA.

Terminou a farinha. O que salva a situação é a carne do veado abatido por Ivo no dia 6. Também foram mortos dois jacus. Dois jabutis estão de reserva, pendurados em uma árvore.

9/7 – Inesperadamente regressaram ao acampamento o Pe e o Ari. Encontraram-se com ZC e Piauí que informaram estar o Jo bastante doente, atacado agora de pneumonia, e por isso não pôde regressar imediatamente. Temos que esperar 20 a 30 dias. Está sendo transportado de rede e faz suas necessidades com a ajuda de outros co. Como tudo corria normalmente no DA e seus componentes estavam se dedicando à tarefa de abastecimento, e também porque o Ari não sabia voltar sozinho, Pe decidiu voltar do local do encontro. Ele inteirou-se de novos dados sobre o trabalho de massa do DA, o qual tem as melhores perspectivas. Cresce o número de nossos amigos e aumenta a ajuda do povo.

Pe trouxe notícias ruins do DC, do qual estamos desligados. Durante a sua viagem de ida, tendo, inadvertidamente, se aproximado de um pequeno caminho de castanheiro, deparou-se com um elemento de massa. Este, a princípio assustando, tranquilizou-se depois e revelou sua simpatia conosco. Conhecia Jo e Ivo aos quais elogiou. Informou, então, que na zona de Esperancinha, onde existiu um PA do DC, há 3 semanas, haviam sido assassinados 3 combatentes nossos, entre eles uma mulher. Isso aconteceu na casa de um morador que se comprometera vender-lhe alguns produtos. O patife marcou o dia da entrega dos mesmos e foi avisar a polícia. Quando nossos companheiros chegaram para apanhar a mercadoria, foram tocados pelos soldados escondidos no telhado da casa. A jovem morreu com um tiro na cabeça. Outro co, tendo corrido, foi metralhado na barriga e caiu morto um pouco mais longe do local. A reação trouxe o Geraldo para reconhecer os corpos. O lavrador informou igualmente que um dos mortos era doutor, o que me deixou apreensivo sobre a sorte do Ju, que na ocasião deveria ter passado por aquela zona à procura de contato com o DC. Mas é pouco provável que seja o nosso esculápio. Pela segurança do informante, a notícia parece ser verdadeira. O camponês deu outra informação, menos precisa, de que as forças repressivas tinham efetuado um ataque nos Perdidos – área de trabalho de massa do DC – tendo matado ou prendido uma moça e um rapaz. Aguardo novas informações do DC para analisar estes acontecimentos. O Ju e seu grupo estão para chegar estes dias e poderão esclarecer o que houve. Se se confirmar a informação do elemento de massa, o DC sofreu um duro golpe, que também se refletirá no conjunto de nossas forças.

Hoje, mudamos de acampamento. Apesar de lá estarmos somente há uns poucos dias, não poderíamos ali permanecer porque o terreno era um vasto formigueiro. Agora estamos livres das formigas e vivemos em lugar mais escondido e de maior comodidade.

10/7 – Ao anoitecer, chegou o Joaq depois de atender a dois encontros. Não pareceram os mensageiros do DB e nem o Zezinho. Este começa a atrasar.

12/7 – Faz três meses que foi acesa a chama da guerra popular. É um grande êxito do nosso povo na luta contra a ditadura. Até hoje, depois do golpe de abril de 1964, nenhuma força política conseguia tanto tempo no combate ao regime tirânico dos generais. Grandes forças militares das três armas foram mobilizadas, provocando alvoroço na região. A resistência armada ao governo se consolida e ganha apoio popular. A nossa perspectiva de crescimento é boa. Se não cometermos erros graves não seremos derrotados e avançaremos na guerra à ditadura. Nossos co vão se adaptando à vida na selva, se ligando às massas e aprendendo a combater. Na próxima reunião da CM farei um balanço multilateral dos acontecimentos que ocorrem no Araguaia e analisarei a repercussão da nossa guerrilha no país. Aguardo ansiosamente a volta do Ju e do Zezinho para ter um quadro completo da situação.

Acabou-se tudo que tínhamos para nos alimentar. Comemos, agora, somente palmito de babaçu. Hoje, Joaq e Ivo partiram à cata de farinha. Foram pesquisar um dos depósitos do DB que o Joaq talvez conheça. Faço votos que tenham sucesso, para o bem da barriga de todos os que aqui se encontram. Felizmente o Ari, pouco depois da partida daqueles co, matou um mutum, estando garantida a “bóia” de amanhã. O almoço de hoje é palmito ralado com leite de coco de babaçu que o Ari e o Pe estão quebrando. E o jantar será canja de mutum ao palmito. Assim comemoraremos os três meses de luta armada.

13/7 – Ontem às 18 horas chegaram o Joaq e o Ivo, acompanhados do Zezinho. Encontraram-se, por acaso, perto do ponto marcado para 15. Dois problemas foram resolvidos. Ele sabia onde era o depósito do DB e não era mais necessário mobilizar companheiros para ir ao seu encontro. Joaq e Zezinho foram buscar no depósito duas latas de querosene de farinha que, juntamente com a puba trazida pelo último, garante o amido por mais de duas semanas. Hoje, o Ivo, quando foi ao ponto do Ju – que não apareceu – matou um casal de mutuns e o Ari abateu um tatu de tamanho médio. À noite comemos carne até fartar e amanhã, no quebra, acontecerá o mesmo. A “família” está quase completa. Só faltam o Jo e o Ju.

Zezinho fez uma viagem cheia de peripécias, atravessando, inclusive, o Araguaia, a nado. Mas alcançou seu destino. Isto mostra que se pode entrar e sair na região, iludindo a vigilância inimiga. Que é possível montar um aparelho de ligação com o exterior para receber correspondência, materiais e gente. Zezinho comprou botinas para ele e para o Jo, um pouco de café, açúcar e leite. Infelizmente não realizou a tarefa fundamental: estabelecer contato com o P. não encontrou a pessoa que faria tal contato. Faltaram-lhe audácia e espírito de iniciativa. Mas é um bom companheiro, valente e corajoso. Realizou a parte mais difícil, mas fracassou no detalhe. Faremos nova tentativa de ligação com os camaradas da cidade. Trata-se de questão vital para nós.

A Rádio Tirana deu rápida informação sobre a nossa luta, dizendo que causamos baixas ao inimigo e fizemos prisioneiros. A notícia é boa, mas a captura de soldados, ao que eu saiba, não é verdadeira. Aquela Rádio vem sempre abordando os acontecimentos do Sul do Pará (pela terceira vez irradiou o artigo do Cid) e nos ajudando grandemente. Seremos sempre gratos aos amigos albaneses.

15/7 – Ao meio-dia de ontem partiram o Joaq e o Zezinho ao encontro do Osv ou Zeca, do DB, que deverão estar no local hoje. A 16, eu e o Pe nos juntaremos a eles para combinar algumas coisas e dar um balanço da atividade do DB.

Ari acaba de abater um veado bem próximo do acampamento. Eu e o Pe já temos carne para levar.

19/7 – Nem o Osv nem o Zeca apareceram. Joaq e Zezinho esperaram quase 4 dias. Eu e o Pe também os aguardamos em vão. Que teria acontecido com o DB para não vir ninguém ao encontro? Algo de grave ter ocorrido ou o D estaria envolvido em atividades que não permitiram a saída de seu C ou de seu VC. Espero que na referência talvez surja algum mensageiro daquele D.

O Ju também não veio ao ponto do dia 18. Ele tem prazo mais demorado para chegar. Mas a notícia que o Pe trouxe sobre os acontecimentos de Esperancinha me deixa preocupado em relação à sorte do nosso bula-chefe.

20/7 – Ivo e Ari partiram de manhã levando mensagem ao DA. Confio que façam boa viagem. Eles entregarão ao ZC a seguinte carta a ser encaminhada ao Bispo de Marabá:

Exmo Sr Bispo de Marabá

D. Estevão Cardoso de Avelar

Tomamos conhecimento, através de estações rádio-emissoras do estrangeiro, de sua atitude corajosa no triste e vergonhoso episódio dos maus tratos e torturas infligidos ao padre Roberto e à Irmã Maria das Graças por tropas do governo. O relatório apresentado por V Excia à Conferência Nacional dos Bispos, dando versão real, precisa e minuciosa sobre o ocorrido com aqueles religiosos revela uma personalidade independente que não se atemoriza diante da força bruta, nem se deixa abalar por pressões políticas.

Por esta razão, e por considera-lo um homem de bem, atrevemo-nos a escrever-lhe a fim de que V Excia avalie, com isenção de ânimo, os motivos da luta em que estamos envolvidos. Com esta carta não objetivamos pedir-lhe apoio e, muito menos, fazer proselitismos. Mas esperamos compreensão e justiça em relação à nossa resistência aos desmandos e arbitrariedades de um regime autoritário, imposto pela violência à Nação pelo golpe militar de abril de 1964. Passemos, pois, aos fatos para que se configure o quadro verdadeiro da situação.

Como é sabido, no curso do mês de abril deste ano, contingentes do Exército, apoiados pela Marinha, Aeronáutica e Polícia Militar do Pará, numa aparatosa operação de guerra, atacaram, inesperada e brutalmente, inúmeros moradores do Araguaia que se localizavam em áreas compreendidas entre S. Domingos das Latas e São Geraldo. Os agredidos viviam há muito tempo em roças e sítios, tendo alguns deles mais de 4 anos de residência no mesmo local, a exemplo de nossa família, que mantinha pequeno comércio às margens do Araguaia, na propriedade chamada Faveira.

Naquele lugar éramos úteis à população, tanto do Pará como de Goiás, na sua quase totalidade – como V Excia sabe – pobre e desprotegida. Comprávamos os produtos da terra com mínima margem de lucro e vendíamos mercadorias mais indispensáveis à vida do povo a preço baixo. Além disso, comerciávamos com remédios, também a preço baixo, e duas pessoas, enfermeiras de profissão, receitavam, faziam partos e realizavam pequenas intervenções cirúrgicas. Tudo gratuitamente. Éramos, assim, estimados por centenas de famílias de lavradores e por inúmeros moradores de Marabá, S. Domingos das Latas e Araguatins. Jamais tivemos desavença com qualquer habitante da região, não molestamos e nem prejudicamos ninguém. É testemunha de nossa atividade laboriosa e prestativa um dos mais ativos e conhecidos sacerdotes de sua Prelazia, Frei Gil, que mais de uma vez esteve conosco, quando realizava desobrigas pelo beiradão do Araguaia.

Ultimamente, com a construção da Transamazônica. Apareceram vorazes grileiros que tentavam expulsar de seus locais, com a ajuda da polícia e de pistoleiros, velhos e novos moradores. Não podíamos deixar de ficar ao lado das vítimas e dos perseguidos. Condenamos com energia os ladrões de terra. Não concordamos com o esbulho de honestos

lavradores que desbravam matas e criam riqueza na região. Também não nos conformamos com os pesados tributos cobrados ilegalmente pelo INCRA. Camponeses que vivem abandonados e na miséria são obrigados a pagar, a título de taxas, quantias elevadas, muito acima de suas possibilidades, sem nada receberem em troca. Igualmente, sempre estigmatizamos a exploração e opressão a que estão sujeitos os castanheiros, os trabalhadores das companhias de extração de madeira e os peões das grandes fazendas, cuja situação pode ser considerada à dos parias e dos escravos.

Nosso inconformismo deve ter chegado aos ouvidos das autoridades ditatoriais. Por isso, tais autoridades voltaram-se furiosamente contra nós. Agrediram-nos brutalmente, queimaram casas, danificaram plantações, apoderaram-se indevidamente de bens e objetos de uso pessoal. Mas resolvemos reagir e resistir por todos os meios ao governo déspota e antipopular. Decidimos enfrentar a ditadura com a força, embrenhando-nos nas matas e armando-nos com o que podíamos. Inspira-nos a idéia de emancipar o Brasil do opróbrio do regime ditatorial ou morrer lutando pela liberdade e felicidade de nosso povo. Não queremos ser cúmplices, pela omissão de um governo que escraviza a Nação, entrega as riquezas do país aos trustes estrangeiros, prende, espanca, tortura e assassina patriotas de todas as condições sociais, de todas as convicções políticas, religiosas e filosóficas.

Assim articulamo-nos com outros elementos descontentes da região para defender nossas vidas, acabar com a grilagem, lutar pela democracia, por uma Nação livre e independente. Diante de tal atitude, o governo dos generais, o governo mais tirânico que o Brasil já teve, propala cinicamente que somos marginais, contrabandistas, assassinos e assaltantes de bancos. Mas todos devem saber que isso não passa de grosseira calúnia. Inúmeras pessoas que nos conhecem estão inteiradas de que não cometemos nenhum crime, nem fizemos qualquer mal. A ditadura também espalha que somos terroristas, É outra mentira. Jamais recorreremos ao terrorismo, método de luta que condenamos, embora reconheçamos como patriotas e democratas os inúmeros jovens brasileiros que são compelidos a apelar para tal método a fim de combater o terror negro implantado pelos militares em todo o país.

Muitos dos que estão de armas nas mãos têm instrução superior ou são universitários e estudantes secundários. Ao nosso lado estão operários e camponeses esclarecidos. Há pessoas de diferentes matizes políticos e religiosos, inclusive católicos. Todos eles poderiam viver comodamente, desfrutar a paz, o conforto e o bem-estar em seus lares. Fiéis, porém à sua consciência, escolheram o caminho da luta, preferiram morar na selva, passar fome, dormir ao relento e, se necessário, sacrificar a vida, a se calar diante de um regime que infelicita o país há mais de 8 anos. Os que se portam desse modo agem como milhares e milhares de brasileiros – entre os quais se incluem muitos padres católicos - que, nas cidades, combatem o jugo dos generais e de um punhado de ricos nacionais e estrangeiros. Vão ao encontro dos mais legítimos anseios do nosso povo que aspira à liberdade e não quer viver sufocado sob o tacão da ditadura.

Com este pensamento, os combatentes que empunham armas na selva amazônica organizaram um movimento para dirigir a resistência armada contra a ditadura e para conquistar um governo verdadeiramente popular, autenticamente democrático e livre da tutela dos monopólios internacionais, principalmente o norte-americano. Fundaram o Movimento de Libertação do Povo, cujo programa é a sua bandeira de luta. Permitimo-nos, Exmo Sr Bispo, enviar-lhe o Manifesto que lança esse Movimento para que V Excia se inteire plenamente de nossos objetivos ao enfrentarmos, com decisão e coragem, as forças repressivas do governo.

Estamos convencidos de que a nossa causa é justa e certos de que a simpatia da esmagadora maioria da população está do nosso lado. Não é ocasional o fato de a ditadura baixar pesada cortina de silêncio, através de férrea censura à imprensa, ao rádio e à televisão, sobre os acontecimentos que ora se verificam no Sul do Pará. É o temor de que o exemplo frutifique. Nada, porém, poderá deter a avalanche da revolta popular contra a tirania. A chama da rebelião para pôr abaixo a ditadura foi acesa no Araguaia e, com o decorrer do tempo, alastrar-se-á por todo o Brasil.

Sejam quais forem as vicissitudes que teremos que passar – a fome e o cansaço, os ferimentos, as doenças e a morte, a prisão e a tortura – não arriaremos nossa bandeira libertária e de redenção nacional. Ninguém poderá abafar as profundas e arraigadas aspirações de liberdade do povo brasileiro, do qual somos legítimos representantes. Onde há opressão sempre há de existir resistência e luta. As causas justas, mais dia menos dia, triunfam. Hoje, em nosso país, combate-se e morre-se pela liberdade. Por tudo isso, não será em vão o sacrifício e o sangue derramado por milhares de jovens desprendidos e abnegados para conquistar a democracia e para instaurar um regime que ampare todos os brasileiros.

Queira aceitar as nossas mais respeitadas saudações.

De algum lugar das matas amazônicas, 20 de julho de 1972.

José Carlos, Joça, Alice, Beto e Luiz, moradores do sítio Faveira, às margens do Araguaia.

Ontem, mudamos de acampamento. A água estava insuportável e causando desintéria. No novo lugar havia um olho d'água que foi transformado em cacimba. O “precioso líquido – chavão dos focas da imprensa burguesa – é excelente, e precioso mesmo. Pensamos em ficar neste acampamento, que se situa num alto, durante bastante tempo, pois nos meses de agosto, setembro e, talvez outubro as grotas estão secas. Os companheiros estão pesquisando outros acampamentos com este.

Pe voltou da referência com o Osv. Nem sombra dele. A próxima referência será a 28. Praticamente, estamos desligados do DB.

Já quase à noite, às 18:50, apareceu o Zezinho que fora buscar alguns materiais em nossos depósitos. No caminho matou um porcão. Vinha sobrecarregado. Como perdera o rumo, foi para ele verdadeiro sacrifício chegar até o acampamento. É um camarada de fibra.

A Rádio Tirana voltou a retransmitir o artigo do Cid, que foi publicado hoje no “Zeri Populit”, órgão central do CC do PTA. Cada vez mais admiro os camaradas albaneses. São nossos bons amigos.

22/7 – Nenhuma novidade especial. Joaq está atacado de malária e estendido na rede. Pe padece de terrível desintéria, sente intensas cólicas e está enfraquecido. Continua, no entanto, trabalhando. Zezinho saiu para uma espera. Aproveito a tranqüilidade do acampamento para transcrever a carta que o Osv iria enviar a seus amigos de Palestina, Itamirim e Araguatins. A carta é a seguinte:

Prezado amigo

Como já deve ser do seu conhecimento, encontro-me nas matas do Araguaia, de armas nas mãos, enfrentando soldados do governo que pretendem me apanhar vivo ou morto. Em nome de nossa antiga amizade, tomo a liberdade de lhe escrever a fim de explicar os motivos porque me acho nessa situação e as razões da luta em que estou empenhado.

Há mais de 6 anos morava nesta região, dedicando-me, honesta e pacificamente, ao duro trabalho do garimpo ou do marisco. Você é testemunha do meu comportamento, tanto em Araguatins e Marabá, como em Itamirim e Palestina. Nunca prejudiquei ninguém nem ofendi qualquer pessoa. Sempre fui benquisto e alvo de muitas atenções. Na medida de

minhas possibilidades, jamais deixei de ajudar a pobreza. Convivi estreitamente com lavradores, garimpeiros, mariscadores, peões, barqueiros, pequenos e médios comerciantes e outros setores da população de vive do seu trabalho. Com o decorrer do tempo acabei conhecendo os inúmeros problemas que afligem os moradores das zonas situadas no Araguaia e no Tocantins, não me conformando com o abandono, a miséria e a opressão em que se debatem seus habitantes.

Aqui fiz muitos amigos, entre os quais incluo você. Decidi morar em definitivo nesta região porque gosto de seu povo, sentindo-me bem entre ele. Fixei-me em terras junto ao rio Gameleira, próximo a Santa Cruz, onde desenvolvia trabalho de roça. Aí fui procurado por amigos, que conhecera em grandes cidades, pedindo-me para trabalhar comigo. Eram perseguidos pelo governo, por não estarem de acordo com a ditadura que impera no país e infelicita o nosso povo. Lutavam para restaurar a liberdade no Brasil, implantar a democracia em nossa terra e assegurar o bem-estar para os trabalhadores. Não pude fugir ao dever de ficar solidário com eles, dar-lhes abrigo e deixar que aqui reconstituíssem suas vidas. Juntos nos dedicamos ao pesado serviço da lavoura.

Passados quase dois anos, quando eu e meus amigos tínhamos derrubado matas, aberto caminhos, plantado roças e amansado o lugar, apareceu certo grileiro sem-vergonha, um tal de capitão Olinto, dizendo-se dono dos terrenos, querendo expulsar-me do local como antes já fizera com outros moradores. Não aceitei a arbitrariedade e disse a seus capangas que resistiria pela força. O grileiro deve ter se queixado à polícia, que se coloca sempre ao lado dos poderosos contra os pobres. Isso deve ter despertado a atenção da infame ditadura militar. Esta decidiu me atacar, do mesmo modo que agrediu outros moradores da região, residentes em outras áreas.

Resolvi, então, não me entregar e resistir com todas as minhas forças. Articulei-me com outros perseguidos e participo organizadamente a luta contra os grileiros e, também contra a ditadura militar que os protege e oprime o trabalhador. Internei-me na mata, que conheço bem, para combater os inimigos do povo. Quero que o Pará, assim como o Brasil, seja uma terra livre, onde todos possam trabalhar sem grileiros, sem perseguições policiais e contando com a ajuda de um novo governo, verdadeiramente progressista e popular.

Contribuí também para organizar o Movimento de Libertação do Povo (MLP), entidade que dirige a resistência armada ao governo dos generais na região do Araguaia e do Tocantins. Este movimento publicou um manifesto em defesa do povo e pelo progresso do interior, no qual se expõe o programa de reivindicações dos que, juntamente comigo, lutam contra a exploração e a opressão. Envio-lhe cópia desse Manifesto e espero que você o divulgará entre seus amigos. Peço-lhe, igualmente, que transmita a todo revoltado, a todo inconformado com a situação de pobreza e de falta de liberdade que atravessa o país, a todo perseguido pelos poderosos e pela polícia, que será bem recebido pelos combatentes das matas do Araguaia. Aqui, entre os revolucionários, ele poderá se refugiar e lutar.

Estou convencido de que você compreenderá minha posição. Sou um patriota, um filho do povo. Aspiro ardentemente livrar a nação do cativo, do domínio dos gringos norte-americanos e da ditadura que está contra todos os bons brasileiros, inclusive contra sacerdotes, como servem de exemplo as torturas aplicadas pelos militares em Padre Roberto e Irmã Maria das Graças, na localidade de Palestina.

Um grande abraço do amigo de sempre

Oswaldo

De algum lugar das matas do Araguaia, 15 de julho de 1972

28/7 – No dia 25 regressaram o Ivo e o Ari, acompanhados do Jo. Este já está curado, embora esteja muito enfraquecido. Precisa se cuidar. Agora a “família” está quase completa. Falta somente o Ju.

Jo informou que as coisas no DA correm normalmente. O D mudou para um acampamento mais recuado e se dedica à tarefa de conseguir alimentos, em especial milho e farinha. A emboscada programa não se realizou porque o inimigo deixou de passar pelo local onde a ação deveria se realizar. As forças do Exército começam a cometer violências contra as massas. Assassinaram um popular em S. Domingos. Atiraram contra um camponês em Bom Jesus, causando grande revolta entre seus moradores. Humilharam vários lavradores. O povo mostra-se descontente com as tropas do governo e vai revelando maior simpatia por nós. A massa informou que os soldados que estavam operando na área do DA foram substituídos por tropas especializadas que vestem uniformes camuflados. Estas tratam os lavradores de maneira mais grosseira, o que nos é favorável.

Ontem reunimos os que estavam no acampamento, ao todo 7, e fiz uma análise da situação nacional e internacional e examinei as perspectivas da nossa luta.

Hoje de manhã partiram o Joaq e o Zezinho para a referência do Osv. O Ivo foi para o ponto do Ju. Espero que tenham mais sorte do que das vezes anteriores.

29/7 – Começo a ficar apreensivo. Não chegaram o Ju e o Osv. A CM reuniu-se e resolveu tomar algumas medidas para se informar sobre o que se passa no DB e no DC. Decidiu também enviar de novo um mensageiro para se ligar com o P, lá fora. Amanhã partem para a área do DC Joaq, Jo e Ivo. Acompanhá-los-ão Zezinho e Ari, que irão até um pouco mais do meio do percurso para apanhar alguns objetos e remédios. Na volta desse grupo, Pe, Zezinho e Ari irão à cata de notícias do DB.

A Rádio Tirana ontem informou que a revista “Visão”, em editorial, comentou as lutas armadas no Pará e Mato Grosso. Teme o órgão de certos círculos financeiros dos Estados Unidos que tais lutas se ampliem. Embora não se refira especificamente à nossa guerrilha, nota-se que a revista norte-americana se preocupa com ela. É que a chama que acendemos pode provocar um grande incêndio por este vasto Brasil. Aquela Rádio há muitos dias não irradia nada sobre a luta armada no Sul do Pará. É evidente que estão sem notícias de nosso país.

31/7 – Hoje de manhã partiram o Joaq, Jo, Zezinho, Ivo e Ari. Faço os melhores votos que tenham êxito na tarefa. Eu e o Pe estamos sozinhos no acampamento.

Ontem a Rádio Tirana transmitiu excelente matéria sobre o moderno “esquerdismo”. Esta matéria é parte de uma série de artigos teóricos que os albaneses vêm irradiando sobre as tendências estranhas e nocivas no momento operário. Em programas anteriores desmascararam o trotskismo e o anarquismo. Seria bom que tais artigos fossem desenvolvidos e divulgados em folhetos. O Movimento Comunista Internacional precisa enfrentar uma série de questões da atualidade. Sem elucidar tais problemas, os partidos marxistas-leninistas terão muita dificuldade para avançar e ganhar as massas para as justas posições revolucionárias. O PTA, por sua atitude conseqüente e por seu domínio da teoria do proletariado, pode desempenhar papel importante no esclarecimento de importantes assuntos teóricos que estão a exigir acurado e profundo estudo. Nosso partido, que desde sua reorganização, sempre se preocupou com a luta ideológica, também pode dar grande contribuição no desmascaramento das correntes “esquerdistas” no Brasil.

1/8 – 1º de agosto, data que registra acontecimentos históricos importantes. Ela, antes da II Guerra Mundial, no período da Internacional Comunista, assinalava o Dia de Luta contra a Guerra Imperialista, a Reação e o Fascismo. Tratava-se de combativa jornada, com

manifestações de massas, choques contra a polícia e as demais forças repressivas. Eu mesmo, na minha juventude, vi-me metido em enrascada dos diabos num comício realizado na Guanabara A 1º de agosto de 1934, no Teatro João Caetano. Era o 1º Congresso Antiguerrreiro. O povo, ao terminar o ato público, resolveu empastelar a sede da Ação Integralista, situada na rua Sachet. Os tiras e a Polícia Especial dissolveram a manifestação à bala e gás lacrimogêneo. Os antifascistas resistiram de todos os modos. Houve mortos e mais de 50 feridos.

Também a 1º de agosto, comemora-se o 45º aniversário do Exército Popular de Libertação da China. Em 1927 levantavam-se contra Chiang Kai-Shek unidades militares de Nanchang, que se uniram aos camponeses da Revolta de Outono, chefiada por Mao-Tsetung, e aos mineiros rebeldes de Anuiang. Surgiu um exército de novo tipo, profundamente ligado ao povo e dirigido pelo Partido Comunista. Desde então o EPL realiza notáveis façanhas. Foi fator decisivo para derrotar os invasores japoneses e para tornar vitoriosa a Revolução Chinesa. Hoje, é o mais forte sustentáculo da Revolução Mundial. Todos os revolucionários autênticos têm profunda admiração pelos combatentes do EPL. Este se forjou e se desenvolveu na guerra de guerrilhas até se tornar um poderoso exército regular. Seus chefes e, em especial, Mao-Tsetung são consumados mestres da guerra popular. Por tudo isso, nós, que nos encontramos lutando nas selvas do Araguaia, usando a tática de guerrilha, inspiramo-nos nas gloriosas tradições de luta do Exército Popular de Libertação. Chegará também o nosso dia, em que, de pequenos grupos de guerrilheiros, nos transformaremos em poderosa força armada regular. Viva o 45º aniversário do EPL.

Comemoro o 1º de agosto tranqüilamente no acampamento, onde, agora, somente eu e o Pe nos encontramos. Mas passei o dia de ontem bastante preocupado. Às 13 horas Pe saiu para cortar um palmito a pouca distância do lugar que acampamos. Passaram-se as horas e ele não voltou. Como se trata de um dos nossos melhores mateiros não sabia a que atribuir sua ausência. Não podia ser extravio. Acidente? Ação do inimigo? Hoje, de manhã cedo, ele surgiu extenuado. Perdera-se. Para compensar o susto que pregou, trazia duas gordas jabotas. E, mais uma vez, se confirma a opinião dos camponeses da região de que na mata não existe o “bom”...

A Rádio Tirana continua sem notícias da nossa luta. Para não deixar o assunto morrer, cozinhou matéria sobre as lutas camponesas no Brasil. Parece-me que não foi feliz. Voltou a bater na antiga tecla, já superada, de apresentar a resistência armada no Sul do Pará como ação puramente camponesa e de caráter local, como as demais lutas que vêm ocorrendo no interior do país. Nossa guerrilha tem sentido nacional e constitui a principal forma de combate à ditadura militar. Defendemos a massa camponesa e o povo pobre do interior, mas, ao mesmo tempo, somos parte ativa da luta pela liberdade e pela emancipação nacional. Embora tenha pequenas proporções no que se refere às ações militares, não se deve minimiza-las colocando-a ao nível das lutas espontâneas pelas reivindicações econômicas. Seja qual for o desfecho da resistência armada nas selvas do Araguaia, ela é o germe das grandes lutas em que se empenhará o povo brasileiro no futuro. Seu exemplo há de frutificar.

Desde ontem a minha ração de “bóia” é de meia caneca de farinha e 10 castanhas por refeição. Mas, às 16:30 chegaram Zezinho e Ari. Traziam paca cozida e pirão, que eu e o Pe logo devoramos. Também trouxeram um jabuti, um tatu e uma tona. À noite comeu-se sopa com os miúdos e ovos das três jabotas (duas o Pe apanhara no dia da partida) e o tatu.

Enchemos o bucho. E temos jabuti e tona para amanhã. Mas a farinha acabou. Assim é a vida do guerrilheiro na mata.

3/8 – Mais uma vez o Ju não apareceu no ponto. Só resta uma data para o último encontro marcado: dia 7. Se não aparecer, pode-se deduzir, como quase certo, que o doutor foi assassinado pelo Exército na área do DC era ele. Não quero nem pensar nisso. Mas é uma triste e dolorosa realidade. Suja perda será um golpe irreparável para as Forças Guerrilheiras. Estas ficarão sem médico e sem um dos mais firmes, capazes e corajosos chefes. Mas espero com ansiedade o dia 7 e o regresso do Joaq com informações do DC. Ainda alimento a possibilidade de boas notícias. A esperança é a última que morre,

5/8 – Regressaram ontem Joaq, Jo e Ivo. Trouxeram muitas coisas: roupa, açúcar, sal, remédios e outras utilidades. Mas informações, nada. Não encontraram em casa o camponês que poderia dar notícias sobre o DC. Continuamos, pois, na mesma. Insistiremos em nossa atividade para saber o que aconteceu o DC e o DB.

Zezinho e Ari chegaram hoje de uma rápida caçada. Trouxeram um caítitu, uma cotia e um mutum. Assim. Melhoram substancialmente a “bóia”.

Novamente a Rádio Tirana tratou de nossa luta. Leu o editorial da “Classe” de julho, que tem como centro a resistência armada no Sul do Pará. A matéria é boa. Mostra o caráter nacional de combate à ditadura, da guerrilha que se verifica nos municípios de S. João do Araguaia e Conceição do Araguaia. Apela para que apoie os combatentes da selva amazônica. Informou também que o chefe guerrilheiro e que fora confundido com o Padre Roberto era Paulo Rodrigues, comandante do DC. Isto mostra que este D não foi dispersado e está atuando. Isto me proporciona imensa satisfação.

6/8 - Na manhã de hoje partira Pe, Joaq e Zezinho em busca de farinha num dos depósitos do DB. Talvez, além da farinha, tragam alguma novidade deste D.

Ao anoitecer, Joaq voltou inesperadamente. Num antigo acampamento, ele e o Pe tinham encontrado vestígios da passagem de elementos do DB. Decidiram que o Joaq regressasse, para adiar o ponto do DA, e os outros dois fossem pesquisar outro lugar para localizar gente do DB. No seu retorno, o Joaq encontrou, por acaso, Zeca, VC deste último D, e mais dois co. Marcou, então, o encontro para amanhã.

9/8 – Dia 7, cedo, eu e o Joaq partimos ao encontro do Zeca. A viagem foi ótima. Zeca nos relatou o que acontecera com o DB. Verdadeira história de Trancoso. Um absurdo. O Osv ouvira de um camponês que 3 elementos que pareciam nossos co foram vistos, em “avoada” pela mata, próximo da área onde acampava o DB. Na sua imensa credulidade e pondo em ação seu grande poder imaginativo, aliados a um excessivo sentido de segurança, concluiu que se tratava do Pe, que saíra acompanhado de 2 co daquele D. E, sem pensar muito, deixou de atender aos pontos com a CM. Retardou também seu contato com o conjunto de seus comandados, pois ele, Zeca e mais 4 co, inclusive duas co, estavam realizando trabalho de massa e conseguindo abastecimento. Depois disso, despachou um elemento do grupo que estava com ele para levar uma lata de farinha para o D e transmitir ordens para cobrir o ponto de referência da CM. O mensageiro perdeu-se. E 6 dias depois voltou com a farinha sem cumprir sua tarefa. Osv, então, deixou o tempo correr, desligado do grosso de sua tropa e da CM. Nesta brincadeira decorreram quase 30 dias e nós a fazer as mais negras conjeturas sobre o que lhe acontecera. Por insistência do Zeca, aquiesceu em que este atendesse o ponto do dia 7 com a CM e procurasse restabelecer o contato com os membros desgarrados do D. No encontro com o Zeca deixei-o com a incumbência de procurar seu pessoa, e depois convocaremos o Osv para uma reunião a fim de discutir o

assunto. Seja qual for a explicação para o ocorrido, trata-se de irresponsabilidade inexplicável e inadmissível.

Zeca informou que o Osv e os 4 co visitaram 7 famílias. Todos os elementos de massa os receberam muito bem. Prestaram informações, deram-lhes alimentos e quase todos se prontificaram a fornecer-lhes abastecimento. Alguns recusaram dinheiro em pagamento. E, o que é muito importante, mostraram de um modo geral boa compreensão política e apoiaram nossa luta. Diversos deles se anteciparam em dar argumentos quando se expunha as reivindicações e idéias do Manifesto do MLP.

De regresso, eu e o Joaq perdemos o rumo e fomos obrigados a dormir na mata, sem rede e sem nenhuma comida. Depois de andar muitas horas na selva chegamos ontem ao acampamento cerca do meio-dia. Estávamos extenuados e famintos. Mas só havia palmito cozido. Assim mesmo, foi um manjar do céu. À tarde, Ivo e Ari caçaram um jacu e um macaco prego. Trouxeram também respeitável palmito. No jantar e hoje no “quebra” tirei a barriga da miséria.

Ivo no dia 7 atendeu o ponto do Ju. Este não apareceu. Esgotou-se o prazo de sua chegada. Estou propenso a acreditar na notícia do elemento de massa sobre o destino de nossa bula-chefe. No entanto, continuarei a enviar gente à sua referência, enquanto nada se conforme. Hoje, seguiram Ivo e Ari para cobrir o ponto do DA. E agora mesmo acabaram de chegar o Pe e o Zezinho. Não trouxeram nenhuma novidade sobre o pessoal do DB. O depósito onde iam buscar a farinha desabou e por isso voltaram com as mãos abanando. É necessário mandar gente para salvar o que está estocado e reconstruir o depósito. Do contrário, nosso abastecimento sofrerá sério golpe.

11/8 – Pe e Zezinho foram hoje ao encontro do Zeca e dos 2 outros co, para reconstruírem, juntos, o depósito avariado. Amanhã estarão de volta... e com farinha.

A Rádio Tirana no dia 10, no espaço semanal “Na Frente de Luta de Libertação”, irradiou magnífico comentário sobre a ação guerrilheira no Sul do Pará. Foi a melhor matéria que já transmitiu sobre a nossa resistência armada. Encheu as medidas. A maneira como o assunto foi abordado, animou e estimulou a todos que estavam em torno do rádio. Encarou os acontecimentos de maneira justa, clara e plena de perspectiva. Os albaneses confiam nos seus camaradas do Brasil e abrigam a esperança de que a luta no Araguaia e Tocantins vingue, se amplie e se aprofunde. E assim será.

Ontem, eu e o Jo fomos à referência do Ju. Mais uma vez ele não apareceu.

14/8 – Dia 11 ao anoitecer chegaram ao acampamento Pe e Zezinho com duas latas de farinha, 7 rapaduras e um carumbé. Estavam bem cansados.

Dia 12 reunimos a CM. Esta decidiu que o Osv deve retornar imediatamente à área antiga para reagrupar o D que está disperso por culpa sua. Também resolveu que, se houver condições, a AL deve sair com o Zezinho para conseguir contato com o P. Este último co regressará da metade do caminho. Trata-se de missão muito perigosa. Faço “preces” para que tenham sucesso. E têm grandes possibilidades de alcançá-lo. No mesmo dia Jo caçou um imenso guariba, que devia ser o chefe de um bando empenhado em fazer estrepolias em torno do nosso acampamento, cagando e mijando sem parar. Quase um chimpanzé (perdoem-me o exagero). Tivemos carne a faltar no “quebra” e no almoço do dia 13. Neste dia, Pe e Zezinho rumaram para o ponto com o DA e eu e o Joaq fomos ao encontro do Zeca. Passamos o dia conversando e discutindo com ele, Manoel e Lia. Zeca ficará na área à procura dos co do D e os outros dois irão levar a ordem para que o Osv regresse sem tardar. Eu e o Joaq retornamos hoje, sem qualquer contratempo, ao nosso “lar”. Zeca retirou as latas do depósito e espera contato com seus co para construir um novo.

Nos últimos 15 dias os carrapatos tornaram-se um verdadeiro flagelo. Bandidos. Habitualmente, catamos de 10 a 20 desses bichinhos por dia. Além de incomodarem terrivelmente (como ardem), provocam corubas. Suja especialidade é morder nos lugares mais indiscretos: nas axilas, entre os dedos dos pés e das mãos, no púbis e arredores ... Enfim, acabaremos nos acostumando com eles.

18/8 – Acabo de reler a história do PC (b) da URSS e encontrei novos ensinamentos para nossa guerrilha. /da mesma forma que os comunistas russos no passado, podemos, iluminados pelo marxismo-leninismo, realizar a revolução e construir a sociedade socialista. O importante é perseverar na luta e não se desviar da grande teoria de Marx, Engels, Lenin e Stalin.

Belo e tranqüilo é o dia de hoje.. Por entre as grandes árvores e cipós vislumbro um céu azul, em nenhuma nuvem. Agradável e suave vento movimento as folhas em sonoro farfalhar. Tarde típica de agosto no Sul do Pará. Tudo convida à meditação. Preocupa-me o curso e o destino da resistência armada. Estou cada vez mais convencido da justeza de nossa causa e da linha política e militar do Partido. Mais de 4 meses de vida na selva fortalecem essa convicção. Agora, porém, meu pensamento está voltado para os jovens, rapazes e moças que compartilham comigo desta imensa aventura, da gloriosa saga de participar, nas primeiras linhas, da grande batalha do povo brasileiro contra a tirania, pela liberdade e a emancipação nacional. Que juventude generosa, abnegada e valente! Os mais altos valores humanos aqui se revelam. Nosso povo e o nosso Partido podem orgulhar-se dos moços que na floresta amazônica combatem os soldados da ditadura. Deixaram nas cidades suas famílias, seus estudos e seus empregos para enfrentar uma vida dura e de dificuldades sem conta. Mas não se queixam, nem se abatem. Encaram alegremente a nova situação e não temem a morte. Somente a revolução pode engendrar homens e mulheres de semelhante fibra. Há poucos dias, conversava com uma combatente de 24 anos, professora secundária de Geografia na Guanabara. Casara-se recentemente (seu companheiro também se encontra entre nós) e percebia mais de 1.500 cruzeiros mensais. Tinha uma situação acomodada. Nunca saíra da grande cidade. Mas adaptou-se rapidamente à nova vida. Agora é uma guerrilheira. Quando falei com ela, sua alimentação consistia unicamente de milho seco que era cozido durante a noite toda. Estava plena de entusiasmo e confiante na vitória dos revolucionários. Em seguida à nossa conversa, acompanhada de outro combatente, para uma viagem de 5 dias através da mata, contando unicamente com o auxílio de bússola. Seu farnel era 3 litros de farinha e meia rapadura. Cumprida sua missão, terá que regressar logo, fazendo o mesmo percurso. Nada a amedronta, nada de lamúria. E que dizer de um homem como o nosso bula-chefe? Poderá alguém supera-lo no espírito de renúncia, na coragem e no sentido humano? Iguala-lo sim, suplanta-lo nunca. Sempre disposto a ajudar os companheiros e a realizar as tarefas mais difíceis e perigosas. Assim são os combatentes das Forças Guerrilheiras do Araguaia. Se existe uma ou outra exceção é para confirmar a regra. Penso que um movimento que põe em evidência pessoas com tais qualidades tem que alcançar êxito. Iguais a elas existem no seio do povo milhares e milhares. E o Partido saberá despertá-las para engrossar e fortalecer a luta armada que se iniciou no Brasil.

20/8 – Mal acabava de escrever as linhas acima, quando ainda fazia devaneios sobre a luta na selva do Araguaia, tive uma grande surpresa. Joaq regressava do encontro com o Zeca e estava acompanhado. E que o acompanhava! Nada mais nada menos que o Ju. Apoderou-se de mim grande alegria e emoção. O bula-chefe regressava são e salvo. Chegara à nossa área no dia 12 e atendeu o ponto de 15 no dia 14, pois seu calendário estava “adiantado”. Através do grupo do DB, que o acompanhou, tomou contato com Zeca e por intermédio

deste, com o Joaq. Também o pessoal desgarrado daquele D conseguiu ligar-se com o seu VCO DB está praticamente rearticulado. A história contada pelo Amauri, responsável pelo acampamento do DB é um tanto estranha e cabulosa. No dia que deviam manter contato com o mensageiro do Osv (o que se perdera) não encontraram o ponto de encontro. Esperaram muitos dias no mesmo lugar. Como não aparecesse ninguém mudaram apressadamente de acampamento e resolveram investigar. Depois de visitar duas vezes um elemento da massa, souberam vagamente que teria havido um choque de guerrilheiros com o Exército, no qual 4 elementos nossos teriam morrido e 2 estariam feridos. Daí concluíram que se tratava do Osv e se arrancaram para outra área, perdendo todo o contato com o comando do D. No entanto, há um lado positivo em tudo isso. Sobreviveram bem na mata, caçando e conseguindo alimentos.

A história do Ju é mais interessante. Viajou durante 62 dias e visitou mais de 40 famílias. Abasteceu-se com a massa e trouxe toda a espécie de informações. Ligou-se com conhecidos e desconhecidos, obtendo apoio da maioria esmagadora das pessoas com quem manteve contato. 11 dias depois de sua partida, ao sair de uma casa e ao entrar na mata, junto a uma gruta, ele e os 4 co que o acompanhavam foram emboscados pelo inimigo. Sobre o grupo caiu uma saraivada de balas. Ju foi atingido no pé e na coxa, mas retirou-se ordenadamente, conservando incólume a sua pequena força. O ferimento era leve. Teve muita sorte.. Para se recuperar perdeu 15 dias na mata, atrasando, desse modo, sua viagem. Durante esse período de estada na selva, o Aparício, no curso de uma caçada, perdeu-se e não achou mais seus companheiros. Viu-se obrigado a arrancar na casa de um elemento da massa, onde o Exército o localizou. Este corajoso co do DB não se entregou e morreu lutando contra os cães de fila da ditadura. É a primeira baixa por morte que sofre esse D. Aqui, em nome do partido e da CM, presto nossas homenagens ao valente camarada, dirigente estudantil, que viera de Minas para participar da guerra popular.

Ju informa que no DC, Lucia e Josias, vindos no início do ano, foram presos em casas de pessoas da massa que os entregaram à reação. Lucia teve um comportamento corajoso, o que impressionou inúmeros camponeses e suas mulheres. Também foi preso o Carlito, que estava com a perna machucada, perto de um pique. Surpreendido pelo inimigo, assumiu atitude destemida, sendo brutalmente espancado. Domingos, que se encontrava inexplicavelmente com outros co em um antigo PA, foi igualmente preso. Sua posição parece não ser boa. Ju obteve mais uma informação: Lena fora presa ou assassinada em casa de um elemento da massa, onde parte de seu G costumava se alimentar. A esta lista de perdas, deve-se acrescentar a morte de Jorge, um experimentado co, chefe de grupo e antigo líder estudantil do Ceará no período das grandes manifestações populares de 1968. Sua perda é um sério golpe no DC. Ela traz, no entanto, ensinamentos a toda Força Guerrilheira. O C do DC combinara com um lavrador considerado, antes da luta, como um dos nossos melhores amigos, a compra de fumo. Marcou local, dia e hora para a entrega da encomenda. Cearense, este o apelido do miserável, verdadeiro Judas, esperando receber recompensa em dinheiro (mil cruzeiros), avisou o Exército. Jorge, que vinha à frente do grupo. Foi então tiroteado e morto. Para reconhecer seu cadáver foi trazido o Domingos (e não o Geraldo). Com estas tristes informações fica melhor esclarecida a notícia que um camponês fornecera ao Pe há mais de um mês. No choque em que Jorge caiu um tenente foi ferido no ombro. Talvez tenha morrido. Para compensar as novidades dolorosas, nosso bula-chefe soube que o Vict, Zé Francisco e Daniel, que pensávamos terem sido presos em S. Geraldo no início da luta, conseguiu regressar trazendo nosso co e alguns recursos em dinheiro.

As forças da ditadura na área do DC vêm cometendo toda sorte de arbitrariedades. Prendem e interrogam duramente os camponeses. Em Xambioá desencaminharam inúmeras jovens. Amarraram um comerciante o dia todo no campo de aviação só porque ele defendeu Paulo Rodrigues, C do DC. As violências se sucedem. No Caiano, obrigam todas as famílias a morar no patrimônio e transformaram em quartel a escola que nossos companheiros construíram juntamente com o povo. Neste Lugarejo ninguém pode sair à rua depois das 19 horas. Também em Xambioá os oficiais vivem a se banquetear com o Antoninho, o maior grileiro da região e a figura mais odiada pelas massas.

Na área estão bastante populares a co Dina e o Osv. Sobre eles correm as mais variadas lendas. O Exército está dando 2 milhões por qualquer informação que leve {a captura ou morte de Dina ou Paulo Rodrigues.

Na próxima reunião da CM examinaremos as experiências da incursão do Ju, e tiraremos as necessárias lições. Infelizmente o Ju não conseguiu restabelecer a ligação com o DC – objetivo principal da viagem -, tarefa que ficará para ser realizada brevemente.

23/8 – No dia 21, eu, Joaq e Ju saímos ao encontro do DB. No acampamento reunimos todos os co. Proferi então uma palestra abordando problemas políticos internacionais e do país, bem como da nossa resistência armada e do D. Procurei incentivar todos os co, sublinhando o esforço por eles desenvolvido em mais de 4 meses de luta. Mostrei que esta luta se realiza em situação mundial favorável e assinalei que para nós se abrem as melhores perspectivas. Os 130 dias de luta nos mostram que se não cometermos erros cresceremos continuamente. O perigo está em superestimarmos o inimigo e em subestimarmos nossas forças e nossas reais possibilidades.

No dia seguinte eu e o Joaq regressamos e o Ju ficou para trazer uma lata de castanha. Ao chegarmos ao nosso acampamento encontramos Pe, Ivo e Ari. O Zezinho irá, com AL, realizar sua missão de restabelecer o contato com o P. Amanhã, logo que chegue o bula, Pe prestará informações sobre a situação do DA.

27/8 – De acordo com o informe do Pe, as coisas correm normalmente no DA. Os companheiros solucionaram o problema de abastecimento para uns 3 meses e têm boas possibilidades de resolver as questões de logística para um longo período. Neste sentido, o maior empecilho é a falta de dinheiro. Realizaram também novas visitas a elementos da massa, tendo boa receptividade. Alguns camponeses podem ser estruturados num núcleo clandestino do MLP e outros, pelo menos dois, podem ser recrutados para as Forças Guerrilheiras. O ZC e o Piauí vêm se revelando como C tranquilos e capazes. Não nos criam nenhuma dificuldade. Ao contrário, ajudam-nos bastante. A CM, depois de mais de 2 meses, reuniu-se completa. Tomou uma série de decisões, inclusive a de reunir com os CC e VVCC dos DD a fim de transmitir-lhe o balanço de 4 meses de luta e dar-lhes novas diretrizes. Na área do DA, o inimigo, em sua tática, vem aliando a violência à demagogia. O camponês que fora humilhado por um sargento foi visitado por um tenente que veio pedir desculpas pelo ocorrido. Que hipócrita!

Desde o dia 24 estamos à espera do Osv para reunir com o C e VC do DB. No entanto, ele ainda não chegou, o que atrapalha os nossos planos.

1/9 – No dia 29 eu, Pe e Ju fomos ao acampamento do DB, que tombou 6 co atacados de malária. O Osv já tinha chegado, mas não se encontrava no local onde o D acampara. Fora a um depósito buscar farinha, rapadura e remédios. Só regressou na manhã seguinte. Então reunimos com ele e o Zeca. Foi prestado pelo Osv um informe sobre as atividades do DB. Relatou o C o que fez no trabalho de massas. Visitou 11 famílias, tendo sido muito bem recebido. Consegui 10 quartas de farinha e um saco de milho. Mas ainda não apanhou a

mercadoria, o que possibilita à massa vendê-la a outros. Segundo informação dos camponeses, Palestina não está mais ocupada pelo Exército. Só 4 soldados de polícia lá se encontram. Talvez seja possível realizar uma ação contra o vilarejo. O DB revela certa passividade e pouco espírito ofensivo. O problema mais sério deste D são as divergências entre o C e o VC. A CM tudo fará para solucionar tal problema. Zeca anda um pouco nervoso, fato que se reflete sobre o conjunto dos co. No entanto, o moral do D permanece elevado. Amanhã seus componentes vão se reunir e lá estarei com outros membros da CM. Também foram escolhidos 4 co (Flav, Gil, Val e Raul) que, sob o comando do Ju, irão à área do DC buscar, novamente, com o contato com este D e desenvolver trabalho entre as massas.

Ontem, quando regressávamos do DB, deparamos com uma surucucu (pico de jaca) de mais de 2 metros. Ela foi morta e trazida para nosso acampamento. Tinha 8 ovos. O “quebra” de hoje foi carne de cobra venenosa, ovos cozidos de surucucu e gorgo (guariba). Este fora caçado à tardinha pelo Ari. A carne da surucucu, cozinhada no leite de coco, tem bom sabor. O gosto dos ovos assemelha-se aos da galinha. O tamanho de cada ovo, porém, é duas vezes que o ovo desta ave. A surucucu (pico de jaca) tem linda pele, mas é a serpente mais venenosa da mata. De agora em diante sua carne fará parte do nosso cardápio. Também já faz parte do nosso menu couro de caititu e de porção (queixada). É um bom prato.

5/9 – No dia 2 eu e Ju fomos ao acampamento do DB. Lá comemos um doce feito de mel e castanha. Estava excelente e a quantidade era avantajada. No dia anterior, Osv e mais dois co tinham derrubado enorme árvore (Garra Branca) e dela extraíram 8 litros de mel de abelha Oropa. E como na área abundam as castanhas, surgiu esta notável combinação “docífera”. Também ingerimos “pubo” de farinha, castanha e mel. Parecia uma festa. Mas o motivo da nossa ida ao DB, evidentemente não era saborear pratos da mata, mas participar de reunião com todos os co do DB. A assembléia foi muito boa. Ela nos deu uma idéia do caráter democrático e popular da força militar que está se forjando nas matas do Araguaia. Todos falaram francamente e disseram o que pensavam. Osv abriu a discussão reconhecendo os méritos dos co e fazendo autocrítica dos erros por ele cometidos no comando do D. Nas suas intervenções os co criticaram o C e o VC, assinalando as falhas do comando. O espírito dos co era construtivo e visava corrigir falhas. Combateu-se duramente o sentido defensivo que se imprime à atividade do D. A reunião foi bastante educativa e espero, como seu resultado, que o DB avance na propaganda revolucionária, no abastecimento e nas operações contra o inimigo. Na minha intervenção destaquei o valor da reunião, manifestei meu otimismo pelo curso da luta e combati o desequilíbrio e o exagero de alguns co, que viam as coisas mais negras do que realmente são.

De regresso ao acampamento da CM, apanhamos uma jabota. Esperavam-nos suculenta carne. Ari tinha caçado um veado (fêmea) e um quati. Jo e Ivo tinham partido de manhã cedo para trazer o ZC e o Piauí para a reunião dos CC e VVCC. Em nossas mochilas trazíamos um litro de mel. Hoje, saiu o Pe para encontrar o Zezinho. Amanhã ele voltará acompanhado de Osv e Zeca, que também participarão desta reunião.

12/9 – Faz 5 meses que se iniciou a guerra popular contra a ditadura. Neste período acumulamos ricas experiências, tanto em nossas relações com as massas como em nossa atividade militar. Nos dias 8, 9, 10 e 11, a CM reuniu-se completa com os CC e VVCC dos DD A e B para fazer um balanço de mais de 150 dias de luta. Abri a discussão, os companheiros informaram sobre seus DD e o Ju fez um relatório sobre sua incursão na área do DC. Foi excelente troca de experiências positivas e negativas. No final, aprovou-se um

plano de trabalho a ser realizado até o fim do ano. Hoje, de manhã cedo, partira o Osv e o Zeca, acompanhados do Joaq. Também partiram ZC e Piauí, juntamente com o Pe. Amanhã sairá o Ju, com os 4 co do DB para nova tarefa na zona do DC.

Foi o seguinte o esquema de abertura da discussão feita por mim na reunião:

BALANÇO DOS 5 MESES DE LUTA ARMADA NA REGIÃO DO ARAGUAIA

I – ASPECTO POLÍTICO

A existência da luta guerrilheira no Sul do Pará, durante 5 meses, representa uma grande vitória do povo brasileiro no combate à ditadura e pela emancipação nacional. Nenhuma corrente política de esquerda conseguiu manter-se tanto tempo enfrentando, de armas na mão, as forças reacionárias. Começou uma nova fase na luta do povo brasileiro contra a ditadura militar. Neste luta verificou-se uma mudança de qualidade com o surgimento da guerrilha na Amazônia.

A luta armada no Sul do Pará enquadra-se no quadro geral da luta pela liberdade e contra o imperialismo norte-americano. É um poderoso exemplo para o povo, para todos os democratas e patriotas. É da maior importância para o desenvolvimento da guerrilha a amplitude da bandeira política que ela desfralda: torna-la uma luta de todo o povo. /a ação guerrilheira na Amazônia representa papel de catalisador para desencadear outras lutas. Sob o estímulo da guerrilha, tais lutas podem se espalhar por todo o país. A ditadura teme a guerrilha porque seu exemplo pode frutificar. Daí resulta a pesada censura do governo à imprensa, ao rádio e à televisão sobre os acontecimentos na região do Araguaia. Mas à medida que a ação guerrilheira se desenvolve, o povo irá mais e mais tomando conhecimento do que ocorre na Amazônia.

Nosso objetivo estratégico nesta fase da luta armada é sobreviver. Mas sobreviver não significa unicamente continuar a existir, mas crescer e se consolidar. Em 5 meses as forças guerrilheiras avançaram bastante. Hoje elas tem mais experiência de vida na mata e domínio do terreno; ampliaram e fortaleceram suas ligações com as massas; conhecem melhor o inimigo, sabem quais são seus pontos débeis e seus pontos fortes. Os fatos indicam que as FF GG têm condições de avançar e se desenvolver, que a orientação política e a linha militar do P são justas e que só seremos derrotados se fugirmos da aplicação de nossa concepção de luta armada, se cometermos erros essenciais, irreparáveis.

Repercussão política da luta armada na região – As massas camponesas das diferentes áreas foram despertadas para a vida política com o desencadeamento da guerrilha: avançaram dezenas de anos no que diz respeito à sua consciência política. No seio das massas dá-se uma polarização. Os contingentes que se manifestam a favor das FF GG constituem a imensa maioria da população local. Com o surgimento da luta armada, crescem as contradições sociais (camponeses dispõem-se a enfrentar os grileiros, a não pagar ao INCRA, etc). A luta guerrilheira está no centro de todas discussões dos camponeses. Nas cidades, vilas e lugarejos da periferia da região rebelada também reflete-se favoravelmente a luta armada.

Conclusão: a situação local nos é favorável como também é favorável a situação nacional e internacional.

II – ASPECTO MILITAR

Tanto as FF GG como o Exército ainda tateiam no terreno, não se empenharam em ações militares importantes. Ambas as forças militares não têm experiência de guerra de guerrilhas.

SOBRE AS FORÇAS GUERRILHEIRAS

As FF GG permanecem com o mesmo poderio do início da luta, apesar das perdas sofridas. Em certo sentido, avançaram bastante, melhoraram em qualidade e na ligação com as massas. Desenvolveu-se a capacidade militar de todos os combatentes. Passemos a analisar a situação por D.

DA: não teve perdas e melhorou seu espírito de combate. Cresce o número de seus combatentes que dominam o terreno, sabem viver na mata e aperfeiçoam suas qualidades militares. Mantém incólume sua organização militar e seu comando vem funcionando normalmente. Seu contato com a CM não sofreu interrupção. Apoiado na massa, solucionou em parte seus problemas de abastecimento que, no início da luta armada, praticamente não existiam. Melhorou seu poder de fogo. Realizou bom trabalho de massas (visitou mais de 75 famílias) e conseguiu sólido apoio de elementos da massa (embora seu número ainda seja pequeno), o que possibilita organizar um núcleo do MLP e abre perspectivas de recrutamento para as FF GG. Seu lado negativo consiste em não ter realizado ainda ação contra o inimigo nas manifestações de rotina e de relaxamento da vigilância.

DB: Teve duas perdas (um aprisionado e outro morto), mas não teve diminuída sua capacidade de combate. Cresce também o número de seus combatentes que melhor dominam o terreno e a vida na mata e que se desenvolvem do ponto de vista militar. Está em dificuldades no que se refere ao abastecimento através da massa, embora ainda conte com alguns depósitos de farinha e feijão. Teve reduzido seu poder de fogo (perdeu 4 armas). Seu trabalho de massa ainda é pequeno (visitou apenas 23 famílias) e seu Comando revela falta de confiança nas massas. O Comando não funcionou normalmente: perdeu, durante quase 2 meses, o contato com o grosso dos combatentes e com a CM. O Comando incorreu num excesso de vigilância, o que leva a ter espírito defensivo. Superestima o adversário. Realizou ação contra o inimigo, causando-lhe baixas, fato que repercutiu favoravelmente às FF GG. Sob a direção da CM, uma parte de um G do D realizou bom trabalho na área do DC (visitou 40 famílias) e portou-se bem diante do inimigo quando foi por este emboscado, retirando-se sem perdas. As dificuldades que o D enfrenta são facilmente superáveis.

DC: Teve 6 baixas, entre prisioneiros e mortos (um terço dos seus efetivos), o que constitui um rude golpe para o D. Parece estar desarticulado e atuando em 3 áreas com 3 grupos separados, fato que reduz sua capacidade de luta. Seu trabalho de massas parece ser pequeno (poucas foram as casas onde Ju esteve que foram visitadas pelos combatentes do D). Revela completa falta de vigilância, particularmente em suas relações com as massas. Está totalmente desligado da CM. O D corre grave perigo no que diz respeito à sobrevivência. É tarefa urgentíssima sua ligação com a CM. Pelas informações obtidas o DC parece ser o ponto mais débil das FF GG, embora nele se encontrem bons e experimentados combatentes.

A tática dos DD está quase que exclusivamente voltada para o trabalho de massas e para o abastecimento (embora não se tenham explorado a maior parte das possibilidades que existem nesse terreno), enquanto a ação militar está colocada em segundo plano. Isso representa séria falha. É preciso estudar melhor a maneira de atuar e elaborar planos concretos de ação contra o inimigo. A passividade pode representar o fim da guerrilha. Ca C de D deve ter a sua tropa na mão, tanto na dispersão (trabalho de propaganda revolucionária) como na contração (operações militares) para agir com eficiência contra o inimigo.

A CM tem funcionado normalmente e tem sido bastante útil para as FF GG. Mas deve Ter mais em conta a realidade de cada D e não ficar somente nas ordens e diretrizes. A CM deve não só controlar as atividades dos DD, como também precisa ajudar na realização das tarefas (no DA pode-se seguir uma norma, no DB outra, e assim Por diante). Uma das principais falhas da CM é não Ter contato com o P, contato que tem primordial importância para o desenvolvimento da luta armada na região do Araguaia. No fundamental, tem sido positiva a existência da CM, que assegura uma atividade coordenada e centralizada das FF GG, possibilita a troca de experiência e de informações dos diferentes DD e garante a execução de uma orientação que se tem revelado correta. CONCLUSÃO: As FF GG têm boa perspectiva de crescer e se consolidar. O maior perigo está em nós mesmos. Isto é, na superestimação de nossas forças e de nossas possibilidades reais.

SOBRE AS FF AA DA DITADURA

O inimigo tem extensa frente a atender, que vai de Marabá até Xambioá (vai um pouco além desta cidade). Por isso tem de mobilizar numerosos efetivos, que, apesar de seu vulto, não atendem às suas necessidades de golpear seriamente as FF GG. AS tropas da ditadura estão dispersas em várias cidades e lugarejos da Belém-Brasília, dos rios Tocantins e Araguaia. O moral das tropas do inimigo é baixa. Os camponeses informam que os soldados revelam medo. Até hoje os milicos não se encorajaram a penetrar na mata. As patrulhas do Exército andam somente pelas estradas, caminhos e excepcionalmente picadas. Os êxitos obtidos pelo inimigo resultam de nossos erros e não de sua tática e capacidade militar. As forças repressiva têm espírito defensivo, revelam displicências, afoitezas e completa falta de vigilância. Isso favorece a realização de ações ofensivas de nossa parte (emboscadas, assaltos e fustigamentos). A tática do Exército consiste em apoiar-se em cidades, corrutelas, fazendas e bases (barracões) e em patrulhas que vagueiam a esmo pelas estradas e caminhos. Atualmente, as FF AA da reação situam-se em Marabá, Araguatins, Metade, Oito Barracas, Fazenda do Mano Ferreira, Bom Jesus, Brejo Grande, Palestina, Santa Cruz, Xambioá, Mutum, Castanhal da Axixá, Fazenda do Paulista (Nemer), Abóboras, Viúva, Araguanã, Caiano (patrimônio). Nem sempre todos esses lugares têm soldados. A ditadura transformou a estrada Marabá-S. Geraldo, que só dava passagem a burros, em estrada de rodagem. O inimigo pretende, com todas essas medidas, realizar um cerco estratégico às FF GG. Mas esse cerco, com as tropas que a ditadura mobilizou, é impossível. Em relação às massas, o inimigo usa uma tática dupla: a violência e a demagogia (exemplos), mas acabará predominando a violência. O inimigo muda com frequência suas tropas, fato favorável às FF GG.

Conclusão: se as FF GG aplicam fielmente nossa concepção militar, se souberem usar habilmente a tática de guerrilhas, o inimigo não passará de um tigre de papel. As tropas que atuam na região revelam pouca eficiência militar (exemplos: na emboscada ao Ju não causaram baixas; na emboscada ao Grupo do Paulo só causaram uma baixa; na área do DA as patrulhas se expõem inutilmente.

III – ASPECTO DAS MASSAS

As FF GG no seu trabalho de ligação com as massas, alcançaram êxitos relativamente bons. Não ficamos isolados (ao contrário de Guevara na Bolívia), nem o inimigo conseguiu dar aos camponeses e demais habitantes da região uma imagem falsa a nosso respeito. Caiu no vazio sua tentativa de nos apresentar como criminosos e marginais. As FF GG já entraram em contato direto com cerca de 150 famílias. Está do nosso lado a simpatia da grande maioria da população local. Mas, há de nossa parte muita defensiva em procurar as massas. Revelamos a tendência de procurar

apenas os elementos conhecidos. Não confiamos suficientemente nas massas. Por outro lado, manifestamos confiança excessiva em pessoas que eram amigas antes do desencadeamento da luta armada ou nos camponeses que nos acolham bem, o que acarreta grandes riscos para a segurança dos combatentes. Os fatos verificados no DC são um exemplo. É imprescindível travar árdua luta pela conquista das massas. O inimigo pressiona os camponeses, procura suborná-los para transformá-los em delatores, difundem entre eles calúnias e mentiras a nosso respeito. Devemos responder a essa atividade da reação com nossa propaganda, com o nosso comportamento correto e com demonstrações de que podemos vencer os soldados da ditadura. Geralmente os delatores e vacilantes surgem entre os elementos de massa que ainda não foram alvo de nossa propaganda. No nosso trabalho de propaganda revolucionária ocupa lugar de grande destaque o Manifesto do Movimento de Libertação do Povo (MLP). Devemos trabalhar sempre com ele. Toda vez que é lido e explicado, os camponeses o aplaudem e muitas vezes tornam-se amigos. Através de justa orientação política ganharemos as massas. Posição das classes menos pobres da população: muitos de seus elementos simpatizam conosco ou são neutros (dar exemplos)

Conclusão: Podemos afirmar que as massas da região simpatizam com a nossa causa e tendem a nos apoiar cada vez mais. Essas massas podem ser assim classificadas: os amigos (que estão politicamente conosco e ajudam as FF GG); os que simpatizam com os guerrilheiros (constituem a maioria); e os que estão com o inimigo (são uma ínfima minoria). Quanto aos bate-paus, são pessoas corrompidas e desclassificadas, que devem ser tratadas como inimigos. Desde já, é preciso começar a organizar as massas no MLP e recrutar os mais combativos, principalmente os jovens, para as FF GG.

IV - MEDIDAS PRÁTICAS

Devemos programar nossas atividades até o fim do ano. Precisamos aproveitar o resto do verão e nos preparar para o inverno. Providências concretas terão que ser tomadas, tendo em vista intensificar o trabalho das FF GG entre as massas. Desde que as condições permitam, toda família, conhecida ou não, tem que ser por nós visitada e trabalhada pelos nossos propagandistas. Não podemos abandonar ninguém, disputando com a reação, palmo a palmo, a influência sobre qualquer parcela de camponeses. É também indispensável planificar nossa atividade militar, afim de assestar golpes no inimigo (para abalar seu moral e dar demonstração de força), tomar armas, roupa e calçados, e tornar difícil a vida dos soldados na região. Neste sentido, devemos atuar nas áreas mais diversas para desorientar as forças repressoras da ditadura e planificar emboscadas, ocupação de corrutelas, fustigamentos, colocação de minas, etc. Precisamos espalhar boatos para inquietar o inimigo (dizer às massas que vamos assaltar Marabá ou Araguatins e aparecer em outro lugar que o inimigo não conta). Em ligação com tudo isso, planejar o reabastecimento para 6 meses. Guardar farinha e milho. Organizar a caça. Conseguir roupas e botinas.

Quais as medidas a tomar?

1. Elaborar planos concretos de operações contra o inimigo.

DA:

Preparar uma emboscada; soltar dois ou mais grupos (de 2 co cada um) para realizar fustigamento; desde que haja condições, preparar um ataque a corrutela (S. Domingos, Brejo Grande, Palestina). Pode ser em coordenação com o DB; preparar uma mina.

DB:

Preparar uma emboscada; soltar um mais grupos (2 co cada) para realizar fustigamento; desde que haja condições, preparar ataque a uma corrutela (Santa Cruz, Palestina) em coordenação com o DA; preparar uma mina.

DC (se for feito o contato):

Preparar emboscada; soltar um ou mais grupos (2 co cada) para realizar fustigamento; preparar ataque a corrutela (Itaipava, Araguanã) ou à derrubada do Antoninho.

2. Intensificar o trabalho de abastecimento

DA:

10 sacos de milho; 20 quartas de farinha; desenvolver a rede de fornecedores; preparar recipientes para o armazenamento de mercadorias (sacos, paneiros, jacás, etc); organizar um grupo de caça.

DB:

6 sacos de milho; 15 quartas de farinha; desenvolver a rede de fornecedores; preparar recipiente para o armazenamento de mercadorias (sacos, paneiros, jacás, etc); organizar um grupo de caça.

DC:

Planejar conforme as condições.

3. Insistir na organização do serviço de informações apoiado nas massas e destacar co para observar o inimigo.

4. Prosseguir na propaganda armada para ganhar amigos e explicar às massas as razões da nossa luta. Utilizar o Manifesto do MLP, Carta ao Bispo, Carta do Osv aos Amigos, Carta do dr. João Carlos e outros documentos.

DA:

Metade, Canadá e área acima da barra do Fortaleza.

DB:

Caminho da Palestina e Restante do Saranzal.

DC:

Formiga e Caiano.

5. Prosseguir na pesquisa do terreno e na elaboração dos croquis.

6. Obedecer as normas de segurança no trabalho de massas.

7. Rever o sistema de ligação: D-GG-CC e DD-CM.

CONCLUSÃO FINAL

Em nossa atividade devemos nos ater às seguintes normas:

1. Começada a nossa luta, devemos levá-la até o fim. A palavra capitulação não faz parte do nosso dicionário. Devemos ser persistentes e confiar na vitória. Embora nosso inimigo seja numeroso e bem armado, defende uma causa injusta. As tropas da ditadura são um colosso de pés de barro.

2. Para que possamos sobreviver e crescer, as forças guerrilheiras precisam dominar a mata, conhecê-la como a palma da mão, torná-la uma retaguarda segura. Necessitam ligar-se mais às massas. Apoiados nas massas e na mata, atacaremos com êxito o inimigo. Sem as massas, não poderemos avançar, crescer e nos consolidar.

3. Em nossas operações militares devemos concentrar, no lugar e no momento mais favorável, forças superiores às do inimigo, conhecer seu lado forte e suas debilidades, acompanhar seus passos e estar muito bem informado sobre ela.

4. Em nossas operações militares precisamos agir com decisão e ter o máximo de iniciativa. A passividade seria a morte da guerrilha. É necessário ter a maior audácia, sem cair em aventuras; possuir espírito ofensivo, sem cometer facilidades; evitar sempre a rotina e a falta de vigilância, sem se deixar dominar pela desordem e a falta de planificação.

5. Em nossas operações militares devemos nos esforçar ao máximo para apanhar o inimigo desprevenido e pouco vigilante; aproveitar o momento em que suas tropas estejam

dispersas, para assestar-lhes golpes; procurar sempre desnorteá-lo, agindo nos lugares mais diversos; desinformá-lo para que aja tímida e desordenadamente.

6. Em nossas operações militares, visar sempre a obtenção de êxitos continuados, embora pequenos, sempre mais numerosos, a fim de manter nossa superioridade moral e intensificar o crescimento e a consolidação de nossas FF GG.

14/9 – O acampamento parece vazio. Comigo estão Jo, Ivo e Ari. Este, ontem abateu um veado. Temos carne e castanhas (cerca de 2 lutas), trazidas pelo Ivo e Ari. Amanhã é preciso atender o ponto do Zezinho. É pouco provável que ele venha.

16/9 – Como eu esperava, o Zezinho não apareceu no local combinado. Ivo, que fora encontrá-lo, voltou trazendo pesado carumbé.

Desde anteontem o tempo está ameaçador. Caíram rápidas prenunciando o chamado inverno. Este, no entanto, só chegará efetivamente em 3 meses.

Hoje, pela manhã cedo, partiram o Ivo e o Ari para se encontrarem com mensageiros do DA, a fim de trazer milho, sal e talvez farinha. Trarão, também, notícias e a confirmação ou o cancelamento da ida do “bula” do DB (Tuca) para ajudar numa intervenção cirúrgica.

A Rádio Tirana, em sua emissão de ontem, leu a carta dos guerrilheiros do Araguaia a um deputado federal. Deve ter sido redigida pelo Cid. Trata-se de documento “muito ótimo”(como diz a massa na região). Tanto na forma como no conteúdo político. A missiva, que é assinada pelo Comando das FF GG do Araguaia (parece até que o Cid leu nosso documento), identifica-se, em todos os seus aspectos, com os documentos que aqui elaboramos (Carta ao Bispo, Carta do Osv, Carta do dr. João Carlos). Isto revela que a guerrilha e o P estão politicamente bem afinados. Todos nós assinaríamos, com imensa satisfação, a carta ao deputado federal. O caráter nacional da luta armada no Sul do Pará foi posto em destaque, ao mesmo tempo que se desfraldou uma bandeira política bastante ampla de combate à ditadura e ao imperialismo norte-americano, pela liberdade e por um governo profundamente democrático.

Hoje, a aviação do inimigo está em grande atividade. Qual o motivo de tal movimentação? Só Deus sabe... (ou melhor, o Estado-Maior das forças repressivas). Os aviões já não metem medo.

18/9 – O dia de ontem foi marcado por intensa atividade aérea. Cortaram os ares aviões de todos os tipos. Hoje, cedo, foi desvendado o “mistério” de tão inusitado movimento de aeronaves. A Rádio Alvorada de Brasília, no seu boletim oficioso irradiado pela Bandeirantes de São Paulo, informou que estão sendo realizadas manobras no Araguaia, entre Xambioá e Araguatins. Isto significa que o inimigo está enviando reforços em grande escala para combater as FF GG. Talvez as novas tropas se situem na rodovia Marabá-S. Geraldo. Mas esperamos outras informações dos DD. De qualquer maneira, não se modifica o quadro da situação militar. Os soldados da ditadura continuam imobilizados na periferia da região rebelada ou se diluirão, em patrulhas, pelas estadas e caminhos. Mesmo que se decidam entrar na mata, vagarão às tontas, na selva, atrás de um adversário esquivo que eles não sabem onde está e que podem surpreende-los a qualquer momento.

19/9 – O helicóptero e o “paquera-teco” que atua coordenado com o helicóptero ou acompanha as patrulhas, dando-lhes cobertura (daí o nome que lhe foi dado pelos pára-quedistas da Guanabara), roncaram, ontem, o dia todo, próximo ao acampamento. Isto mostra que o inimigo intensificou suas atividades.

A Rádio Tirana irradiou trechos de um artigo do último número de “A Classe Operária” em que se fala das pseudo-manobras entre Xambioá e Araguatins. É a mesma notícia da Rádio Alvorada. Só que deve ter saído do Brasil com quase duas semanas de antecedência. Como

nossos camaradas souberam? Será que os jornais burgueses a publicaram antes ou funcionou o serviço de informações do P? De qualquer maneira ficamos sabendo que a Polícia Militar de Goiás também vai entrar na dança. Devemos recebê-la condignamente, isto é à bala.

20/9 – A Rádio Tirana em sua transmissão de ontem, deu a conhecer editorial da “Classe” sobre os combatentes do Araguaia. A matéria é um grande incentivo aos que lutam na selva amazônica. Destacou a coragem e o desprendimento de nossos guerrilheiros, mostrou que seu exemplo pode ser seguido em outros lugares e pôs em relevo as possibilidades de vitória da luta armada iniciada no Sul do Pará. Agradecemos de todo o coração a ajuda e o estímulo que o P nos proporciona.

Hoje, cedo, Jo partiu para apanhar o Zezinho. Espero que tenha êxito. Estou ávido de notícias. Que bom seria se o nosso mensageiro chegasse com boas novas!

21/9 – Pelo calendário, começa a primavera. Em toda a parte comemora-se o dia da árvore e ouve-se o “slogan”: plante uma árvore. Como tudo isso aqui soa em falso. Nada vejo que possa lembrar a tão louvada estação florida do ano. Nesta imensidão onde se emaranham as variadas plantas e milhões de troncos, grossos, médios e finos, que se sucedem na floresta infinita, o que significa plantar uma árvore? Porém, mais do que nunca, amo o mundo vegetal. Ele nos resguarda da fúria homicida dos soldados da ditadura, dá a necessária cobertura às FF GG para sobreviver e enfrentar um inimigo cruel e bem armado. A selva se transforma em inexpugnável base para atacar e golpear duramente as hordas de mercenários a serviço da tirania. Na data de hoje peço homenagem a dois gigantes amazônicos: a castanheira e o pau preto (maxirimbé).

A primeira fornece ao combatente a famosa castanha do Pará, alimento riquíssimo que sustenta nos momentos difíceis. É a imagem viva da guerrilha. Altaneira e firmemente assentada no solo, ereta e inflexível, o mais alto espécime da flora da região. Rainha da mata, destaca-se no oceano verde.

Já o pau preto é uma figura modesta e que, diuturnamente, nos presta ajuda anônima. Seu aspecto não é agradável. Escuro, às vezes retorcido, quase sempre cheio de cavernas e de partes já mortas, recoberto de nódulos, é por demais sinistro. Assemelha-se às árvores de uma floresta de duendes, mal assombrada., algo parecido com a vegetação própria de um castelo de filme de terror, habitado por um Drácula qualquer. Mas sua utilidade é imensa. Não existe melhor lenha. Insuperável é o seu fogo. Todas as noites, em qualquer acampamento, arde o maxirimbé, crepita a fogueira e labaredas dançam fantasmagoricamente. Está sendo preparada a comida. Animados e esperançosos mostram-se os guerrilheiros. É certo que o pau preto só serve mesmo para o fogo. No entanto, como contribui para o nosso bem estar!

Enfim, eu e meus companheiros nos adaptamos cada vez mais à mata e nos acostumamos a viver neste mundo exuberante, agressivo e acolhedor. No início da primavera externo a minha ternura pela árvore, por este vasto anfiteatro da Amazônia, onde se trava histórica luta entre o obscurantismo e o progresso.

Ontem Jo atendeu o ponto do Zezinho. Não o encontrou. Parece Ter ido ao lugar errado. Já pensava em voltar no dia seguinte ao local certo, quando ao escurecer apareceram Ivo e Ari, acompanhados de Zezinho em pessoa. Tinham-no encontrado, acidentalmente, na área do DA, onde fora buscar farinha. Neste labirinto, também os homens se encontram. Nosso mensageiro, desta vez, cumpriu integralmente sua missão. A pessoa encontrada, no entanto, não tinha ligação com o P e estava em dificuldades financeiras. Mas prestou auxílio e prontificou-se a ajudar sempre. AL, que viajou com ele, prosseguiu em sua rota e, com

certeza, deve Ter chegado ao seu destino. Ela realizará tarefa que lhe fora atribuída, entregará a “Carta ao Garcia”. Quero expressar minha admiração aos dois bravos co. Realizaram verdadeira façanha. Atravessaram o rio a nado, vararam matas e percorreram áreas habitadas. Acresce ainda que nossa camarada estava doente e não mediu sacrifícios. Ambos foram recebidos pelos camponeses com grande hospitalidade, o que amenizou bastante a viagem.

Ansioso, aguardo para breve notícias do P, bem como sua ajuda política e material.

Ivo, Ari e Zezinho caçaram 5 jabutis e 2 mutuns. E como Jo tinha apanhado uma jabota ovada (tinha 7 ovos), tivemos um banquete de carne. O acampamento parecia em festa. Comeu-se a fartar os quelônios e as aves, acompanhados com polenta (os companheiros tinham trazido duas latas de milho) e ainda temos dois jabutis de reserva.

22/9 – De manhã cedo partiram o Jo e o Ivo para apanhar remédios, roupas e outras coisas no depósito da CM. Voltarão a 24. Ari está consertando uma 44 que veio do DA e Zezinho lava roupa, ajeita a botina e arruma sua mochila. Eu enfrento uma diarreia dos diabos. Amanhã irei ao encontro do Joaq para saber novidades do DB.

24/9 – No ponto marcado, apareceram Joaq e Zeca. Vinham bastante cansados, pois tinham feito viagem muito pesada. O primeiro regressou conosco ao acampamento, onde ficará 3 dias, incorporando-se depois ao DB em nova incursão a outra área. Ele prestou informações sobre a atividade deste D.

Os co não puderam realizar o plano de ocupar Santa Cruz, pois o inimigo fora alertado. Amauri e Manoel, à noite, foram ao vilarejo e souberam que lá se encontravam 3 soldados de polícia. Mas acontece que um bate-pau localizou o acampamento quando caçava. Comprido, responsável pelo grupo e que estava com malária, recebeu-o na rede, permitiu que visse as mochilas, deu-lhe o seu nome e acreditou nas notícias que forneceu. Pensando ser boa pessoa, deixou-o partir. A única providência que tomou foi mudar o acampamento de uma margem do rio para a outra margem. O pseudo amigo foi direto a Santa Cruz avisar o Exército. E quando Amauri, depois de regressar da corrutela, pesquisava uma capoeira, defrontou-se com 10 milicos e mais o bate-pau, que o alvejaram com cerrado tiroteio. Nosso companheiro portou-se valentemente, respondendo na mesma moeda. Mas a sua arma, longa semi-automática, que estava suja de areia, engasgou. Então recorreu ao revólver. O inimigo se atemorizou e ele pode se retirar incólume. Em seguida, os soldados apressaram-se em voltar ao vilarejo, contando lorotas, dizendo que os guerrilheiros eram mais de 3, e portavam metralhadoras. A situação para o trabalho de massas não era favorável. O comando do D tentou, então, realizar uma emboscada. Colocados os co em posição, o inimigo não apareceu. Também intensificou-se a atividade aérea das forças repressivas. Diante disso, o C decidiu retirar-se, deixando dois grupos de 3 co para realizar fustigamentos.

De regresso, verificou-se um acidente desagradável. Como faltasse água e havia muita sede, decidiu-se tirar o líquido dos cipós. Ao fazê-lo, Osv, sem querer, decepou com o facão o dedo indicador da Chiquinha. Esta portou-se corajosamente. A Tuca deu-lhe uns pontos e parece que está sarada dentro de uma semana. Felizmente a mão atingida foi a esquerda. Se fosse a direita estaria impossibilitada de atirar.

No retorno ao nosso acampamento apanhamos duas jabotas e Zezinho abateu um mutum. Joaq tirou seu atraso de carne.

26/9 – Imponente capelão (guariba) foi caçado ontem pelo Zezinho com a 22. A “bóia”, assim, melhorou. Hoje cedo, acompanhado do nosso caçador, partiu o João ao encontro do DB. Ao retornar amanhã, Zezinho trará notícias do D.

A aviação inimiga prossegue sua atividade. Já está se tornando chata. A ditadura gasta, em vão, uma gasolina “lascada”. O adversário parece desesperado. É preciso Ter cuidado, sem deixar se atemorizar..

Foi reproduzida, na transmissão do dia 25, pela Rádio Tirana, a carta do deputado federal, assinada pelo Comando das FF GG do Araguaia.

28/9 – Zezinho regressou com novidades. Dos 2 grupos do DB que ficaram de fazer fustigamento, um conseguiu atingir um soldado da ditadura. O tiro foi caprichado e parece que o milico foi desta para a melhor. Talvez agora o inimigo fique mais vigilante e menos afoito em suas andanças por estradas e caminhos. Foi que ação se verificou na estrada ente o Gameleira e o Couro Dantas. A patrulha fustigada, que vinha deste último lugar, regressou em seguida ao seu ponto de partida. À noite do mesmo dia ouviu-se no Couro Dantas cerrado tiroteio. Era evidente o nervosismo da tropa do Exército. O ouro grupo de fustigadores viu passar 4 elementos à paisana armados de metralhadoras e fuzis. Mas não tomou a iniciativa de atacar. Seu responsável, Amauri, “pensou que se tratava de pessoas a massa”. Pensamento um tanto estranho... Seja como for, o DB está se movimentando. Também os co deste D tomaram conhecimento de que o inimigo está no Castanhal do Ferreira, onde, segundo parece, constrói um barracão. Caso o fato se confirme e haja condições, será feito, com todos os companheiros, um ataque à tropa ali estacionada.

Ao voltar do DB Zezinho matou um tatu e um porcão de vastas proporções. No que se refere à caça, estamos em época das vacas gordas. Hoje, cedo, Zezinho foi novamente ao DB levar mensagem. Também partiram Ivo e Ari, que foram se encontrar com gente do DA. Com certeza trarão notícias sobre essa unidade guerrilheira.

Continuo, há mais de 10 dias, com uma desintéria “fela”. Não adiante tomar entero-bioforme. Vou tentar o carvão vegetal.

Três horas depois de partir, surgiram inesperadamente no acampamento o Ivo e o Ari. Vieram avisar que à distância correspondente a uma hora de viagem, em um velho “pique”, encontraram rastros frescos do inimigo. Pelo estrago feito no mato deduziram que o seu número era, no mínimo, de 10. Temos que ser mais vigilantes, pois os soldados da reação estão ficando mais audaciosos. Por outro lado, se tornam melhores alvos para as emboscadas e fustigamentos. Quanto a nós da CM e do DG, em virtude do pequeno armamento que possuímos, nossa defesa reside fundamentalmente no sigilo e no cumprimento rigoroso das normas do acampamento, em particular no que se refere à manutenção do silêncio. Depois do almoço, Ivo e Ari partiram novamente.

29/9 – Carregando 3 jabotas, Zezinho chegou ontem, ao escurecer. No acampamento do DB esperou o regresso dos co que foram pesquisar a situação do castanhal. Daí o seu atraso. Eles informaram que o lugar está ocupado, segundo parece, por cerca de 100 soldados. Viram passar na estrada, rumo ao castanhal, uma coluna numerosa. Contaram 30 milicos, e talvez outros tantos deixaram de ser contados. Usavam uniforme azul e camisas de mangas curtas. Os pesquisadores informaram também que os soldados estão andando em “piques” e veredas e, possivelmente, na mata em torno do castanhal. Diante da informação, o C do DB desistiu de atacar o antigo PA e resolveu levantar acampamento no dia seguinte (hoje), transferindo-se para nova área. Quanto a nós, reforçamos as medidas de vigilância, pois o inimigo, conforme os dados colhidos, talvez pretenda realizar uma ofensiva contra a guerrilha. Aguardamos o curso dos acontecimentos, Mas estou convencido de que as forças da ditadura não terão êxito. Ficarão “zanzando” pelos caminhos e pela mata, vão se expor mais aos golpes dos guerrilheiros e enfrentarão difíceis problemas de logística.

1/10 – Comemora-se nesta data mais um aniversário da instauração da República Popular da China. Há 23 anos tornava-se vitoriosa, sob a direção do Partido Comunista, chefiado por Mao-Tsetung, a revolução chinesa. Foi uma luta difícil e prolongada, que serve de exemplo e de estímulo a todos os povos oprimidos que se empenham em conquistar sua emancipação nacional. Os democratas e patriotas brasileiros, ente os quais se destacam os comunistas, que dão os primeiros passos na luta contra a ditadura, têm na guerra popular do admirável povo chinês uma lição de inestimável valor. Muitos dos ensinamentos da revolução vitoriosa na nação mais populosa do mundo podem ser utilizados pelo nosso povo, levando-se sempre em conta as condições peculiares de cada país. Temos muito que aprender com a experiência chinesa se soubermos apreciá-la de maneira crítica. Mas, por outro lado, estamos fazendo a nossa própria experiência de luta armada e é esta experiência que determinará o rumo dos acontecimentos no Brasil. Temos que levar em conta as leis gerais da guerra revolucionária na China, mas a Revolução Brasileira terá suas leis específicas às quais devemos obedecer para alcançar a vitória. No 25º aniversário da República Popular da China, precisamos insistir junto aos nossos co sobre a necessidade de estudar os materiais militares de Mao-Tsetung, emérito mestre da guerra popular. Aqui, só quero assinalar que, do mesmo modo que os chineses, se perseverarmos na luta e tivermos em conta a nossa realidade, obteremos êxito.

Ontem, a aviação da ditadura esteve particularmente ativa. Dois aviões e parece-me que N. A. caça-bombardeiro, utilizados na II Guerra Mundial pela FAB, sobrevoaram bem em cima de nosso acampamento. Tudo indica que não perceberam nada. No entanto, devemos ser mais rigorosos na camuflagem.

2/10 – Completo 60 anos. Não é uma idade própria para um guerrilheiro. Mas esforço para cumprir meu dever de revolucionário.

Dois terços de minha vida, precisamente 40 anos, dediquei ao P. Fiz as mais diversas experiências. Ingressei nas fileiras partidárias como soldado e desenvolvi, em 1932 e 1933, intensa atividade nos quartéis. Em seguida, durante alguns anos, fui dirigente da VJC. Posteriormente, integrei o Secretariado Regional do Rio de Janeiro (hoje Guanabara). Ocupei durante longo tempo o cargo de Secretário Nacional de Agitação e Propaganda do P. Como deputado federal na legenda do Partido Comunista do Brasil, tornei-me líder da bancada comunista na Câmara dos Deputados. Orientei, durante largo tempo, na função de diretor, o órgão central do C, “A Classe Operária”, principalmente depois da reorganização do P, em 1962, e do rompimento com o revisionismo.

Agora, estou nas matas do Araguaia, ao lado de jovens e bravos lutadores, enfrentando forças militares da ditadura. De todas as tarefas que tive a meu cargo, esta missão é a que eu mais gosto, apesar de Ter a saúde abalada pelo peso dos anos e por longa e febril atividade revolucionária.

Orgulho-me do meu partido e por ele estou disposto a dar minha vida. Somente o PC do Brasil pode conduzir o nosso povo à vitória na luta pela liberdade, a emancipação nacional e o socialismo. Em contato com os corajosos combatentes que aqui se encontram, rapazes e moças, refaço minhas energias, inspiro-me em seu desprendimento e cada vez mais confio no radioso futuro de nosso glorioso destacamento de vanguarda do proletariado.

No meu 60

Aniversário, volto-me com carinho e admiração para os velhos dirigentes do P, em especial ara o camarada Cid, a quem ligam sólidos e inquebrantáveis laços de amizade, forjados, ao longo de dezenas de anos, em duras e difíceis lutas. Lembro-me também da minha

companheira de mais de 30 anos, comunista como eu, pronta para todos os sacrifícios. Nesta hora, eu penso nesta dedicada amiga. Estou certo de que ela pensa igualmente em mim. Do mesmo modo, orgulho-me dos meus filhos, militantes abnegados, que atuam em diferentes setores da atividade partidária. Recordo-me do meu neto, a quem quero tanto bem, convencido de que, no futuro, será também um revolucionário a serviço da grande causa do socialismo e do comunismo.

Após quatro décadas de militância ininterrupta, mantenho o mesmo otimismo e ardor revolucionário de meus 19 anos. Mais dia menos dia a revolução brasileira triunfará. E vale a pena contribuir para a sua vitória.

3/10 – Às 5 horas da tarde ontem, chegaram Ivo e Ari. Traziam milho e algumas bananas. Informaram que há 20 minutos de nosso acampamento havia sinais de uma picada aberta recentemente. Isso revela que o inimigo passou bem próximo de nós. Estamos, assim, ameaçados de ataque por parte dos soldados da ditadura. Temos que mudar imediatamente de acampamento. Hoje, cedo, Jo e Zezinho saíram para procurar novo local. Amanhã, se tudo correr bem, faremos a mudança.

Nossos mensageiros trouxeram também notícias do DA. Na área deste D, o inimigo está bastante ativo. Trouxe muitas tropas que fazem base no Cearense, Manelão, S. José, Metade, Mano e outros lugares. Os soldados estão tentando andar na mata e circulam em pequenos grupos. As tropas atuais têm mais eficiência que as anteriores. Os co estão procurando organizar uma emboscada contra os milicos. Nesse sentido, deixaram dois co, Lauro e Fátima, para observar um caminho. Quando este cumpriam sua missão, surgiu uma tropa de burros dirigida pelo Edith, escoltada por 3 soldados. Ao se aproximar do local onde estavam os observadores, os soldados se dividiram em dois grupos para investigar os barrancos. Um soldado dirigiu-se para o local onde se achavam nossos companheiros.. Foi em direção do Lauro. Este, inexplicavelmente, não estava com a arma engatilhada e não a fez funcionar. Neste hora, a Fátima moveu-se, então o milico atirou contra ela, dando as costas para o Lauro que ainda assim deixou de atirar (nem apelou para o revólver). Nosso camarada afobou-se e resolveu fugir. Foi alvo de uma saraivada de balas. No local deixou uma mochila que, além dos pertences pessoais, continha mais de 150 balas de 44 e um rádio. A Fátima não apareceu no ponto de encontro. Pode Ter morrido ou sido aprisionada. Os co que, posteriormente, fizeram uma pesquisa no local, não encontraram vestígios de sangue. Caso tenha se safado, sua situação não é boa, pois além de não possuir bússola, não conhece o terreno. Tudo isso revela a nossa inexperiência militar. Perdeu-se ótima chance de liquidar um milico e ainda por cima tivemos perdas. Se algo de grave aconteceu à Fátima, isto significa um golpe nas FF GG, onde é muito estimada. Trata-se de ativista estudantil que se destacou nos movimentos de massas de 1968; é antiga dirigente da UNE. A Preta, como era conhecida, tinha bastante popularidade em São Paulo, na Bahia e em todo o Nordeste. Aguardo outras informações.

O DA fez novas visitas às massas. Estas vêm sendo ameaçadas pelo inimigo, mas não se atemorizam. Aumentou o número de nossos amigos e a perspectiva de ampliar nossa influência continua boa.

5/10 – O local pesquisado por Jo e Zezinho para o novo acampamento não serve. Por isso, não nos mudamos. Ontem Jo e Ari investigaram a picada aberta pelo inimigo. Foi confirmado que se trata de obra dos soldados da ditadura. Estes devem Ter passado perto de nós quando a aviação do governo sobrevoava nosso acampamento. Há 3 dias amainou a atividade aérea, mas ela prossegue mais longe. Quando regressavam, há 2 dias, da pesquisa do local para acampar, Jo e Zezinho caçaram duas pacas, que foram comidas, anteontem e

ontem, coma espécie de mingau de farinha de coco (tirada da entrecasca) e milho. Eu continuo curtindo a minha desinteria. Já tomei entero-biofórmio, ultracarbon, antibiótico e, agora, um ambicida (Intetopan), mas anda não estou curado. Intensificou-se minha lavagem de calções. Ivo apanhou violenta malária. Passou o dia de ontem com 39° e 40° de febre. Hoje, já está melhor depois de ingerir vasta dose de quinino. De manhã cedo, saíram Jo e Ari à procura de local para acampamento. Além do inimigo, outro grande problema é a água. Está tudo seco. Espero que eles encontrem um lugar que nos resguarde da ação dos milicos e nos assegure água boa e em abundância.

7/10 – Regressaram ontem, carregados de jabotas, Jo e Ari. Este vinha caminhando à base do “ideológico”, atacado pela malária. Encontraram um local relativamente bom para acampar. Talvez nos mudemos amanhã, pois tanto o Ivo como o Ari acordaram sem febre.

A Rádio Tirana deu, em transmissão do dia 6, notícia alvissareira. No informativo habitual, curto resumo do Comunicado nº 1 das FF GG do Araguaia. Isto significa que AL realizou com pleno êxito sua missão. Entregou a “Carta ao Garcia”. Bravo! Agora faço votos para que tenha pleno êxito no regresso. Hoje, ao meio-dia, partiu o Zezinho ao seu encontro. Será uma viagem difícil porque a área a percorrer está coalhada de inimigos. Mas há de sair-se bem, uma vez que já adquiri experiência e é prudente, embora algumas vezes cometa certas facilidades. Quando os dois chegarem, teremos novidades. “Gaita”, que tanta falta nos faz e, possivelmente, novos combatentes. Boa perspectiva.

De manhã caiu violenta chuva. É a Segunda do mês de outubro. A primeira foi na noite do dia 5. Aproxima-se a estação de águas que nos trará novas dificuldades. Mas, em compensação, dificultará ainda mais a atividade dos soldados da ditadura. É melhor chover água sobre nós do que metralha. Não resta dúvida...

8/10 – Parou inteiramente a atividade aérea do inimigo. Talvez os soldados tenham abandonado a zona em que nos situamos. É possível que a aviação e a infantaria do governo estejam chateando nossos co do DA e DB que, agora, devem estar atuando relativamente próximos uns dos outros.

Só amanhã nos transferiremos de acampamento.

10/10 – Fizemos ontem a mudança de acampamento. Caminhamos cerca de 5 horas. O novo local tem boa água mas é pobre de lenha. Não há pau preto nas redondezas. Durante a caminhada os companheiros caçaram um veado e um mutum “pechincha”. Apanharam também um jabuti. Assim, não falta comida. Durante a noite passou perto do acampamento um avião. Felizmente o fogo estava baixo e cobrimo-lo com um plástico. Já no acampamento que abandonamos a aviação sobrevoou durante a noite várias vezes. Penso que ela localizou a área através do fogo. Talvez isso explique a picada aberta pelo inimigo a algumas centenas de metros de nós. É necessário, de agora em diante, construir em todo o acampamento, um “boizinho”(pequeno barraco), onde se deve cozinhar. Deste modo, a aviação não verá a fogueira. E também a chuva não apagará o fogo.

11/10 – Na noite passada Ari caçou, em uma espera, matéria de grande porte. Estamos vivendo período de inflação de carne (inflação saudável). Hoje de manhã, Ivo e Ari foram trazer algumas coisas que ficaram no outro acampamento. Jo cuida do veado. Já o esfolou e retalhou. Ao anoitecer, vai moqueá-lo.

Não se nota nenhum sinal de atividade aérea do inimigo. Será que este diminuiu sua pressão? aguardo novas informações.

12/10 – Meio ano de vida na selva. Parece incrível que jovens das grandes cidades, na maioria pouco afeitos a trabalhos físicos, tenham sobrevivido com recursos em grande

parte retirados das matas. A floresta tornou-se o lar das FF GG do Araguaia. Seis meses de existência da guerrilha, em que os combatentes enfrentam mil e uma dificuldades e um inimigo bem treinado, armado até os dentes e muitíssimo superior em número. É uma grande vitória do povo brasileiro em sua luta contra a ditadura militar, pela liberdade e pela emancipação nacional. O governo dos generais, que tudo fez para impedir que a luta armada no Sul do Pará se tornasse conhecida pela opinião pública, não foi capaz de evitar que a Guerrilha do Araguaia repercutisse pelo Brasil afora e que sua atividade fosse noticiada em países da Europa e da Ásia.

Não tenho agora novos elementos para fazer um balanço dos 180 dias de ação guerrilheira. Mas é possível afirmar que os nossos combatentes realizaram uma grande façanha. É certo que tivemos baixas, mas o inimigo não nos pôde liquidar e teve também suas perdas. Depois de 5 meses do surgimento da luta armada na Amazônia, a ditadura mobilizou novas tropas, mas numerosas e mais adestradas que as anteriores, mas pouco avançou na fúria repressiva. As FF GG do Araguaia ampliaram sua influência sobre as massas, conquistaram novos amigos e simpatizantes. Elas têm boa perspectiva de crescer através do recrutamento local. Acresce ainda que se pode receber outros combatentes das cidades mobilizadas pelo P. Uma vez concretizada a ligação a guerrilha com a direção partidária, isto será uma realidade.

Meio ano de existência da guerrilha é, sobretudo, um êxito político. Novo caminho foi aberto para o povo se livrar da tutela dos militares. Fator novo foi introduzido na vida política nacional. Verificou-se mudança de qualidade na luta pela democracia e contra o domínio do imperialismo norte-americano. O exemplo dos combatentes do Araguaia influi no curso dos acontecimentos políticos, é um estímulo aos que se opõem à ditadura e pode ser seguido por todos os democratas e patriotas em diferentes recantos do país, tanto nas cidades quanto, especialmente, no interior. A chama acesa na selva amazônica pode se alastrar por todo o Brasil. Por isso, tudo deve ser feito para que ela não se apague. Seis meses de resistência armada mostram que é possível mantê-la cada vez mais viva e transformá-la em um imenso fogaréu.

Por que a guerrilha está se mantendo por todo esse tempo?

Por que, além de seguir uma orientação política ampla correta, norteia-se por uma linha militar justa. As FF GG do Araguaia sobrevivem porque se prepararam militarmente para pôr em prática a tática de guerrilha; porque dominam relativamente bem o terreno e a vida na mata; porque estabeleceram sólidos vínculos com as massas da região. Na medida que o tempo corre, elas aumentam sua eficiência militar, mas conhecem os segredos das selvas e estendem suas ligações com os camponeses. Atuando corretamente nestes 3 sentidos, a guerrilha será invencível.

Ao se completar meio ano de resistência armada à ditadura, reverencio, aqui, os combatentes tombados, legítimos heróis de nossa época. Seu sacrifício ajudará a despertar as grandes massas de jovens que acabarão se incorporando à luta que se desenvolve no Norte do país. Um dia, que espero não estar longe, a História lhes fará justiça e o povo brasileiro os homenageará como seus melhores filhos.

13/10 – Nada de novo na área em que situa nosso acampamento. Ivo e Ari partiram ao encontro dos mensageiros do DA. Eu continuo com a desinteria que me atormenta há quase um mês. Vou tomar dose maior de carvão vegetal (Ultracarbon).

A Rádio Tirana durante 5 dias consecutivos vem irradiando de diferentes formas o mesmo Comunicado ° 1 das FF GG do Araguaia. Será que só recebeu o resumo? Será que a

direção do P não se mostrou favorável à criação do MLP? Faço apenas conjecturas. O Manifesto do MLP para nós tem sido bastante útil e as massas o recebem bem.

15/10 – Caiu ontem de manhã uma chuva torrencial e a tarde toda o tempo esteve nublado. A vida vai se tornar mais difícil para as FF GG.

A Rádio Tirana transmitiu pequeno resumo de um artigo da “Classe” em torno da Carta do Comando das FF GG do Araguaia e um Deputado Federal. Nela se destaca a importância da formação de tais forças e se apela para que todos os patriotas e democratas as apoiem. Conclama-se os brasileiros a desenvolver o movimento popular contra a ditadura. Também foi irradiado artigo de “Nuova Unita”, órgão do CC do PC da Itália (M-L) sobre a luta armada no Sul do Pará. Muito obrigado, amigos italianos.

A aviação inimiga parou inteiramente sua atividade em nossa área. Onde está agindo?

18/10 – Na tarde de ontem regressaram Ivo e Ari, carregando milho, dois jabutis e um veado. Veio em tempo a carne. Há dois dias estávamos, eu e o Jo, no cardápio do mingau de polpa de coco de babaçu no leite de castanha.

Nossos mensageiros traziam também novidades. Os companheiros do DA avisavam que, segundo informações da massa e pela própria observação, o inimigo se retirou completamente da região. Não há mais soldados no Mano e em S. José, na Metade e nas Oito Barrancas. Não está em lugar nenhum da área daquele D. Deve ser uma retirada provisória, tendo em vista realizar nova investida, pois a última fracassou. A ditadura, em sua tentativa de esmagar a guerrilha, sob o pretexto de realizar manobras no setor compreendido entre Xambioá e Araguatins, mobilizou 11 mil homens, que se espalharam por toda região e na sua periferia. Colocou tropas até em Altamira, no Xingu. Na Transamazônica estavam bivacados 1.500 soldados e nas Oito Barrancas acamparam 600 milicos> Todas as áreas de nossos antigos PP AA foram ocupadas por grande número de homens. Cada PA tinha um, dois ou três pelotões. As tropas do governo andaram pelas estradas e caminhos, por piques e picadas que abriram na mata. Tinham cobertura da FAB com diferentes tipos de aviões e helicópteros. O Estado-Maior das forças repressivas pensava que podia nos cercar e nos obrigaria a fugir. E nos fecharia as vias de escape. Vê-se que se trata de planos elaborados sobre os mapas e não à base da realidade da selva. Nossos guerrilheiros estavam nas barbas do inimigo e ele não os via. Os soldados da ditadura andavam às tontas e nós os observávamos. A força militar inimiga deve Ter enfrentado problemas difíceis e insolúveis. A alimentação de tropa tão grande deve ter sido por demais complicada, principalmente nas unidades sediadas na selva. Na atual estação a seca é completa. Sem conhecer os olhos d’água, soldados se defrontaram com a sede. A malária, a desinteria, os mosquitos, os carrapatos e outras pragas deve Ter-lhe dado um trabalho danado. Por outro lado, afligia-os o medo das emboscadas dos guerrilheiros. Pelos dados que até agora conheço, tiveram 3 baixas fatais. Finalmente, a 6 de outubro, foram obrigados a se retirar. A ditadura sofreu vergonhosa derrota. É certo que suas forças militares voltarão à carga e procurarão aplicar novos esquemas. Mas as suas alternativas são poucas. Terão que recorrer às táticas antiguerrilha expostas nos manuais de suas escolas militares. Assim as FF GG do Araguaia, apesar de não terem empreendido grandes ações militares, obtiveram formidável êxito. Saíram-se bem de sua Segunda grande prova. E, se não cometerem erros essenciais, também se sairão bem nas próximas ofensivas do adversário.

Novas informações foram trazidas sobre o incidente em que a co Fátima tombou sem vida. Os combatentes do DA estavam preparando uma embosca. Dividiram-se em 2

grupos que deveriam atuar em conjunto. Um sob o comando do Pe (da CM) e outro sob a direção de Nu. Este último, que vinha na frente, deixou no caminho da corrutela de S. José dois observadores, Lauro e Fátima, e fez alto a uma certa distância. Precisamente nesse momento surgiu na estrada uma força inimiga de 16 homens que acompanhava 4 burros tropeados pelo Edith. À frente da unidade do Exército vinham três batedores (o que levou Isauro a pensar que a tropa era constituída apenas de 3 soldados). Um deles, o sargento, veio para o lado do barranco onde estavam nossos combatentes. Lauro, que portava arma longa semi-automática de 9 tiros, atrapalhou-se com a arma, não atirou e fugiu. O milico presentiu a Fátima e disparou o FAL em sua direção. Esta, com sua arma de caça 16, o fuzilou. Em seguida, correu e se entrincheirou mais adiante. Um soldado, que pesquisava o local à sua procura, foi por ela abatido mortalmente com tiros de revólver 38. Ferida nas pernas, foi presa. Perguntaram-lhe onde estavam seus co. Respondeu que poderiam matá-la, pois nada diria. Então os milicos a assassinaram friamente. Seu corpo foi enterrado nas Oito Barrancas, para onde foi transportado em burro. Seu comportamento causou grande admiração entre a massa. Esta informa que um capitão dissera que se nossa companheira tivesse uma boa arma teria liquidado boa parte dos 16 militares. Não há dúvida de que a combatente Fátima revelou grande bravura e notável firmeza revolucionária. A história de nosso povo revela poucos exemplos de semelhante heroísmo. Sozinha, com absoluta inferioridade de armamento, enfrentou quase duas dezenas de soldados muito bem armados e matou dois. Arrostando com coragem seus captores e preferiu serenamente a morte a conservar a vida delatando seus irmãos de luta. Que o exemplo da Fátima seja seguido por todos os combatentes das FF GG do Araguaia e por todos os jovens revolucionários brasileiros!

Fátima, cujo verdadeiro nome era Helenira, pertencia ao P desde 1967. Era filha de um médico baiano, radicado no interior de S. Paulo, de tendências de esquerda. Paulista de nascimento, quando ginásiana era excelente jogadora de basquete. Sempre se rebelou contra as injustiças sociais e, em 1968, teve participação ativa nos movimentos de massa daquele ano. Foi delegada ao Congresso da UNE realizado em Ibiuna, atacado e dissolvido pela polícia de S. Paulo. Posta em liberdade, era eleita para a diretoria daquela entidade estudantil. Antes de vir para o Araguaia, atuava na Bahia e em todo o Nordeste. Desfrutava de grande popularidade. A reação a procurava intensamente. Os tribunais da ditadura tinham-na condenado a 8 anos de prisão,. Morreu em 2 de outubro de 1972, gloriamente, com 27 anos de idade.

Nossos mensageiros informaram também sobre outro incidente em que estiveram envolvidos ZC e Nu. No dia seguinte ao choque dos milicos com a Fátima, estes combatentes estudavam local para realizar emboscada, quando inesperadamente surgiu uma tropa. Esconderam-se, apenas a 6 metros da estrada. Um dos soldados notou sua presença e avisou aos demais. Verificou-se um dilúvio de balas. Os dois, rapidamente, caíram fora, arrastando-se entre o cipóal. Por milagre, só foram atingidos de raspão. O que fizeram revela arrojo. Mas foi uma temeridade. Não é necessário se expor inutilmente, em particular quando se trata de comandante de D e de um dos substitutos do comandante.

Também os companheiros do DA tentaram um fustigamento. Nu, Lan e João ficaram 5 dias de tocaia. No entanto, o inimigo não apareceu.

Problema sério surge para nós. Desde o dia 15 a reação vem interferindo nas emissões da Rádio Tirana, tornando impossível ouvir qualquer coisa. Se essa situação persistir, encontrar-nos-emos sem a nossa melhor fonte de informações, principalmente política. Se a direção daquela emissora mudar sempre a frequência, talvez seja possível

neutralizar tão infame interferência. A ditadura teme as irradiações da Albânia como o diabo da cruz. Tudo deve ser feito para evitar que ela silencie a poderosa voz da revolução.

Ainda sobre as atividades do DA: combatentes daquela unidade guerrilheira, quando tentavam levar a cabo uma emboscada, viram o inimigo se aproximar. Tratava-se, porém, de uma coluna de 40 homens. Era flagrante a esmagadora superioridade das tropas da ditadura, o que tornava impossível realizar a projetada operação militar.

20/10 – Ontem partiram Ivo e Ari para atender um ponto com Joaq e outro com Ju. Quanto ao primeiro, é quase certo não vir. Mas se nosso "esculápio" entrou em contato com o DC, é muito provável que já esteja de volta. Seria muito bom o seu regresso, não só pelas preciosas informações que com toda a certeza trará, como também pela necessidade de seus serviços médicos.

Na solidão da mata tive ontem à noite momentos de imensa satisfação e senti-me grandemente estimulado. Em meio a ruidosa interferência, ouvi na Rádio Tirana a mensagem do Comitê Central a mim dirigida por motivo do meu 60º aniversário e pelos meus 40 anos de ingresso no P. Os camaradas foram por demais generosos comigo. Agradeço-lhes de todo o coração e considero as homenagens que me foram prestadas como homenagens dirigidas aos jovens e heróicos combatentes das FF GG do Araguaia. Reafirmo mais uma vez que tudo farei para cumprir meu dever de revolucionário e de fiel soldado do PC do Brasil.

21/10 – Finalmente rompeu-se a cortina de censura sobre os acontecimentos do Araguaia. A Rádio Tirana transmitiu extratos de uma reportagem publicada em 24 de setembro pelo "O Estado de São Paulo" e pelo "Jornal da Tarde" sobre a guerrilha que tem lugar no Sul do Pará. A ditadura não pôde manter o pesado silêncio que baixara, a respeito dos choques armados verificados na selva amazônica. Trata-se de uma vitória do povo brasileiro. A repercussão alcançada pela ação guerrilheira, obrigou o governo dos militares a deixar que alguns jornais tratassem do assunto. A matéria publicada pelo "Estadão", embora tendenciosa, é útil para nós. Tornou conhecida para novas camadas da população a nossa resistência armada à ditadura. Cuidou unicamente da área do DC, particularmente da situação em Xambioá e S. Geraldo. Deixou claro, porém, que não somos terroristas, mas sim guerrilheiros com profundas vinculações com as massas. Destacou os nomes de Paulo, Dina, Daniel, Antonio e Lúcia. Informa que o Daniel morreu, mas penso que houve confusão com o Jorge. Espero esclarecer a questão com informações do DC. A reportagem fala na mobilização de 5 mil homens, somente na zona entre Xambioá e Araguatins. Dá notícias da morte de um soldado do Regimento de Cavalaria de Guardas de Brasília. Deve ser o milico abatido no fustigamento do DB. Também a matéria do "Estadão" dá uma boa idéia do trabalho de massas realizado pelo DC e mostra que os guerrilheiros são pessoas radicadas há muito tempo na região. Penso que a reportagem de página inteira de "O Estado de São Paulo" terá enorme influência em todos os setores da esquerda. Outros jornais, e também revistas, procurarão romper a censura sobre a ação das FF GG do Araguaia.

22/10 – Não apareceram o Joaq e o Ju> Nossos mensageiros irão nos próximos pontos e talvez tenham mais sorte.

Diminuiu a interferência da reação nas emissões da Rádio Tirana. Esta estação radiofônica transmitiu artigo da "Classe" sobre as últimas operações militares do inimigo na região do Araguaia. Foram citadas unidades militares sediadas em Brasília e Goiás, perfazendo um total de 5 mil homens. Na região rebelada já existiam outras tropas do Comando Militar da Amazônia. A massa de soldados era, portanto, muito grande. Mas tudo deu em água de barrela. Por ora a situação está calma. As forças da ditadura devem

estar agora concentradas nas cidades, vilas e corrutelas. Vamos ver o que o inimigo está maquinando. Se nos ativermos à nossa linha militar, os generais fracassarão em suas novas tentativas de nos derrotar. Tudo devemos fazer para preservar nossas forças.

23/10 – Cedo partiram Jo e Ivo a fim de retirar de um depósito roupas e outras coisas que estão se estragando. Voltarão a 26.

Na emissão da Rádio Tirana de ontem a interferência foi intensa.

A desinteria não me larga. Vem piorando e não sei o que fazer. É uma chateação medonha. aguardo ansiosamente a chegada do Ju, o nosso bula-chefe.

24/10 – Ari na tarde ontem caçou, com a 22, um mutum bem junto ao nosso acampamento. A “bóia” foi reforçada. Será farta a comida de hoje.

Ouve-se, de onde estamos acampados, forte ruído de motor. Parece ser um trator. Penso que o inimigo está abrindo estrada de rodagem a uns 3 ou 4 km, talvez uma légua do acampamento. Que pretendem os milicos? Logo que Jo volte mandarei investigar, Mas, de qualquer maneira, é bom transferir a “moradia”. Será mais saudável.

A emissão da Rádio Tirana, na faixa de 31 metros, está audível, enquanto na faixa de 42 metros – que sempre usamos – a interferência é absoluta. Felizmente continuamos ouvindo a voz do PTA e do nosso P.

Há 42 anos, vencia a chamada Revolução de Outubro, chefiada por Vargas. Na época eu era aluno da Escola Militar. Esta desceu do Realengo, no Rio de Janeiro, para o centro da cidade. Por estanha coincidência, coube a meu grupo de combate dar guarda nas dependências da Light na rua Larga. O povo alimentava grandes esperanças no movimento de 30, Mas, passadas mais de 4 décadas, o Brasil continua oprimido e explorado pelo imperialismo e pelo latifúndio. A verdadeira revolução ainda está por ser feita. É o que estamos realizando aqui no Araguaia.

27/10 – Nos últimos dias temos sido alvo de furiosa ofensiva de carrapatos. Nunca os vi em tanta profusão. Eu mesmo devo Ter catado algumas centenas desses infames bichinhos. Ainda continuo a realizar esta tarefa pouco gloriosa. É bastante comum os guerrilheiros pararem suas atividades para retirar, através de difíceis operações, dos lugares mais complicados, representantes destacados desta sinistra fauna. A atual praga “carrapatífera” bateu todos os recordes. Todos nós estamos infestados.

Regressaram ontem Jo e Ivo. Trouxeram, além de 4 jabutis, roupas e remédios, inclusive os destinados a combater minha diarreia. Tomara que dêem resultado.

Prossegue o ruído do trator que se ouve do acampamento. O barulho é sempre no mesmo lugar. Consultamos o croquis e tudo parece indicar que o inimigo constrói uma base num castanhal, a uns 8 km, em linha reta. Tentaremos averiguar do que se trata.

As estações de rádio, a começar pela Voz da América, anunciam um próximo acordo de paz no Vietnã. Confesso que não entendo tal acordo. aguardo sua assinatura para Ter uma idéia completa sobre o assunto.

Hoje, Ari abateu belo mutum castanheira. Carne excelente.

30/10 – Passamos os 3 últimos dias em estado de alerta. Recrudescer o ruído do trator. Chegamos a ouvi-lo muito perto e foi mudando de direção. Não tivemos condições de averiguar “in loco” do que se trata. Mas pudemos deduzir que o inimigo está transformando a estrada de burros que vai do Castanhal da Viúva à beira do Araguaia em estrada de rodagem. O Exército pretende cercar parte das FF GG entre o rio Araguaia, a estrada da Viúva e a estrada S. Geraldo-Marabá.

Com certeza soltará patrulhas nas duas estradas através da mata. Já começamos a ouvir barulho de motores de caminhão e Jipes. Anteontem à noite, um tiro ecoou próximo do acampamento; ouviu-se rajadas de metralhadora ou de FAL. Precisamos reforçar nossa vigilância e ser mais cautelosos para que os milicos não nos localizem. Aguardo ansiosamente contato com Pe e Joaq, para ouvir suas informações e tomar as providências que se impõem. Os soldados da ditadura começam a se movimentar. Na semana passada e hoje, aumentou o número de vôos de jatos. É provável que os aviões estejam transportando tropas. Delineia-se nova investida inimigo. Espero o desenrolar dos acontecimentos e outras notícias para tomar umas decisões.

Ontem o Ari abateu com uma 22 um macaco-prego de grandes proporções. Um “pregão”. Ótima carne e em boa quantidade.

Para complicar ainda mais a nossa situação, o Ivo mais uma vez caiu de malária. Está com 39° de temperatura. Já iniciou o tratamento. Por sua vez, há quase 10 dias o Ari está com uma terrível dor de cabeça. Vem tomando o remédio indicado, tendo melhorado. Meu receio é que tenha outra convulsão.

De ontem para hoje, violenta chuva abateu-se sobre a mata, das 20:30 às 3 da madrugada. Na certa, apagou todos os nossos rastros. Os plásticos nos protegeram da água.

31/10 – Novo “toró” varreu a mata> Mais forte do que o do dia anterior. Assim os carrapatos diminuíram e o inimigo enfrenta novas dificuldades. Hoje cedo um outro tiro foi disparado um pouco longe do acampamento. De manhã ouviu-se ainda o barulho de motores de carro. Não nos mudamos porque não encontramos local com água, pois os igarapés e gretas estão secos.

Ivo, depois de curtir febre de até 40° graus, acordou melhor. Faço votos para que fique logo bom, a fim de poder viajar depois de amanhã.

Prossegue e interferência na Rádio Tirana. Domingo e Segunda-feira não ouvimos nada.

Acabaram-se as balas calibre 22 trazidas pelo Zezinho . Não podemos caçar com 20. Deste modo, entraremos no regime de abstinência forçada de carne. Ari acaba de construir uma arapuca. Vamos ver se pega alguma coisa.

Tive ;ligeira melhora da desinteria. Bom indício. Foi efeito de um remédio chamado Aprilim. Mas já acabou. É possível que fique curado.

1/11 – Continuamos na mesma rotina. Choveu quase toda a noite e, de manhã, ouvimos novo disparo de arma de fogo, logo acompanhado do ruído de motor de carro. É possível que o inimigo esteja dando ordens por intermédio de tiro. Mais tarde, bem longe, em outra direção, ouviu-se algo parecido com uma explosão. Talvez seja uma grana de mão. No mais, tudo normal. A dieta é a massa de coco, que está difícil de engolir.

Hoje, minha filha faz 29 anos de idade. Está no limiar das balzaquianas. Isto chama minha atenção de que me encaminho para uma idade provecta. Mas não acredito. Permaneço jovem. Desejo mil felicidades a V. e espero que sempre se mantenha fiel à causa do proletariado.

2/11 – Dia tranqüilo. Nenhum sinal da presença do inimigo. Das 8 às 12 choveu torrencialmente. Logo que o “toró” amainou, Ivo e Ari partiram ao encontro dos mensageiros do DA e do Zezinho. No regresso trarão também o Pe. Eu e Jo estamos sozinhos no acampamento.

A Rádio Tirana noticiou que a Associated Press enviou um despacho do Rio de Janeiro sobre a Guerrilha do Araguaia. Referiu-se em detalhe à Carta do

Comando das FF GG do Araguaia a um Deputado Federal. Muito boa notícia. Nossa resistência armada repercute cada vez mais no plano internacional.

5/11 – Ao escurecer do dia 3 pesada tempestade caiu sobre a mata. Espetáculo belo e assustador. Depois de intensas trovoadas, a floresta foi lavada por fortíssima chuva como se alguém lançasse, continuamente, grandes jatos d'água sobre as árvores. Tudo se encharcava. Em seguida, começou a ventar. Grossos troncos eram abalados e suas copas rangiam, indo de um lado para outro. O mundo verde parecia dançar. Animou-se a selva, adquirindo vida barulhenta e tumultuosa. Raios e trovões se sucediam. Caíam galhos de todos os tamanhos. Aqui e ali ouvia-se o ruído da queda de troncos de diferentes dimensões. O assistente do fenômeno, ao mesmo que se deslumbra com a beleza da cena, é tomado por uma sensação de insegurança e, mesmo, de medo. A qualquer momento pode ser atingido por algo inesperado. Não sabe se o alto mogno, junto ao qual se abriga, resistirá ao impacto do vendaval. Ou se um arbusto, uma palmeira, ou grossa árvore tombará em sua direção.

Durou cerca de 45 minutos a tormenta. Eu me achava na rede sob frágil plástico. E nela permaneci. Vários pedaços de pau rasgaram minha cobertura. Os troncos que serviam de armador vergavam, balançando a rede. Trazidos pelo vento, grossos pingos molhavam-me. Atrás de mim partiu-se uma árvore e toda a sua folhagem precipitou-se ruidosamente no solo. Jo, que tomava banho, veio correndo em meu auxílio, numa manifestação de seu alto espírito de solidariedade. Este gesto o livrou de um acidente. No lugar em que se banhava caíram, logo após a sua saída, dois grandes galhos e um pé de caju de janeiro.

A tempestade amainou e, no firmamento, por entre as folhas, viam-se estrelas. Céu limpo. Mas, durante toda a noite, a água pingou ininterruptamente das árvores. Uma estranha chuva que só o habitante da mata conhece.

Na madrugada de 4, precisamente às 5:30, ecoaram na selva sucessivas rajadas de FAL e de metralhadora. É possível que qualquer sargento tenha acordado os soldados com o espoucar de tiros. A manhã estava fria em virtude da chuva da noite anterior. Um verdadeiro foguetório. Depois, tudo se acalmou e ouviu-se o ronco de motores de carro. Estamos nos acostumando com essa vizinhança incômoda. Mas vamos nos mudar logo que o Pe chegue.

Ao meio-dia de ontem eu e o Jo saímos ao encontro do Joaq. O ponto é no último acampamento. Este parece que pode ser usado. No caminho encontramos uma jabota que quebrou nossa abstinência de carne de uma semana. Não era sem tempo. Jo acaba de sair para ver se encontra o Ju. É pouco provável que o bula-chefe venha.

6/11 – De fato, Jo não trouxe o Ju. Mas em compensação carregava às costas um porcão que abatera próximo ao lugar do encontro. Transportou-o por mais de 2 horas. Desferramos nossa carência de carne.

Joaq não apareceu. Talvez apareça hoje. Seu ponto vai do dia 5 ao dia 7. Estou ansioso que ele chegue para saber das notícias, tanto do DB como do inimigo. Este continua a se movimentar. No acampamento onde estamos também já ouvimos o ronco de motores de carro, o que confirma que o Exército transformou em estrada de rodagem a estrada da Viúva. Desapareceu a atividade aérea. Em seu lugar as forças da ditadura constroem estradas. Pensam cortar toda a região com estradas. Terão que trabalhar muito.

7/11 – Joaq apareceu e trouxe algumas informações. Confirmou que a Estrada da Viúva foi transformada em rodovia. Quando a atravessou, com o Mané e o Fogoio, surgiu um caminhão em disparada. DA beira da estrada viu 3 soldados na

carroceria do veículo. Na área onde atua o DB conversou com 8 famílias, algumas das quais já tinham sido visitadas anteriormente. O grupo do Zeca, que ia trabalhar em área nova, andou se confundindo no terreno e só esteve em uma casa, cujo morador já estivera antes com nossos combatentes. A tarefa não foi cumprida e o grupo voltou cheio de problemas, por culpa de seu responsável. O DB conseguiu cerca de 3 quartas de farinha, estocando boa parte dela. A nota triste foi o extravio do Glênio. De manhã cedo, quando o D ia levantar acampamento, este combatente foi fazer uma necessidade fisiológica e não voltou. Deve ter-se perdido. Tudo se fez para encontrá-lo, mas há mais de 20 dias ele não aparece. Está sem mochila, mas porta revólver e arma longa. Não é a primeira vez que se perde. Vamos ver com se sai dessa enrascada. Não é boa a sua perspectiva. Trata-se de um companheiro corajoso e firme, porém pouco desenvolto e um tanto lerdo de raciocínio.

Elementos da massa informaram que viram em Xambioá os cadáveres de 6 companheiros nossos dentro de sacos de lona. Junto a eles estavam 6 mochilas semelhantes às nossas. Dizem os informantes que os guerrilheiros foram surpreendidos em acampamento perto de uma gruta. Será que um golpe de tal envergadura foi desfechado contra o DC ou contra o grupo do Ju? Tenho minhas dúvidas. aguardo novas informações para saber o que aconteceu.

Hoje, comemora-se mais um aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro. É uma data que nos recorda o maior acontecimento da humanidade. A revolução dirigida por Lenin dá início a uma nova época para os povos. Há 55 anos o proletariado assumiu o poder num país cuja superfície constitui a Sexta parte da área da Terra. Todos nós que nos encontramos nas matas do Araguaia, saudamos com entusiasmo a data e reverenciamos com emoção os revolucionários que, no passado, realizaram feito tão transcendental. O espírito de luta dos bolcheviques nos inspira em nossa atividade guerrilheira.

Joaq também informou que as tropas que participaram da última investida contra as FF GG retiraram-se da área onde se encontrava o DB no dia 13 de outubro. Os soldados disseram que serão enviados à região aproximadamente 14 mil homens. Penso que logo após a construção das estradas que o inimigo executa, o Exército lançará violenta ofensiva contra nós. A CM precisa discutir urgentemente seus planos de ação. O importante é preservar nossas forças.

Realizam-se hoje eleições presidenciais nos EUA. As entidades norte-americanas de pesquisa de opinião pública dão como certa a vitória de Nixon. Seja quem for o vencedor, em essência tudo continuará na mesma. O imperialismo ianque prosseguirá em sua política de expansão e dominação mundial. Só a revolução pode esmagar o monstro imperialista. Nós também estamos colocando nossa pedrinha para levar a cabo essa histórica tarefa. Lutamos contra a ditadura militar e contra o imperialismo estadunidense.

12/11 – De regresso ao acampamento, no último dia 8, eu, Joaq e Joca encontramos, além do Ivo e do Ari, Pe e Zezinho. Este tinha conseguido algumas caixas de 22. Já era possível caçar. Por essa razão, na cozinha, estavam dois guaribas e um mutum. No dia anterior tinham abatido um gorgo. Nos dias 10 e 11 foram para a panela uma paca, um jacu e um mutum. Os companheiros trouxeram uma lata de milho e castanhas. Estamos sem dificuldades de comida.

Pe trouxe informações do DA. Esta unidade guerrilheira se desenvolve e está em plena atividade. Cresceu seu trabalho de massa e melhorou grandemente o seu abastecimento. Conseguiram vários sacos de farinha e podem adquirir

outros sacos de milho. Não realizaram ação contra o inimigo porque ele se retirou. Agora prepara, ou já realizou, alguns fustigamentos. Seus combatentes situam-se, no momento, perto das tropas da ditadura.

Reuniu-se a CM. Foi feito um balanço da nossa atividade diante da última investida dos milicos e chegou-se a algumas conclusões. Esperamos a volta do Ju para tomarmos algumas decisões. No que se refere aos DD, A e B, as FF GG saíram-se muito bem. Não foram golpeadas seriamente e causaram baixas ao Exército. Quanto ao DC não temos ainda informações. Parece que o inimigo prepara operação de grande vulto. Mas não nos retiraremos da região. Vamos enfrentá-lo de acordo com a situação.

Recebemos notícias do P. Nos dão conta da repercussão da nossa luta. Também vieram conselhos e sugestões, que levaremos na devida conta. Os camaradas nos informaram sobre a situação do DC, apresentando um quadro nada promissor. Mas creio que as informações são precárias e o quadro talvez não corresponda à realidade.

Hoje faz 7 meses do início da luta. Espero que se complete 7 anos, se a vitória não vier antes. Se conseguirmos nos manter 210 dias, podemos enfrentar, de agora em diante, o inimigo com mais experiência e segurança.

16/11 – Zezinho e Ivo foram, a 13, buscar mais milho num depósito do DA e é possível que hoje estejam de volta. A 14, Joaq e Ari foram ao ponto buscar Ju e regressaram ontem. Não o encontraram. Nosso bula-chefe começa a preocupar novamente. Será que aconteceu algo com ele e o G do DB que o acompanhava? Inquieta-me, também a situação do DC. Vamos esperar mais um pouco para se Ter uma visão mais acertada do acontecido. O inimigo não fala. O rádio nada transmite sobre a Guerrilha do Araguaia e nossas informações sobre o DC são esparsas, pouco claras e não merecem muita confiança.

Por enquanto, a situação parece tranqüila, embora hoje um avião tenha sobrevoado, em rota de viagem, o nosso acampamento. Um “paquera” tinha pesquisado a área. Estamos, com a saída do Zezinho e Ivo e com a doença do Ari, em dificuldades de carne, pois não se caça. Acabou-se o milho. Há 4 dias só comemos mingau de entrecasca de coco com leite do mesmo fruto do babaçu. De manhã saíram o Joaq e o Ari, que melhorou, para caçar algum bicho e, se possível, passar pelo ponto do Ju.

A Rádio Tirana irradiou resumo da notícia publicada no Le Monde, de Paris, sobre a resistência armada no Araguaia. Parece que a matéria foi escrita baseada na reportagem de “O Estado de São Paulo” e no despacho da Associated Press. Nossa luta repercute cada vez mais intensamente. É uma vitória do grande movimento contra a ditadura militar. Tudo devemos fazer para preservar e fazer avançar o movimento guerrilheiro. Nele está o futuro da liberdade e da revolução no Brasil.

19/11 – Somente a 17 Zezinho e Ivo regressaram com o milho. Joaq e Ari repetiram o ponto com o Ju e não o encontraram. Também não caçaram nada. Nem um jabuti. Ivo caiu de novo com malária. 40° de febre. Depois de medicado, hoje melhorou. Ontem de manhã fizemos uma discussão política. Abri a discussão. Depois do meio-dia, Zezinho e Ari partiram ao encontro dos mensageiros do DA e para apanhar mais milho. Eles levaram para esse D os seguintes comunicados:

UMA HEROÍNA DO POVO

Em luta contra forças militares da ditadura, a 29 de setembro de 1972 morreu a valorosa combatente das Forças Guerrilheiras do Araguaia HELENIRA REZENDE NAZARRETH, conhecida entre seus companheiros pelo nome de FÁTIMA e nas cidades onde desenvolveu atividade revolucionária pelo apelido de PRETA.

No dia 28 de setembro, em plena selva, Helenira deslocou-se com o Destacamento a que pertencia para participar de operação contra o inimigo. Ao cruzar o caminho que leva à pequena corrutela de S. José, o chefe de seu grupo colocou-a de guarda no alto de um barranco a fim de vigiar a passagem de toda unidade guerrilheira. Depois de passar o primeiro grupo e enquanto esperava a passagem do segundo, viu surgir 16 soldados do Exército. O que vinha à frente, possivelmente o comandante, parou a tropa e com mais 2 praças, resolveu pesquisar o terreno. Dirigiu-se para o lado da jovem combatente. Esta decidiu enfrentar os adversários com o objetivo de avisar seus companheiros. Com uma arma de caça abateu mortalmente o sargento armado de FAL e granadas. Ao se retirar foi ferida nas pernas. Então entrincheirou-se como pôde e, usando um revólver 38, matou um soldado fortemente armado que se aproximava. Até que terminou sua munição, lutou com o grosso da tropa do governo.

Aprisionada, Helenira portou-se com dignidade própria dos melhores revolucionários. Os militares a maltrataram de modo brutal para que dissesse onde se encontravam os outros combatentes. Respondeu que podiam matá-la, pois nada diria. No dia seguinte, depois de sofrer as mais bárbaras torturas, foi friamente assassinada por seus algozes.

Helenira, antes de vir para as matas do Araguaia era destacada líder estudantil. Como universitária de Filosofia em São Paulo teve ativa participação nas grandes manifestações de massas de 1968. Mais recentemente, pertenceu à diretoria da União Nacional de Estudantes, atuando em diferentes Estados. Por fim, ingressou no movimento guerrilheiro para combater, de armas nas mãos, o governo despótico dos generais. Desfrutava de muita popularidade entre os estudantes de São Paulo, Bahia e Ceará.

A vida de Helenira é um exemplo de valentia, desprendimento e dedicação à causa do povo. É motivo de inspiração para toda juventude, para todos os democratas e patriotas. A História do Brasil assinala poucas atitudes tão heróicas por parte de uma mulher como a desta corajosa guerrilheira. Três gestos marcam sua trajetória de lutadora da liberdade e da emancipação nacional. O primeiro foi sua incorporação voluntária às FF GG do Araguaia, fato que, por si só, revelou imenso destemor. O segundo consistiu na denodada decisão de enfrentar sozinha uma força numerosa para garantir a segurança de seus irmãos de ideal, liquidando, apesar da enorme inferioridade de armas, dois inimigos. O terceiro se expressou na posição serena de preferir a tortura e a morte a trair seus companheiros.

Não foi em vão o sacrifício de Helenira. Sua atitude despertará um número sempre maior de jovens na luta contra a ditadura, pela democracia e pela libertação do Brasil do jugo imperialista. Impulsionará o ânimo combativo dos que já se opõem à tirania e ao domínio da Nação pelos monopólios estrangeiros. Ajudará a revolução a avançar. O lugar deixado por Helenira nas fileiras da guerrilha, no correr do tempo, será ocupado por milhares e milhares de novos lutadores. Uma causa que faz surgir pessoas com as elevadas qualidades morais desta destemida revolucionária só pode, mais dia menos dia, ser vitoriosa.

As FF GG do Araguaia orgulham-se de terem tido como um dos seus membros uma combatente como Helenira. Por isso, o Destacamento a que estava incorporada terá, de agora em diante, seu honrado e glorioso nome.

Em algum lugar das selvas da Amazônia, 20 de outubro de 1972
O Comando das Forças Guerrilheiras do Araguaia.

FORÇAS GUERRILHEIRAS DO ARAGUAIA COMUNICADO Nº 2

Depois de 5 meses de investidas inúteis para liquidar o movimento guerrilheiro que se desenvolve no Sul do Pará, as Forças Armadas da ditadura organizaram aparatosa campanha visando a cercar e a aniquilar os combatentes do Araguaia. A operação militar, que se iniciou a 14 de setembro e durou mais de 20 dias, mobilizou cerca de 8 mil homens de unidades pertencentes ao Comando Militar da Amazônia e ao Comando Militar do Planalto. Participaram também da ação pára-quadristas da Guanabara, contingentes de Fuzileiros Navais, muitos aviões e helicópteros da FAB, bem como tropas das polícias militares do Pará e de Goiás.

A campanha montada pela ditadura redundou em fracasso. O inimigo ocupou, com grandes forças, cidades, vilas e rodovias; patrulhou, usando numerosos soldados quase todos os caminhos e trilhas; e chegou, mesmo, a penetrar na mata. Mas viu-se impotente diante da tática de guerrilhas usada pelos revolucionários armados. Suas tropas vagaram a esmo pela selva, estradas e trilhas, tendo sofrido 3 baixas fatais ocasionadas pela ação das FF GG. Além de enfrentarem difíceis problemas de logística, tiveram vários mortos e feridos em acidentes e elevado número de soldados atingidos pelas febres. Depois de cometerem violências contra os lavradores e habitantes de cidades e corrutelas, tendo assassinado alguns deles, retiraram-se deixando contingentes militares em diferentes áreas.

Assim, as FF GG do Araguaia saíram-se bem em mais uma grande prova. Embora não tivessem se empenhado em ações de envergadura, alcançaram importantes êxitos, resguardando seus principais efetivos, adquirindo mais experiência militar e aumentando sua influência junto à população, que não se deixa enganar pelas manobras demagógicas da ACISO. Atualmente, intensificam a propaganda revolucionária e fustigam o inimigo em diversos lugares.

As Forças Armadas do governo, em especial o Exército, dedicam-se, agora, à abertura de estradas em toda a região, objetivando sua mais fácil locomoção. Estão preparando nova e mais espetacular campanha contra os guerrilheiros. Eles saberão enfrentá-los de acordo com as circunstâncias para frustrar os infames desígnios dos generais da ditadura.

De algum lugar das selvas da Amazônia, 20 de outubro de 1972

O Comando das Forças Guerrilheiras do Araguaia

22/11 – Joaq, acompanhado de Jo e Ivo, foi ao encontro dos dois co do DB a fim de regressar a esse D. No caminho tinha que atender a referência do Ju, mas houve confusão e foi a outro lugar. Não sabemos, assim, se o bula chegou ou não. Iremos à referência outro dia. Tomara que o nosso esculápio chegue. Talvez hoje apareçam Zezinho e Ari com novidades do DA. Faça votos para que tragam carne. Ivo voltou a uma nova recaída de malária.

23/11 – Zezinho e Ari voltaram às 16 horas de ontem. Fizeram uma viagem rápida, trazendo quase duas latas de milho, um guariba moqueado e razoável quantidade de bacaba. Na ida apanharam alguns jabutis e mataram dois mutuns. Estiveram com ZC que deu informações sobre atividades do DA. Como o inimigo tinha se retirado, seus co dedicaram-se ao trabalho de massas. Visitaram 30 novos moradores, tendo excelente recepção. A massa encheu-lhes de comida e deu-lhes presentes. Área ainda não trabalhada foi alvo de nossa propaganda, visitando-se 9 famílias. É bastante promissor o trabalho de massas na área do DA. ZC informou que o inimigo a partir de 17 e 18 começou a entrar. Dois

caminhões de soldados foram para a fazenda do Mano. Outros caminhões, com tropas do Exército, estiveram no Chep, vigiando a construção dos melhoramentos na estrada S. Geraldo-Marabá. Com o aparecimento do inimigo, o DA vai se dedicar às ações militares. O estado do pessoal do D é bom. Paulo continua a dar trabalho, o que obrigou a uma intervenção enérgica de ZC contra ele. Quanto ao abastecimento, o D está sem problemas.

26/11 – A malária atacou seriamente Ivo e Ari, mas já estão sem febre, embora não tenham se recuperado. Zezinho foi ontem ao ponto do Ju. Não o encontrou. Aumentou, assim minha preocupação sobre o destino do bula e do G que o acompanha. Caso ele não chegue na próxima referência, terei que mandar alguém colher informações na área do DC. Nosso mensageiro, ao regressar, trazia um jabuti, um jacu e bacaba. Deste modo, a comida tornou-se mais apetitosa.

A Rádio Tirana, há quase um mês, não dá notícias vindas do Brasil. Não recebeu a “Classe” de novembro. Em conseqüência, ficamos mal informados. Espero ansioso a opinião do órgão central do P sobre a última campanha militar da ditadura contra os guerrilheiros do Araguaia.

Como resultado de um tratamento de choque com antibióticos, melhorei da desinteria. Esta, porém, me ameaça de vez em quando. Perdi alguns quilos com a doença. No entanto, isso é bastante bom para combater a alta da minha pressão arterial. Embora a pressão não esteja normal, ela mantém-se controlada. Neste sentido, no período “pacífico”, nunca estive tão bem.

29/11 – Durante os dias 27 e 29 choveu intensamente. Começou o inverno. Cai água p’ra valer. Agora torna-se mais difícil ao inimigo entrar na mata e as estradas por ele construídas devem provocar atolamento de seus jipes e caminhões.

Ontem, Pe, Jo e Zezinho saíram para buscar milho em um depósito do DA. Por aqui a carne anda bastante escassa. Ari foi caçar. Talvez consiga abater algum bico.

No dia 27 comemorou-se o 37º aniversário da insurreição nacional-libertadora de 1935. Esta é uma data que deve ser sempre exaltada por todos os revolucionários. Nosso partido e todos os patriotas da luta armada tem nos bravos combatentes de 35 um grande exemplo. É necessário cultivar permanentemente as tradições revolucionárias do povo brasileiro. Os choques sangrentos de Natal, Recife e Rio de Janeiro, ocorridos há quase 4 décadas, situam-se entre as nossas melhores tradições de luta. Os guerrilheiros do Araguaia são os continuadores, em nível mais elevado, dos valentes rebelados da Aliança Nacional Libertadora. Somente os revisionistas, com Prestes à frente, renegaram o passado glorioso de 1935. São inimigos da revolução. Rastejam como vermes atrás das classes dominantes, mendigando migalhas e alimentando esperanças em pseudo-abertura democrática. Enquanto isso, a reação jamais perdoou os levantes promovidos pela ANL. Religiosamente, todos os anos, aproveita o 27 de novembro para fazer propaganda antidemocrática e realizar provocações anticomunistas. Médiçi não fugiu a essa norma. Foi derramar lágrimas de crocodilo na Praia Vermelha, Na luta contra a revolução, a grande burguesia e os latifundiários têm-se mostrado conseqüentes. De nada, porém, valerá os rios de lama que têm lançado contra os heróicos combatentes de 35. Um dia, quando a opressão tiver um fim, nosso povo erguer-lhes-á um monumento e reverenciará sua luta.

30/11 – Ari trouxe um carumbé e uma jabota. Apanhou também alguns litros de bacaba. Tudo veio na hora certa, isto é, quando mais precisávamos. Ivo saiu para atender a referência do Ju. Hoje devem chegar Joaq e Zeca. Um helicóptero, desde ontem, sobrevoa a parte norte do nosso acampamento. No mais, nada de novo.

4/12 – Peguei bruta malária, que me deixou arriado durante 3 dias. Já estou bom, embora a desinteria tenha voltado com particular violência.

Ainda desta vez o Ju não veio à referência. Até receber novas notícias, continuarei a enviar gente ao ponto estabelecido. Talvez dê sorte.

Para nos contrariar um pouco mais, o Joaq e o Zeca não apareceram no lugar combinado. Passaram-se já cinco dias. Não sei explicar a causa do atraso. É possível que o Joaq tenha não encontrado o Osv e Zeca no acampamento.

No dia 1º Ari saiu para caçar. Depois de andar por mais 3 horas deparou-se com o inimigo que fizera alto para almoçar. Diante disso, caiu fora com toda a rapidez. Parece que estava perto da estrada por onde os milicos transitavam. Estes devem ter entrado um pouco na mata para comer. De regresso, nosso caçador trouxe 6 jabutis, sendo 3 jabotas. O peso era enorme.

No dia 2, ao escurecer, chegaram o Pe e o Zezinho. Carregavam 3 latas de milho e de contrapeso traziam 4 jabutis, um veado e um mutum moqueado. O rancho melhorou sensivelmente.

No mesmo dia 2, às 6:30 da manhã, passaram bem próximo de nosso acampamento dois helicópteros. Estavam em viagem e não em pesquisa.

5/12 – Até que enfim, Joaq e Zeca apareceram. Nada de anormal aconteceu. Apenas erraram o caminho e perderam 3 dias. Não traziam nada, a não ser uma pantagruélica fome.

Hoje, cedo, Ari partiu para ver se pega o Ju na referência. Fico torcendo para que o bula compareça no ponto.

8/12 – Ju não apareceu. Ao regressar, Ari carregava em seu saco dois jabutis e bastante bacaba. No dia seguinte, ainda o Ari trouxe uma jabota, um carumbé e um porção de pequeno porte. Vai sendo assim resolvido o problema da alimentação. Hoje cedo, partiram ao encontro dos mensageiros do DA, Joaq e Ari. Acompanhava-os o Zezinho, que vai realizar importante missão. Desejo-lhe o mesmo êxito que conseguiu em suas viagens anteriores.

Joaq informou sobre a atividade do DB no mês de novembro. Seus co visitaram 14 famílias novas. Este trabalho de massa já foi mais proveitoso do que os das vezes anteriores. Foram recebidos muito bem e com grande simpatia. Talvez consigam alguns amigos mais firmes.

Ivo continua com febre. Esta não quer ceder. Com certeza está com uma terçã maligna.

A Rádio Tirana, em sua transmissão de ontem, deu uma notícia que deixou a todos muito tristes. Foi preso em Salvador o camarada José Duarte. Trata-se de um autêntico revolucionário, um ferroviário valente e o mais antigo militante do P. Deve estar sendo barbaramente torturado em São Paulo, para onde foi enviado. Mas nada dirá. É homem que não se verga. Preso e espancado inúmeras vezes no passado, sempre se portou com honra e altivez, jamais capitulando. É fervoroso partidário da luta armada e deve estar exultando com a resistência no Sul do Pará. Os guerrilheiros do Araguaia prestam sua homenagem ao velho lutador proletário.

12/12 – Pe atendeu à referência do Ju. Este não apareceu. Ao voltar, nosso mateiro trouxe dois jabutis e algumas castanhas.

Faz hoje 8 meses que se iniciou a luta armada. Aqui, o tempo corre rápido. O inimigo, apesar de sua tremenda superioridade em homens e armamento não nos conseguiu derrotar. Não tenho novos dados para fazer o balanço da atividade das FF GG. Mas é evidente que elas alcançaram importantes êxitos. Visitaram quase 200 famílias e

conseguiram mais de uma dezena de amigos firmes, ampliaram suas influências entre as massas, ocasionaram baixas ao Exército e sua existência vem obtendo grande repercussão política nacional e internacional. Seus co vêm-se forjando, adaptando-se melhor à selva e transformando-se em soldados do povo, em militares de novo tipo. A sobrevivência tem sido difícil, mas os guerrilheiros resolvem de outra forma, os problemas de abastecimento, apoiados nas massas e na mata. Mas pagamos por tudo isso um elevado preço. Especialmente o DC foi duramente golpeado. Nossa inexperiência militar e pouca preparação para a luta têm nos causado grandes dificuldades e pesados sacrifícios. Mas muitas perdas poderiam Ter sido evitadas. Por que o DA teve êxitos, manteve-se incólume e o DC teve tantas baixas e talvez tenha se dispersado? As informações na área do DC são precárias para se responder corretamente a essa indagação. Mas um fato é evidente, o DA estava melhor preparado e tinha melhor comando que o DC. A CM pôde ajudar o DA, enquanto o DC ficou isolado. Este D cometeu erros primários e grosseiros que nos acarretaram sérios prejuízos.

Quanto ao inimigo, o Exército continua enfrentando as mesmas dificuldades do início da luta. Depois de sua desesperada e aparatosa campanha de setembro, mantém-se em compasso de espera. Construiu estradas em toda a região, mas estas, até agora, têm revelado pouca utilidade. Limita-se às patrulhas e a pressionar as massas para ver se nos localiza.

Podemos enfrentar essa situação por muito tempo. Não devemos nos precipitar e evitar qualquer aventura. No momento, nosso objetivo é preservar nossas forças. Precisamos aproveitar as “folgas” que o inimigo nos dá para nos preparar melhor, organizar o abastecimento e, especialmente, ligarmo-nos às massas. Ao mesmo tempo, é indispensável desenvolver esforços para crescer com novos elementos recrutados na região e com outros vindos das cidades. E isso é possível. Igualmente, precisamos melhorar o armamento, tirando-o do inimigo e adquirindo armas por outros meios. O importante é superar os prejuízos que tivermos para, em curto prazo, termos uma força militar mais numerosa, mais adestrada e mais armada da que iniciou a resistência armada. Se tivermos uma situação política favorável e contarmos com uma orientação justa e uma linha militar correta, poderemos cumprir com êxito nossa tarefa. Nossa experiência hoje é bem maior. Não devemos, de nenhum modo, subestimar este precioso capital, amealhado com suor, sangue e sacrifícios inauditos.

13/12 – Regressaram Joaq, Jo e Ari, depois de conversar com os companheiros do DA. ZC e Nunes prestaram novas informações. Há poucas novidades. 20 soldados ocuparam Bom Jesus. Todos os DA estão bem. Um “estrepo” (talvez de tucum) entrou no pé de ZC que foi obrigado a ficar dias de rede. Está melhor, mas a ferida ainda está infeccionada. Nossos mensageiros trouxeram duas latas de milho, meia lata de farinha, um litro de querosene, dois jabutis grandes e regular quantidade de castanhas. Trouxeram também cópia de uma carta do Ju aos seus amigos das cidades da periferia da região. Esta carta o bula entregara ao Piauí antes de partir, em setembro último.

É o seguinte o seu teor:

“Aos amigos de Porto Franco, Tocantinópolis e Estreito

Após alguns anos de ausência, volto a dirigir-me à população dessa região, onde prestei serviços, como médico, durante mais de um ano, em 1967 e 1968. O objetivo desta carta é falar-lhe das luta que eclodiu no Sul do Pará, às margens do rio Araguaia, em abril último, da qual participo juntamente com muitos outros moradores dos municípios de S. João do Araguaia e Conceição do Araguaia.

Na atividade profissional tive oportunidade de tomar conhecimento íntimo com a difícil situação do povo dos sertões do Maranhão e do Norte de Goiás. Qualquer morador é testemunha de que muitas pessoas morriam à mingua, por falta de recursos para tratamento. Mulheres faleciam por ocasião dos partos, crianças eram vitimadas por verminoses, trabalhadores das matas sofriam violentos acessos de malária, e os que necessitavam de uma operação urgente não tinham tempo de alcançar o hospital mais próximo. Não havia um só médico nas localidades de Porto Franco, São João do Paraíso, Estreito, Araguatins, Itaguatins, Nazaré e Ananás. Tocantinópolis não dispunha de hospital.

Com a compreensiva ajuda dos habitantes, iniciei o trabalho em condições difíceis, chegando, com o tempo, a instalar um pequeno hospital em Porto Franco. Doentes e acidentados procuravam socorro vindos de longínquos recantos, muitas vezes sem dispor de transporte adequado. Atendi também a numerosos chamados, viajando pelas precárias estradas e caminhos do sertão, ora em veículos, ora a pé. Sempre contei com a boa vontade e colaboração dos moradores e tornei-me amigo de todos. Muitas pessoas foram atendidas sem que dispusessem um só tostão para as despesas.

Ficou então comprovado que bastava um pouco de interesse pela saúde do povo e pelo progresso das regiões atrasadas, para que o governo resolvesse, com a aplicação de alguns recursos, muitos problemas daquela população e minorasse seus males. No entanto, os generais da ditadura e as autoridades por eles nomeadas nunca se preocuparam em ajudar a pobreza. Só se lembravam do povo por ocasião das demagógicas campanhas eleitorais ou na cobrança de impostos.

Era insuficiente um só médico para atender ao número de clientes que aumentava a cada dia. Havia necessidade de um hospital bem aparelhado, com instalações melhores, energia elétrica permanente, aparelho de raio X, oxigênio, etc. Muitas doenças poderiam ser evitadas se o governo fornecesse verbas e realizasse campanhas educativas. Numerosas enfermidades eram causadas pela má alimentação, principalmente das crianças. Havia casos em que os pacientes atendidos não podiam adquirir os remédios indicados, por causa do seu elevado preço. Tal situação continua até hoje, inalterada no essencial.

Na convivência com a população de Porto Franco, Tocantinópolis e Estreito, aprendi a conhecer seus problemas. São cidades pobres cujas prefeituras não contam com recursos suficientes para realizar obras que melhorem a vida do povo, como a pavimentação de ruas, instalação de redes de esgoto e água encanada. A energia elétrica disponível é precária e incerta. São insuficientes as escolas públicas, cujos professores, além de contarem com vencimentos muito baixos, só os recebem com vários meses de atraso. Lembro bem que os habitantes de Porto Franco mantinham seu ginásio com grande esforço, às próprias custas, sem a ajuda do governo. O grosso dos impostos recolhidos nos municípios ficam retidos pela administração federal e estadual, o que limita as verbas disponíveis para a realização de benfeitorias necessárias. Há grande falta de empregos, sendo em geral os salários muito baixos. Isso leva muitos jovens a deixarem suas famílias para vir ganhar a vida nas cidades maiores e numerosas moças pobres caem na prostituição. Mesmo os poucos que conseguem concluir os cursos ginásial e colegial, se quiserem prosseguir seus estudos, precisam abandonar a região, porque lá não existem faculdades. Assim, a juventude local não tem condições de desenvolver suas capacidades de trabalho e não pode colaborar para o progresso de sua terra. Vê-se limitada a uma vida sem futuro e sem quaisquer perspectivas.

A população mais pobre, além de viver na miséria, atravessa uma situação de insegurança sobre o dia de amanhã sobre a alimentação e educação de seus filhos, pois as possibilidades de trabalho são poucas e incertas, com ganhos reduzidos.

Inconformado com tal situação dramática, que se agrava com o tempo, comecei a denunciar o descaso dos governantes em face das dificuldades do povo, a reivindicar recursos para a assistência médica, o que me tornou alvo das perseguições das autoridades. Vivia-se, então como agora, sob uma ditadura feroz, sob o domínio dos militares, que não toleram vozes discordantes de sua política, não admitem a verdadeira oposição popular, oprimem o povo, prendem, torturam ou matam os patriotas, aqueles que lutam pelo progresso e se pronunciam em defesa do povo pobre.

Forçado a deixar a região do Tocantins, não pude, então, explicar aos amigos as causas do meu afastamento, nem atender aos reclamos da população, inclusive de sua Excelência Reverendíssima, o senhor Bispo de Tocantinópolis e outras pessoas de destaque, capazes de compreender o prejuízo que acarretaria a falta de médico no lugar. As demonstrações de apoio e propostas de ajuda que recebi então, são claro indício da necessidade de maior assistência médica para o interior do nosso País. Ainda hoje sou grato aos moradores de Porto Franco e cidades vizinhas por aquelas atitudes.

Desde aquela época, em fins de 1968, estive radicado nas proximidades da localidade de São Geraldo, em frente a Xambioá, onde me dediquei à assistência médica e ao comércio de medicamentos. Passei, assim, a residir em zona extremamente abandonada pelas autoridades federais e estaduais, carente das mínimas condições para que seu povo tenha uma vida sadia e feliz. Seus moradores enfrentam enorme dificuldade na derrubada das matas, no serviço de roça, no trabalho nos castanhais e fazendas, no garimpo e no marisco. Não conseguem, entretanto, melhorar de vida, alimentado-se mal, são atingidos pelas doenças e não podem consultar um médico ou comprar os remédios necessários. Muitas crianças crescem sem escolas, não há estradas e os poucos caminhos existentes foram abertos pelos próprios moradores. Numerosos posseiros têm sido expulsos de suas terras por grileiros ambiciosos, com a ajuda de bate-paus e soldados, que maltratam e humilham os lavradores.

Em abril último, agravaram-se os sofrimentos daquela população, com a feroz investida de numerosas tropas do Exército, Marinha, Aeronáutica e Polícia Militar do Pará, contra muitos moradores ali radicados. Apoiados por aviões, helicópteros e lanchas equipadas com armas modernas, essas tropas prenderam e espancaram muitos lavradores, assassinaram outros, queimaram suas casas e paióis, saquearam suas propriedades e continuam, ainda hoje, sua perseguição, perturbando a vida da população e procurando semear o terror naquela área.

Entretanto, muitos perseguidos decidiram não se entregar, refugiaram-se nas vastas matas ali existentes e armaram-se com o que puderam para enfrentar a violência das forças armadas da ditadura. Também perseguido, juntei-me a eles, organizamo-nos, e hoje constituímos uma força armada disposta a lutar, não só pela própria sobrevivência, mas pelos interesses do povo, pelo progresso do interior, pela derrubada da ditadura militar e instauração de um governo democrático, que conduza nosso país pelo caminho da prosperidade, da liberdade e do bem-estar.

Nossas forças armadas, as Forças Guerrilheiras do Araguaia, estão lutando há cinco meses no sul do Pará, norte de Goiás e oeste do Maranhão e já tiveram vários choques com os soldados da ditadura, tendo-lhes causado perdas em mortos e feridos.

Elaboramos também um programa político, baseado nas necessidades mais prementes da população, divulgado em manifesto intitulado “Em Defesa do Povo Pobre e pelo Progresso do Interior”. Em torno desse programa foi organizado o “Movimento de Libertação do Povo” (MLP), do qual participarão todas as pessoas, tanto as mais pobres – peões, castanheiros, mariscadores, garimpeiros, posseiros – como estudantes, funcionários, comerciantes ou qualquer elemento que deseje lutar pela liberdade, a emancipação nacional e progresso das regiões atrasadas. Dirijo-me aos amigos e a toda a população de Porto Franco, Tocantinópolis e Estreito, bem como aos conhecidos dos municípios de Carolina, Imperatriz, Araguatins, Itaguatins, Xambioá e Araguaina, conclamando-os a participarem desta luta.

As Forças Guerrilheiras do Araguaia estão prontas a receber todo injustiçado e perseguido, todo revoltado e inconformado com a atual situação, desde que queira empunhar armas para libertar o Brasil. Aceitam, também, qualquer colaboração, seja como ajuda material, apoio político ou divulgação do programa do MLP.

Com as mais variadas formas de participação nessa luta patriótica crescerá o Movimento de Libertação do Povo, aumentará sua influência e engrossará suas fileiras. Estou certo de que a grande maioria da população da região juntar-se-á à luta de todo o povo brasileiro por um governo realmente popular e democrático, por um país livre e próspero.

Em algum lugar das matas do Araguaia, 12 de setembro de 1972

JOÃO CARLOS HAAS SOBRINHO

Peço a quem tomar conhecimento desta carta, divulga-la entre seus amigos e conhecidos.”

Bem cedo, no próprio acampamento, Ari matou um jacu. Depois, junto com o Ivo, que já ficou bom, foi buscar castanhas não muito longe de onde estamos acampados. Discutimos a necessidade de colocar em funcionamento a oficina volante. Há mais de 9 armas para consertar. Nossa deficiência em armamento é enorme.

20/12 – Ivo e Ari, no dia 15, atenderam à referência do Ju. Infelizmente, este não veio. Ao regressar, nossos co trouxeram o resto das ferramentas da oficina que estavam no depósito do último acampamento. Trouxeram também um tatu e 3 filhotes, 3 jabotas e quase duas latas de castanhas. No mesmo dia 19 os dois mesmos combatentes foram buscar castanhas. O resultado da colheita foi de mais de 3 latas de amêndoa e um guariba. Na panela, o mono estava excelente. Hoje, saíram 5 co, Pe, Jo e Ivo vão fazer uma incursão na área do DC para se informarem do que ocorreu com Ju e seu grupo, bem como sobre a situação desse D. Joaq e Zeca foram ao encontro dos mensageiros do DB. O primeiro ficará um mês com essa unidade guerrilheira, e o último regressará dentro de 2 ou 3 dias com novas informações. No caminho, os nossos co atenderão a referência do Ju.

Estranha doença vem atacando o nosso pessoal. Trata-se de um edema que incha os pés e as pernas. Não incomoda. Não sei a que atribuir o seu aparecimento. Talvez seja resultado de alguma carência alimentar. Qualquer diurético resolve o problema. Mas a inchação volta de vez em quando.

Reuniu-se a CM para fazer o balanço de 8 meses de luta e tomar outras providências. A análise feita foi com base nos dados que temos em mãos. Consideramos o DC como dispersado e o Ju e seu grupo como perdidos. Caso surjam novas informações que dêem conta da existência de remanescentes daquele D e do Ju e seu grupo, mudaremos algumas de nossas opiniões e modificaremos certas resoluções que tomamos. Apresentei o seguinte balanço para abrir a discussão:

BALANÇO DE 8 MESES DA LUTA GUERRILHEIRA NO ARAGUAIA

1. Significado político da ação guerrilheira: o movimento guerrilheiro do Araguaia já existe há mais de 8 meses. Isto constitui uma vitória política e militar das forças populares. Este êxito deve ser altamente valorizado pela influência que exerce no curso dos acontecimentos políticos do país. As FF GG enfrentaram duas grandes ofensivas das FF AA da reação e a ação continuada do inimigo sem serem derrotadas. Seus êxitos políticos consistem:

apesar da censura severa do governo, a guerrilha tornou-se conhecida em todo o Brasil e internacionalmente;

As FF GG conseguiram influir sobre a população de toda a região e da periferia, e despertam as massas para a luta. Cresce o número de amigos e simpatizantes da guerrilha, que ajudam os revolucionários armados das mais variadas maneiras;

A ditadura, até agora, tem se mostrado impotente para esmagar a resistência armada surgida no Sul do Pará;

A existência da guerrilha estimula a ação das forças revolucionárias nos mais diferentes pontos do país. Facilita a ampliação da frente única e aguça as contradições sociais e políticas da sociedade brasileira (maior isolamento da ditadura, protesto da Igreja Católica, carta de Rui Mesquita sobre a censura à imprensa, lutas dos trabalhadores nas cidades e no campo, etc).

2. Os êxitos militares do movimento guerrilheiro. Esses êxitos consistem:

a sobrevivência das FF GG como força militar organizada. A guerrilha enfrenta tropas muito superiores em número e em armamento, mas tem preservado suas principais forças;

As FF GG adquiriram maior experiência militar. Forja-se uma peça armada de novo tipo;

As FF GG adquiriram maior conhecimento do terreno e de vida na mata. Os co circulam com desenvoltura na selva e transformaram a floresta em seu lar;

As FF GG vão elaborando sua tática militar para cada circunstância e para o conjunto da atividade. Realizam uma justa coordenação entre o apoio na mata e o apoio nas massas. A selva tem sido o principal ponto de apoio dos guerrilheiros para se defender do inimigo. Sem as massas a guerrilha não poderia sobreviver;

As FF GG vão resolvendo seus problemas de abastecimento apoiadas nas massas e na mata;

As FF GG ocasionaram baixas ao inimigo;

Vão se forjando valorosos combatentes, firmes e audazes. Surgem verdadeiros revolucionários, de que é exemplo a co Fátima;

3. As perdas das FF GG. Apesar dos êxitos alcançados, a guerrilha teve pesadas baixas. As FF GG pagaram caro a sua sobrevivência e seu aprendizado. Suas baixas e perdas consistem:

Em combatentes (mortos, presos e desaparecidos): no DC 20 co (todo o seu efetivo); no DB 7 co; no DA 1 co; e na CM 1 co. Estas perdas tornam-se mais graves se tivermos em conta de que elas não podem ser preenchidas de imediato.

Em armas: no DC 4 fuzis, 3 rifles 44, 6 espingardas, 1 pistola colt 45, 16 revólveres 38, 2 armas curtas. No DB 2 rifles 44, uma espingarda 16, 4 espingardas 20, uma espingarda 36, 7 revólveres 38. No DA 1 espingarda 16 e 2 revólveres 38. Na CM 1 revólver calibre 38. Ao todo as FF GG perderam 4 fuzis, 5 rifles 44, 10 espingardas 20, 2 espingardas 16, 1 espingarda 36, 1 pistola colt 45, 26 revólveres, num total de 49 armas. Existem também algumas armas avariadas. Somente o DA conseguiu, depois de iniciada a luta, 3 armas: 2 rifles 44 e 1 espingarda 20.

4. Situação dos Destacamentos

O DA obteve importantes êxitos. Permanece incólume. Seu poder de fogo melhorou um pouco. Se comando tem espírito de iniciativa e realizou bom trabalho de massas. Visitou mais de 100 famílias. Conseguiu muitos amigos e tem perspectivas de conquistar outros. Vem resolvendo seus problemas de abastecimento apoiado nas massas. Movimenta-se bem na mata. Realiza uma justa coordenação entre o apoio na mata e o apoio na massa. Tem boas perspectivas de crescer apoiado nas massas.

O DB também teve êxitos, mas teve baixas relativamente grandes: 7 co (6 fora de sua área). Levou a cabo razoável trabalho de massas. Visitou 40 famílias e conseguiu alguns amigos. Tem-se apoiado pouco nas massas para se abastecer. É lento em sua movimentação. Tem tendência a permanecer na mata. Seu poder de fogo (que já era pequeno) foi bastante enfraquecido. Seu comando, embora capaz, revela acentuado espírito defensivo.

O DC dispersou-se. Muitos morreram, outros foram presos e o restante parece que se deslocou para outra região.

5. Por que existe uma situação tão diversa para cada D? As causas destas disparidades d situação são as seguintes:

preparação militar desigual antes do desencadeamento da luta. No DC o treinamento militar foi pequeno e havia muita preocupação com a produção;

má preparação das linhas interiores (através da mata) para a ligação inter-grupos e com a CM. O DC não preparou tais linhas;

compreensão diversa da nossa linha militar, principalmente no papel que a selva deve desempenhar. O DC não compreendeu a função do D como unidade autônoma fundamental e atuou em grupos isolados e em áreas fixas. Não aplicou com acerto a tática de guerrilhas (andou em estradas, piques, trilhas, etc). Não teve a necessária vigilância ao visitar as massas;

compreensão diversa sobre o papel das massas. O DC revelou ilusões nos camponeses individualmente (basta ser elemento da massa para ser bom) e o DB revelou falta de confiança nas massas, preferindo ficar na mata a visitá-las para realizar propaganda revolucionária;

concepção de que as FF GG são uma organização do P e não uma força militar organizada. Nos DD tem sido difícil impor rigorosa disciplina militar;

diversidade na qualidade dos comandos. Os comandos dos DD têm importância fundamental. Um bom ou mau comando tem ocasionado êxitos ou fracassos. Parece que no DC o comando revelou-se incapaz;

falta de justa coordenação entre o apoio na mata e apoio nas massas. Tendência a ficar enfurnado na selva;

falta de espírito de iniciativa e de luta contra a rotina; falta de experiência militar e fraco armamento.

6. Como age o inimigo. A Tática do inimigo tem consistido:

o inimigo tem agido com pequenas forças e com grandes efetivos alternadamente;

o essencial da tática do Exército reside na concentração de soldados em cidades, corrutelas e bases (nas fazendas e em barracões) de onde saem as patrulhas que percorrem estradas, caminhos, piques e, eventualmente, penetram nas selvas;

o Exército tem dado grande atenção à abertura de estradas na região. Melhorou a estrada de que vai de Vanderlândia (na Belém-Brasília) até Xambioá. Construiu a estrada Araguaina-Araguanã, a rodovia S. Geraldo-Marabá, a estrada de rodagem Brejo Grande-Santa Cruz, e melhorou a estrada que sai de Marabá e leva até Oito Barrancas. O inimigo

pretende com isso se locomover mais fácil e rapidamente e realizar o cerco estratégico das FF GG;

as FF AA da ditadura realizaram duas grandes campanhas contra as FF GG. Uma em abril e outra em setembro-outubro. Ambas fracassaram porque seus planos foram elaborados sobre os mapas, fora da realidade da selva. Grandes massas de soldados não podem penetrar nas selvas por diversas razões. Elas acabam se concentrando na Transamazônica, nas cidades e vilarejos da periferia. O excesso de homens traz em si, ao inimigo, enormes dificuldades, como falta de transporte, precária logística e emprego de tropas sem experiência de luta antiguerrilha. Além do mais, os guerrilheiros só aparecem quando querem e julgam conveniente. O Exército combate a um inimigo invisível;

as FF AA do governo revelam pouca eficiência militar. Seus êxitos são frutos de nossos erros e não da sua capacidade militar;

por mais que o inimigo se empenhe em procurar novas formas para combater as FF GG, não tem outra alternativa senão insistir no trabalho de patrulha e nação da polícia entre as massas com o objetivo de localizar os guerrilheiros. Essa atividade é lenta e pouco produtiva. Procurar guerrilheiros na selva é o mesmo que procurar uma agulha num palheiro. E se a massa é amiga dos revolucionários armados, o inimigo estará sempre desinformado e não localizará as unidades guerrilheiras;

o inimigo realizará outras campanhas aparatosas, mobilizando milhares de soldados, mas não conseguirá grandes coisas e dessa forma não derrotará as FF GG;

as FF GG não devem subestimar o inimigo, mas não temer suas arremetidas. O justo emprego da tática de guerrilhas anulará tais arremetidas.

7. Como devemos atuar

o sentido fundamental de nossa atuação é o de preservar nossas forças. Não subestimar o adversário, lutando num terreno e em condições que lhes sejam favoráveis. A tática de guerrilhas por nós aprendida na prática deve ser rigorosamente obedecida. Precisamos valorizar, com o apoio da nossa experiência militar de 8 meses, que nos custou sangue, sacrifícios e trabalho árduo. Cumprir as normas elaboradas à base dessa experiência. Nas condições atuais, qualquer descuido pode nos ser fatal;

devemos nos consolidar e crescer, partindo das forças que compõem os DD A e B. A experiência do DA, por seu aspecto altamente positivo, deve ser generalizada. É de vital importância para as FF GG o seu crescimento. Esse crescimento pode se dar em duas direções: com elementos da região e com pessoas vindas das cidades. Esta última direção é a mais difícil: dificuldades criadas pelo inimigo à vinda de novos co; talvez não haja ainda gente suficientemente preparada para esta tarefa, etc. A experiência do DA mostra que as FF GG podem crescer com elementos locais;

devemos aumentar nosso armamento, conseguindo armas com a massa, a exemplo do DA, e arrebatando-as ao inimigo. No momento, concentrar no trabalho de reparação do armamento avariado;

devemos, em nossa atividade, concentrar na propaganda revolucionária e desenvolver o trabalho de massa. Organizar os melhores elementos do povo, obedecendo sempre às normas conspirativas;

realizar, quando houver condições, emboscadas. Realizar permanentemente fustigamentos. Atuar em diferentes áreas para desnortear e surpreender o inimigo. Se o inimigo ataca com grandes efetivos, diminuímos nossa atividade entre as massas e procuraremos golpeá-lo nas ocasiões oportunas. Se o inimigo nos dá folga, devemos desenvolver o trabalho de massas e nos consolidar;

tomar medidas para organizar as reservas de alimentação e equipamento;
organizar a entrada de gente e material;
simplificar a CM. Mandar, temporariamente, um membro da CM para o DB. Enviar para esse D 2 co;
continuar nas tentativas de se informar sobre o que aconteceu no DC e com o Ju e seu grupo;
até meados do ano recrutar 20 novos co, sendo 10 na região e 10 nas cidades.

22/12- Choveu ontem o dia todo. Ari, o único que está comigo no acampamento, abateu um “prego” que hoje estamos comendo. No leite de castanha, esse macaco é uma ótima caça. A desinteria voltou a me atormentar. Penso que é por causa da castanha do Pará que age, em muitos casos, como purgante. É claro que comi em grande quantidade.

Há vários dias o rádio vem falando no fracasso das negociações de paz entre os EUA e o Vietnã do Norte e dos pesados bombardeios aéreos ianques a este último país. O desfecho daquelas negociações não poderia ser outro. Os imperialistas estadunidenses querem impor uma “pax” americana e conseguir através das negociações o que não conseguiram pelas armas. Como não alcançaram seus objetivos, recorreram à violência, aos criminosos bombardeios de populações civis. Querem colocar os norte-vietnamitas de joelhos. Mas o heróico povo do Vietnã não se dobra. Resiste e acabará vencendo. Em 4 dias derrubou 15 gigantescos B-52. Nixon paga caro por sua aventura. Para nós, a atitude dos vietnamitas é um estímulo e um exemplo. Persistir na luta e combater valentemente.

24/12 – Sem ser esperado, Joaq, acompanhado do Zeca, apareceu no acampamento ao escurecer do dia 22. Trazia notícias tristes. Informou que o Zeca foi a um depósito do DB buscar umas peças de roupa em companhia de 2 co desse DC, que vieram apanhá-lo. Aí encontraram a Val, membro do grupo do Ju. Com ela também se achava o Raul, embora no momento não estivesse no local, pois saíra para caçar. Essa companheira do DB deu notícias do que acontecera com o Ju e seu grupo: dois dias de partirem começou a ofensiva do inimigo, desfechada em setembro. Logo que chegaram ao Franco foram surpreendidos pelos soldados quando tentavam entrar em contato com uma família que os ajudara na viagem anterior. Nesse choque, Flávio matou um soldado. Durante todo o percurso foram tomando conhecimento da presença de tropas do Exército. Qualquer tentativa de se aproximar das casas de elementos das massas esbarrava com a vigilância dos milicos que estavam emboscados nas estradas, piques e capoeiras. No dia 30 de setembro, data marcada para o encontro com os co do DC, Ju decidiu procurar um camponês para se informar melhor. Ele e seu grupo não puderam entrar na casa, que estava tomada pelos soldados. Resolveram se retirar. Quando iam apanhar as mochilas, que tinham deixado em lugar um pouco afastado da moradia do lavrador, irrompeu violento tiroteio, verificando-se sucessivas rajadas de FAL e metralhadora. Ju, que conversava com a Val, caiu a seus pés, e depois de pronunciar umas poucas palavras, morreu. Val olhou em torno de si e notou que Flávio estava estendido, sem vida, no chão. Neste momento viu Raul, que fora baleado levemente no braço, querendo se afastar, tomando o caminho de um pique próximo. Correu para impedir que o fizesse, pois o pique estava tomado de soldados. Ao chegar junto de Raul, observou que Gil, de cócoras, procurava reanimar o Ju. Depois de conversar com Raul, procurou o Gil, porém não o viu mais. Talvez tivesse sido atingido pela metralha. É quase certo. Diante disso, os dois sobreviventes se retiraram. Sua viagem de volta foi uma verdadeira odisséia. Tinham uma bússola, mas não conheciam a rota de retorno. Andaram quase 2 meses. Estiveram em águas do Tocantins. Passaram na aldeia dos índios. Chegaram às cabeceiras do Gameleira. E, por fim, atingiram o ponto de encontro combinado com o

Osv em caso de dispersão. Infelizmente, o C do DB não pôde ir a esse ponto. Desde 1 de dezembro estavam no lugar em que a Val foi encontrada. Durante o regresso se alimentaram quase que exclusivamente de carne e tiveram de enfrentar numerosas dificuldades. Raul, que no passado sofrera de tuberculose e fora operado do pulmão, parece que teve uma recaída da doença. Aguardo novas informações de tudo o que ocorreu para tirar as experiências, pois o acontecido é irremediável.

Com a morte do Ju, as FF GG recebem pesado golpe. Perderam seu medido, um membro da CM com grande capacidade política e militar. João Carlos Haas Sobrinho, este o verdadeiro nome do co desaparecido, era um quadro de grandes qualidades. Desprendido, modesto, corajoso, inteligente e capaz, tinha ainda muito a dar à revolução. Nasceu no Rio Grande do Sul, tirou o curso secundário em S. Leopoldo e formou-se em medicina em Porto Alegre. Muito bom médico e ótimo cirurgião. Desprezou todas as vantagens que poderia desfrutar de sua profissão para se dedicar de corpo e alma à causa da emancipação nacional e do socialismo. Foi presidente do DA da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e um dos diretores do DCE da UFRGS. Tinha particular capacidade de lidar com as massas. Por onde passou deixou amigos e admiradores. Em Porto Franco e Tocantinópolis, onde desempenhou sua atividade como médico, deixou largo círculo de amizades, sendo muito benquisto pela população dos dois municípios. Com seu desaparecimento, abriu-se um claro na guerrilha, que somente com grande esforço será preenchido. Ju ingressou no P em 1963 e dedicou toda a sua vida à vanguarda da classe operária. No futuro, o povo brasileiro reverenciará sua memória como um dos seus melhores filhos.

Flávio, antigo estudante de Arquitetura, era um dos mais qualificados combatentes do DB. Valente, atingindo as raias da temeridade. Tinha muito valor militar e poderia ser um excelente chefe de uma grande unidade guerrilheira. Viera do Estado da Guanabara, onde nascera. Nesse Estado, ajudou a formar o P entre os estudantes. Também desenvolveu atividades revolucionárias em Minas Gerais. Em 1968, teve participação ativa nos movimentos de massa que se verificaram na antiga capital da República. O DB perdeu um grande lutador.

Gil viera de São Paulo e há muitos anos estava na tarefa de preparação da luta armada. Sua atividade revolucionária vem do período da reorganização do P, em 1962. Quando “A Classe Operária” era um jornal legal, antes do golpe militar, foi o melhor comandista da “Classe” na cidade de São Paulo. Sozinho ou em grupo, vendia a cada domingo, mais de 600 exemplares desse periódico. Homem destemido, nada temia, sempre pronto para realizar as tarefas mais difíceis. Sua morte deixa um grande vazio no DB.

Joaq também informou que os mensageiros do DB trouxeram boa nova: o Glênio reapareceu. Depois de perambular pela mata durante semanas, encontrou a estrada e se homiziou perto da casa de um elemento da massa. Um grupo do B, que fazia propaganda revolucionária, parece que o apanhou. No entanto, o Glênio cometeu muitos erros. Uma vez saído da selva, só andou por estradas. Nada lhe aconteceu porque o inimigo não estava na área. Além disso, falou demais, deixando entrever qual a área em que o DB tem seu refúgio e é possível que tenha, inconscientemente, comprometido um camponês.

Com o reaparecimento da Val, do Raul e do Glênio, o número de baixas no DB foi reduzido de 7 para 4, o que, de certo modo, não deixa de ser uma satisfação, diante das perdas das FF GG.

A Val disse também que a massa da área do DC informou que esse D não teve perdas depois das baixas de junho e julho. Ainda alimento esperanças de pegar os remanescentes do DC.

Os mensageiros do DB deram notícias das atividades de massa do seu D. Essa unidade guerrilheira, nos últimos 10 dias, deu uma virada neste terreno. Somente um grupo, chefiado por Osv, visitou 21 famílias, sendo recebido com grande simpatia. O C do DB falou numa reunião em que participaram 30 camponeses, além de muitas mulheres e crianças. O Manifesto do MLP (ULDP) foi lido e ouvido com muita atenção. Verdadeiro comício. O grupo se abasteceu com a massa. Comprou farinha, rapadura e outras coisas de grande necessidade.

22/1 – Há quase um mês não anoto nada do que vem acontecendo. Andei bastante ocupado. No dia 26/12 parti, com o Zeca e o Ari, ao encontro dos combatentes do DA, para participar de sua festa de fim de ano. Na véspera, Ari tinha abatido uma gorda mateira. Comemos seu fígado e filé, fritos na própria gordura do animal. Parte da carne moqueada, levamos conosco. Por isso, até o encontro com os mensageiros do DA deixamos de apanhar 6 jabutis (duas jabotas imensas e quatro carumbés do mesmo porte). O DA estava acampado próximo da Transamazônica. Assim, gastamos 7 dias de viagem até chegarmos ao seu acampamento. Não conseguimos encontrar os co a 31/12. Só a 1 de janeiro e que estávamos com eles. Havia comida farta e variada. ZC tinha comprado uma porca. Além disso, dispunha de arroz, feijão, abóbora, pepino, castanha, milho verdade, alho, cebola, pimenta, etc. À tarde, os cucas fizeram um mucunzá de milho, leite, castanha e canela. Depois de lauto jantar, proferi palestra aos co, fazendo o balanço de quase 9 meses de luta armada. O D acabava de recrutar um novo combatente. Era o primeiro recrutamento entre a população local. Trata-se de um grande acontecimento para a nossa luta, revelador das possibilidades de crescimento das FF GG. O novo co é homem forte, camponês de 40 anos e com 22 anos na mata. À primeira vista parece ser um bom elemento. É perseguido da Justiça das classes dominantes. Vinha nos ajudando. Por esta razão, a polícia o procurou. Ele decidiu fugir e juntar-se à guerrilha. Depois o Exército queimou sua casa e matou seus porcos. Vejamos como se comportará no futuro.

Reuni com o C e o VC do DA. Prestaram informe detalhado. É notável o trabalho de massa que se está realizando. Já foram visitadas cerca de 160 famílias. O apoio dos camponeses é surpreendente. Cresce o número de amigos. Apoiado nas massas, o D se abastece. Muitas são as roças em que os guerrilheiros apanham produtos com autorização dos donos. Verifica-se mudança de qualidade na posição dos lavradores em favor dos revolucionários armados. Eleva-se a sua compreensão política, que se expressa em ajuda material. Com a massa foram obtidas duas 44 e uma 20. Outras duas 44 devem ser compradas, na base do “rolo”.

No D não há maiores problemas. Somente a vigilância, devido à ausência do inimigo, está sendo relaxada. Chamei a atenção dos companheiros e espero que ela seja reforçada. A 3 de janeiro saiu um grupo de 7 co, sob o comando de Piauí, para fazer propaganda revolucionária na área de Metade. Ainda realizei uma assembléia de homenagem ao Júlio e duas reuniões com os co que ficaram. Enquanto isso, Zeca e Ari limpavam e consertaram diversas armas. A 6/1 iniciei a viagem de regresso e a 10/1 já estávamos no acampamento com dois jabutis e uma cotia. Excelente a nossa caminhada.

Ao chegar no acampamento da CM, fui surpreendido com a presença do Paulo, C do DC, que viera com o Joaq, da área onde atua o DB. Também no acampamento se encontrava o Pe que a 4/1 retornara de sua missão. Este último visitou algumas famílias, que o receberam muito bem. Da mesma maneira foram tratados o Joça e o Ivo. Foi total o apoio às FF GG. Deste modo, Pedro tomou conhecimento da passagem do Paulo pelo lugar. O C do DC avisou que apareceria novamente.

Reunimos com Paulo. Ele fez um relato minucioso da atividade do DC e da ação do inimigo em sua área. Desde outubro, vinha tentando contato com a CM. Realizou duas tentativas. Na última alcançou êxito. Acompanhado de 2 combatentes, andou por caminhos e estradas até chegar à área onde o DB desenvolve propaganda revolucionária. Por intermédio de um camponês conseguiu a ligação. Joaq, que se encontrava com aquele D o trouxe para reunir conosco. Segundo seu relato, o DC começou bem a luta. Não perdeu nenhum combatente, e os 2 novos, que vinham com o Doca, conseguiram entrar e se incorporar à guerrilha. Conseguiu-se também dinheiro. As encomendas é que ficaram na pensão de Xambioá, porque o Doca se afobou e caiu fora com a roupa do corpo. Não se perdeu nada em quase todos os PPAA. Salvou-se todo armamento, tendo-se extraviado, no entanto, a maior parte das balas de fuzil. Paulo afirma que foi aos pontos com a CM. Nossos mensageiros, porém, não o viram. Disse que nos outros lugares de encontro enviou o Vitor, mas nós também não o vimos. Durante a procura de contato com o comando das FF GG, Paulo esteve acompanhado do Domingos, que acabou ficando doente e manifestando sinais de covardia. Como Domingos não podia se movimentar, Paulo teve de fazer-lhe companhia. Por isso, ficou mais de um mês desligado do D. Quando restabeleceu contato com seus combatentes, resolveu manter cada grupo atuando em determinada área, ficando o D praticamente disperso. Ele saiu com um grupo para a área de Caiano. Ai entrou em ligação com os camponeses que considerava seus melhores amigos. Um tal de Cearense, velho conhecido, depois de manter 3 contatos conosco e manifestar apoio à guerrilha, denunciou o grupo ao Exército. Paulo, que estava à vanguarda do grupo quando ia se encontrar com o Cearense, não morreu por sorte. Mas Jorge (Bergson) foi abatido. Parece que ele ofereceu combate ao inimigo. Os companheiros, que recuaram, ouviram tiros de fuzil mauser, arma que Jorge portava. Segundo a massa, ele feriu um sargento, no ombro.

Na área de Pau Preto, onde atuava outro grupo, também houve outro caso de traição. Um miserável, apelidado de Coió, fingiu-se amigo dos guerrilheiros. Durante algum tempo ajudou os co. Depois avisou aos soldados, que prepararam uma emboscada. Apesar das precauções tomadas, quando os combatentes se aproximaram de sua casa foram tiroteados, morrendo então a co Maria.

Posteriormente, Vitor, VC do D, saiu com Carlito para atender a ponto com a CM. Durante a viagem, o pé deste último, que estava com um espinho, infeccionou, impedindo-o de andar. Vitor o deixou próximo a um pique e saiu. Grave erro. Um bate-pau, chamado Pernambuco, localizou nosso co, que acabou sendo preso e cruelmente seviciado. Tudo indica que esse guerrilheiro foi assassinado.

Durante a incursão do grupo do Jorge no Caiano, Paulo deixou Domingos, Lúcia e Miguel na Água Bonita, onde no passado existiu um PA. O primeiro fora colocado como responsável, apesar de estar bastante acovardado. Os 2 últimos eram inteiramente “curaus”. A co chegara em janeiro, não conhecia nada de mata, nem tinha qualquer treinamento militar. Enquanto o outro co entrara na mata quando se iniciou a luta. Acresce que ele estava vacilante. Já tinha até solicitado sua saída da guerrilha. O resultado foi lamentável. Os 3 resolveram arrancar na casa do PA. Como não podia deixar de acontecer, o inimigo acabou chegando lá. Assobiou e Domingos, estupidamente, se apresentou. Foi preso. Os 2 fugiram para a mata. Depois de algumas peripécias, bateram em casa de camponeses, onde foram detidos pelos soldados. Domingos deu todo o serviço, inclusive o depósito que conhecia. Miguel também portou-se mal. E a Lúcia, que no início teve boa posição, parece que também fracassou.

Depois de todas essas baixas, o DC teve outra perda. Lena desertou. Entregou-se ao inimigo. Era uma combatente ideologicamente fraca. Embora esforçada e trabalhadora, pouco entendia da luta em que estava empenhada. Viera para o campo acompanhada do marido. Mas há 4 meses estava rompida com ele. Não tinham conseguido ganha-la de forma definitiva para a nossa causa. Não desconfiávamos dela. Hoje fica claro que o único vínculo que a prendia aqui era o co. Pessoas como ela não deveriam vir para o campo.

No mês de setembro, por ocasião da grande campanha das FF AA contra o movimento guerrilheiro, o DC teve mais 4 baixas fatais. Todas elas por infração das leis da guerrilha e por inexperiência militar do seu VC. Este, em companhia de Cazuzza, ia se encontrar com 3 co do D. No caminho, ouviram ruído de vozes. Cazuzza achou, sem qualquer razão, que se tratava de gente da guerrilha. No dia seguinte de manhã, Vitor permitiu que seu companheiro fosse investigar, sem que houvesse qualquer necessidade de fazê-lo. Resultado: tratava-se de um acampamento inimigo. Cazuzza foi descoberto e morto, sendo enterrado no próprio local. Sozinho, Vitor foi ao encontro de Antonio, Dina e Zé Francisco. Depois de apanha-los, ao passar por um caminho, Vitor observou rastros do inimigo. Resolveu então observá-lo, sem que houvesse motivo para isso. O local escolhido para a observação era péssimo: em frente a um cipoal e a uns poucos metros da estrada. Alguns co não acharam justa a decisão, mas Vitor insistiu. Três horas depois, o inimigo apareceu. Já tinha passado quase toda a tropa adversária, quando faltava passar apenas o último soldado, Zé Francisco fez barulho, talvez deixando cair a arma. Irrompeu, então, violento tiroteio. Dina caiu fora, tendo uma bala arranhado seu pescoço. Os outros três ficaram mortos no terreno.

Assim o DC ficou desfalcado de 11 combatentes, sendo 7 mortos e 4 presos. Restavam apenas 9. Só então Paulo empenhou-se em se ligar com a CM.

O C do DC informou também que seus combatentes estiveram com cerca de 60 famílias e conquistaram 15 amigos firmes. Durante sua viagem à procura de contato com a CM, ele visitou muitas casas de camponeses, obteve bastante apoio e muitas informações.

A CM resolveu mandar o Pe ouvir os remanescentes do DC. Decidiu incorporar 7 co desse D no DB e 2 no DA. Mudou a área de atuação do DB, visando atender parte da área do DC. Ampliou a área do DA, estabelecendo-a até a Palestina. No dia 20/1, Pe e Paulo partiram ao encontro dos co do DC.

Pe, quando tinha regressado da procura do Ju e de seu grupo informou que a massa dissera que o Glênio tinha sido preso perto de Santa Cruz. Detido como um menino. Ele não fora apanhado pelos co de seu D, como o Joaq informou. Como um doido, resolveu caminhar até o antigo PA do Gameleira, e daí para uma pequena quitanda de um compadre do Osv, perto daquela corrutela. A notícia se espalhou, e dois bate-paus, Jaime e um outro, prenderam-no tranqüilamente, levando-o para Santa Cruz, com promessas de trata-lo. Da corrutela, ele foi levado de barco para Xambioá. A maneira como o Glênio foi preso é bastante prejudicial à guerrilha. A série de disparates que cometeu só pode repercutir negativamente entre as massas, ocasionando danos ao movimento guerrilheiro. No estado em que se encontra, não sabemos como se comportará diante do inimigo. O que ele sabe é pouca coisa, mas pode nos causar prejuízos.

No dia 15/1, eu, Pe e Zeca fomos ao encontro de co do DB e do DC, que estavam juntos. Conversamos informalmente e obtivemos novas informações. A Val e o Raul prestaram esclarecimentos sobre a morte do Ju, Flav e Gil. Este parece que ofereceu resistência ao inimigo, pois foram ouvidos tiros de seu rifle 44. Também o Ju conduziu seu grupo com bastante cautela, tendo facilitado somente uma ou duas vezes.

No dia 19, regressaram Jo, Ivo e Ari, que tinham partido a 13 para atender ponto com o ZC. Na área do DA não há novidades. O C do DA transmitiu informação da massa de que 2 soldados foram feridos na área em que se encontra Piauí e seu grupo. Vamos esperar novos esclarecimentos. Com nossos companheiros, veio Zezinho. Ele cumpriu integralmente sua missão. Veio carregado de bagulhos. Cabra macho.

O rádio nos deu notícias inquietantes da cidade. A Bandeirantes informou que a polícia da GB atacou uma casa em Jacarepaguá, tendo morto Lincoln e outro camarada. Por sua vez, a Rádio Tirana fala de despacho da Associated Press em que se divulga nota do governo informando que a polícia de São Paulo matara Carlos Danielli e prendera um casal com duas crianças. Tais notícias nos preocupam muito. Se verdadeiras, e parecem ser, a direção do P foi seriamente golpeada, o que não deixará de ter reflexos na ajuda política e material à luta guerrilheira do Araguaia. Vamos esperar novas informações.

Quando Jo, Zezinho, Ivo e Ari retornavam ao acampamento da CM, mataram uma anta de grande tamanho. Foi o primeiro tapir abatido nestes 9 meses de luta armada. Temos carne para muitos dias.

Dia 23 Joaq voltou para o DB, onde vem ajudando o seu comando.

24/1 – Hoje, partiram Zezinho e Ivo para buscar o resto dos bagulhos trazidos pelo primeiro. Será uma viagem longa, de mais de 20 dias. Amanhã mudaremos o acampamento.

25/1 – Transferimo-nos de acampamento. É um bom lugar. Oferece segurança, tem boa água e muita lenha.

26/1 – As emissoras de rádio noticiaram os termos do cessar fogo no Vietnã. Nixon, apesar dos criminosos bombardeios ao Vietnã do Norte, teve que capitular. A obtenção da paz é uma vitória dos vietnamitas e dos povos de todo o mundo. Os soldados norte-americanos saem do território da nação mais importante da Indochina e as tropas da República Democrática do Vietnã permanecem no sul do país. O governo revolucionário provisório do Vietnã do Sul teve que ser aceito pelos monopolistas dos EUA. É uma realidade, embora o governo norte-americano não a reconheça. A assinatura do acordo teve um sabor de derrota para os imperialistas ianques, no que pese todo o palavreado vazio de Nixon sobre a “paz com honra”. O problema vietnamita não foi de todo resolvido. Mas o povo do Vietnã do Sul acabará alcançando sua libertação mais breve do que se pode pensar.

Chegaram notícias da cidade. Boas informações políticas, opiniões e conselhos sensatos e corretos, auxílio material. Se os camaradas não foram seriamente golpeados, as perspectivas de ajuda são excelentes.

Estive meditando sobre as perdas do DC. Elas são bastante sérias. Morreram ótimos co e combatentes de valor. Além do Jorge, Maria e, possivelmente, Carlito, caíram lutadores firmes, como Vitor, Antonio, Cazuza e José Francisco.

Jorge, cujo verdadeiro nome era Bergson Gruam de Farias, era ex-estudante do último ano de Química da Universidade do Ceará. Foi vice-presidente do DCE daquela Universidade. Também ocupou o cargo de presidente do Diretório Acadêmico do Instituto de Ciências Médicas. Em 1968 participou dos combativos movimentos de massa ocorridos em Fortaleza, quando foi gravemente ferido no crânio. O fato repercutiu intensamente. Grande número de populares acorreu ao hospital onde estava internado para doar-lhe sangue. Encontrava-se na região do Araguaia há bastante tempo. Conhecia bem a mata, era valente, tinha capacidade militar e poderia ser um magnífico chefe guerrilheiro. Sua morte abriu um claro nas FF GG. A “Classe Operária” publicou ótimo artigo em sua homenagem.

Maria era uma jovem professora do interior de São Paulo. Filha caçula de uma família de revolucionários, tinha boas perspectivas de se desenvolver. Embora pouco

experiente do ponto de vista militar, era bastante firme e abnegada. Trabalhava no campo há alguns anos, tendo realizado tarefas em Goiás e no Pará. Ultimamente avançava bastante como guerrilheira.

Carlito veio do Estado da Guanabara. Aí formara-se em Ciências Sociais. Antes de vir para o campo trabalhava como pesquisador do Instituto de Ciências Sociais daquele Estado. Desenvolveu atividade revolucionária no Maranhão e no Pará. Seu verdadeiro nome: Kleber. Embora muito franzino – era excessivamente magro –, superou todas as dificuldades. Andava bem na mata e carregava pesadas cargas. Desenvolvia-se como combatente. Muito corajoso, diante do inimigo revelou grande valentia, tendo despertado a admiração do povo da área onde foi detido. Não se dobrou diante de seus algozes. Os soldados o espancaram e o torturaram brutalmente. Amararam-no a um burro que o arrastou num chão coalhado de tocos, cipós e espinhos. Parece que não sobreviveu às sevícias.

Outro morto do DC foi seu VC, o co Vitor. Antigo militante do P, pertenceu ao secretariado do CR da Guanabara. Antes de chegar à região do Araguaia, fora preso, tendo passado mais de um ano nos cárceres do CENIMAR. Torturado, portou-se firmemente, não denunciando ninguém. Como bancário na GB, desenvolveu atividade no sindicato, onde era muito acatado. Formou-se também em Direito. Seu nome era Vítório. Nascera em Minas, no Triângulo Mineiro (Uberlândia). Bom comissário político. Mas pouco dominava a arte da luta armada. Bastante destemido e esforçado. Vinha-se formando como dirigente militar. Cometeu, porém, erros que contribuíram para a sua morte e a de outros co. Seu desaparecimento foi um sério golpe no DC.

Antonio, cujo verdadeiro nome não sei, viera da Bahia, onde nascera. Geólogo capaz, conhecia bem topografia. Embora não gostasse de comandar, tinha pendores militares. Poderia ser um bom chefe de unidade guerrilheira. Valente e calmo, muito ajudou na formação do DC. Fará muita falta às FF GG no que se refere ao levantamento do terreno, elaboração de mapas e croquis. Em 1968 participou das ações de massa em Salvador.

José Francisco, antigo marinheiro, ingressou no P em 1931. O guerrilheiro mais velho e o único preto do D. Tinha 64 anos, mas possuía muito vigor físico. Chaves era o seu sobrenome (não me recordo do seu primeiro nome). Como marinheiro, foguista, participara, em 1935, do movimento da ANL na Armada, sendo condenado a longos anos de prisão no período do Estado Novo. Em 1943 esteve presente à Conferência da Mantiqueira, que reestruturou o P, sendo eleito para o Comitê Central. Revolucionário conseqüente, jamais conciliou com o revisionismo. Sua presença nas FF GG era um estímulo para todos os co. Exemplo de trabalho, firmeza, tenacidade e coragem. A idade para ele não era empecilho, embora já sentisse o peso dos anos.

Cazuza, um dos mais antigos na tarefa de preparação da luta armada. Atuou, nesse sentido, em Goiás, Maranhão e Pará. Ex-estudante, conhecia bastante medicina, ocupando o posto de chefe do serviço de saúde de seu D. Natural de São Paulo, já tinha alguns anos de P. Sempre firme, no passado, não se deixou influenciar pelos foquistas, inclusive seu irmão, infiltrados na organização partidária. Possuía muita experiência de vida no campo. Seu nome verdadeiro parece que era Miguel Tavares ou Santos. Estava entre os bons combatentes do D.

Desde ontem, Zeca está com terrível malária. Febre de 39° e 40°. Encontra-se arriado. Tomou grandes doses de Aralem e Fanasulfa. Encontra-se muito debilitado.

29/1 – Zeca continua doente, mas já apresenta melhoras.

Desde que mudamos de acampamento já comemos 6 jabutis. Ontem, Ari foi a uma “espera”. Atirou numa paca e trouxe um jabuti. Joca e Ari estão terminando a construção de uma barraca, para nos resguardar da chuva.

O armamento que restou do DC consiste em uma 44, sete 20 e nove revólveres 38. Sobraram 88 balas 45 que enviarei ao DA, para abastecer a INA.

30/1 – A malária faz seus estragos. Não solta o Zeca e voltou-se contra o Jo, que está com 38,5° de febre.

Ari saiu para apanhar alguns objetos num depósito, inclusive um livro de medicina para a Sonia.

O lecho (leishmaniose) também ataca severamente os combatentes das FF GG. Grande é o número de infectados e o nosso estoque de Glucantine é pequeno. Temos que providenciar a compra do remédio. No G estão atacados Ivo e Jo; no A, Sônia e outros; no C, Paulo e mais 4 co.

31/1 – Ao regressar ontem, Ari vinha bastante cansado e com frio. Era a nossa conhecida e indefectível malária. Deixou no caminho 7 jabutis que ficaram amarrados em diferentes lugares. Também largou um veado, que matou durante a viagem. Não tinha forças para carregá-lo. Hoje, já melhorou e foi buscar a caça e deixou amarrados mais 3 jabutis. Zeca parece recuperar-se aos poucos e Joça curte uma febre que se aproxima dos 40°. Penso que se trata de um surto de terçã maligna. Não sei como se atenderá os pontos do DA, Pe e Joaq. Talvez haja repentina melhora geral. Desde anteontem ouve-se o ronco de um avião para os lados do sul. Será que o inimigo resolveu se movimentar?

Assim assistimos o término do primeiro mês de 1973.

Ao arrumar meus papéis, encontrei o esquema de abertura da discussão na CM sobre o balanço de nossa atividade durante um mês e meio, a partir do início da luta armada. Vou transcrever esse esquema, para se ter uma idéia de como pensávamos naqueles dias.

Balanço da situação após um mês e meio de resistência armada.

Sobre a Tática do I

O inimigo nos atacou de corpo aberto, sem nenhuma precaução, tornando-se um alvo fácil para os nossos ataques (só não o atacamos porque estávamos desprevenidos);

O inimigo subestimou nossas forças, nos atacando com pequenos efetivos. Só depois, ao tomar conhecimento da extensão da guerrilha, mobilizou numerosas tropas;

O inimigo cometeu o erro de queimar nossas casas e cometeu amplas violências, aparecendo como agressor e provocando simpatia da massa para o nosso lado;

Depois de realizar aparatosas operações, o inimigo foi forçado a se retirar da região e a se situar em sua periferia (nas cidades, corrutelas e fazendas). Por que se retirou? O inimigo não tinha organizado sua logística e não podia abastecer seus soldados na mata; a ditadura não quer dar repercussão à lua de guerrilhas. A mobilização de grandes efetivos provocaria intensa repercussão em todo o país, principalmente no Pará, Maranhão e Goiás;

No momento parece que o inimigo dedica grande atenção ao levantamento topográfico da região. Isso explica a intensa atividade aérea;

com o correr do tempo, o inimigo será obrigado a empregar numerosas tropas, visando aniquilar o mais rápido possível o movimento guerrilheiro;

o inimigo, embora não tenha, até agora, agido na selva, acabará penetrando na mata. Mas se atuarmos de acordo com as normas da guerrilha. O inimigo não alcançará seus objetivos.

Sobre a posição das massas

segundo as primeiras informações (do DA e do DB), a massa manifesta simpatia pela nossa luta ou pelos nossos combatentes;

a tendência da massa é a de nos ajudar (prestar informações, fornecer alimentos e até ingressar nas FF GG);

a massa manifesta-se contra o governo e os poderosos, embora ainda mantenha respeito, ou temor, ao Exército. De um modo geral, ela não informa o inimigo. É claro que existem exceções;

nossa perspectiva é ampliar em grande escala nossa influência entre os camponeses e moradores das corrutelas e cidades.

3) Sobre nossa Tática

a) os acontecimentos ocorridos na região confirmam a justeza de nossa concepção de guerra popular;

b) os fatos comprovam ser correta a relação que estabelecemos entre a topografia (a mata) e as massas. Destacou-se a importância da selva na preservação do movimento guerrilheiro;

c) a luta armada iniciou-se quando não tínhamos terminado ainda a nossa preparação. Por isso, no início sofremos alguns golpes (prisão do Geraldo e de elementos do DC, rompimento de contato com o DC, perda de matérias úteis no DA, inclusive oficina, etc). O fato de não termos completado nossa rede de depósitos e terminado as linhas de ligação interiores (através da mata) nos cria agora dificuldades;

d) se estivéssemos mais preparados, poderíamos ter assestado alguns golpes no inimigo. Mas, tudo indica, que o desenvolvimento da luta nos será favorável;

e) a pouca propaganda da nossa resistência armada (não se fala nela nos órgãos de publicidade) é, para nós, fator desfavorável. É preciso romper a censura do governo;

f) a retirada do inimigo deve ser por nós aproveitada para: consolidar nosso abastecimento (ampliar os depósitos e criar redes de fornecedores clandestinos); organizar um serviço de informações, apoiado nas massas; fazer propaganda revolucionária para conquistar amigos firmes, simpatizantes de nossa luta e recrutar novos combatentes. Neste sentido, dispersar os guerrilheiros, mantendo-se sobre eles rigoroso controle, a fim de evitar a desorganização; assestar golpes no inimigo, sem cair em aventuras. Só golpeando os soldados da ditadura poderemos dar repercussão à nossa luta. Realizar ações militares de G, de D e de DD. Ter a tropa na mão, para concentrá-la rapidamente e dispersá-la quando necessário.

Tomar outras providências

- estabelecer ligação com o P para informar a situação, desenvolver o apoio político à guerrilha, intensificar a propaganda da nossa resistência armada, conseguir ajuda material e assegurar a vinda de novos combatentes;

- organizar a infra-estrutura da guerrilha: serviço de ligação inter-DD e inter-GG, serviço de informações, aquisição e conserto de armamento, aparelho de impressão (começar com cópias do Manifesto do MLP), depósitos, etc;

- organizar o DG da CM. Atribuir responsabilidades definidas aos membros da CM. Cooptar o Ju para a CM;

- emitir um comunicado das FF GG.

Em conseqüência da discussão, à base deste esquema, a CM tomou as seguintes resoluções: 1. desenvolver o sistema de depósitos e criar uma rede de fornecedores: planos concretos para o DA, DB e DC; 2. organizar o serviço de informações apoiado nas massas no DA, DB e CM; 3. organizar a propaganda revolucionária armada à base do programa do MLP. Fazer planos concretos: constituir equipe (ou utilizar os GG), determinar as áreas e os

nomes dos moradores a serem visitados. Prever o transporte de alimentos que de pode obter no contato com os camponeses e amigos. Cuidar da defesa contra um possível ataque dos solados.

4. Sempre que possível, realizar recrutamento de novos combatentes entre a massa e procurar organizar os camponeses.

5. Preparar, à base de informações, ações contra o inimigo: emboscadas, ocupação de corrutelas, fustigamento, etc. A: Brejo Grande; B: Palestina, Santa Cruz ou Santa Isabel; C: Itaipava; A e B: São Domingos; A, B e C: São Geraldo.

6. Restabelecer contato com o DC. Responsável: Ju, à frente de um G do DB.

7. Estabelecer ligação com o P.

8. Imprimir o Manifesto do MLP.

9. Redigir as normas de acampamento da CM.

10. Emitir um Comunicado das FF GG.

11. Continuar na pesquisa do terreno e prosseguir na elaboração dos croquis. Fazer planos concretos para os DD.

2/2 – Nada de novo em nossa área, a não ser uns poucos aviões que cruzam os ares. Ontem, passou pelo acampamento um DC-3 militar em rota Norte-Sul. Zeca já está bom e poderá, com Ari, encontrar os mensageiros do DA. Em compensação, Jo continua prostrado. Não tem mais febre, mas está com dificuldades respiratórias.

A Rádio Tirana irradiou nota sobre as investidas da ditadura contra a direção do P. Comunicou o assassinato de 4 dirigentes comunistas: Lincoln Oest, antigo militante do P e membro da CE; Carlos Danielli, também da CE e revolucionária desde jovem; Luiz Ghiliardini, antigo ferreiro de Santos, militantes comunista desde 1945 e membro da CE; Lincoln Bicalho Roque, ex-estudante que fora cooptado para o CC. A reação assestou terrível golpe em nosso P, mas este encontrará forças para preencher a lacuna deixada por estes firmes e valiosos camaradas. O P, diante da ofensiva da reação, terá que se resguardar, aumentar a vigilância revolucionária e agir com mais cautela. Com o desaparecimento de Lincoln, Carlinhos e Ghiliardini, particularmente dos dois primeiros, perco velhos amigos e companheiros de lutas de dezenas de anos. Aqui, em nome das FF GG, presto as homenagens aos lutadores caídos. Nossos guerrilheiros combaterão com mais denodo em honra dos dirigentes comunistas assassinados.

Zeca e Ari acabam de chegar com 6 jabutis que estavam amarrados e com mais um que encontraram pelo caminho. Durante uma semana, não faltará carne.

5/2 – Ontem, Zeca e Ari saíram para se encontrar com mensageiros do DA. Espero que tragam novidades e comida. Jo, após a malária, teve uma reincidência de um mal pulmonar (talvez pneumonia) que há meses o prendeu à rede por mais de 30 dias no DA. Já melhorou bastante. Está quase bom. Mas não pôde atender hoje ao ponto com o Joaq e o Pe. Espero que estes não venham, pois sua presença no local está condicionada à entrada do inimigo.

A Rádio Tirana irradiou mensagem do PTA ao nosso P por motivo do assassinato brutal e covarde de 4 dirigentes do PC do Brasil. Protesta contra o crime infame e presta solidariedade aos comunistas brasileiros. Também “Zeri Populit” publicou ótimo e enérgico artigo sobre o mesmo assunto. Belo exemplo de internacionalismo proletário de nossos irmãos albaneses. O PTA confia na vitória do povo brasileiro e está certo da derrota da ditadura. Aqui, na medida de nossas forças, tudo faremos a fim de contribuir para que tais esperanças se convertam em realidade.

Passei a noite toda pensando na vida do Careca (Lincoln) e do Carlinhos. Que companheiros capazes e abnegados perdeu a revolução! Seu exemplo educará a nova geração de revolucionários. Não posso esconder a minha tristeza pela perda de dirigentes do porte dos que foram assassinados. Mas cerro os dentes e sinto crescer meu ódio à ditadura e ao regime que ela defende. Assim se sentem também os co das FF GG. Nesta hora de angústias, penso no camarada Cid, no seu amargor e nas dificuldades que enfrenta. Estou convencido, porém, que saberá suprir os claros abertos em nossas fileiras e dirigir com firmeza e acerto a organização partidária. Não lhe falta valor e capacidade.

6/2 – Voltei a ouvir ontem a mensagem do PTA dirigida ao Comitê Central do nosso P. Trata-se de telegrama assinado pelo camarada Hodja, na qualidade de 1º Secretário. Os comunistas albaneses quiseram, assim, dar o máximo de ênfase e destaque ao seu protesto contra o nefando crime da ditadura brasileira e a sua solidariedade à direção do PC do Brasil. |Nosso P jamais esquecerá esse gesto. Disso tenho certeza.

9/2 – Ontem, regressaram Zeca e Ari. Não encontraram os mensageiros do DA. | Penso que houve confusão de ponto. No local de sempre, apanharam duas latas de milho, o que indica que os co andaram há pouco pela área. Vou mandar novos mensageiros à referência do dia 15. De qualquer maneira, o desencontro é um estorvo e uma preocupação. Hoje, Zeca e Ari partem novamente para encontra o Joaq e o Pe. Não é certo que estes co venham.

A Rádio Tirana começou a irradiar uma reportagem da Agência Brasileira de Notícias (agência clandestina) sobre os guerrilheiros do Araguaia. Ontem transmitiu a primeira parte. Boa propaganda.

No início deste mês minha companheira fez 56 anos. Lembro-me dela com saudades. Desejo-lhe muitas felicidades, apesar das grandes preocupações que devem afligi-la. No final, como nos filmes de mocinho, tudo acabará bem. Se não acabar... azar nosso. Daqui vai meu abraço.

11/2 – Quando estive com a Val, em setembro passado, antes dela partir com o grupo que acompanhou o Júlio, aquela combatente deu-me alguns dados biográficos do Aparício. Este era seu co e morreu durante a primeira incursão do nosso bula-chefe na área do DC. O verdadeiro nome do combatente tombado na luta era Idalisio Soares Aranha Filho. Nascera em Minas Gerais e tinha 25 anos de idade. Cursava a Faculdade de Filosofia quando veio para a selva amazônica. Foi presidente do Diretório Acadêmico daquela Escola Superior e delegado ao Conselho da UNE realizado na Bahia. Sua família mora em Belo Horizonte. Do ponto de vista militar era muito inexperiente, mesmo bisonho. Nas depois de começada a resistência armada avançou na sua condição de guerrilheiro. Revolucionário em formação, poderia ser um excelente lutador.

12/2 – Nossa resistência armada contra a ditadura faz 300 dias. Há 10 meses o inimigo realizava o primeiro ataque contra nós. Durante este período fomos alvo de diversas investidas das Forças Armadas do governo, entre as quais duas grandes campanhas. Mas não nos deixamos abater. O movimento guerrilheiro, apesar das perdas sofridas, se consolida e aumenta sua influência entre as massas. Estou sem novas informações para fazer uma análise da nossa situação. Mas o que já foi realizado representa uma vitória das FF GG. Não por acaso os generais se desesperam e se voltam como possessos contra os revolucionários nas cidades e no campo. A guerrilha no Sul do Pará mostra sua vitalidade. Ela tem condições de crescer e se estender a outras regiões. Dez meses de luta são um poderosos estímulo.

Ontem, Zeca e Ari regressaram. Traziam 5 jabutis, bem como remédios e roupas do depósito. Este ruiu e muitos materiais se estragaram. Joaq e Pe não vieram. Isto é sinal de que o inimigo não entrou em grande número na área onde aqueles co se encontram.

A Rádio Tirana acabou ontem de transmitir a reportagem sobre os guerrilheiros do Araguaia. O repórter ouviu Osv, Fátima e Júlio. Lástima que os dois últimos não estejam mais vivos. Suas declarações foram as suas despedidas.

13/2 – Hoje de manhã, Zeca e Ari saíram para atender a referência com o DA. Espero que tenham sucesso em sua tarefa.

Ontem o Jo apanhou um jabuti debaixo de um pé de cajá bem próximo do acampamento.

Aguardo, hoje ou amanhã, a chegada do Zezinho e do Ivo.

17/2 – A 15 eu e o Jo fomos atender o ponto do Joaq e do Pe. Eles não vieram, como já era esperado. Fizemos excelente viagem. No caminho, apanhamos uma lata de castanhas, mas não encontramos nenhuma caça, nem mesmo jabuti. Regressamos a 16 e o acampamento estava vazio. Zezinho e Ivo não tinham chegado. Estão atrasados dois dias.

As estações de rádio noticiam que uma patrulha do Exército matou o conhecido líder popular de S. Domingos, Francisco Camaño Deño. Este desembarcara há dias naquela república da América Central à frente de um pequeno grupo guerrilheiro. A ação se verificou no velho estilo foquista. No entanto, o chefe da revolução dominicana de 1968 mostrou-se fiel aos seus ideais. Teve glorioso fim. Não capitulou, nem transigiu com os inimigos de seu povo.

18/2 – Não chegou ninguém. Por isso estou apreensivo. O fato de Zeca e Ari não chegarem significa que o DA deixou de mandar mensageiros à referência. Será resultado de confusão de ponto ou algo grave aconteceu com aquela unidade guerrilheira? Por que também Zezinho e Ivo se atrasam? Estou igualmente preocupado com eles.

Ontem sobrevoou o nosso acampamento. Em rota de viagem, velho conhecido desde o início da luta, que não vamos e nem ouvíamos a 5 meses: um helicóptero. Hoje passou por perto um avião. Talvez um “paquera”.

Voltaram novamente as borboletas. As mesmas espécies que revolteavam em abril, maio e junho do ano passado. Mas neste tempo quantos combativos e excelentes co se foram para sempre. Alegria a vista a presença das borboletas. A ausência de denodados combatentes nos traz saudades e tristeza. Tenho esperança de que, com as borboletas, surgirão novos lutadores da mesma estirpe dos que caíram erguendo a bandeira da revolução.

4/3 – No dia 20 do mês passado encontrei-me com Joaq e Pe que vinham, respectivamente, do DB e do DC. No primeiro desses destacamentos o trabalho continua normal. Seus co visitaram 62 famílias novas: o grupo do Osv, 15 e o do Comprido, 47. Também compraram 13 quartas de farinha. O D do Osv já saíra da área onde atuava para se juntar ao DC. Um grupo de três co foi designado para executar um bate-pau.

Quanto ao DC, Pedro informou que foi feito um balanço sobre a situação dessa unidade guerrilheira. Todos foram unânimes em torno da opinião de que a causa principal das dificuldades enfrentadas pelo D resultou do desligamento da CM. Os co responsabilizaram o Nelson por tal desligamento. Criara-se uma situação de incompatibilidade entre o C e os comandados. Mas, de modo geral, o moral dos guerrilheiros era elevado. Ninguém pensou em cair fora. No entanto, o pouco armamento que restou estava muito avariado. No período em que o Pe lá esteve, o D, dividido em dois

grupos, visitou 20 famílias. Comprou 12 quartas de farinha, açúcar, querosene, pilhas, sal, fumo, sacos e ganhou muitos presentes.

Jo lugar em que encontrei Pe e Joaq, fui, juntamente com eles e Jo, para o acampamento do DC, onde fiz uma palestra sobre a atividade da guerrilha, analisando, em particular, a situação do DC e o trabalho desenvolvido pelo mesmo D. No dia seguinte, carregados de farinha, regressamos, os 4, ao acampamento da CM. Aí encontramos Zeca e Ari. Estes tinham encontrado na referência os mensageiros do DA. O desencontro de 6/2 fora motivado pela confusão de pontos. Mas, os mensageiros só vieram à referência para restabelecer contato. Por isso, Zeca e Ari foram a um encontro com Piauí. Daí seu atraso. O VC do DA informou que até agora seu D visitou 185 famílias. Há perspectiva imediata de 3 novos recrutamentos. O grupo que saía com ele esteve em Santa Inês, onde realizou pequeno comício. O mesmo será feito em Bom Jesus, que é uma corrutela maior. O D adquiriu 20 quartas de farinha e comprou muitas coisas úteis, inclusive um moinho. Um grupo de 5 co saiu para liquidar um bate-pau que está infernizando a vida da massa. Esta é que exigiu a medida. O D reuniu todos os seus co para combater o relaxamento na vigilância.

No dia 22 chegaram Zezinho e Ivo, trazendo o resto de nossas compras. A viagem demorou mais 9 dias, devido à malária que os atacou. Tudo correu bem. Alimentaram-se principalmente do que apanharam nas capoeiras.

No dia 23 reuni a CM. Foram tomadas algumas decisões sobre a atividade das FF GG e aprovadas um comunicado sobre a morte de Ju e um volante dirigido aos soldados da tropa da ditadura. A CM revogou a resolução anterior de fundir o DC nos DD A e B. Resolveu também tirar o Nelson do comando do DC e transferi-lo para a CM. Em seu lugar designou o Pe. Procurou reforçar o C com co de outros DD. As resoluções do comando da guerrilha são as seguintes:

1. Manter a estrutura das FF GG à base de 3 DD;
 - transferir Nelson para a CM;
 - enviar para o DC: 1 co do DG (Ivo), 2 do DA e 2 do DB (Valquíria e Raul);
 - nomear provisoriamente para o comando do DC o companheiro P e confirmar a co Dina no posto de VC. Pe continua membro da CM.
2. A área do DA permanece a mesma, excluindo-se a zona de Brejo Grande. A área do DB continua a mesma, incluindo a zona de Brejo Grande. A área do DC continua a mesma, devendo o D concentrar sua atividade na zona que vai do Galego a Esperancinha e a Sobra.
3. Preparar plano de abastecimento para 6 meses, tendo em vista nova investida do inimigo. Concentrar na aquisição de farinha, milho e sal (plano concreto à parte).
4. Aproveitar a ausência do inimigo para intensificar a preparação militar.
 - estudar em cada D os locais para fustigamentos e emboscadas;
 - preparar terreno para as necessidades de recuo diante de possíveis investidas do Exército;
 - estudar locais e objetivos para ações militares de conjunto de DD (emboscadas, ataques a corrutelas, etc);
 - planificar e executar, desde já, ações punitivas contra bate-paus e ataques a pequenos grupos de soldados (principalmente da PM do Pará). Organizar ações conta o INCRA.
5. Melhorar o armamento das FF GG
 - consertar as armas avariadas;

- adquirir armas com a massa;
 - tirar armas do inimigo.
6. Intensificar o recrutamento de novos co para as FF GG entre a população local. Fazer propaganda, tendo em vista esse recrutamento.
7. Intensificar o trabalho de massas.
- desenvolver o trabalho de visitas aos camponeses, aproveitando a ausência do inimigo (discutir nossa política de massas);
 - organizar as massas:
 - a) de maneira clandestina e estanque;
 - b) em núcleos da ULDP, em organização de amigos das FF GG, Ligas, etc;
 - ensinar as massas a lutar (concentrar no INCRA e nos grileiros).
8. Desenvolver a propaganda revolucionária
- imprimir o Manifesto da ULDP;
 - imprimir o romance do programa da ULDP;
 - imprimir volante para os soldados;
 - imprimir volantes (com ilustrações) para os camponeses e demais habitantes da região.
9. Mudar o nome do MLP para UDLP
10. Emitir nota sobre a morte de João Carlos
11. Prestar homenagens aos 4 dirigentes comunistas assassinados pela ditadura.

Nota sobre a morte de João Carlos, aprovada pela CM:

Leal Servidor do Povo

Vítima de tocaia de soldados da ditadura, a 30 de setembro, morreu nas matas amazônicas, na área de Caiano, próximo a São Geraldo, município de Conceição do Araguaia, o destemido guerrilheiro João Carlos Haas Sobrinho. Figura de excepcionais qualidades, o combatente tombado sempre se revelou pessoa profundamente humana e um revolucionário hábil, capaz e corajoso.

João Carlos – Juca, como o conheciam os camponeses e seus companheiros de luta – era formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde se destacou como líder estudantil, ocupando o cargo de presidente do Diretório Acadêmico. Médico competente, excelente cirurgião, jamais mercantilizou a sua profissão. Usava seus conhecimentos técnicos em favor dos pobres e para atender os camaradas da guerrilha. Antes de ingressar nas Forças Guerrilheiras do Araguaia, desenvolveu intensa atividade médico-cirúrgica em Porto Franco, Tocantinópolis e Estreito, nos Estados do Maranhão e Goiás, cuidando, solícitamente, dos camponeses e dos que necessitavam de seus préstimos. Conquistou, desse modo, largos círculos de simpatia e amizade. Naqueles municípios, deixou inapagável lembrança. Perseguido pela ditadura, foi para a área de Caiano. Aí integrou-se com os lavradores, dando-lhes, dentro de suas possibilidades, o máximo de assistência médica e orientando-os em suas atividades.

Quando as forças repressivas do governo atacaram criminosamente os moradores do Sul do Pará, João Carlos optou pela vida tormentosa e difícil na selva amazônica, onde podia combater de armas nas mãos os inimigos do povo brasileiro. Incorporou-se ao movimento guerrilheiro para resistir, ao lado dos camponeses e patriotas, às investidas dos militares. Destacou-se, então, como um dos melhores combatentes, tanto do ponto de vista militar, como no aspecto político.

Homem de caráter firme, sempre se manteve fiel a seus ideais. Nunca se vergou aos poderosos. Desprezou posições e vantagens que podia auferir de sua profissão para se

tornar participante ativo da revolução. Preferiu arrostar toda sorte de privações como patriota honrado e revolucionário conseqüente a compactuar com a ditadura que oprime e enxovalha a Nação. Era exemplo de modéstia, desprendimento e elevado espírito de solidariedade. Tinha particular capacidade em lidar com as massas pobres e oprimidas. Estava, também, disposto a realizar os maiores sacrifícios para ajudar seus companheiros de luta. Não via sua pessoa, mas o bem-estar geral. João Carlos era, antes e acima de tudo, um servidor do povo.

Valente até a temeridade, o combatente desaparecido jamais temeu o inimigo. Em todas as oportunidades apresentava-se para levar a cabo os encargos mais pesados. Amava a vida, mas, conscientemente, estava decidido a dá-la pela nobre e luminosa causa da democracia e da libertação nacional. No cumprimento de perigosa missão, caiu para sempre, quando ainda muito poderia contribuir para a grandiosa obra de transformação social do país.

Assim, a revolução brasileira perdeu emérito lutador e o povo um de seus melhores filhos. Homens de sua envergadura surgem, unicamente de tempos em tempos, forjados pelo movimento revolucionário em ascensão, como o se verifica atualmente no Brasil.

A morte de João Carlos deixa imenso vazio nas Forças Guerrilheiras do Araguaia, onde ele ocupou o posto de Chefe do Serviço de Saúde e de membro do Comando Militar. Somente um esforço redobrado de todos os combatentes pode preencher a lacuna que se abriu nas fileiras da guerrilha.

Os combatentes do Araguaia saberão superar todos os entraves à sua luta, inspirando-se na heróica e brilhante trajetória de João Carlos Haas Sobrinho. O exemplo desse guerrilheiro indômito viverá eternamente na memória de todos os patriotas e despertará para a ação armada um número cada vez maior de jovens brasileiros para pôr fim à ditadura e para acabar em definitivo com a dominação imperialista.

Em algum lugar das selvas da Amazônia, 20 de dezembro de 1972
OI Comando das Forças Guerrilheiras do Araguaia.

O volante dirigido aos soldados tem o seguinte teor:

Soldados, Cabos e Sargentos! Atenção!

Não se deixem enganar!

Rebelem-se contra a ditadura!

Que estão vocês fazendo aqui, pondo em perigo suas vidas? Por que, longe de suas famílias, enfrentando inúmeras dificuldades nas matas e corrutelas do Sul do Pará? Já pensaram seriamente nisso?

Seus comandantes dizem que vocês combatem terroristas e marginais, perseguem inimigos da Pátria. Repetem, também, outras baboseiras. Mas tudo não passa de vergonhosa mentira, de trapaça infame para engabelar-los.

Na realidade, vocês estão defendendo a pior das ditaduras, o regime mais tirânico que o Brasil já teve, o governo que esfomeia o povo e protege os tubarões.

Analistem, vocês mesmos, alguns fatos. Vejam como vivem os lavradores desta região, abandonados pelas autoridades e sem qualquer assistência. Recordem a situação de seus parentes e amigos civis, que recebem salários e outras rendas insuficientes para viver satisfatoriamente. Lembrem-se que, não distante daqui, próximo a Marabá, às Minas de Serra Norte – as maiores reservas de ferro do mundo – estão nas mãos da poderosa empresa ianque United State Steel. Tenham em conta que a democracia acabou no Brasil e ninguém pode criticar os governantes.

Vale a pena se sacrificar por uma causa tão ingrata? Meditem um pouco. Não permitam que os tornem autômatos e assassinos de seus irmãos.

Os combatentes do Araguaia são jovens patriotas. Não cometeram nenhum crime. Querem acabar com a ditadura, construir uma nação livre e próspera, almejam o bem-estar de todos os brasileiros. Do mesmo modo que eles, vocês são filhos do povo trabalhador. Por que, então, combatê-los?

O movimento guerrilheiro é invencível. A luta armada iniciou-se, basicamente, há um ano e o governo ditatorial não pode derrotá-la. Ao invés de desaparecer, as Forças Armadas do Araguaia cresceram, aumentaram seu prestígio entre a população local e sua luta alcança grande repercussão no país e no exterior.

Os guerrilheiros não estão contra vocês, mas contra os generais opressores. Não se deixem levar pela conversa fiada dos agaloados que procuram promoções e lançam os soldados numa luta inglória. Os oficiais recorrem a todos os meios para resguardar sua “preciosa” pele. Quase sempre, nas matas, não entram militares com posto acima de sargento.

Revoltem-se contra a situação humilhante em que se acham. Se vocês são patriotas, escolham um desses caminhos:

- fiquem passivos, indiferentes às ordens de seus superiores, não atacando os guerrilheiros. Não persigam os lavradores;
- abandonem os opressores, largando as armas em qualquer lugar ou entregando-as aos guerrilheiros por intermédio dos camponeses. Sejam homens livres;
- passem para o lado das Forças Guerrilheiras, trazendo suas armas. Sejam novos combatentes do povo.

Abaixo a ditadura!

Viva a liberdade!

12 de abril de 1972

O Comando das Forças Guerrilheiras do Araguaia.

No dia 24, Joaq foi ao encontro do DB para levá-lo ao acampamento do DC. No dia seguinte, eu, Pe, Seca e Ivo nos dirigimos para aquele acampamento. Por coincidência, chegamos junto com os combatentes do DB. Os guerrilheiros dos dois DD estavam bem, a não ser o Mundico, do DC, que fraturou o braço, caindo de um mutá de “espera”. Aquele mundo de gente armada dava impressão de força. A confraternização foi geral. Apossara-se de todos uma alegria contagiante. À noite proferi palestra sobre a situação política, tanto internacional como do país. Destaquei, com vigor, o papel desempenhado pela luta guerrilheira no /sul do Pará na conjuntura brasileira. Antes de iniciar minha intervenção, li o comunicado do comando das FF GG sobre a morte de João Carlos. No dia 26 ouvimos informe do Osv sobre as atividades do DB, Relatou o C desse D as visitas às casas dos lavradores, onde os co foram muito bem recebidos. O Osv está tendo algumas dificuldades no relacionamento com seus comandados. Teve choques com Ferreira e João Goiano. Espero que supere tais dificuldades. Também ele nos relatou com mais detalhes o que aconteceu com o Glênio. Este, na verdade, pretendia desertar, quando foi preso por dois bate-paus. Em Xambioá o sargento deixou-o tomar banho sozinho no rio, sem qualquer guarda. Comuniquei ao Osv a decisão de manter os três DD e todas as demais resoluções. Depois de percorrer, durante alguns dias, a área da Gameleira, o DB voltará para a área onde estava atuando. No mesmo dia, à noite, fizemos uma festa com doces de castanha e leite condensado, elaborado com arte pelo Ferreira. Na ocasião, fiz curta palestra sobre o papel do P no desencadeamento e no curso da luta guerrilheira. Na noite de 27 foi realizado

um debate sobre a cultura. Abri a discussão. Falaram também Pe, Os, Mundico e João Goiano. A 28, Joaq saiu com Nelson e Ivo em direção ao acampamento da CM, de onde partiria com Jo e Zezinho para ir ao encontro do DA. Ivo regressou no dia seguinte, trazendo gaze gessada para o Mundico e glucantine para Áurea. A 29, partiu Osv com seu D, deixando a Val e o Raul, agora co do DC. Durante o tempo em que fique com este D, comuniquei as decisões da CM e discuti o Regulamento Militar. A Dina deu novos detalhes sobre a morte do Vitor, Antonio, Cazuzza e Sé Francisco. Antonio não morreu no local. Foi apenas ferido. Assassinaram-no com pancadas, após bárbaras torturas, em Xambioá. Seu nome era Antonio Monteiro.

Durante o tempo em que permaneci com os co dos DD B e C, Zeca e Ari consertaram todas as armas que precisavam de reparo. Fizemos “milagres”. Um excelente trabalho e boa ajuda aos co. No dia 2 de março prestamos homenagens em memória de Zé Francisco. Além da minha intervenção, também falou a Dina, que fez relatos sobre episódios da vida do camarada Chaves (Zé Francisco). Intervenção muita educativa. A 3 de março parti com Zeca e Ari. Chegamos ao acampamento da CM com dois jabutis. No dia seguinte, o DC partiria para a sua área de operações. Desejo-lhes êxito.

6/3 – Onde Ari foi para a rede com malária. Hoje melhorou e saiu para caçar. Trouxe um carumbé e uma jabota. Zeca foi para a mata procurar uma tábua para o fole e madeira para coronha. Encontrou. Agora é preciso cortar o pau.

8/3 – De manhã, Zeca e Ari saíram porá trazer a tábua para o fole. Ontem, Nelson e Ari trouxeram o papel que estava no depósito. No caminho encontraram uma jabota de tamanho avantajado. Tinha muitos ovos.

Eu e Nelson estamos examinando a máquina de escrever, o mimeógrafo e o papel. Tudo está em bom estado, inclusive a tinta. Vai, assim, começar a funcionar a “impressora”.

Hoje procurei escrever sobre dois frutos da mata, que nos tem ajudado muito em nossa alimentação. Um deles é o caju de janeiro e o outro é o cajá.

As árvores de ode brotam são de grande porte e a sua produção é vasta. Um pé de caju de janeiro, ou de cajá, dá milhares de frutos. O chão fica coalhado deles e seu perfume agradável se sente longe. Desde novembro estamos chupando caju e até agora ainda o encontramos. Não sei porque o chama de caju de janeiro. Essa fruta tem formato igual ao do caju comum. Mas dele se diferencia. É sempre vermelho. Sua castanha é pequena e mole, não serve para assar e comer. Muito rico em vitamina C, dizem os entendidos.

O cajá também possui vitaminas. Gostoso demais quanto tomado sob a forma de “sembereba”. E com açúcar, é claro. Na área em que nos encontramos as cajazeiras são enormes e sua produção é quase incomensurável. Fartamo-nos em chupar cajá. Seu inconveniente é ser bastante ácido. Mais que o caju. Para o guerrilheiro, carente de frutas, o caju de janeiro e o cajá são um achado.

Esses dois frutos têm outra vantagem. São excelentes “esperas”. Entre os fregueses habituais do caju de janeiro e do cajá, encontra-se o jabuti, o veado, o porcão e a anta. Muito bicho tem sido por nós abatido sob o cajueiro e o cajazeiro.

9/3 – Jo e Zezinho não chegaram de sua missão no DA. É possível que tenham retardado seu regresso para apanhar farinha, açúcar e mais outras coisas.

A Rádio Tirana tem transmitido várias notícias de jornais de partidos marxistas-leninistas, sobre o Brasil. Os artigos tratam de nossa resistência armada e prestam solidariedade ao PC do Brasil em virtude do assassinato de quatro de seus dirigentes pela ditadura militar.

O L'Humanité Rouge publicou farto material de página inteira. Nuova Unitá estampou excelente reportagem. Bandeira Vermelha, do PC da Polônia, fez vibrante e caloroso comentário, entranhado do mais profundo espírito de internacionalismo proletário. Igualmente Clarté, da Bélgica, versou sobre o mesmo assunto. De toda parte vem apoio à revolução brasileira, a ajuda política aos que, no país, se empenham na luta contra a ditadura. Sentimo-nos estimulados com essa solidariedade.

Ouvindo a Rádio Tirana também ficamos preocupados. Há mais de 2 meses essa Rádio não irradia notícia vinda do Brasil, nem transcreve nada da “Classe Operária”. Também não faz referência a nenhum dos documentos que mandamos daqui para a cidade. Que estará acontecendo? O contato com o exterior foi rompido? Aconteceu algo com o Cid e demais camaradas de direção? Vamos aguardar mais um pouco para ver se as coisas se esclarecem. Para nós é vital a ligação com o P.

Ao anoitecer de 9 chegaram Jo e Zezinho. Com eles um jabuti, grande número de bananas da terra e mais de uma lata de milho. Np DA tudo corre bem, sem maiores novidades. O grupo que saiu para liquidar o bate-pau não o executou. Depois de tomar a sua casa de assalto, prendeu-o e interrogou-o. Ele deu uma série de explicações e, de joelhos, pediu perdão. Disse que foi iludido e não mais serviria aos soldados. Comprometeu-se a pagar o porco e o rifle de Pedro Carretel. O bate-pau a ser justicado não causara danos de importância às FF GG. Não é dos mais raivosos. Por isso, a solução política, dada ao caso, talvez tenha sido a melhor. Acresce que a casa do canalha, na ocasião, estava cheia de camponeses.

O DA acaba de criar o primeiro núcleo do MLP. Realizou-se boa reunião, orientada por ZC e Piauí. Há possibilidade de criar novos núcleos da organização. Agora, é preciso estudar como funcionará o novo organismo de massas para tirar a necessária experiência.

A Rádio Tirana transmitiu mensagem de condolências do CC do PC da Polônia ao CC do PC do Brasil por motivo do assassinato de 4 dirigentes comunistas brasileiros. O documento condena a ditadura militar fascista brasileira, revela confiança na vitória do nosso povo e exalta os camaradas tombados.

Rote Morgen, órgão do PC da Alemanha, também tratou do mesmo assunto. Amplia-se, assim, a solidariedade aos revolucionários brasileiros.

Os camponeses da área do DA informaram que os moradores da região começam a fazer romaria ao túmulo da companheira Fátima. Isso é um indício do crescente prestígio das FF GG entre a população local. No meio do povo corre nova versão para o combate que aquela combatente travou com a tropa do Exército. Depois de matar o sargento e um soldado, Fátima apoderou-se de suas armas e de um aparelho de rádio. Expondo-se, ela acabou baleada nas pernas, aprisionada e, posteriormente, assassinada.

12/3 – Faz, nesta data, 11 meses da luta guerrilheira. Neste período muito avançamos, apesar de termos perdido excelentes co. Grandes são os êxitos políticos das FF GG. Quando completar um ano da nossa resistência armada, faremos um balanço aprofundado e multilateral.

Hoje, Zezinho saiu para caçar. Trouxe um guariba de boas proporções e um jabuti de quebra.

14/3 – Ontem Zezinho caçou um veado. Há fartura de carne.

Hoje, Nelson e aquele co partiram para apanhar farinha no depósito do DC. Na volta atenderão o ponto do Osv. A viagem durará 6 dias.

17/3 – Tem chovido torrencialmente. Durante o mês de março não houve um dia que não caísse água. Isso é bom para nós e para os camponeses. Estes terão ótima colheita e o

inimigo não se atreve a penetrar na mata. É certo que a chuva dificulta nossos deslocamentos. As gotas estão cheias e a umidade penetra em todas as partes. Muitas coisas úteis se estragam. Mas vive-se de maneira relativamente cômoda na selva. Barracas de palha de babaçu e coberturas de plástico nos defendem dos aguaceiros. A estação das águas não é inimiga da guerrilha. É boa aliada.

Ontem, Ari abateu gordo veado. Era fêmea. Trata-se do vigésimo cervídio caçado por aquele combatente. A maioria foi morta com rifle 22. Que bom seria se fossem milicos. ... Mas chegará a sua vez.

Sempre fico a imaginar se estamos devastando a fauna da região. Mas isso não acontece. Em comparação com o número de animais da selva, é insignificante a quantidade de bicos liquidados por nossos caçadores. Por exemplo, a população cervídea é bastante numerosa e os veados que abatemos não reduzem substancialmente essa população. Mas dá pena matar o veado. Matamo-lo por necessidade de nossa sobrevivência. Esse tipo de ruminante é belo, elegante e inofensivo. Ao vê-lo morto, lembro-me do Bambi das histórias infantis. Neste caso, nosso guerrilheiro passa de herói a vilão. Mas as crianças hão de perdoar – a começar pelo meu neto, profundo conhecedor de tais histórias – porque lutamos para salvar da morte prematura, da fome, da miséria, da doença e da exploração os milhões e milhões de trabalhadores pobres e abandonados. E, em primeiro lugar, os filhos dos operários e camponeses deste imenso Brasil.

18/3 – De manhã, partiram Jo e Ari ao encontro do DA. Voltarão com o Joaq e mais dois combatentes que foram transferidos para o DC. Trarão também farinha e outros alimentos. No acampamento estamos apenas dois: eu e o Zeca.

22/3 – Nelson e Zezinho ainda não voltaram. Esse atraso atrapalhou nossa vida. Além do mais estamos em comida e eles ficaram de trazer farinha. Talvez apareçam hoje.

A Rádio Tirana transmitiu na íntegra comunicado do CC do PC do Brasil sobre o assassinato, pelos cães de fila da ditadura, de 4 de seus membros. Documento bom, muito bom mesmo. Claro, firme, sereno e educativo. O fato de ter sido irradiado mostra que o P voltou a mandar informações para a Albânia, e que sua direção controla a situação partidária. Espero que recomece o envio de notícias sobre os guerrilheiros do Araguaia.

Aproveito a oportunidade para anotar algumas informações sobre a atividade propagandística do inimigo na área do DC. Logo no início de nossa luta, nos meses de maio, junho e julho do ano passado, helicópteros munidos de alto-falantes sobrevoavam as roças apelando com estardalhaço para os guerrilheiros se entregarem. Diziam: “Elementos do MLP! Entreguem-se, o presidente garante suas vidas”. E divulgavam outras mentiras e estúpidos slogans. Com isso não faziam mais que amedrontar muitos camponeses que, pela primeira vez, via “um avião falar”. Corre a notícia de que certa mulher abortou ao ouvir vozes vindas do céu... No mês de setembro do ano passado, no período da espetacular campanha das Forças Armadas contra os guerrilheiros do Araguaia, o Exército espalhou uma infinidade de volantes, impressos em “off-set”, em toda área. Foram colados nas árvores das estradas, caminhos e corrutelas. Eram de diferentes tipos. Todos convidavam os combatentes das FF GG a se render. Afirmavam que o Exército respeitaria a vida dos que se entregassem e que os desertores teriam um tratamento “condigno”. Um “boleta” era longo, cheio de itens, falava em dialética sem nenhum propósito, verdadeiro bestiológico. Mas dele se podia deduzir qual a tática do inimigo. Outro, em corpo 14, explicava como os guerrilheiros deveriam se entregar e dizia que “os chefes lançam vocês no fogo”. Outro mais estampava clichês onde se viam Geraldo e Miguel, razoavelmente vestidos e com aparência, como “prova” do tratamento digno. Também se via em um dos volantes os

retratos de Lena, Lúcia e outra jovem que não pertenceu à guerrilha. Foram distribuídas cartas, em fac-símile, de Geraldo, Lena e Lúcia. Esta escreveu: “Paulo, você me enganou dizendo que se fosse presa eu seria morta. Estou no seio da família”. Geraldo se dirigia ao “Glênio e demais companheiros” afirmando estar sendo bem tratado. Os autores das missivas não passam de traidores. Por isso, estão vivos. O “tratamento digno” do Exército foi o assassinato frio de 12 guerrilheiros, alguns com requinte de barbárie, como aconteceu com Carlito, Fátima e Antonio. Os volantes espalhados tinham outro objetivo, além de conclamar os combatentes da guerrilha à rendição: o de fazer demagogia, de dar à massa camponesa a impressão de que o Exército é “bonzinho” e não quer matar ninguém.

23/3 – Não apareceram Nelson e Zezinho. Mas, em compensação, ontem chegaram Joaq e Jo, trazendo quase duas quartas de farinha, 10 quilos de açúcar e um jabuti. Com eles também vieram Ari e mais dois co do DA que vão para o DC: Luiz e Lauro. Dirigiram-se, porém, para outro acampamento, onde ficarão até que os entreguemos a essa unidade guerrilheira.

Nos últimos 3 dias tem caído chuva para valer. De ontem para hoje verificou-se verdadeiro dilúvio. Caía e corria água por todos os lados. Todo acampamento ficou enlameado. No entanto, uma tarde de sol secará tudo.

Joaq informou que no DA as coisas andam bem. Na reunião da CM fará relatório detalhado. Todos estão com o moral e o ânimo bastante altos. As perspectivas são as melhores e o inimigo não dá o ar de sua graça.

26/3 – No entardecer do dia 23 Nelson e Zezinho chegaram ao acampamento. Atrasaram-se porque tiveram que ir a outro local em que se encontrava doente, com malária, o Osv. Traziam quase duas quartas de farinha e uma boa notícia sobre a atividade do DB. Essa unidade das FF GG tinha realizado uma operação militar contra a casa em que estavam morando alguns pistoleiros do capitão Olinto, que realiza extensa grilagem na região. O chefe dos jagunços era um bandido famoso, Pedro Mineiro, homem de confiança do capitão, que representa o “Capingo”.

A ação se verificou às 6 horas da manhã do dia 12. Ela foi precedida de uma exploração no dia 10 e por outra no dia 11. O comando do D, que estava acampado a um quilômetro e meio da casa, com as informações trazidas, ficou senhor da situação. O D saiu do acampamento às 3:30 horas e, próximo ao local do assalto, dividiu-se em dois grupos. Um destes, chefiado por Osv, entrou pelos fundos, e outro, dirigido por Comprido, arrombou a janela e a porta da frente. Na casa só se encontravam dois pistoleiros: o Pedro Mineiro e um piauiense jovem. Tomados de surpresa, não ofereceram qualquer resistência. Logo pediram clemência. Presos e amarrados, foram submetidos a um cerrado interrogatório. O piauiense era elemento novo no bando do capitão Olinto, mas o Pedro Mineiro era o chefe dos pistoleiros e tinha sobre as costas a responsabilidade de vários crimes de morte perpetrados contra peões e camponeses. Submetido a julgamento pelo Tribunal Revolucionário, foi condenado à morte e imediatamente fuzilado.

No local os combatentes do DB arrecadaram 8 armas em excelentes condições: 2 espingardas 16 de dois canos, 2 espingardas 15, uma carabina 32x20, 2 revólveres 38 com cano reforçado e uma pistola 32. Apanharam farta munição, 2 cantis, 3 embornais, 7 calças, 10 camisas, 3 calções, 3 pares de calçado, 2 redes, ferramentas e alguns remédios. Também confiscaram alimentos, 20 quilos de sal, 3 panelas, pratos e talheres.

Além disso, apoderaram-se de valiosos documentos que comprovam a grilagem e a ligação do capitão Olinto com as Polícias Militares de Goiás e do Pará. Um desses documentos era um mapa detalhado (1:50.000) de imensa área, correspondendo a 9.500 alqueires (47 mil

hectares), dividida em numerosos lotes de 3 mil hectares cada um, vendidos a diferentes testas de ferro do capitão Olinto, em completo desrespeito à legislação sobre venda de terras vigente no Estado do Pará. Esse mapa é de grande importância militar para as FF GG e veio comprovar a correção de nossos levantamentos do terreno.

Outros documentos eram um memorando do coronel comandante da PM de Goiás ao 1º tenente da PM desse mesmo Estado, transmitindo ordens para que desse toda a cobertura aos capangas do capitão Olinto, e uma carta do coronel da PM de Goiás, Geraldo Antonio Freitas, ao capitão da PM do Pará, delegado em Marabá, solicitando que ajudasse o grileiro em sua atividade contra os camponeses. Na papelada apreendida havia várias licenças de porte de armas em nome da fazenda Saranzal, nome da arapuca montada pelo facínora Olinto e seus comparsas. Muitas licenças são por demais estranhas, pois os portes de armas são outorgados a pessoas físicas e não a pessoas jurídicas.

A operação militar do DB durou uma hora. Serviu para elevar o moral dos combatentes, melhorar o armamento do D e para forjar os guerrilheiros, tendo em vista futuros choques com as forças militares da ditadura. O comandante do D emitiu comunicado, cuja cópia foi deixada no local. O piauiense, posto em liberdade, recebeu outra cópia. O comunicado diz o seguinte:

AO POVO

Julgado pelo Tribunal Revolucionário do 2º destacamento das Forças Guerrilheiras do Araguaia, foi condenado à morte e fuzilado, a 12 de março de 1973, o pistoleiro conhecido pelo apelido de Pedro Mineiro, assalariado do facínora capitão Olinto, chefe do grupo de grileiros do Capingo. Pedro Mineiro, responsável pelo assassinato de vários lavradores e peões, paga com a vida pelos seus crimes.

Abaixo a grilagem!

Fora com os bate-paus e grileiros!

Morte aos Generais Fascistas!

Abaixo a Ditadura Militar!

Viva a Terra Livre para o Povo Viver e Trabalhar!

Viva as Forças Guerrilheiras do Araguaia!

Viva o Brasil Livre e Independente!

Oswaldo Mineiro

Comandante do 2º Destacamento das Forças Guerrilheiras do Araguaia.

Na reunião da CM realizada a 27, Joaq informou que o DA organizou um comitê da ULDP e que tem perspectiva de formar mais dois ou três. Na opinião de ZC houve mudança de qualidade na posição das massas em relação à guerrilha. Hoje os camponeses falam de “nossa luta” ao invés da “luta de vocês”, como diziam no início da resistência armada. Na área do D já foram escolhidos 7 lugares para se fustigar o inimigo quando ele entrar na mata. O DA dispõe também de boa rede de informantes. Seus combatentes resolveram o problema do calçado e adquiriram panos para confeccionar alguns “gongos”. Nos dois últimos meses foram visitadas 27 novas famílias. Há boas possibilidades de recrutamento para as FF GG, principalmente quando o Exército retornar à região. Muitos camponeses se comprometeram abertamente com o movimento armado. Com a presença dos soldados, não terão outro recurso para escapar da repressão senão o de “cair na folha”. O DA solucionou o seu problema de abastecimento através da massa. Já tem um depósito de 50 latas de farinha. Vai conseguir arroz à base da colheita na “terça” e mandar pila-lo. No dia 12 do próximo mês o DA vai comemorar o 1º aniversário da luta guerrilheira no Araguaia. Joaq irá participar da festa.

Na reunião da CM foi aprovado o seguinte manifesto sobre o 1º aniversário de nossa resistência armada:

Viva as Forças Guerrilheiras do Araguaia

Lavradores, Peões e Castanheiros da Região do Araguaia!

Moradores de São Domingos, Brejo Grande, Itamerim, Palestina, Santa Cruz, Santa Isabel, São Geraldo, Araganã e Itaipavas!

Povo de Marabá, São João do Araguaia, Araguatins e Xambioá!

Há precisamente um ano os guerrilheiros do Araguaia combatem com firmeza os soldados do governo e toda corja de bate-paus da ditadura. Não temendo a vida difícil na mata e a falta de alimentos, nem as doenças e a morte, resistem, dando provas de valentia, a um inimigo cruel e armado até os dentes. Nestes 12 meses, enfrentaram duas grandes campanhas militares, quando foram utilizados aviões, helicópteros e muitos milhares de homens do Exército, Marinha, Aeronáutica e Polícias Militares do Pará e Goiás. Mas não se deixaram derrotar. Não correu em vão o sangue generoso dos destemidos guerrilheiros que, empunhando armas, morreram em prol da emancipação da Pátria.

Hoje, as Forças Guerrilheiras do Araguaia – formadas logo depois do traiçoeiro ataque de 12 de abril do ano passado contra os moradores desta região – são muito mais fortes e sua influência entre o povo é cada vez maior. Operários, estudantes, democratas e patriotas prestaram-lhes solidariedade. No interior, camponeses dão-lhes apoio e se lançam também à luta. Lavradores e habitantes do Sul do Pará com elas simpatizam e as ajudam. Para mobilizar as massas populares e espalhar a chama da rebelião acesa no Araguaia foi organizada a União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo (ULDP), já em atividade no Pará, Maranhão, Goiás e Mato Grosso. Assim, o movimento armado que se iniciou na selva amazônica transforma-se em poderosa torrente cujo avanço ninguém poderá deter.

Por que, apesar do enorme aparato empregado pelos generais, as forças guerrilheiras sobrevivem e se desenvolvem tão rapidamente? Os guerrilheiros não foram vencidos porque se batem por uma causa justa. Lutam contra a feroz ditadura, defendem os interesses nacionais contra a espoliação das grandes empresas estrangeiras, representam as verdadeiras aspirações das massas de milhões de pobres e oprimidos.

O povo está cansado de sofrer, não mais tolera o cativo, almeja uma vida feliz, quer acabar com o atraso, a fome e a miséria. Justamente, o movimento guerrilheiro surgiu para acabar com a pobreza, impulsionar o progresso do interior, pôr fim ao criminoso poder dos militares, acabar com as arbitrariedades da polícia e com a exploração dos poderosos.

Os guerrilheiros do Araguaia pugnam para que o lavrador seja dono de sua posse e tenha título de propriedade; lutam contra a grilagem; exigem preços mínimos compensadores para os produtos da região; reivindicam proteção aos que labutam nos castanhais, na extração de madeira e nas grandes fazendas; querem reduzir os impostos para a lavoura e para o pequeno comércio; são a favor da efetiva assistência médica à população local e da instrução para todas as crianças. Tudo farão para derrubar, junto com a maioria dos brasileiros, o governo sanguinário de Médici e para instaurar um governo popular que assegure a democracia, acabe para sempre no país com o domínio dos gringos norte-americanos e garanta o bem-estar dos trabalhadores.

Está é a razão porque lavradores, peões, posseiros, castanheiros, garimpeiros, tropeiros, barqueiros, pequenos comerciantes e todos os que amam a sua terra têm que estar ao lado da guerrilha. Se os revolucionários do Araguaia resistiram com bravura, durante um ano, aos violentos ataques de um governo de, tem, também, condições de ganhar novos aderentes bandidos e obter, no correr do tempo, a vitória.

No primeiro aniversário da resistência armada dos moradores do Sul do Pará, as Forças Guerrilheiras chamam os oprimidos e injustiçados, os que passam necessidades e os que almejam um país livre e independente, a intensificar a ajuda a seus heróicos combatentes. A juventude pode ingressar nas fileiras da guerrilha para, de armas nas mãos, acabar com os carrascos e redimir a Pátria. Os mais velhos, homens e mulheres, podem lutar de outras formas. Informar e alimentar os guerrilheiros, filiar-se à União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo, fazer propaganda da revolução.

Brasileiro!

A hora é de decisão. Ou se combate corajosamente pela liberdade ou se permanece sob a mais negra tirania. Escolha o caminho da luta. Entre para as Forças Guerrilheiras do Araguaia, empunhe o fuzil, seja um combatente do povo. Organize-se na União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo para conquistar uma vida melhor, sem ditadura, sem exploração e sem humilhação.

Abaixo a ditadura!

Unido e armado o povo vencerá!

Glória aos valentes guerrilheiros tombados na selva!

Em algum lugar das matas da Amazônia, 12 de abril de 1973

O Comando das Forças Guerrilheiras do Araguaia.

28/3 – Ontem à tarde partiram, Nelson Jo e Zeca para o contato com o DC. No caminho apanharão Ari, Luiz e Lauro. Ao regressar, 4 desses combatentes trarão muitos alimentos, em especial farinha, e outras coisas úteis.

A Rádio Tirana, ao noticiar o tratamento selvagem que vem sendo dado ao camarada Alex e à sua companheira, presos juntamente com Danielli, referiu-se a uma carta enviada por Chico a Danielli, apreendida na casa daquele casal> Penso que se trata de aviso do P. Pela data da prisão de Carlinhos e seus companheiros é muito difícil que a carta tenha caído na residência de Alex. É possível que a direção do P nos mande dizer que não devemos enviar cartas e outros documentos, nem mesmo mensageiro ao ponto de ligação. O rompimento de nosso contato com o P seria pesado golpe.

31/3 – A Rádio Tirana voltou a insistir na notícia sobre a apreensão pela polícia da carta de Chico ao Danielli. Estou propenso a acreditar que a correspondência que enviamos à direção do P foi parar nas mãos da reação. Tal fato constitui um transtorno. A missiva não continha nenhum “serviço” que pudessem dar indicações capazes de levar à prisão de camaradas ou a golpes contra a guerrilha. Mas fornece ao inimigo alguns dados sobre as FF GG e sobre a extensão de nosso trabalho de massas. Além disso, deixaram de chegar a seu destino, a fim de serem divulgados, o comunicado nº 2 das FF GG do Araguaia, o comunicado sobre a morte de Fátima e a carta do Osvaldo a seus amigos da região.

Há vários dias nossa alimentação se baseava unicamente à farinha e ao leite de castanha. Eu, que ando avariado dos intestinos, tomava um caneco de leite em pó dissolvido n’água. Ontem, no entanto, tiramos a barriga da miséria. Zezinho caçou um capelão, uma cotia e dois jabotis. Como no acampamento somos três: eu, Joaq e Zezinho, comeu-se carne à vontade.

5/4 – Entramos no mês de abril ouvindo no rádio xaroposos discursos dos grandes do regime sobre a “revolução democrática de 31 de março”, eufemismo do golpe militar ultra-reacionário de 1º de abril de 1964. Além de fascistas, cínicos. Assim se revelam os generais e seus porta-vozes civis. Passados 9 anos, a ditadura agravou todas as contradições da sociedade brasileira. Lançou o país no mais negro obscurantismo e entrega, despidoradamente, em nome do “desenvolvimento”, as riquezas nacionais ao imperialismo

estrangeiro. Mas o povo brasileiro reage. Nada pode deter a marcha ascendente do movimento revolucionário. Por mais que os governantes cometam os mais monstruosos crimes, os patriotas e democratas lutam pela liberdade e pela emancipação nacional. Os guerrilheiros do Araguaia encontram-se na vanguarda dessa luta e impulsionam a verdadeira revolução.

No dia 4 regressaram Nelson, Jo, Zeca e Ari do encontro com o DC. Vinham carregados. Nas mochilas traziam meio saco de milho, uma quarta de farinha, 30 litros de arroz pilado e alguns litros de feijão. Do depósito da CM retiraram café, 50 ampolas de glucantine e outros remédios. Apanharam também um náilon para cobrir a rede do Nelson e uma bota de borracha para a Lia, do DB. Do mesmo depósito também veio cloromicetina para combater a desinteria que me apoquentou há meses (acabo de tomar maciça dose de sulfadiazina, terramicina e mexaformio).

No DC tudo corre normalmente. A essa unidade guerrilheira foram entregues os dois combatentes transferidos do DA. Pe informa que no trabalho de massa seus comandados conseguiram 7 amigos firmes. Os guerrilheiros trabalharam em três roças, colhendo arroz. O D já tem em depósito 20 quartas de farinha (10 sacos), 4 sacos de milho e 80 quilos de sal. Vai cumprir o plano de abastecimento. Também comprou os alimentos encomendados pela CM. Tem perspectiva de formar dois núcleos da ULDP. Está programada uma ação punitiva contra um bate-pau que ao mesmo tempo é um explorador. Foi adquirido da massa um rifle 44 que, com alguns reparos, poderá entrar em atividade. Comprou-se, igualmente, um pneu e couro, resolvendo-se, desse modo, o problema do calçado. No entanto, o equipamento está se acabando. Na falta de lona para mochilas, usar-se-á sacos. O C do DC deu notícia que a 15 do mês passado chegaram 300 soldados do Exército em Xambioá. De 20 a 30 foram para São Geraldo. Outros foram para Santa Cruz. O inimigo começa a entrar novamente na região.

Reuni a CM para discutir e resolver algumas questões e fazer um balanço de um ano da luta guerrilheira no Araguaia. A ordem do dia da reunião continha os seguintes pontos:

- informação do Nelson;
- balanço de um ano de atividades das FF GG;
- ligação com o P;
- mudança de acampamento, depósitos e oficina;
- orientação diante da chegada do inimigo.

7/4 – Zezinho e Ari foram anteontem buscar castanhas. Na volta, abateram um veado e apanharam um jabuti. Há três dias atrás o primeiro daquele combatente caçou um tatu. O problema da alimentação vai sendo resolvido satisfatoriamente. Hoje, partiram Joaq, Zeca e Zezinho para participar da reunião comemorativa do 1º aniversário da resistência armada no Araguaia, promovida pelo DA.

O esquema que serviu para a abertura da discussão na CM sobre o primeiro ano da guerrilha foi o seguinte:

Balanço de um Ano de Atividade das FF GG do Araguaia

1. Significado político de um ano da Guerrilha na Região do Araguaia.

a) no dia 12 de abril completa um ano a resistência armada no Sul do Pará. É um acontecimento de imensa importância no desenvolvimento da situação política brasileira. Durante um período relativamente longo, enfrentando uma ditadura sanguinária e fortemente armada, revolucionários sem nenhuma experiência anterior de guerra de guerrilhas, desfraldam, com o fuzil nas mãos, a bandeira da liberdade, contra o imperialismo e pelas reivindicações populares. Esta resistência é um grande exemplo para

os patriotas e democratas, revela que no Brasil existem forças que não capitulam diante da mais violenta reação e que impulsionam a luta do povo para derrubar o poder dos militares. A guerrilha do Araguaia é o mais poderoso movimento democrático surgido após o golpe de 1964 e que influi de modo marcante no curso da emancipação política nacional. A permanência da guerrilha durante 12 meses é uma verdadeira façanha, que só pode ser explicada pela justeza da causa que defende;

b) a presença da guerrilha em contribuído para desmascarar a ditadura e impedir que a demagogia dos militares engane as massas. Médici, quando assumiu o poder, afirmou que no fim de sua administração o Brasil entraria na “normalidade democrática”. Aproxima-se o fim do atual governo e os generais, nem de longe pensam em “institucionalizar o regime”, uma vez que o descontentamento do povo é sempre maior, existindo há um ano luta armada no país. Os militares recorrem a toda sorte de violências e cometem os piores crimes a fim de travar o crescimento das ações do povo. Assim, se acirra, em escala crescente, a luta entre os que aspiram à liberdade, o progresso, a independência nacional e o bem-estar dos trabalhadores e os que defendem um regime tirânico e obscurantista. E quanto mais a ditadura se desmanda em suas arbitrariedades, mais cresce o movimento popular de resistência à tutela dos militares. Nesta luta, as FF GG desempenham papel primordial, constituem a vanguarda armada dos que, em toda a parte, se opõem à ditadura.

c) a luta guerrilheira do Araguaia, apesar da férrea censura do governo, torna-se conhecida cada vez mais de amplos setores da população. No correr do tempo, irá assumindo o papel de principal apoio do movimento de oposição popular. O inimigo tudo faz para impedir a repercussão da guerrilha. Mas não conseguiu alcançar seu objetivo. Os acontecimentos do Sul do Pará se propagam com rapidez pelo Brasil afora (exemplo de Pindaré). Também internacionalmente, a guerra de guerrilhas do Araguaia obtém repercussão (dar exemplos).

d) o exemplo das FF GG do Araguaia pode frutificar. Novos núcleos de resistência armada podem surgir. E em torno da guerrilha do Araguaia e de outros movimentos guerrilheiros têm possibilidade de aparecer e se unir ao povo para libertar o país da ditadura e do domínio imperialista. A formação da ULDP, ao influxo da luta armada, é um grande passo para a unidade do povo. Na medida em que ela se desenvolve, mais se ampliará a luta armada.

e) a guerra de guerrilhas na região se desenvolve em situação política interna bastante favorável. As condições objetivas são propícias; vastas massas pobres e exploradas; um regime tirânico; contradições no seio das classes dominantes, inclusive entre os militares. A ditadura está cada vez mais isolada, perde apoio social e político. Por isso, se desespera. Volta-se, então, com ódio, contra as forças revolucionárias, em particular contra o partido.

2. Um Ano de Atividade das FF GG entre as Massas da Região

a) o trabalho de massas foi o maior êxito da guerrilha. Ele ultrapassou as melhores expectativas. No início da luta armada, camponeses e habitantes das corrutelas demonstravam simpatia pelos guerrilheiros. No entanto, a maior parte da população local era independente, e pequena parcela, enganada pela reação, mostrava-se contrária à guerrilha. Hoje a situação mudou. Generalizada é a simpatia e extenso o apoio às FF GG. Houve mudança de qualidade na posição das massas em relação aos combatentes da guerrilha. Os camponeses nos informam, nos alimentam e nos fornecem, na medida que nos desenvolvemos mais as massas confiarão em nós.

b) com a deflagração da luta armada, elevou-se o nível político e de consciência das massas. Estas já não são as mesmas do início do movimento guerrilheiro. Vão compreendendo os objetivos das FF GG e tomam posição política ao nosso lado. Formou-se uma opinião pública favorável aos guerrilheiros. Exemplo disso é a atitude de simpatia em relação à nossa luta, dos padres e dos tercozeiros. Reduzidíssimo é o número de inimigos entre os moradores da região. Mesmo os ricos conosco simpatizam. Diminui o número de bate-paus. Os camponeses começam a nos ver como se fossemos autoridades. Os que se apoderaram de nossas coisas agora começam a devolve-las. Cresce o número de nossos fornecedores. Ninguém teme em nos ajudar. Já é bastante elevada a quantidade de amigos firmes. Inicia-se também a resistência da massa aos grileiros. Estes são, do ponto de vista social, os maiores inimigos da região. Mesmo assim, podemos manobrar com alguns deles. Organizam-se os primeiros núcleos da ULDP. Surgem possíveis voluntários para as FF GG. As massas já fazem propaganda de nossa luta e de seus objetivos;

c) tudo isso é, em boa parte, fruto de nossa propaganda revolucionária armada. Esta tem avançado em ritmo bem acelerado. Cerca de 600 famílias já foram por nós visitadas. Na área do A, perto de 150, na do B 200 e na do C 150. As experiências do DA são as melhores. Os combatentes fazem palestras, conversam com os camponeses, lêem o manifesto da ULDP e outros documentos; declamam o Romance da Libertação do Povo. Na propaganda revolucionária, desempenha importante papel o trabalho físico em conjunto com os camponeses. Para o êxito do trabalho de massas teve grande importância o fato de os guerrilheiros se situarem próximos das casas dos camponeses e ligarem-se mais às massas quando o inimigo não está na área.

A tendência das massas é de se radicalizarem e aumentarem a sua ajuda, em todos os aspectos, às FF GG. Estas têm no povo seu principal sustentáculo (abastecimento, informação, recrutamento de novos combatentes e propaganda da guerrilha).

3. Um Ano de Atividade Militar das Forças Guerrilheiras

a) no terreno militar, fizemos dura e penosa experiência. Não tínhamos qualquer vivência de luta armada. Todos éramos neófitos. Não estávamos suficientemente preparados técnica e fisicamente. Nosso conhecimento do terreno e de vida na mata era pequeno. Nosso armamento bastante precário. Poucos eram nossos depósitos e escassos nossos recursos financeiros. Pagamos elevado preço em virtude dessa deficiente preparação. Nosso aprendizado foi caro. Tivemos pesadas baixas, particularmente no DC;

b) mas não capitulamos e nem fomos vencidos. Um ano depois de iniciada a luta, mantemos nossas forças principais e avançamos em todos os terrenos. Realizamos pequenas ações, mas algumas de repercussão. Enfrentamos duas grandes campanhas militares sem nos deixar derrotar. Causamos 8 baixas ao inimigo. A sobrevivência da guerrilha e o seu fortalecimento são o nosso êxito militar mais importante. Isso foi possível porque: nossa causa é justa; nossa linha militar é correta; fizemos uma preparação adequada, embora deficiente;

c) As FF GG estão se forjando na luta. Seus membros são combatentes e propagandistas. Aprendem a combater, a se ligar com as massas e a propagar as idéias da revolução. São hoje autênticos lutadores do povo. Os DD fazem com perícia seus deslocamentos. As aproximações das casas vêm sendo conduzidas como se fossem operações militares. Algumas ações foram muito bem feitas (dar exemplos). Estamos criando nossa tática militar;

d) as FF GG dominam a mata. A grande maioria dos combatentes orienta-se bem. Expandimos nosso conhecimento da selva. Passamos relativamente bem a estação das águas.

e) avançamos no abastecimento. Não fomos obrigados a capitular pela fome, nem fizemos aventuras em busca de alimentos. Os depósitos em barracas, a caça e o moquéim, a castanha, os frutos da mata, a massa de coco de babaçu. Os camponeses nos dão comida e nos vendem seus produtos.

f) forjamos na guerrilha o novo homem. Os nossos heróis e mártires (Fátima, João Carlos e outros).

g) nossa tática consiste em não se empenhar em ataques frontais ao inimigo, só combatendo quando as condições forem extremamente favoráveis. Obedecer rigorosamente às leis da guerrilha. A grande questão: quem surpreende quem. Não se deixar localizar. Aproveitar ao máximo o abrigo da mata. Utilizar o mais possível as informações dos moradores da região. Procurar sempre fustigar o inimigo e embosca-lo quando possível e quando se estiver certo do êxito. Não temos sabido aproveitar todas as condições favoráveis. Quando o inimigo avança com grandes efetivos, devemos recuar, mas fustigando-o e emboscando-o atuar em diferentes áreas para desnortear o inimigo. Preencher toda nossa região, de S. Domingos a Itaipavas. Multiplicar-se por mil. Não ficar parado. A passividade seria a morte da guerrilha. Empregamos pouco o fustigamento e não fizemos nenhuma emboscada, nem armadilha. Não colocamos nenhuma mina. Não fizemos trabalho de desinformação e inquietação do inimigo. Mas, de um modo geral, aumentou nossa capacidade militar.

h) nosso armamento sempre foi precário e tivemos muitas perdas de armas (por ação do inimigo, extravio e falta de cuidado). Nossas perdas em armas: A – 4 revólveres (3 extraviados), uma espingarda 16, uma espingarda 20, dois rifles 44 (um extraviado) e uma espingarda 16 e uma metralhadora avariadas. C – 3 fuzis, uma pistola 45, 10 revólveres, 4 espingardas 20 e 2 rifles 44 avariados. CM – 1 revólver. Total: 33 armas perdidas e 6 avariadas (2 metralhadoras). Armas conseguidas: A – 2 espingardas 20 e 2 rifles 44 (por compra); B – 4 espingardas 16, uma carabina de repetição e 2 revólveres (tomados ao inimigo); C – 2 espingardas 20 (tomadas do inimigo), um rifle 44 e um revólver 38 (por compra); CM – uma espingarda 20. Total: 16 armas. Apesar de termos perdido a oficina, mantemos uma oficina volante que vem consertando as armas avariadas.

i) Estragou-se o calçado e o vestuário. O pneu vem suprindo a falta de calçados. O problema do vestuário vem sendo enfrentado com dificuldade. O A comprou brim. O B conseguiu alguma roupa, tirando-a do grileiro.

j) Sobre o Serviço de Saúde, este vem funcionando normalmente. A morte de Juca foi para tal serviço um pesado golpe. Mas os bulas do D estão preenchendo a lacuna aberta. Não têm faltado remédios devido aos nossos depósitos. Também se adquiriu uma boa quantidade de medicamentos. Devido a isso, o estado de saúde dos combatentes é bom. A malária e a leishmaniose vêm sendo enfrentadas com êxito. E não são poucos os casos. Mas os depósitos estão sendo consumidos. O C perdeu muitos remédios e o B não tinha completado seus depósitos. É necessário comprar mais remédios.

k) Sobre o Desempenho das Mulheres. Foi realizada, neste sentido, boa experiência. Os companheiros muito ajudaram e não criaram dificuldades. Muitas têm se destacado. O exemplo do “pelotão feminino”. As mulheres contribuem bastante para desenvolver o trabalho de massas;

l) Sobre o Recrutamento para as FF GG. O DA fez um recrutamento e tem vários outros em vista. Há boas perspectivas. Deveremos crescer com elementos da população local;

m) Apesar de nossos êxitos tivemos perdas de combatentes: 12 mortos, 4 presos e 2 desertores (11 do DC, 5 do DB, 1 no DA e 1 na CM). Total: 18 baixas, número bastante elevado para o efetivo das FF GG. Entre as baixas estão combatentes que tinham bastante qualificação;

n) Causas das Baixas:

- não se tem em conta que a guerra é prolongada;
- desobediência às leis da guerrilha (não aplicação das normas de marcha, de trabalho de massas, etc). Falta de vigilância;
- inexperiência militar;
- ilusões em relação às massas, vendo apenas seus lados positivos;
- deixar bate-paus e delatores livremente.

4. Como Atuaram as FF AA da Ditadura no Curso de Um Ano

a) o inimigo não atuou de maneira uniforme. Comportou-se de 3 formas: usando grandes efetivos em vastas campanhas militares; empregando pequenos efetivos em atividades permanentes; não desenvolvendo qualquer atividade, deixando a região abandonada;

b) emprego de patrulhas de diferentes efetivos (30, 15, 6 e até 4 homens);

c) marchas nas estradas e caminhos;

d) algumas incursões na mata;

e) emboscadas em pontos estratégicos ou em lugares onde tinham a informação sobre a passagem de guerrilheiros;

f) queima de barracas;

g) emprego de bate-paus como guias;

h) pouca tropa especializada. Soldados inexperientes e com moral baixo;

i) armamento bom. Todos os soldados com FAL. Alguns com metralhadoras.

Bem equipados;

j) logística: alimentos enlatados, liofilizados e rancho transportado em burros ou helicópteros;

k) dificuldades de transporte e abastecimento para grandes efetivos;

l) função dos aviões e helicópteros: só deve ter sido úteis para o transporte;

m) construção de numerosas estradas. Nenhuma serventia na estação das águas;

n) sua política em relação à massa fracassou. Não conseguiu ganhar a simpatia da população local. De nada valeu a demagogia (ACISO). O Exército não amedrontou os camponeses;

o) propaganda dirigida aos guerrilheiros;

p) organização de Batalhões de Infantaria de Combate na Selva. Preparação de tropa especializada;

q) o inimigo terá que apelar para o emprego de grandes efetivos e será obrigado a penetrar na mata. Mas não alcançará grandes resultados.

5. O Papel das Cidades em Um Ano de Luta Guerrilheira

a) no aspecto político, foi de importância fundamental o papel das cidades para a guerrilha do Araguaia;

b) Ajuda Política. Propaganda no País e no Exterior. O P deu projeção nacional à resistência armada no Sul do Pará;

c) Ajuda material e Informação;

d) os ataques do inimigo contra o P nas cidades e seus reflexos no movimento guerrilheiro. Desafiamos a ditadura e ela se voltou desesperada e cheia de ódio contra o P e contra os revolucionários.

6) As Principais Conclusões de Um Ano de Luta Guerrilheira

a) no trabalho de massas. O povo da região está do nosso lado. Podemos ganha-lo para a luta ativa. Nossa influência tende a crescer e ultrapassar os limites da nossa região;

b) na atividade militar. Temos condições de resistir ao inimigo, infligir-lhe perdas, conseguir armas, aumentar nosso poderio. As FFFF da ditadura não podem derrotar uma força guerrilheira, mesmo pequena, que emprega com habilidade a tática da guerra de guerrilha;

c) organização das FF GG. Podemos constituir um contingente de vários DD, capaz de dominar o terreno, de viver normalmente na mata e que tenha elevada capacidade militar. Podemos nos armar com armas tomadas ao inimigo, compradas e por os fabricadas. As FF GG podem crescer à base do recrutamento entre a população local e, eventualmente, com pessoas vindas das cidades;

d) no abastecimento. Abastecer-se apoiado nas massas e na mata. Fazer depósitos de alimentos para serem consumidos em situação difícil;

e) na educação dos combatentes. Formar o combatente na luta, no trabalho árduo e no contato com os camponeses;

f) o P desempenha papel fundamental na atividade política da guerrilha;

g) no comando das FF GG. É necessário se prevenir sempre contra o formalismo e contra toda espécie de liberalismo. Ter o máximo de iniciativa e lutar sempre contra a rotina.

7) Nossas Perspectivas

a) desenvolver as FF GG, ampliar sua influência sobre o povo e aumentar sua área de ação (esta última num prazo mais longo). Recrutar novos combatentes. Crescimento da ULDP;

b) enfrentar lutas mais duras e difíceis diante de novas campanhas do inimigo. Treinar e preparar melhor nossos combatentes. Conseguir mais armas;

c) apoiar-se nas próprias forças. Tudo fazer para se abastecer e crescer pelo trabalho em nossa região. A cidade deve ser cada vez mais considerada como acessório na luta armada;

d) preparar-se sempre mais para uma guerra prolongada. Preservar ao máximo nossas forças. O ano de 1973, no entanto, pode nos trazer surpresas (a camarilha que se encontra no poder se isola, se desgasta, e neste ano muda-se o ditador). Precisamos estar preparados para intervir com mais peso nos acontecimentos.

8. Algumas Tarefas Práticas

a) estudar e assimilar as normas e regulamentos das FF GG. Procurar dominar as leis da guerrilha;

b) pesquisar e estabelecer os locais de fustigamento e emboscada (reafirmação de tarefa já dada);

c) criar novos depósitos de alimentos (reafirmação de tarefa já dada);

d) comprar e consertar armas e se apoderar do armamento de bate-paus e soldados;

e) intensificar o trabalho de massas. Cada D precisa atingir todos os moradores de sua área. Consolidar o trabalho entre os amigos firmes. Criar núcleos da ULDP;

f) intensificar a propaganda revolucionária armada. Utilizar todos os documentos existentes e, em especial, o Romance da Libertação do Povo e o Manifesto do 1º Aniversário da Luta Guerrilheira;

g) ocupar uma pequena cidade, caso o inimigo não tenha chegado.

8/4 – Chove sem parar. De ontem para hoje caiu o maior aguaceiro deste ano. As grotas transbordam. Também a mata é batida por fortes ventos, o que representa sério perigo. Tombam paus de todos os tamanhos e ai de quem ficar debaixo. Mas a estação das águas não nos assusta.

11/4 – Um mutum foi abatido por Ari. Já podemos comemorar amanhã o primeiro aniversário da guerrilha do Araguaia com uma “bóia” melhorada. A presença do mutum é sinal de que o verão se aproxima. No inverno esta ave não deu sinal de sua presença.

Ouviu-se durante o dia o ronco de motores de avião. Às 16:30 horas um “teco” cruzou o acampamento. Será que os soldados começam a se movimentar?

12/4 – Faz hoje um ano a luta guerrilheira na região do Araguaia. Trata-se de importante êxito. Conseguimos realizar o que nenhuma força de esquerda foi capaz de levar a cabo: erguer-se, de armas na mão, contra a ditadura e manter-se durante 12 meses. Hoje estamos em condições melhores do que há um ano e nossas perspectivas são boas.

Comemoramos a data com “bóia” melhorada. Nosso cardápio consiste em arroz com feijão, mutum ensopado, canjica de milho (mucunzá) e doce de castanha. E café para arrematar. Todos estamos fartos. À noite faremos uma reunião alusiva à nossa resistência armada. Os DD também comemoram a seu jeito o acontecimento.

13/4 – Jo e Ari saíram para buscar rancho no depósito do DC. Levam recados para o Pe. Na volta passarão por um depósito da CM.

A Rádio Tirana comemorou o 1º aniversário da resistência armada na região do Araguaia. Transmitiu nota sobre um ano de luta guerrilheira no Sul do Pará. E no espaço semanal “Na Frente de Luta pela Libertação Nacional” comentou a atividade das FF GG do Araguaia e enviou a saudação do povo albanês. Isto nos estimulou bastante. Ficamos emocionados com essa solidariedade e profundamente gratos aos amigos albaneses.

19/4 – Jo e Ari regressaram ontem. Traziam um veado e um carumbé. Carregavam também uma lata de milho, alguns quilos de café e um microscópio, que estava no depósito, ameaçado pelos cupins. Deixaram no caminho mais uma lata de milho. Encontraram os mensageiros do DC. Essa unidade guerrilheira comemorou festivamente o 1º aniversário da luta armada no Araguaia. Mataram um porco e fizeram um tacho de doce de castanha. Da festa participaram 3 famílias de camponeses. Havia meninos e meninas para valer. Também estavam presentes mulheres e moças. Grande era a “paquera”. Durante a reunião foi lido o Manifesto das FF GG do Araguaia sobre o 1º ano da luta guerrilheira e o Manifesto do DB sobre a execução de pistoleiros no Capingo. Foi ouvida a irradiação da Rádio Tirana, alusiva à data. Os camponeses aplaudiram as FF GG. Depois de ouvir aquele comunicado, diziam: “Eta Mineirão escroto”. Pe manda dizer que não se confirmou a entrada de 300 soldados em Xambioá. Trata-se apenas de um pequeno grupo precursor. Mas 4 aeronaves já estão naquela cidade. A massa diz informa que o inimigo virá entre 20 deste mês e 5 do próximo, ou entre 5 e 20 de maio. Os soldados que deram a notícia dizem que “agora é para valer”. Vamos aguardar para ver o que vem por aí. Os “Búfalos” estão voando quase o dia todo. Em Santa Cruz chegaram alguns soldados e a população se dispunha a fugir. Então apareceu um capitão apelando para que não fizessem isso. O C do DC informa que o seu D

cumpriu o plano de abastecimento para 6 meses e comprou o que lhe tinha sido encomendado pela CM. Bravo! Agora os combatentes podem se dedicar melhor às tarefas militares. O estado de saúde do D é bom.

As emissoras de rádio do estrangeiro, principalmente a Rádio e Televisão francesa, dão conta do crescimento da censura no Brasil. Três semanários estão sob completa censura: “Opinião”, “Pasquim” e “Politika”. Jornalistas são presos. Até o “Estadão” vê seus editoriais censurados. Em seu lugar publica receitas culinárias. Assim, a camarilha governante se isola cada vez mais. Ela vem semeando ventos.

Estou esperando a chegada amanhã do Joaq, Zeca e Zezinho, com notícias do DA. Deste modo, teremos novos informes sobre o trabalho de massas e da atividade inimiga.

21/4 – Na tarde de ontem chegaram Joaq, Zeca e Zezinho. Nas mochilas transportavam farinha e outros bagulhos. Traziam também pouco mais de um quilo de toucinho (o DC mandou também a mesma quantidade deste produto do porco). Estavam entusiasmados com o trabalho de massa do DA. A festa do 1º aniversário da luta armada foi um sucesso. O D recebeu de presente dois leitões, que foram engolidos no curso da reunião comemorativa. Esta começou às 10 horas da manhã e acabou à meia noite. A massa também participou ativamente dos festejos. Falaram Joaq, ZC e Piauí. Houve um programa musical. O regional do D cantou o Romance da Libertação do Povo e outras músicas. Estava presente o novo combatente, recrutado no dia anterior. Trata-se de um camponês de 35 anos, forte e valente. Vinha sendo ameaçado de expulsão da terra por parte de um grileiro. Trouxe com ele a espingarda. Dá impressão muito boa. Assim, as FF GG vêm crescendo, embora lentamente.

O DA, além dos 11 sacos de farinha já em depósito, vai estocar mais 10. guardará milho e arroz. Já comprou a maior parte das encomendas da CM. Também conseguiu 4 armas: 2 espingardas 20, 1 espingarda 16 e 1 rifle 44.

O D não tem maiores problemas. No entanto, surgiu grave incidente entre o Manoel e o Paulo. O primeiro, por questão de rotina, “perdeu a cabeça” e atirou no segundo. Felizmente a bala falhou. O Tribunal Revolucionário do D foi convocado e puniu o Manoel, tirando-lhe todas as armas.

A massa informa que o inimigo vai entrar na região entre 5 e 15 de maio.

4/5 – A lacuna que se verifica nestas anotações resulta da viagem que fiz, juntamente com o Joaq e o Jo, para entrar em contato com o DC. Partimos a 23 do mês passado. A ida e a volta durariam no máximo 6 dias. No entanto, a “macaca” nos perseguiu. Quando estávamos apenas a uma hora e meia do local do encontro, Jo, que atuava como guia, desviou-se do rumo e só fomos chegar ao ponto 4 dias depois. É evidente que não encontramos os co, pois a tolerância era de 48 horas. Como só levávamos farinha para as refeições e não apareceu nenhuma caça, passamos dias de fome. Acresce ainda que o terreno era dos mais difíceis: morros de mata suja e igarapé cheio de cipoais e espinhos. Também por desconhecimento do terreno, demos sucessivas erradas, que tornaram a viagem cada vez mais cansativa. As gotas e igarapés, devido às chuvas, nos obrigaram a perder tempo para atravessá-los. Caso houve em que gastamos mais de 3 horas.

Felizmente, não muito longe do local do encontro se situavam depósitos do DC e da CM. Neles nos abastecemos de milho e farinha. Depois nos dirigimos à referência. Mas não apareceu ninguém. É possível que os co do DC não tivessem tido tempo de ir até lá. A 1º de maio encetamos o regresso ao nosso acampamento. Foi, de fato, um dia de trabalho... e dos mais exaustivos. Para completar a coisa, caíram três chuvas torrenciais de amolecer o cabelo. Ficamos molhados até a medula. Ainda bem que mantivemos secos a rede e a roupa

de dormir. O chão estava todo ensopado, o que dificultava a marcha. Por fim, no dia seguinte, atingimos, às 5 da tarde, o nosso “lar”, quando devíamos chegar às duas. Houve uma errada de última hora. Cheguei me arrastando, com os pés em pandarecos, em carne viva e rico em micoses. Realizei verdadeira maratona, se se tem em conta que sou um guerrilheiro de mais de 60 janeiros. Também o Jo estava com os pés estropiados. As alpercatas de pneu davam-lhe sucessivos tombos. Durante a viagem, que durou 10 dias, só apanhamos 3 filhotes de jabuti e uma capininga, menor do que qualquer um desses filhotes. Em compensação às nossas vicissitudes, soubemos, pela Voz da Alemanha, que agora é primavera. Aquela rádio transmitiu, então, a Sonata de Bethoven, para violino e piano, dedicada a este período do ano. Não deixou de ser um consolo ouvir, em plena selva e completamente extenuados, o “scherso” do genial compositor, descrevendo fora de seu estilo a alegria da estação florida de sua terra.

Durante a nossa acidentada viagem tomamos conhecimento, através da Rádio Tirana, que o ministro do Exército, o gorila e nazista Geisel, presidiu em Belém a formação de tropa especializada, de 10 mil homens, que será enviada à região do Araguaia para combater nossos guerrilheiros. Tudo indica que vem tempestade por aí. Mas não tememos o inimigo. Esperamo-lo tranqüilamente. Possuímos um ano de experiência de luta na mata.

No dia 3 despachei o Nelson e o Ari para atender a referência do DC. Espero que tenham mais sorte do que eu. Antes de partir, Nelson prestou informações sobre seu contato com os mensageiros do DB, Peri e João. Este D realizou a festa de primeiro aniversário da luta armada com a presença de 3 famílias. Foi uma reunião boa e animada. Mas a parte política esteve fraca. O D recrutou novo combatente: um jovem camponês de 24 anos. Assim, aos poucos, a guerrilha vai preenchendo os claros abertos em suas fileiras. Na opinião do Nelson, há grande liberalismo naquela unidade revolucionária. Há mais de um mês que seus co só dormem em casa de elementos da massa. Muitos camponeses sabem onde o D se encontra. Os guerrilheiros andam normalmente pelas estradas e caminhos. Pode acontecer surpresa desagradável. Nelson chamou a atenção do Osv para que sejam cumpridas rigorosamente as normas e regulamentos sobre Segurança no Trabalho de Massas, Marchas, Acampamentos, etc. o DB adquiriu 15 quartas de farinha, 8 sacos de milho, sal e mais 116 rapaduras. Seu abastecimento está sendo resolvido.

No dia 28 passado, Zezinho partiu para realizar missão de contato. Esta será sua tarefa mais perigosa, pois nossa última correspondência caiu na cidade. Também não sabemos como se encontra o P depois das recentes quedas. Acho, porém, que nosso mensageiro cumprirá sua missão. Aqui fico torcendo pelo seu êxito.

Por enquanto, não há sinal do inimigo, Penso, no entanto, que ele não tardará.

6/5 – partiram, de manhã cedo, Joaq e Jo, ao encontro dos mensageiros do DA e do DB. Trarão, na volta, novidades e alimentos comprados pelo primeiro destes destacamentos. Eu e Zeca, convalescendo da malária, estamos sós no acampamento.

7/5 – Zeca continua prostrado. Eu também me encontro debilitado. As complicações intestinais não me deixam. Não sei mais o que fazer. Enfrento-as esportivamente. O diabo é a “moleza” e o mal estar que me atormentam.

Durante o período em que estive viajando, o pessoal que ficou no acampamento comeu uma jibóia, uma surucucu, 3 macacos prego, um jaé e uma cotia. Agora, que estou só com o Zeca, nada de carne.

11/5 – Nelson e Ari não regressaram do encontro do DC. É provável que o Pe não tenha vindo à referência e nossos mensageiros ficaram para aguarda-lo em outra data. Zeca já está bom da malária. Quanto a mim, o intestino continua dando trabalho. Para me castigar mais

ainda, um morcego mordeu-me. Este hematófago já tinha sugado o sangue em Joaq, Jo, Ari e Nelson. Por causa dele, temos que mudar logo de acampamento. Vampiro sem vergonha! No dia 0 comemorou-se o 28º aniversário da derrota da Alemanha Nazista. Todo reacionário ou revisionista aproveitou a data para deitar falação. Geisel, que na época da II Grande Guerra, era partidário de Hitler, baixou Ordem do Dia para o Exército. Disse que o maior perigo era o comunismo. Ora bolas! Os comunistas foram a alma e o motor da derrota do fascismo nos campos de batalha. Sem eles o nazismo não teria sido vencido. Também Prestes falou mais de meia hora na Rádio Moscou. Ele não quer ficar esquecido. Quer ser lembrado, nem que seja como locutor de rádio. Na oportunidade exaltou seus padrões do Kremlin. Assim paga o ócio sem dignidade em que vive na capital soviética. Triste e melancólico fim de um ex-revolucionário que chegou a ser considerado o Cavaleiro da Esperança.

Na data em que se comemora a queda do Hitlerismo, recordo-me dos acontecimentos daquela época, no país. Estávamos às vésperas da conquista da legalidade do PC do Brasil. Depois da grande campanha em favor da anistia para os presos políticos, os comunistas realizavam comícios e manifestações que atraíam grandes massas, que às vezes atingiam centenas de milhares. O nome de Stalin era aplaudido com imenso entusiasmo. A grande maioria dos brasileiros via nos comunistas os artífices da vitória. Nosso P viveu grandes dias. E só não avançamos mais pelo caminho da revolução devido à direção inepta de Prestes.

Hoje, em nossa terá, 28 anos depois do esmagamento do nazi-fascismo, por amarga ironia da História, estão no poder os antigos admiradores de Hitler e seus sequazes. Nossa luta contra a ditadura militar é, em essência, a mesma que travamos na primeira metade da década de 40 contra o fascismo. Só que hoje somos mais conseqüentes, estamos mais experimentados e nos encontramos de armas nas mãos. Da mesma forma que Hitler, os generais serão derrubados e julgados pelo povo. Para isso, as FF GG do Araguaia estão dando sua contribuição. Esta é a sua melhor homenagem aos milhões de anti-fascistas tombados na II Guerra Mundial.

12/5 – ontem, ao entardecer, chegaram o Nelson e o Ari. Nas suas mochilas carregavam milho e farinha. Ambos atacados de malária. O primeiro com 40º de febre e o segundo com 39º. Estavam prostrados. Nelson deu rápido informe. Os mensageiros do DC esperaram no dia 25, 26 e 27 do mês passado. Como não conheciam a referência, se retiraram. Pe não pôde mandar ninguém a 5, mas enviou estafeta para atender a 10, os, antes de atender o ponto, se postaram junto ao depósito da CM. Por isso, nossos mensageiros os encontraram a 7. O D realizou uma ação punitiva contra o Paulista, pequeno fazendeiro localizado na estrada S. Geraldo-Marabá. Esse indivíduo, que era nosso conhecido antes do início da guerrilha, se prestou aos mais vergonhosos papéis. Ajudou a prender o Geraldo; ficou com 2 burros nossos, vendendo-os e embolsando o dinheiro; serviu de guia às tropas do Exército; e andou pelas casas dos camponeses, realizando propaganda contra os guerrilheiros. O objetivo da ação era obter uma indenização pelos prejuízos que ele nos causara. A operação foi levada a cabo no dia 1º de maio, à noite, depois de se ter feito minuciosa pesquisa do local. Dois grupos do D, ao todo 12 co, tomaram a casa de assalto, onde se encontravam o Paulista e sua mulher, o Pombo e a empregada. Num galpão dormiam 12 peões. Todos, e mais 3 pessoas que se encontravam numa barraca próxima, foram reunidos na casa principal. Nemer, este o nome do canalha, estava bastante atemorizado. E não era para menos, feita minuciosa revista geral, arrecadou-se um revólver 38 Smith and Wesson, uma espingarda 20, quatrocentos e poucos cruzeiros, roupas,

remédios (muitos dos quais eram nossos), alimentos e alguma munição. O valor das mercadorias e do dinheiro correspondia ao prejuízo que o sem vergonha nos dera. Em seguida, Dina falou aos peões, explicando os motivos de nossa luta e expondo nosso programa. Expressou-se com ódio e entusiasmo. Depois acusou-se o Paulista. Disto se ocuparam Pe e Dina. O fazendeiro se defendeu, negando parte da acusação, e lançou toda culpa no Exército, que chamou de “exército de cachorros”. O C do DC foi magnânimo em relação ao acusado. Advertiu-o para que não incidisse em outros crimes. As contas estavam ajustadas. Foi correta a decisão de não executar o Nemer, se olharmos do ponto de vista político. Ele não é grileiro, mas é odiado pelo povo. É muito relacionado em S. Geraldo e Xambioá e seu fuzilamento poderia repercutir mal entre a massa. Vamos ver como se comportará de agora em diante. A operação durou 4 horas. Das 23 às 3 da madrugada. Também se aproveitou a ocasião para se derrubar uma placa do INCRA q eu foi jogada no Xambioá. Pe ficou de enviar informe mais detalhado.

Hoje faz 13 meses que iniciamos a luta guerrilheira. O registro dos meses torna-se rotina. Embora lentamente, as FF GG vão se consolidando. O DC está em vias de recrutar um novo combatente. É possível que no 14º mês de luta armada o inimigo dê as caras. Então haverá possibilidade de conseguir alguns FAL. Tudo agora parece normal, mas estamos nos preparando para dias difíceis de luta. Melhoram nossos depósitos e nosso armamento. Avançamos militarmente. Aumenta o número de nossos amigos. Os bate-paus se assustam e fogem. Muitos dos que se apoderaram de nossas coisas as estão devolvendo. Uns entregam panelas tiradas dos PP AA; outros até armas entregam em pagamento de dinheiro roubado. Policiais das cidades e corrutelas dizem que o Exército agora vem para valer. Mas os milicos não podem fazer milagres. Das vezes anteriores também vieram com a mesma disposição, mas se defrontaram com a selva e a tática de guerrilhas. Hoje, existe maior apoio da população às FF GG. Estou cada vez mais confiante de que nossos combatentes resistirão galhardamente à nova investida inimiga.

15/5 – No dia 13 regressaram Joaq e Jo, dos encontros com gente do DA e do DB. Deste último D, vieram Osv e Manezinho. O C informou que seus combatentes visitaram 9 famílias novas. Recepção muito boa. Conversaram também com 6 peões e o empreiteiro. Tiveram acolhida bastante favorável. Foi organizado um comitê de massas que rapidamente pode se transformar em um núcleo da ULDP. Novo combatente foi recrutado. Trata-se de um jovem de 15 anos, sem pai e nem mãe, que vive praticamente abandonado. Poderá, com alguma ajuda, se transformar em um revolucionário. Assim, o DB fez seu segundo recrutamento para as FF GG. Quanto ao abastecimento, o D já alcançou metade do que foi planejado. Está em vias de recrutar uma jovem de 22 anos que parece ser disposta e desembaraçada. Um irmão dela, um pouco mais moço, talvez acabe ingressando em nossas fileiras. Deste modo o DB vai avançando, embora em ritmo lento.

Os mensageiros do DA, Beto, Duda e Manoel, trouxeram notícias de seu D. esta unidade guerrilheira organizou mais dois núcleos da ULDP. Deste modo, em sua área, existem três núcleos desta organização e mais um da juventude. O trabalho de massas vai numericamente crescendo. Foram, distribuídos em S. Domingos alguns volantes das FF GG o manifesto do 1º aniversário da luta armada, o manifesto aos soldados e o comunicado do DB sobre a execução do Pedro Mineiro. Grande foi a repercussão entre os moradores. Guardadas as proporções, foi um bom trabalho de propaganda. É necessário divulgar mais os materiais de agitação para melhor esclarecer o povo. O D já tem em estoque 80 latas de farinha, 4 sacos de milho e outras mercadorias. Tem se abastecido com as massas. Seus combatentes ajudam os camponeses na colheita e podem conseguir razoável quantidade de

arroz. Há informação de que um jipe com 6 soldados se dirigiu para Oito Barracas e que 500 soldados estão na Palestina. A notícia parece exagerada porque o movimento da aviação é nulo. De qualquer maneira, devemos estar alertas, a fim de não sermos surpreendidos.

O mês de maio tem sido fora do comum. Chove quase todos os dias. São pancadas fortes e demoradas. As estradas estão intransitáveis. Para entrar na mata o inimigo terá que reparalas. Isso demorará algum tempo para nós, o mês de maio vem sendo camarada. Quanto mais chover, melhor.

Amanhã, mudaremos de acampamento.

A Rádio Tirana continua sem notícias enviadas do Brasil. Já vai para 5 meses. Tal fato preocupa a todos. Será que aconteceu algo de ruim aos co da cidade? Espero que não. Penso que são dificuldades passageiras, embora sejam bem grandes.

18/5 – a 16 transferimos nosso acampamento. Ficamos 3 meses no mesmo lugar. Já estávamos acostumados a ele. Parecia um PA. Até barraco tinha. Isso se justifica porque o inimigo não está na área. O novo “lar” é menos confortável. Está numa encosta de morro, porém é mais seguro. A caça está escassa e nos alimentamos com milho e farinha. Ontem Ari abateu um papa-mel, dentro do próprio acampamento. Sua carne não é das melhores, no entanto, pode-se come-la bem.

Há dois dias a Rádio Tirana vem dando notícias que parecem enviadas do Brasil. É um bom indício de que o P está atuando. Isso nos tranqüiliza e é possível que dentro em breve teremos notícias da cidade. Esperamos que sejam boas. A mesma rádio transmitiu entrevista de um brasileiro a uma revista francesa. Matéria clara e bem lançada. Pena que o entrevistado apareça como anônimo. Isto lhe tira um pouco de autenticidade. Irradiou também uma carta-aberta de mais de 40 diretórios acadêmicos de São Paulo sobre o assassinato do estudante Alexandre Vanuchi. Deu a conhecer um manifesto assinado por muitas personalidades, datado de 20 de abril, denunciando a situação de José Duarte, que se encontra preso e ameaçado de morte. Noticiou, igualmente, um ataque de guerrilheiros a Marabá. Deve ser confusão resultante dos boatos que circulam na região de que vamos atacar esta ou aquela cidade.

A Rádio Havana, em uma de suas emissões, afirmou que o Ministro da Agricultura, Cirne Lima, renunciara por discordar da política econômica da ditadura. Isto consta de uma carta que enviou a Médici. Tal fato mostra que se agravam as contradições nos arraiais dos governos militares. Este enfrenta dificuldades crescentes e se isola cada vez mais. Seu entreguismo não pode deixar de causar revolta e indignação sempre maiores. Por sua vez, a visita de Garrastazu a Portugal não lhe dá nenhuma popularidade. Tudo não passa de imensa palhaçada. Como não podia deixar de ser, os fascistas daqui e de além-mar entendem-se bem para oprimir os povos dos dois países. A carestia da vida e a inflação aumentam no Brasil. É generalizado o descontentamento popular em relação à ditadura. A situação política é favorável ao movimento guerrilheiro.

A Voz da Alemanha, estação radiofônico do governo germano-ocidental, enaltece a visita de Leonid Brejnev à República Federal Alemã. Revisionistas e imperialistas estão afinados. Enquanto isso, o PC da Alemanha, marxista-leninista, vem sendo perseguido. Escritórios foram varejados e dirigentes presos. Isso revela a verdadeira fisionomia dos social-imperialistas soviéticos e dos revanchistas alemães, como Willy Brandt, Walter Scheel e cia.

20/5 – Joaq, Jo, Zeca e Ari saíram ontem para apanhar castanhas. Voltaram ao escurecer com 4 latas desse alimento e com um carumbé. A “bóia” vai melhorar um pouco.

Há três dias que não chove e o sol brilha intensamente. Sopra agradável brisa e os pássaros gorgeiam nos mais variados tons. O verão amazônico chegou. A vida para o guerrilheiro parece mais alegre. Mas, com o céu limpo, a aviação do inimigo entrou em atividade. Hoje, aviões sobrevoaram a área do acampamento. Também os carrapatos fazem sua presença. São bem miudinhos e provocam coceiras infernais. Estamos todos infestados por essa praga.

A BBC nos deu notícias sobre um documento assinado por três arcebispos e por quase uma dezena de bispos, todos do Nordeste. Nele se condena a política econômica da ditadura e se denunciam os assassinatos e torturas perpetradas pelos militares. Atitude corajosa. O governo proibiu a publicação e a circulação daquele documento. Assim, os generais isolam-se cada vez mais. Tal fato ajuda a nossa luta. Devemos levar uma bandeira de luta ampla para unir todos os opositores do regime ditatorial.

Reuniu-se a CM. Aprovou algumas normas de viagem na mata, elaborou um projeto de comunicado do DC sobre a operação na casa do Paulista e estabeleceu um plano de abastecimento para o DC. O projeto de comunicado é de grande amplitude e procura ganhar o maior número de pessoas na região.

21/5 – A aviação inimiga continua em atividade. Espero informações dos Destacamentos sobre a presença do Exército.

Hoje é um dos mais belos dias que já vi na selva. Tucanos cantam sem parar.

Ari, ontem, foi a uma espera. Atingiu um veado, mas este fugiu. De manhã voltou carregando um carumbé. Menos mal. Temos carne amanhã.

23/5 – Hoje, saíram Joaq, Jo, Zeca e Ari. O primeiro e o último vão atender o ponto do DC. Os dois outros irão a um antigo depósito buscar remédios e livros que estão ameaçados de se estragar. Os aviões da ditadura continuam voando, principalmente na parte da manhã e ao entardecer. Aguardo notícias sobre a entrada do inimigo na região. Anteontem, Joça foi a uma espera. Não caçou nada. Mas o Ari trouxe um vasto carumbé.

26/5 – regressaram ontem Jo e Zeca. Trouxeram muitos remédios. A maior parte estava estragada. Vieram instrumentos de cirurgia em bom estado. Pena que o Juca não esteja mais entre nós.

O primeiro daqueles combatentes abateu dois guaribas e um jacu. Comemos carne a fartar.

Parou, a partir do dia 24, toda atividade aérea do inimigo.

A Rádio Tirana transmitiu ontem, comentário sobre a Guerrilha do Araguaia. Forneceu alguns dados e disse que o inimigo prepara nova campanha contra nós. É possível que comece no próximo mês. Tranqüilamente, acompanhamos o desenrolar dos acontecimentos para agir em tempo oportuno.

Hector Câmpora tomou posse na presidência da Argentina. Fez um pronunciamento democrático. Vamos ver como se comporta no futuro. De qualquer maneira, a nova situação no país vizinho repercutirá na América Latina e, também, no Brasil. Para os gorilas brasileiros seria melhor que na Casa Rosada estivesse um Ongania ou outro general do mesmo naipe.

27/5 – Os morcegos voltaram de novo a atacar. Morderam Nelson no braço, Jo no nariz e na mão e a mim no couro cabeludo (cada vez menos cabeludo). Estes êmulos de Drácula nos vem causando transtornos. Não é pela mordida, nem pelo sangue perdido, mas pelas doenças que provocam. Por coincidência a Voz da Alemanha irradiou reportagem sobre estes hematófagos. Somente no Brasil e no México morrem um milhão de reses atingidas pela raiva, transmitida pelo morcego. Assim, um perigo nos ameaça. O jeito é mudar de acampamento ou usar mosquiteiros. Zeca até hoje não foi mordido porque dorme com esse

complemento na rede. Mas, todos os combatentes da Guarda e da CM não têm mosquiteiros. Vamos cair fora desta área, que parece ser o paraíso dos vampiros. Enquanto o morcego nos fustiga, a aviação da ditadura está quieta. A situação parece tranqüila.

31/5 – anteontem chegaram do encontro com o DC Joaq e Ari. Trouxeram sabão, arroz pilado, farinha e tapioca. Estiveram com Pe, a Dina e mais oito combatentes. Quatro membros do D tinham ido para a área de Pau Preto buscar algumas coisas que estão no depósito. Aquela unidade guerrilheira vai indo relativamente bem. Pe prestou informe detalhado sobre a ação no Paulista. Deu outras informações. O inimigo continua ausente da área. O D tem em depósito 45 quartas de farinha, 8 sacos de milho, 100 quilos de sal e outras mercadorias. Esta foi uma tarefa prioritária. No trabalho de massas, seus combatentes concentraram em algumas famílias. Há possibilidade de criar núcleos da ULDP e existe a perspectiva de dois recrutamentos para as FF GG. O D tem carência de munição, equipamento e roupas. Comprou outra 44. é, no entanto, uma arma muito velha e estragada. Será preciso fazer nela vários reparos. Pe também informa que começou a ser feito o balizamento da estrada S. Geraldo-Marabá. A sua reconstrução está a cargo da firma Mendes Junior.

Joaq fez o balanço de um ano de luta armada à base do esquema da CM. Na discussão surgiram algumas incompreensões sobre o trabalho de massas sobre a operação na casa do Nemer, o DC emitiu o seguinte comunicado:

Ao Povo de S. Geraldo e Xambioá!

A todos os lavradores!

O 3º Destacamento das Forças Guerrilheiras do Araguaia, no dia 1º de maio realizou com pleno êxito uma operação punitiva contra o fazendeiro Nemer Curi, também conhecido pelo apelido de Paulista.

Esse indivíduo tinha cometido vários crimes contra os guerrilheiros. No ano passado, quando as tropas da ditadura atacaram de surpresa habitantes desta região, ajudou a prender e a espancar covardemente um combatente da guerrilha, apoderou-se indevidamente de um burro, remédios e outros bens de moradores de Esperancinha, vendendo-os e embolsando o dinheiro obtido, serviu de guia e bate-pau a patrulhas do Exército, e andou pelas casas de muitos moradores difundindo calúnias contra o movimento guerrilheiro e concitando-os a combater os revolucionários em armas.

Em virtude dessa atitude vergonhosa de Nemer, o 3º Destacamento resolveu puni-lo. Decidiu cobrar unicamente uma indenização pelos prejuízos materiais que ocasionara às Forças Guerrilheiras. Não lhe aplicou pena mais severa tendo em vista dar-lhe oportunidade de se corrigir. Na casa do Paulista os combatentes do Destacamento arrecadaram armas, dinheiro e mercadorias no valor igual ao montante dos danos que o fazendeiro causara aos guerrilheiros. Nem um centavo a mais. Assim a ação punitiva foi um ajuste de contas. Disto são testemunhas os 12 peões e os empregados de Nemer que se encontravam no local e que foram tratados com toda a consideração.

Deste modo, as Forças Guerrilheiras mostraram, mais uma vez, que não tiram nada de ninguém e nem fazem perseguição de qualquer espécie. Respeitam toda propriedade legítima e procuram sempre ajudar os lavradores. Conforme consta de seu programa, defendem firmemente os direitos da pobreza e se batem pelo progresso do interior. Luta por um governo verdadeiramente democrático e que esteja de fato a serviço do povo. No entanto, não deixam de castigar, cedo ou tarde, os que cometem violências contra a população e prejudicam o movimento revolucionário.

O 3º Destacamento das Forças Guerrilheiras espera que a punição de Nemer sirva de advertência a todos aqueles que perseguem e roubam os posseiros e se prestam ao infame papel de bate-pau de um governo de bandidos e traidores, inimigo declarado dos trabalhadores.

Abaixo a ditadura militar!

Viva o Brasil livre e independente!

Terra e liberdade para o Lavrador viver e trabalhar!

O povo unido e armado vencerá!

De algum lugar das selvas do Araguaia, 10 de maio de 1973

Pedro Gil – Comandante do 3º Destacamento das Forças Guerrilheiras do Araguaia

Dina da Conceição – Vice-Comandante.

Ontem Jo e Zeca saíram para apanhar castanhas. Voltaram no mesmo dia com três latas e meia de noz e com duas jabotas de contrapeso.

Finda o mês de maio com a mais bela manhã de sol na floresta. Assim vamos envelhecendo nas terras sem fim da Amazônia, longe dos queridos camaradas, Um dia, porém, o sol da revolução brilhará com maior intensidade ainda que o sol do Araguaia. Então, todos confraternizaremos. Não por acaso um camponês de São Geraldo afirmou diante de seus companheiros: “Feliz de quem está com o povo da mata”. Esta é uma verdade ditada pela vida. As massas sabem que os guerrilheiros lutam por uma causa justa, defendem todos os explorados e oprimidos, todos os humildes e ofendidos. Sentem que, seja qual for a duração da luta, nossos combatentes acabarão vitoriosos. As massas estão conosco e a elas se deverá o triunfo.

1/6 – Partiram bem cedo ao encontro dos mensageiros dos DD A e B, Nelson Jo e Zeca. Levam algumas ordens. O primeiro destes combatentes vai articular uma ação de elementos do DB, juntamente com todo o DC, numa corrutela, a fim de liquidar um bate-pau e fazer propaganda da guerrilha. Se não for possível realizar a operação, ficará uns 20 dias com o Osv e seus comandados. Jo e Zeca trarão alimentos em seu regresso. Também virão notícias.

Ontem realizamos uma discussão política. Fiz o informe de abertura. Chegamos à conclusão de que tanto a situação internacional como situação nacional são favoráveis à luta no Sul do Pará. Podemos ser otimistas, apesar da ameaça que paira sobre nós. Vasta campanha militar que, segundo informações, mobilizará mais de 15 mil homens. O inimigo fala em passar pente fino na mata. Não há dúvida de que o pente trabalhará em vão e quebrará muitos dentes. Por enquanto tudo está tranquilo e os soldados ausentes. Penso que o Exército só virá dentro de um mês ou mais tempo. Só entrará na selva quando reparar as estradas. Esta é a hipótese mais provável. Devemos aproveitar a folga para nos fortalecer, garantir o abastecimento e levar a cabo algumas ações punitivas e de propaganda revolucionária.

3/6 – Cinco jabutis apareceram no acampamento, trazidos nas costas do Ari. Pegou-os o nosso caçador, num cipoal próximo, que parece ser um viveiro de jabutis e carumbés. Será muito bom se esta previsão se confirmar.

Ontem à tarde começou a chover e a água continuou a cair pela noite a dentro. Interrompeu-se a série de dias ensolarados, inicia a 17 do mês passado. De repente, cessou a algaravia dos bandos de papagaios, curicas, periquitos e araras que alegrem o acampamento. Mas, logo todos voltarão. O canto dos pássaros acalantar-se-á de novo nossos corações.

A Rádio Tirana nos dá boa notícia. Transmitiu trecho de artigo de “A Classe Operária” de maio último. Viva! O órgão central do partido voltou a circular. Isso significa que os camaradas da direção estão em atividade, não se deixaram abater. A guerrilha pode, assim, contar com o seu mais poderosos suporte político.

4/6 – a Rádio Tirana irradiou pequeno resumo da saudação do CC do PC do Brasil aos guerrilheiros do Araguaia, por motivo do 1º aniversário da luta armada no Sul do Pará. Ouvei a transmissão bastante emocionado e com intensa alegria. Nossos camaradas da cidade lembram-se de nós. O P continua em plena atividade. Dá sua justa e esclarecida orientação a todo o povo brasileiro. Revejo a figura de Cid e dos demais da direção. Recordo com saudade os camaradas tombados. Na mensagem sinto a presença de nossos mártires. Nela vivem Danielli, Lincoln e Giliardini. Nada pode apagar o fogo da revolução. Espero ansiosamente a irradiação completa da saudação do nosso valoroso P, vanguarda política da classe operária.

7/6 – No dia marcado, Zezinho não apareceu no lugar do encontro. Deve ter se atrasado. A situação na área está normal. Ari, que atendeu o ponto, trouxe uma “senhora” jabota. Tinha 12 ovos na madre. Os co que foram aos DD A e B não apareceram. Talvez cheguem hoje. Em compensação, Ari apanhou pesado carumbé. No mês de junho estaremos com carne todos os dias. Choveu novamente. Ao anoitecer de ontem caiu rápido e pesado toró. Amanhã,

Marcelo faz 7 anos. Deve estar um moleque inteligente e desempenado. Com certeza já lê e escreve correntemente. Assim, está despontando um futuro revolucionário. E eu vou me tornando um avô coruja. Ora bolas!

9/6 – Ari pegou mais dois jabutis: uma jabota e um carumbé.

Ontem regressaram Jo e Zeca., Nas mochilas traziam duas latas de leite em pó, 2 litros de feijão e 34 litros de farinha. Nelson foi para o DB, uma vez que essa unidade guerrilheira está atrasada na estocagem de seu abastecimento e não podia participar da ação contra a corrutela.

Os mensageiros informaram que o inimigo não apareceu ainda na área. O comando do D já preparou um local de emboscada, onde foram feitas algumas trincheiras. Escolheu outro lugar para fustigamento e pesquisa nova área de refúgio.

No trabalho de massas, vai organizar outro núcleo da ULDP, com 4 pessoas.

Um grupo de 4 combatentes realizou trabalho de propaganda com 8 camponeses. Nessa ocasião encontrou um jovem de 15 anos bastante interessado na luta. Marcou novos contatos com ele, tendo em vista recrutar-lo. Quanto aos últimos recrutamentos do DB, há uma notícia desagradável: um dos novos recrutados desertou. Talvez o trabalho para conquista-lo não tenha sido bom. No entanto, o outro elemento incorporado vem se portando muito bem.

No que se refere ao DA, ZC informa que o Exército também não entrou em sua área. No entanto, alguns médicos e dentistas percorrem as corrutelas. Um elemento da massa, bem informado, disse o Exército vai entrar manso, com demagogia, com ACISO. Também um morador da região, falando com o capitão de Marabá, disse que os soldados não explicam ao povo, como faziam os guerrilheiros, o que queriam. Então, o capitão respondeu: “Tanto nós como eles defendemos o povo”. Isso é indício de que a reação pretende intensificar a demagogia. Esta, no entanto, não enganará a massa. Outro morador, diante de tal tentativa de empulhamento, afirmou: “Agora não adianta. Depois que a cobra mordeu, não adianta mais”. Informa-se que o inimigo constrói um hospital na estrada de S. Felix.

No trabalho de massa, ZC, à frente de 7 combatentes, fez um giro na área da Vila S. José. Foi muito bem recebido, o DA vai atuar agora na zona de S. Domingos e, daquela vila, sem abandonar a área já trabalhada, vai também tentar contato com os padres que têm posições democráticas.

Quanto ao recrutamento, há perspectiva de ingresso imediato de 3 novos combatentes e de outros 4 em futuro próximo. Os dois combatentes recrutados entre a massa local revelam-se ótimos elementos.

Os combatentes do DA não executaram o bate-pau da Vila São José porque ele meteu o pé no mundo. Fica para outra ocasião.

Naquela unidade das FF GG tudo marcha bem. Suas cotas de abastecimento de reserva foram atingidas. O perigo está na rotina.

10/6 – Saíram de manhã cedo Joaq e Ari para se encontrar com o pessoal do DC. Jo foi ao ponto do Zezinho.

Os co do DA informam que em sua área, na medida em que se avoluma o trabalho de massa, começam a aparecer elementos mais ou menos politizados. Um lutou com Zé Porfírio, em Goiás; outro é filho de um amigo de Manoel da Conceição, na época em que este dirigia o movimento camponês em Pindaré. E assim por diante. Pessoas do povo fazem versos e cantigas sobre a luta no Araguaia. Uma quadra diz: “soldado velho, amarelo e encapuçado, dá um tiro no danado, que ele vem amedrontado”.

Grande sucesso tem alcançado a literatura de cordel sobre a guerrilha. Os “Romanos da Libertação do Povo”, de autoria do Mundico, do DC, e que foi impresso em mimeógrafo (reco-reco), é conhecido por quase toda a massa, que o recita ou canta no ritmo das toadas nordestinas. Até as crianças sabem seus versos de cor. Tem sido excelente veículo de propaganda.

Outra quadra evidencia a solidariedade do povo com relação aos guerrilheiros. Estes, toda vez que visitam um camponês, são bem recebidos e alimentados. Nunca saem de casa sem comer alguma coisa. O trovador sertanejo registra assim esse fato: “guerrilheiros do Araguaia, não precisa trabalhar, a comida vem do céu. S. Francisco vai deixar”.

Jo regressou sem o Zezinho. Este não apareceu, o que me causa alguma preocupação. Espero que o nosso mensageiro apareça no próximo encontro.

12/6 – A guerrilha completa hoje seu 14º mês. São 426 dias de luta, dificuldades e sacrifícios. Nosso combatentes têm dado provas de coragem e desprendimento. Tivemos perdas, mas nossa causa ganha prestígio. Em relação ao início das hostilidades, avançamos muito. Estamos em melhores condições p'ra enfrentar o inimigo e a maior parte do povo da região está do nosso lado. Enquanto o Exército não aparece, precisamos intensificar mais o trabalho de massas e aumentar nossas reservas de alimentos. Ao mesmo tempo, devemos nos preparar militarmente para dar combate às forças da ditadura quando estas fizerem presença na região. Estudar mais meticulosamente o terreno e elaborar planos concretos de ação. Consertar armas e adquirir munição. Quando Nelson regressar, a CM fará um balanço da situação nos últimos 2 meses.

Nelson, no próximo dia 27 vai realizar uma reunião de bulas de todos os Destacamentos. Participarão, além do nosso responsável pelo Serviço de Saúde, Sonia, Tuca, Fogoió e Josias. A ordem do dia constará dos seguintes temas: a) Clínica: malária, leishmaniose, diarreia, corubas, micoses e outras doenças comuns na região; b) Profilaxia: tétano, verminose, etc;) Medicamentos: uso, conservação, estoques e necessidades; d) Organização: estatística, ficha médica individual, material de saúde, equipamento de saúde

de Grupo e de Destacamento; e) Papel do bula na guerrilha: cursos, assistência ao combatente e às massas; f) Odontologia; g) material de estudo.

15/6 – nos últimos 2 dias aviões vêm voando com certa insistência na área de nosso acampamento, anteontem, depois de uma chuva que caiu entre 17:30 e 18:30, ouviu-se um tiro bem perto de nós, no máximo à distância de um quilômetro. Parecia ter sido disparado por um revólver 38. Penso que seu autor foi o Zezinho. Esta é a hipótese mais aceitável, uma vez que o nosso mensageiro está para chegar e o local do disparo não é longe de seu ponto. Ele prefere sempre atirar de revólver. Hoje tirei a dúvida. Zeca partiu ao encontro daquele combatente. Caso o encontre, ficarei sabendo se foi ele ou não. Se nosso homem não aparecer, terei uma preocupação a acrescentar à sua ausência. Quem deu o tiro?

Andamos, novamente, ruins de carne. No dia 13, Jo apanhou um carumbé, mas as jabutis estão cabreiras. Não querem cooperar. Estamos sem balas 22 e não atiramos com espingarda 20 na ares do acampamento. Assim, os guaribas, mutuns, jacus e outras caças estão de folga.

16/6 – Zeca regressou sem o Zezinho. Aumenta, assim, a minha preocupação. Talvez nosso mensageiro chegue a 20. como sempre, confiante de que ele surja a qualquer momento.

Também Joaq e Ari retornaram da área do DC. Por lá tudo corre bem. O inimigo ainda não deu as caras. Em S. Geraldo, 10 milicos estão construindo barracões de alojamento. Pe comprou todas as nossas encomendas. Por isso, nossos mensageiros trouxeram 30 rapaduras, uma rede, farinha, duas dúzias de ovos e querosene. O D comprou mais um rifle 44 e, se contar com dinheiro, comprará outros 2. um grupo dirigido pelo Mundico visitou 11 famílias. Teve recepção boa. Em algumas casas deixou materiais de propaganda. Outro grupo, dirigido por Pe e Dina, visitou um centro com 10 famílias. Foi igualmente bem recebido. Lá encontrou um elemento muito ativo que ficou de coordenar os demais. Dois moradores visitados pelo grupo do Mundico ouvem diariamente a Rádio Tirana. Um terceiro grupo, chefiado pelo Jaime, esteve no Pau Preto para buscar coisas em um depósito. Trouxe ferramentas e sucata para a oficina, 10 camisas, 4 calças, 3 botinas e diversos bagulhos. Deste modo, o D resolveu, em parte, o problema da roupa. Também trouxe mil comprimidos de Arale, antibióticos e outros remédios. Visitou velhos amigos, que prestaram boas informações. Uma camponesa, que esteve recentemente em Tocantinópolis, informou que a ação contra o Paulista repercutiu naquela cidade. Disse ainda que lá, como em Porto Franco, já sabem da morte do Juca. Faço idéia da repercussão que este fato alcançou nos dois municípios. Também um velho militante que morava na cidade maranhense de Porto Fraco foi assassinado pela reação. Barbaramente torturado, até o último instante afirmou ser comunista. Evidenciou grande valentia. Não estava, atualmente, ligado a nenhuma organização revolucionária. Conheci-o quando morei naquela localidade de Tocantins. Seu nome era Epaminondas. A situação do DC é boa.

Joaq e Ari trouxeram uma cotia e o Zeca pegou uma preguiça. Nosso cardápio ontem à noite foi: picadinho de carne de cotia, de miúdos de cotia e de preguiça no leite da castanha, arroz, farinha. Sobremesa: rapadura e café. Só faltou o licor.

Hoje, Jo partiu ao encontro do DA. Foi sozinho. É contra as normas, mas não havia outro jeito, pois terei que ir ao DC acompanhado de dois combatentes. Joaq ficará no acampamento para atender o próximo ponto do Zezinho.

A co Dina, do DC, recebeu, de um elemento da massa, um bilhete que dá uma idéia do estado de espírito favorável dos camponeses com relação à guerrilha. Por isso, transcrevo-o, revendo apenas a ortografia. A missiva é a seguinte: “minha prezada amiga. O fim deste

é apenas para lhe dar as nossas notícias daqui, que estamos todos bem, só estamos sentindo saudades de vocês, mas nós espera que não demore. Vem por cá para nós conversar pessoalmente e sim eu mando dizer que já temos mais amigos de nosso lado e mais forças para a luta, que nós vivemos a lutar e eu mando pedir que não demores. Vem por cá para nós acertar os planos direito como nós devemos fazer por cá. Nada mais, só lembranças de todos daqui para todos de lá. Tem gente que era inimigo e agora já é grande amigo nosso. Vai ajudar a gritar: viva os guerrilheiros do Pará!”.

30/6 – Cheguei ontem na área do DC. Passei 7 dias com essa unidade guerrilheira. Foi uma semana de alegria e de vida boa. Havia bóia a fartar. Além de farinha, milho, feijão, arroz e rapadura, comeu-se bastante carne. Neste período abateu-se 3 veados e um tatu. Apanhou-se 5 jabutis. Como eu era visita, durante mim há estada por lá comi quase um cacho de bananas branquinhas (maçã), fruta que não via desde o ano passado. Durante minha presença no D conversei bastante com o C e o VC, inteirando-me da situação e do estado de espírito da massa. Bati longos papos com todos os combatentes. Pronunciei 3 palestras e participei de uma sessão de homenagem a Jorge (Bergson) e a Maria, caídos em junho de 1972. Falaram vários combatentes e, ao intervir, não pude esconder minha grande emoção. O DC vai muito bem. Não se parece nem um pouco com a unidade que era até se encontrar do a CM. Seu moral é muito elevado; melhorou seu armamento; sólida é a sua ligação com os lavradores. Conta com excelentes amigos entre a população local. Novas visitas foram realizadas, que rendera, ótimas informações. O C elaborou um plano para o próximo mês. Dina, à frente de um grupo de 8 combatentes, vai realizar um trabalho de massa na Sobra e em Esperancinha. Pe com mais 3 elementos vai estudar locais de emboscadas e fustigamentos em áreas circundantes da estrada S. Geraldo-Marabá.

Durante o último dia das festas em S. Geraldo, foram distribuídos vários materiais de propaganda mimeografados. Grande foi a repercussão. Os moradores diziam: “O povo da mata está entre nós e não sabemos quem é”.

Pe apresentou algumas sugestões bem interessantes para a atividade futura das FF GG. Na primeira reunião da CM as discutiremos.

Dois dias antes da minha partida do D apareceu o Joaq, acompanhado do Zeca, Ari e Zezinho. Como este viera ao ponto do dia 20, ele resolveu falar comigo e trazer carga para 4 pessoas. Zezinho prestou sua informação. Fez excelente viagem. A barra estava inteiramente limpa. Infelizmente, não apareceu ninguém. Daí seu atraso nos dois pontos. Por meio da ligação, enviou nosso bilhete a seu destino e procurou contato com a cidade grande. Nada conseguiu. Agora estamos isolados do exterior e, pior ainda, sem gaita. E, por cúmulo do azar, num momento em que podemos comprar o que quisermos. Teremos que fazer novas tentativas para restabelecer nossas comunicações com o P.

A 27, regressei com Joaq, Zeca, Zezinho e Ari. Este caçou um mutum e, no dia seguinte, apanhou vasta jabota. Na minha ida, o mesmo caçador abateu um guariba. Fizemos muito boa viagem, tanto na ida como na volta. A experiência proveitosa de minha permanência no DC mostra que seria muito útil visitar outros Destacamentos.

Enquanto estive no DC ensaiamos o hino das FF GG. Todos gostaram. O hino tem a seguinte letra:

Canção do Guerrilheiro do Araguaia
Nas selvas sem fim da Amazônia
Vive e combate o guerrilheiro sem par
Valente e destemido
Sua bandeira fulgente é lutar

Tudo enfrenta com denodo
Para livrar da exploração
O povo pobre, a Terra amada
E construir nova Nação

Não dá trégua aos soldados
P'ra derrotar os generais
Emboscar, fustigar dia após dia
Atacar, sempre mais, sempre mais!

Sob o manto verde da floresta
Para as massas anseia paz e pão
Bem estar para os trabalhadores
Alegria para os jovens e instrução

Nada teme, jamais se abate
Afronta a bala a servir
Ama a vida, despreza a morte
E vai ao encontro do porvir

Está pronto p'ro combate
Em dia claro ou noite escura
Acabar, esmagar o imperialismo
Derrubar, liquidar a ditadura!

Da liberdade heróico defensor
Inimigo do regime militar
Quer terra p'ra todo lavrador
Feliz, viver e trabalhar

Lutador audaz do Araguaia
Rebelado no Sul do Pará
Junto ao povo, unido e armado
Na certa um dia vencerá

Sua tarefa gloriosa
Realiza com ardor
Avançar, empunhar todas as armas
Contra o inimigo opressor!

1/7 – entramos no segundo semestre do ano. Nos próximos 6 meses avançaremos em todos os aspectos e as FF GG se consolidarão mais ainda. Esta é a minha perspectiva. E como o tempo corre rápido aqui na mata...

Ontem Zezinho e Ari foram pesquisar uma vereda, aberta no início do ano, que julgávamos abandonada. O primeiro daqueles combatentes, ao regressar de sua última missão, viu passar na mesma um burro e mais 3 pessoas. Como a picada está em nossa área, decidimos investigar. Resultado: estão fazendo uma grande derrubada às margens de importante grot.

Isso explica o tiro disparado perto de nosso acampamento. Vamos continuar na pesquisa. Ao voltar de sua tarefa, os dois guerrilheiros trouxeram um carumbé. Hoje, Zeca trouxe um jabuti e o Zezinho um gordo mutum.

Faz uma bela tarde, ao contrário do que ocorreu nos últimos 10 dias de junho. Estes foram enfarruscados e com chuvas. Parecia até inverno

2/7 – espero por estes dias a chegada do Nelson e do Jo com informações sobre o DA e sobre o DB. O último desses combatentes, quando eu não me encontrava no acampamento, trouxe notícia bem interessante. Quase todo o DA esteve na corrutela de Bom Jesus durante os festejos do Divino. Foram calorosamente recebidos pelo pov. ZC, Piauí e Pedro Carretel discursaram para uma massa de mais de 200 pessoas. Os moradores cantaram em louvor do comandante José Carlos. Todos os combatentes confraternizaram com os habitantes do vilarejo e visitaram várias casas. Um elemento do INCRA, que estava no local, desapareceu como que por encanto. Esta ação dos guerrilheiros revela o sentido popular que vem adquirindo nossa luta e a influência que ela vem exercendo sobre a população. Tudo indica que poderemos ocupar com êxito corrutela maior.

Hoje á a grande data da Bahia. É o seu dia magno. Comemora-se este ano o sesquicentenário da independência daquele Estado. A efeméride desperta em mim longínquas recordações da infância e da adolescência. As concentrações patrióticas no Campo Grande e as festas na Lapinha.

Há 50 anos, por ocasião do centenário da independência da velha província, eu era aluno do curso elementar da Escola Normal. Incumbiram-me de recitar uma poesia na solenidade que se realizou em honra do 2 de julho. Estava presente o governador do Estado, J.J. Seabra, homem bastante liberal e popular, republicano histórico. Era um velho alto, inteiramente calvo. Um tanto encabulado, dei conta do meu recado. Então, o esperto político daquela época, demagogicamente, pespegou-me um beijo na testa e ofereceu-me um livro de poesias nativistas e postais alusivos à Independência do Brasil, inclusive a reprodução da pintura de Pedro Américo sobre o Grito do Ipiranga, cena que só deve ter existido na imaginação do artista. Penso naquele 2 de julho de 1923. o velho Seabra contaminou-se com o vírus da política, na qual estou afundado há mais de 40 anos. Mas a política que realizo é a política proletária, que trará ao Brasil (e também à Bahia) a completa independência, a liberdade, o bem estar para o povo e o socialismo.

Do 2 de julho, que se “chorava ao pé do caboclo”, aqui no Araguaia ainda tenho gravado na mente a estrofe do hino dedicado à data: “Com tiranos não combinam brasileiros, brasileiros corações”.

E o sacana do Médici, o pior tirano que o Brasil já teve, não se peja em ir à Bahia para participar das comemorações alusivas à data. O bandido, com sua presença, deve ter emporcalhado tudo. Conspurcou as tradições populares das festas do 2 de julho.

3/7 – Hoje, ZC fez 27 anos. Desejo-lhe mil felicidades e os maiores êxitos como combatente guerrilheiro. Sua mão deve estar apreensiva pela falta de notícias, mas, sem dúvida, deve orgulhar-se dele.

14/7 – Apanhei violenta malária que me deixou 7 dias de rede. Ingeri 4 comprimidos de Fanasulfa, acompanhados de 4 de Daraprin. Tomei também uma dose de Faneidar: 3 comprimidos e mais 2 de Daraprin. Para culminar o tratamento antimalárico, engoli mais 4 comprimidos de Daraclor. Simultaneamente, para combater a febre, andei tomando 7 comprimidos de Novalgina. A massa de remédios foi grande e não pode deixar de ter conseqüências negativas. Estou grandemente enfraquecido e não conto com os necessários recursos para me restabelecer completamente. Ainda bem que resta uma lata de leite em pó.

Durante esse período obtivemos notícias de todos os DD e reunimos a CM. Nelson chegou a 3 de sua missão nos DD A e B. ele e Jo trouxeram farinha e outras coisas. No DA tudo corre normalmente e sem maiores novidades. Conta com 4 núcleos da ULDP e mais um de jovens. Continua com 7 candidatos ao ingresso nas FF GG. Rosa foi submetida com êxito a uma intervenção cirúrgica. Nosso serviço de saúde mostra-se eficiente.

No DB as informações são as seguintes:

Cinco combatentes do D prenderam um indivíduo que a massa dizia ser investigador e tinha toda a pinta de um “tura pau ronca”. Estava todo apetrechado. Negou ser da polícia e apresentou-se como homem de esquerda, falando uma porção de bobagens. Com ele foi apreendido um tosco croquis com nomes de moradores. Nossos combatentes agiram com muita ingenuidade. Fizeram um arremedo de interrogatório (nem perguntaram seu nome e onde morava), e o soltaram depois de lhe tirarem algumas coisas. Deixaram-no ficar com o dinheiro e só faltaram pedir-lhe desculpas. É a segunda vez que o Comprido, chefe do grupo em questão, age de modo tão ingênuo, deixando-se enganar como uma criança.

Outro grupo do D liquidou o Osmar. Na ação só entrevistaram 2 combatentes. Esse indivíduo, velho conhecido do Osv e seu grande admirador, era excelente mariscador e exímio conhecedor da mata. No ano passado, por volta do mês de julho o DB esteve com ele, sendo recebido com entusiasmo e apoio material. O jovem mateiro prontificou-se a ajudar no mais que pudesse e chegou a dizer que ingressaria nas FF GG. Quando nossos combatentes, depois da campanha do Exército, de setembro-outubro de 1972, voltaram à área da Palestina, Osmar mudara de atitude. Em sua casa acamparam 180 pára-quedaistas da Guanabara. Tornara-se amigo do capitão e serviu de guia para os soldados, recebendo 25 cruzeiros por dia e comida. Vestiu o uniforme de camuflagem (chitão, como o chama a massa), mas não recebeu armas. Andou pela mata durante 12 dias. No entanto, disse ao Osv que fora obrigado a isso e que continuava amigo. Não levava a tropa do Exército a nenhum lugar em que os guerrilheiros pudessem estar. Prestou uma série de informações, indicou um camponês que podia vender farinha e ajudou a carrega-la, uma vez adquirida. Era evidente que estava fazendo jogo duplo, mostrando ser uma pessoa sem caráter. Mas o C do DB deixou-o em paz depois de explicar-lhe o erro que cometera. Esperava que se corrigisse. Agora, voltando novamente à mesma área, o D soube, por informação da massa, que ele estivera em Marabá e que fora engajado no Exército por 4 anos, talvez como guia. Estava com dinheiro e fazia derrotismo contra a guerrilha. A um camponês, que fornecia aos guerrilheiros, concitou a abandonar a tarefa e ofereceu-lhe dinheiro para abrir um pequeno comércio. O homem representa, assim, um perigo. Conhecia a selva como a palma da mão. O jeito mesmo era acabar com ele.

O D tem 3 núcleos da ULDP e outro está em formação.

Atualmente o DB está sem VC. É preciso designar um com urgência.

A reunião dos bulas, segundo o Nelson, correu bem. Os co saíram entusiasmados e com novas missões.

Reuniu-se igualmente a CM. A ordem do dia constou dos seguintes pontos: 1) informações dos DD e outras; 2) atuação das FF GG no caso do inimigo entrar na região; 3) atuação das FF GG no caso do inimigo não entrar na região; 4) reunião dos C e VC dos DD; 5) ligações com o exterior.

Depois de prestados os informes e feita a discussão, tomamos as seguintes resoluções: 1) completar a pesquisa das áreas de fustigamento e emboscada em todos os DD; 2) redigir um material de orientação sobre a ULDP (como deve funcionar); 3) redigir normas de recrutamento para as FF GG e sobre a forma de tratar os novos combatentes; 4)

desenvolver maior ajuda aos DD por parte da CM; 5) dispensar Comprido do cargo de VC do DB; 6) redigir um volante contra o INCRA; 7) reunir os C e VC dos DD; 8) intensificar esforços no sentido do trabalho de frente única, tendo em vista obter maior apoio político e material às FF GG; 9) criar depósitos operacionais.

No dia 6, Zezinho e Ari foram ao encontro do DC. Apareceram no ponto Pe e mais 2 combatentes. O C daquele D informou que o inimigo ainda não deu as caras e os guerrilheiros estão aproveitando a situação. O bate-pau que devia ser liquidado porque vinha ameaçando os lavradores apareceu na casa de um elemento da massa, solicitando contato com nossos combatentes. Feita ligação, pediu clemência, comprometeu-se a não molestar os camponeses, a pagar os prejuízos materiais que causara às FF GG e a não mais ajudar o Exército. Parece que falou sinceramente. Diante disso, o C do DC suspendeu a punição que lhe devia ser aplicada. Outro indivíduo, que no início da luta ajudou a prender o Geraldo, pediu para falar com os guerrilheiros. Pe mandou lhe dizer que indenizasse as FF GG pelos danos materiais que lhe ocasionara e seria perdoado. Também Pe falou com um morador, que mostrou-se grandemente entusiasmado com a guerrilha. Ele pode ajudar a desenvolver a Frente Única e a intensificar a ajuda material e política ao movimento guerrilheiro. Surgiu um jovem bem interessante, com condições de ser recrutado para as fileiras da guerrilha, houve sério incidente entre Ari e Áurea, que há pouco se separaram. Isto nos obriga a transferir esta última para outra unidade guerrilheira. Irá para o DA, onde terá melhor ambiente para desenvolver sua atividade. A 12, Zezinho e Ari (o nosso, da G) regressaram de suas tarefas, trazendo também milho, remédios, uma panela de pressão de 7 litros e outras coisas.

A 14, partiram rumo ao DA, Nelson, Jo e Zeca. Os dois últimos voltarão logo, trazendo alimentos. O primeiro ficará uns 10 dias naquele D, prestará ajuda aos guerrilheiros e obturará os dentes de muitos co. aqui, ele já tratou dos dentes do Joaq e do Ari. Foi recuperada a aparelhagem de dentista, inclusive o motor.

15/7 – Expande-se a literatura sobre a guerrilha. Surgem poesias e hinos. Também o “terecó” dá a sua contribuição. Tudo isso é sinal do crescimento, consolidação e aumento da influência das FF GG. Nem sempre a qualidade da produção literária é boa, mas seu conteúdo visa sempre exaltar o movimento guerrilheiro; torná-lo conhecido do povo. Com o correr do tempo, a forma avançará e se aperfeiçoará. Par as massas da região, ainda é necessário apelar para literatura de cordel. Não por acaso, o “Romance da Libertação do Povo” tem alcançado imenso sucesso. Estou certo de que aqui, no Araguaia, se forjará uma autêntica literatura revolucionária e popular, com suas características próprias.

Nas sessões de “terecó”, canta-se atualmente interessante música, com a seguinte letra:

Meus guerrilheiros quero ver estremecer
Enfrenta esta batalha que é para a canalha ver
Soldado véio, amarelo e encapuçado
Dá um tiro no danado
Que ele vem amedrontado
Minha irmandade, vamos se arreunir
Vamos compactuar que é para a coisa ringir
Vou trabalhar, trabalhar para vencer
Estando no campo da luta perde o medo de morrer.

Osv, C do DB, escreveu um hino para a Guerrilha do Araguaia. A letra é cantada com a música do hino da Juventude Brasileira. Precisa ainda ser trabalhada. A música também não me agrada. Foi composta no período do Estado Novo, por encomenda do governo:

Lutar
Da Amazônia surge um grito varonil, lutar
Aqui, às margens do Araguaia, ergue-se a bandeira
Levanta-se o fuzil
Nós somos os lavradores, castanheiros e peões, tropeiros
Também somos garimpeiros e mariscadores, madeireiros, irmãos
Unidos a todo o povo explorado da Nação
Lutamos, lutamos contra a tirania pela liberdade, de fuzil na mão
As matas, bandeiras verdes, são a nossa proteção
Aqui, aqui nosso grito de guerra é a garantia da vitória na mão
Queremos a terra livre para viver e trabalhar
Lutar por um governo do povo
Abaixo a ditadura fascista militar
Com nossa terra livre
Haveremos de criar
Toda uma vida nova
De viver e lutar
Lutar é viver
Viver é trabalhar
Para construir
Um novo Brasil
Por esta terra forte há de ser nossa até morrer

Porque nos viu nascer

Um poema foi escrito por um combatente. Seu autor é João. Pertence ao DB. Trata-se de calorosa homenagem à guerrilha. Transcrevo abaixo os seus versos:

12 de Abril

Desta vez ressoas longe
Um punho se ergueu
Um tiro foi o som que noite escutou
Os ouvidos de milhões buscam o rumo: o Sul do Pará
Nascestes forte, guerrilha
O sangue que te rega é dos melhores filhos
De um povo que sofre e luta
E segue teus passos atento, no Sul do Pará
A trilha que abres, bem larga
Tem rumo no futuro
Esperanças renascem
FACES PÁLIDAS SORRIEM
O horizonte desponta, no Sul do Pará
Teus heróis dizem da vida
Que carregas em ti
Da semente que nasceu
Fecundada pelo pensamento revolucionário do povo que representas
Que se apressa em vê-la crescer, no Sul do Pará
Mas há o que desespera
O opressor treme ante tua fúria
Tem séculos o seu medo

O futuro do povo é a cruz do seu túmulo
Sua primeira sepultura é o Sul do Pará
Guerrilha, és forte
Teu exemplo é o Norte, da Libertação
Na busca da vida
Representas a morte, da vil opressão
Teus passos caminham
Em busca da glória, que breve virá
Precisas seguir

Teu nome é Vitória, no Sul do Pará

Josias, combatente do DC, compôs poema em estilo moderno para ser recitado. O trabalho parece-me bastante hermético, mas tem qualidades poéticas. Eis o seu texto:

Mas diga porque esta gente contente
Que ri quando chora, que chora sorrindo
Não fica parada, cansada, dormindo
Por tempos, com ventos, com frio ou verão
Por todos os mundos, fecundos ou não
Não sei te dizer, tão curta a labuta
Se a calça é curta ou se a força é bruta
Mas se a força é bruta ou a força é curta
Será esmagado o bruto: Amado...
Será esmagado o estreito: Direito!
Será desfraldado o Direito: Vermelho!
Será uma vela içada: Vermelha!
Será a miséria acabada: Pão!
No ar o grito operário: Não!
Não à exploração!
Diria a mulher: marido
Diria a amante: querido
Mas diga o povo unido
Não à exploração!
É fácil ao pé de um ouvido
Não custa p'ra ser entendido
Mas custa p'ra ser estendido
O braço, o laço, o aço
O rosto, o corpo, o torto
Será invertido, será consertado
Será distendido, será esmagado
O torto. O corpo morto
Em vão debatem-se as asas
Negras, sujas, mortas
Um vão, uma fresta de porta
Luz, clarão, enfim!
O fim. O começo, uma festa
Resta agora o trabalho, resta agora o suor
Quando pior for melhor
Terá então se completado

Terá então se esboroado
Um ciclo, um circo
Panis e circensis
Qual o que!
Veja, senhor meu dono, a vez deste seu colono
Caboclo moreno, de punho sereno
Do aço pontudo, do olhar agudo
Mas veja, senhor que é dono
A vez aqui deste colono
Seu nome, com fome. Tome!
Este, é o fim
Fim de milênios
Por nós assinado
Um ponto de aço no espaço da época atômica
Nós, guerrilheiros da selva amazônica.

17/7 – Ontem aviões do inimigo roncaram o dia todo em vasta área, principalmente no Sul. Qual a sua missão? aguardo notícias. Quando veio do DA, Nelson informou que em Marabá estavam acantonados muitos soldados do Exército. Não sabia precisar o número, mas era um grande contingente. Havia também helicópteros. Estará havendo concentração de tropas inimigas?

20/7 – Chegaram ontem Jo e Zeca, do DA. Hoje partiam Joaq e Zezinho para o DC. Os dois primeiros trouxeram farinha, milho e sucata de ferro para a oficina. Mas as notícias eram poucas. Um elemento da massa informou que esperou meio dia para atravessar o Itacaiunas porque muitos soldados do Exército estavam indo para a outra margem, rumo ao Amapá, bairro de Marabá, onde está o aeroporto. Nossos mensageiros trouxeram para mim, enviadas pelo C do DA, duas latas de leite condensado e duas latas de azeite.

Zezinho, nos últimos dias, caçou 2 tatus, uma cotia, uma tona e 2 guaribas. A caça grande anda arisca.

A oficina vem funcionando a pleno vapor. Já foram para o DC um revólver e uma espingarda 20. Joaq levou um rifle 44 e mais 43 balas de fuzil, que foram recarregadas. No próximo ponto do DA irão um rifle 44, uma broca para furar coronhas, um formão e um retificador de cartuchos. Para o DB seguirá uma espingarda 16. outras armas estão sendo consertadas.

22/7 – no momento, eu e o Jo somos os únicos que estamos no acampamento. Zeca e Ari encontram-se na oficina. Joaq e Zezinho, no DC, e Nelson no DA. Aproveito a calma para fazer algumas considerações sobre a posição das massas, aqui no Sul do Pará.

Surpreendente é o apoio do povo da região à guerrilha. Volto a repetir: ultrapassou as nossas melhores expectativas. Todos nós, antes do início da luta armada, esperávamos que, começada a luta, as massas ficariam do nosso lado. E não poderia ser de outra maneira. Defendemos uma causa justa, que fala diretamente ao coração dos oprimidos. Mas a tomada de posição dos camponeses, em favor dos guerrilheiros, foi bastante rápida. Hoje, na zona do DA, em qualquer de suas áreas. ZC sai com um grupo de 8 combatentes sem levar comida, nem mesmo sal. A marcha durante 20 ou mais dias, alimentado-se nas casas dos lavradores, onde os guerrilheiros são recebidos com alegria e com informação de toda espécie. Trata-se de inequívoca manifestação de apoio popular. Também a penetração da influência da guerrilha no seio do povo se expressa nas demonstrações de simpatia dos terecoseiros, dos padres e dos crentes. A opinião pública está conosco. Este apoio das massas, no entanto, ainda não se materializou no ingresso de grandes contingentes de camponeses nas FF GG. Mas aumenta o número de núcleos da ULDP e a quantidade de amigos firmes da guerrilha cresce continuamente. Chegará o momento em que atitude dos moradores da região sofrerá nova mudança de qualidade e as fileiras de nossos destacamentos armados engrossarão, em maior ritmo, com elementos locais.

Porque tivemos êxito em nosso trabalho entra as massas camponesas? Primeiro, porque nossa linha política, bastante ampla, de concentrar fogo na ditadura, é justa. Segundo, porque nossa linha de massas, de não causar nenhum dano aos camponeses e ajudá-los sempre, é correta. Terceiro, porque nossa linha militar é acertada e conseguimos resistir à poderosa investida do inimigo. Quarto, porque estamos há bastante tempo sozinhos em vastas áreas, pois o inimigo quase não aparece, e nos transformamos em autoridades.

O trabalho de massas das FF GG e seus êxitos nesse terreno estão a exigir profunda análise e discussão. É o que faremos na próxima reunião da CM com os CC e VV CC dos DD.

Nos últimos dias aviões passam em rota sobre nosso acampamento. Ontem ouvimos um tiro não muito longe daqui. Deve Ter sido disparado por um dos peões do capitão Olinto, que estão fazendo uma derrubada há poucas horas de distância do acampamento. Temos que mudar com urgência, sob pena de sermos surpreendidos por algo desagradável.

23/7 – Há mais de 20 dias que não comíamos carne de jabuti. Este tinha desaparecido. Zezinho cansou-se de procurá-los. Tudo em vão. Devia estar enrustido. Ontem quebrou-se o encanto. Ari deu uma volta no cipoal e encontrou um carumbé de razoável tamanho. Melhorou nosso cardápio.

A Rádio Tirana nos dá conta da repercussão que está tendo na Europa a condenação, a dez anos de cárcere, do padre Francisco Gentel e das prisões de padres e irmãs, todos de S. Felix do Araguaia, no Mato Grosso. Essas violências da ditadura repercutem também em nossa região. É claro que a nosso favor e contra os generais. Um padre, citando tais acontecimentos, atacou, diante da massa, o governo dos militares. Com seus desmandos, os generais nos ajudam, pois os camponeses vêem melhor sua verdadeira face. Amplia-se, assim, a frente única contra a ditadura.

24/7 – choveu ontem bem cedo e à noite. A manhã de hoje está nublada e convida ao devaneio. É o que eu faço sobre um fato cotidiano: o cantar de uma ave. Típico da mata é o canto do chororó. Esse canto assume particular destaque na multiplicidade de sons que ressoam na floresta. A qualquer hora, ouve-se um assobio forte e longo, seguido de outros

mais curtos, em curiosa modulação. As atenções voltam-se para eles. Um compositor de talento encontraria o início de uma sinfonia.

É alegre e triste ao mesmo tempo. Durante o dia, cheio de vida, parece expressar o sentir da infinidade de aves e animais que povoam a selva. Ao entardecer e à noite, despertam profunda nostalgia, fazendo lembrar, com saudade, o pelourinho das cidades, as pessoas queridas e os camaradas de luta. Ficará para sempre gravado na memória dos guerrilheiros, a recordar-lhes, a todo instante, o mundo verde que os abriga e protege.

A guerrilha está indissolúvelmente ligada ao nhambú choroso. Ao se aproximar do acampamento, os combatentes assobiam, dando a senha aos demais. E quantas vezes aquele canto se confunde com o sinal do guerrilheiro. Este se atrasa. Com ansiedade é esperado. Ecoa, então, no espaço, um acorde. Todos se alegram. O homem está chegando. No entanto, novos sons se sucedem. É o nhambú choroso. Retorna aos corações a mesma ansiedade. Mas que agradável surpresa pensar que canta o chororó e quem chega é o guerrilheiro.

Um dia, junto ao canto deste nhambú, se ouvirá também o canto da vitória.

25/7 – ao escurecer, chegaram ontem Joaq e Zezinho. Traziam, moqueada, a carne de um veado inteiro. Desforramos a falta de proteínas que vinha nos castigando. Vieram também algumas novidades. O DC se dividira em 3 grupos. Um sob o comando do Pe, outro sob a chefia da Dina, e mais outro dirigido pelo Mundico. Este último visitou mais 17 famílias novas e descobriu um amigo que quer nos ajudar financeiramente. A Dina visitou velhos amigos e mais 8 famílias novas. Fez uma reunião com mais de 20 pessoas. Deu consultas médias a inúmeras mulheres. Estas consideram-na pessoa milagrosa e dizem que tem “mão boa”. Grande é o misticismo do povo. Ambos os grupos alimentaram-se todo o tempo na casa dos camponeses. Não mexeram sequer na comida que carregavam. Receberam farinha e arroz que pilavam nas próprias casas. Assim se amplia o trabalho de massas.

Hoje partiram em direção aos DD A e B, Jo e Zeca. Na volta trarão o Nelson. Levaram várias armas consertadas para aquela unidade guerrilheira.

26/7 – Choveu torrencialmente ontem ao escurecer. A água continuou a cair, com intermitência, durante a noite. A manhã de hoje esteve nublada. O verão está parecendo inverno. No ano passado, no mês de julho, não houve chuva. Se o tempo continuar assim, as derrubadas não queimarão.

A data de hoje assinala o 20º aniversário do assalto ao Quartel Moncada. Em Santiago de Cuba estarão delegados dos revisionistas de diferentes países. Lá se encontra o renegado Luiz Carlos Prestes, representante dos oportunistas brasileiros. Os cubanos confraternizam com toda essa corja. Como é diferente o Fidel de 1973 do de 1953! Entregou-se completamente aos social-imperialistas soviéticos. Na realidade, enrolou a bandeira da revolução. Mas, nem por isso o movimento revolucionário deixa de avançar na América Latina.

28/7 – Zezinho trouxe ontem uma tona (macaco). O boião melhorou sensivelmente.

A Rádio Havana transmitiu partes do discurso de Fidel por motivo do 20º aniversário do Assalto ao Quartel Moncada. Estava bem ruim a irradiação. Mas um trecho daquela oração deixou bem claro o sentido revisionista da fala de Castro. Este afirmou que Cuba construía o socialismo com “a generosa ajuda dos nossos irmãos soviéticos”. Agradecia de público as migalhas que lhes dá o social-imperialismo, enaltecendo-o. Espetáculo triste.

Hoje, das 7:30 ao meio-dia, choveu sem parar. Manhã característica da estação das águas. Fato fora do comum aqui na mata. Espero que amanhã surja o sol, trazendo novamente a alegria e o esplendor da selva.

1/8 – Nos últimos 3 dias continuou a chover, tanto à noite, como de manhã e de tarde. Isso atrapalhou bastante nossa vida. Tudo ficou encharcado. Zezinho, a 29, trouxe uma jabota e ontem abateu um capelão no próprio acampamento, usando as balas 22 que vieram do DA. Nelson, Jo e Zeca chegaram a 29 à tarde. O primeiro destes combatentes tinha notícias dos DD A e B. com eles vieram boa quantidade de farinha, algum arroz, 6 latas de leite em pó, 15 rapaduras, um litro de melaço, meia dúzia de ovos, cadernos, canetas e lápis. No DA, com sempre, as coisas vão avançando. ZC, à frente de um grupo, visitou, na área 2, 15 famílias, sendo 4 novas. Esteve novamente em Bom Jesus. Entre a massa há grande revolta contra o INCRA. Para discutir a luta contra essa repartição do governo, o D promoveu uma reunião de massas em que participaram 29 adultos. Os co fizeram a segurança. O debate foi muito bom. Há possibilidade de se criar mais um núcleo da ULDP e organizar nova reunião de massas contra o INCRA, mais numerosa ainda. ZC informa que entre o povo reina grande indignação contra a atitude dos soldados de um posto policial da Transamazônica, que se situa no entroncamento de S. Domingos. Os meganhas cobram dos passageiros dos ônibus 5 cruzeiros por pessoa, para fornecer “salvo-conduto”. Verdadeiro assalto. Se for possível, seria bom realizar uma ação contra esse posto da polícia.

No DB também a situação é boa. O D deu um grande passo: aproximou-se de Palestina. Esteve a 2 km da corrutela e foi otimamente recebido. Deste modo, resolveu alguns problemas. Completou seu abastecimento de reserva por 6 meses. também na área do DB há grande descontentamento contra o INCRA. Apareceram dois investigadores com uniforme do Serviço de Combate à Malária para pesquisar a morte de Osmar. A massa informa que em Marabá existem 5 mil soldados do Exército. Penso que é uma cifra exagerada. Deve ser, quando muito, um batalhão de combate na selva, com um efetivo de cerca de 500 homens. O D criou mais um núcleo da ULDP e tem perspectiva de criar mais três.

Reuniu-se a CM. Foi discutida a próxima reunião com os CC e VVCC dos DD e foram tomadas as necessárias medidas. A CM aprovou um manifesto contra o INCRA, normas para o recrutamento para as FFGG e uma orientação sobre a organização e funcionamento da ULDP.

3/8 – o mês de agosto começou com o céu azul e sol brilhante. Voltou a alegria à mata e a vida fervilha em toda parte. Com o tempo bom, parece que o inimigo também começou a se movimentar. Ontem, um avião (ou talvez mais de um) voou durante toda a manhã em extensa área. Hoje, roncou até às 14:00 h. desta vez, porém, acompanhado de um helicóptero. Isto é indício de que o Exército penetra na região. Camponeses da área do DB informaram que ele entraria a 1º deste mês. Vamos ver se o boato se confirma.

Nelson e Zezinho saíram a 2 para apanhar ZC, Piauí e Osv para a reunião dos CC e VVC. Se o inimigo der as caras, não realizaremos essa reunião. Estou torcendo para que os soldados retardem seu ingresso na selva, a fim de conversarmos melhor com os responsáveis pelos DD. Além disso, precisamos entregar às unidades guerrilheiras uma metralhadora, uma arma semi-automática, um rifle 44 e uma espingarda 20, que foram consertadas. Os participantes da reunião levarão essas armas ao regressarem aos seus DD.

5/8 – Ao contrário do que eu prognosticara, no dia 4, ao escurecer, desabou pesada chuva, alagando o acampamento. Ontem, depois de camuflar o acampamento, saímos em direção ao local da reunião dos CC e VVC. Chegamos ao nosso destino às 16:00 h. eu estava cansadíssimo. Penso que por falta de hábito. Tenho andado pouco. No caminho, Ari matou dois guaribas. Duas horas depois de acampados, caiu sobre nós o maior toró do ano. Uma

ventania do diabo. Verdadeiro dilúvio. S. Pedro abriu com vontade as torneiras do céu...Que mês de agosto mais esquisito.

A Rádio Havana, durante vários dias, vem retransmitindo partes do discurso de Fidel, pronunciado a 26 de julho passado. O trecho mais repetido é aquele em que o dirigente cubano faz a defesa dos revisionistas soviéticos, que são apresentados como defensores da libertação dos povos. Uma “pachochada”. Para culminar a adesão total de Castro ao revisionismo, a mesma estação radiofônica irradiou entrevista de Prestes, de meia hora. O líder dos revisionistas brasileiros, com muito cuidado, vendeu seu peixe podre. Apareceu como opositor da ditadura militar, qualificando-a de fascista. Para enganar os incautos, fez outras denúncias. Mas não foi além da reivindicação da liberdade da “abertura da democracia”. Oportunista e farsante. Disse que seu partido não caiu em aventuras e que está dirigindo a resistência e a oposição à ditadura. Só se for de Moscou, onde se encontram Prestes e metade do Comitê Central de seu desmoralizado partido... Fidel dá, assim, completa cobertura aos revisionistas do Brasil. Tudo isso permite Ter uma idéia do conteúdo real do revolucionarismo bombástico e verborrágico do 1º ministro cubano. Castro e Prestes comem na mesma gamela e bebem na mesma fonte do social-imperialismo soviético.

14/8 – foi realizada a reunião da CM com os C e VVC dos DD, no dia 8 chegaram ao acampamento ZC, Piauí, Osv, Jo, Zezinho e Fogoio. No local já estavam os membros da Comissão e mais o Pe a Dina, que vieram no dia anterior. Os trabalhadores se iniciaram a 9 e se encerraram a 12. Ontem todos saíram em direção às suas áreas. Zezinho foi com ZC e Piauí. No caminho, deles se separará, em busca de contato com o exterior. Jo e Zeca acompanharam Pe e Dina, para apanhar farinha no depósito. O pessoal que veio com ZC trouxe uma lata de arroz pilado, duas latas de farinha, feijão, meia dúzia de ovos, um pedaço de requeijão e uma lata de marmelada. Carregavam também a carne moqueada de um veado inteiro. Pe, por seu turno, trouxe 30 litros de farinha, sabão e mais algumas coisas. Durante a reunião, Jo apanhou um carumbé e Zezinho caçou um veado (fuboca) e um guariba. Fizemos ótima viagem de regresso. No acampamento, Ari abateu imponente capitão.

A reunião da CM com os C e VVC foi aberta com uma intervenção de abertura feita por mim. O esquema dessa intervenção é o seguinte:

Balanço da Luta Guerrilheira no Araguaia desde o Ano Passado

Estamos chamados a fazer um balanço de 10 meses de luta armada, isto é, desde o momento em que terminou a última campanha do Exército contra as FF GG. Estas, a partir de outubro do ano passado, estenderam sua influência sobre as massas da região, atingindo, nesse terreno, um nível bastante alto. Isto lhes propiciou e propiciará no futuro, em escala muito maior, intensa penetração política entre o povo, melhor abastecimento, boas informações e novos combatentes para as fileiras da guerrilha. Nossos destacamentos estão hoje, apesar das perdas sofridas nos primeiros 6 meses de atividade, em melhores condições de enfrentar o inimigo, do que no início da luta armada. Pensamos que este balanço só poderá ser mais ou menos satisfatório depois das intervenções de todos os co, CC e VVCC, que estão dirigindo diretamente a luta guerrilheira em todos os seus aspectos. Para abrir a discussão, faremos uma síntese de nossas experiências no período que estamos analisando.

Antes de tudo, precisamos assinalar, com bastante ênfase, que a existência da guerrilha no Brasil, onde não havia nenhuma experiência de luta guerrilheira, durante um período tão longo, de 16 meses, constitui, por si só, enorme êxito. Tal fato vem tendo grande repercussão no desenvolvimento da situação política, em especial das lutas populares, tanto

no campo como na cidade. É indispensável ter sempre em mente que o papel que as FF GG desempenham, como exemplo e fator de inspiração, para fazer avançar o movimento revolucionário.

Começamos com um exame de situação das FF GG:

reorganizamos nossas forças, em particular o DC. Todos os DD estão sob controle da CM; melhoramos a capacidade militar dos combatentes. Avançamos no conhecimento do terreno e no domínio da mata;

realizamos algumas ações que, embora pequenas, tiveram repercussão entre o povo (contra o barracão do capitão Olinto, contra a fazenda do Paulista, ocupação de Bom Jesus, etc);

ampliamos nossa área de ação (exemplos dos DD);

resolvemos, em certa medida, nossos problemas de abastecimento. Temos reserva de alimentos para 6 meses. solucionou-se a falta de calçados. Mas ainda são grandes nossas deficiências no que se refere a equipamento;

melhoramos nosso armamento. Conseguimos 9 rifles 44, 9 espingardas 20, um rifle 36 e 4 revólveres (apoiados na massa e por ação militar). Consertamos quase todas as armas. Não há nenhum combatente desarmado. Mas comparado com o armamento do inimigo, o nosso armamento é deficientíssimo. Carecemos de balas 44 e de munição. Precisamos de minas, granadas e de armas modernas. Nosso poder de fogo ainda é pequeno;

desenvolvemos um trabalho de propaganda relativamente bom. Imprimimos material que foi distribuído em S. Domingos, Palestina e S. Geraldo. Destaca-se o “Romance da Libertação do Povo”. Aumentou o número de nossos agitadores e melhorou a sua qualidade. No entanto, é pequeno o trabalho de educação política e ideológica com os combatentes;

enfrentamos com êxito as doenças, apesar da falta que o Juca nos faz. É bom o estado físico dos combatentes;

enfim, é bastante alto o moral das FF GG. Melhorou grandemente seu aspecto disciplinar. Poucos são os casos de indisciplina (Mané, Ari, etc).

Nossos maiores êxitos estão no trabalho de massas. Deste trabalho depende a maior parte das vitórias da guerrilha. Hoje, já é difícil fazer estatística do trabalho de massas, tal o seu crescimento entre os camponeses.

conseguimos dezenas de amigos firmes;

conseguimos mais de 10 núcleos da ULDP;

conseguimos ligações com as corrutelas;

alimentar os guerrilheiros é, para as massas, quase uma lei (exemplos de ZC, Dina e Mundico);

realizamos trabalho físico juntamente com as massas (broque, colheita de arroz, etc);

a opinião pública da região está ao lado das FF GG, apoiam a guerrilha os terecoseiros, os padres e os crentes;

elementos da massa que se apoderaram de nossas coisas, devolveram-nas. Bate-paus pedem clemência;

eleva-se o nível de consciência política da população local. Alguns elementos da massa ouvem diariamente a Rádio Tirana. Grande é o número de camponeses que são propagandistas da guerrilha;

pessoas de projeção de algumas corrutelas procuram contato com os guerrilheiros, descortinando uma perspectiva de organizar a frente única;

em vastas áreas somos reconhecidos como autoridades.

Por que tivemos êxito no trabalho de massas?

porque nossa linha política, bastante ampla, de concentrar o fogo na ditadura, é justa;
porque nossa linha de massas, de não causar nenhum dano aos camponeses e a todos que não estão comprometidos com o inimigo, de ajudar sempre os camponeses, é correta;
porque nossa linha militar é acertada e conseguimos resistir à poderosa investida do inimigo;

porque estamos há bastante sozinhos em vastas áreas, pois o inimigo não aparece, e nos transformamos em autoridade.

Mas, nesse período que estamos analisando, o inimigo nos asestou sério golpe, ao atingir duramente o P nas cidades. Perdemos contato com o P, nosso principal esteio político. É da maior importância o apoio da cidade à guerrilha. A cidade pode nos dar ajuda material, enviar novos combatentes, desenvolver intensa propaganda das FF GG, etc. apesar do golpe desfechado pela reação, aumentou a solidariedade à guerrilha, tanto no Brasil como no exterior (pichações em S. Paulo e na GB, artigos na “Classe”, Libertação, Jornal Livre, manifestações de apoio na Albânia, Chile, França, Bélgica, etc.

Qual a perspectiva para a luta armada na região? Não podemos prever com exatidão o curso dessa luta, mas desde já podemos aquilatar a sua tendência geral. A vida comprovou a justeza de nossas concepções e muitas de nossas previsões. Agora, temos suficientes experiências para descortinar a perspectiva de nossa luta em todos os terrenos: na esfera militar, no trabalho de massas (propaganda e organização), no abastecimento, no recrutamento, etc. Podem ocorrer situações especiais que podem alterar o rumo da luta armada na região (grandes movimentos de massas nas cidades, maiores choques entre as classes dominantes, uma solução reformista para a situação nacional, etc). Mas não podemos basear nossos planos em tais possibilidades. Precisamos prever o curso da luta em nossa região baseados nas possibilidades locais que podemos vislumbrar em 16 meses de guerrilha. O que surgir de positivo fora dessa previsão será mais vantagem para nós.

Nossa perspectiva na região é criar uma área liberada, conquistar uma base de apoio. Isto, por enquanto, é só uma perspectiva, mas nós avançamos muito nesse sentido. Surgem os primeiros embriões da área liberada.

Numa das aulas do curso de preparação militar dizíamos que, iniciada a guerrilha, esta passaria por um ponto crítico, a partir do qual não seríamos mais derrotados. Não temos dados suficientes para afirmar que ultrapassamos tal ponto, mas podemos desde já asseverar que atingimos uma situação em que só seremos desbaratados se cometermos graves erros. Por que?

porque temos atualmente maior domínio da arte militar, isto é, da guerra de guerrilhas;

porque possuímos maior conhecimento da selva;

porque aumentou consideravelmente nossa ligação com as massas da região. Estas, em sua grande maioria, estão conosco;

porque garantimos, embora de maneira ainda insuficiente, nosso abastecimento, através das massas e da mata;

porque existe uma situação nacional favorável ao desenvolvimento da luta armada.

Nossa perspectiva é de uma guerra prolongada. É preciso ter isso sempre em conta. Daí a importância da orientação de economia de forças. Neste momento, tudo devemos fazer para não perder ninguém. Só atacar tendo certeza do êxito. Não arriscar tudo. Obedecer rigorosamente as normas e regulamentos das FF GG. Quando necessário, recuar sem temer que possam pensar que fugimos da luta. Devemos Ter a maior prudência nas ações punitivas. Não desperdiçar forças e nem jogar com a vida dos combatentes,

considerando que as atuais FF GG são o núcleo fundamental de uma grande força armada revolucionária a se criar no futuro.

Nossa experiência mostra que o inimigo atua de 3 formas:
com pequenos efetivos (de junho a setembro de 1972);
com grandes efetivos (campanhas de abril-maio de 1972 e de setembro-outubro do mesmo ano);
sem empregar efetivos militares na região, deixando seus contingentes na periferia ou aparecendo esporadicamente com pequenas unidades. Ao mesmo tempo, procura esvaziar a guerrilha através da Operação ACISO, de demagogia, de pequenas concessões à massa, do INCRA, etc (outubro de 1972 até agora).

O inimigo pode combinar o emprego dessas formas de atuação. Como atuar nos 3 casos?
No primeiro, o inimigo procurará empregar tropas especializadas, mas não poderá cobrir toda a região. Fará patrulhamento e tentará emboscar os guerrilheiros. Estes devem concentrar suas forças para realizar ações de certa envergadura, como as emboscadas. Levar a cabo uma atividade permanente de fustigamento. Tornar difícil a vida dos soldados nas matas e corrutelas. Procurar apresar armas do inimigo. Criar depósitos operacionais. Diminuir a intensidade do trabalho de massas e tomar o máximo de cuidado ao se aproximar das casas dos camponeses. Aplicar, sem a menor vacilação, as normas do trabalho de massas, de marcha, de acampamento, etc. é provável que o inimigo use esta forma de atuação em combinação com a terceira forma. A hipótese mais viável é que o Exército, na próxima investida, use a primeira forma.

No segundo, o inimigo procurará empregar tropas numerosas, chegando até a 20 mil homens, visando cercar e aniquilar as FF GG. Neste caso, os guerrilheiros devem atuar como no primeiro caso, tendo ainda mais cuidado no trabalho de massas. Na hipótese da situação se tornar muito difícil, procurar se esconder ou mesmo recuar temporariamente para outra área. Com grandes efetivos, as FF AA da reação não podem ficar muito tempo na região. Tudo indica que não poderão ficar mais de 2 meses (suas tropas não serão especializadas, terão grandes dificuldades para resolver os problemas de logística, será precário seu serviço de saúde, bem como seu serviço de transportes, etc). Talvez no mês de setembro a ditadura tente uma campanha de grande envergadura. Devemos estar preparados para tal emergência. Mas achamos pouco provável que se realize tal operação.

No terceiro, as FF GG devem dispersar seus efetivos para realizar o trabalho de propaganda e organização entre as massas. Procurar atingir áreas cada vez mais extensas. Organizar os camponeses e elevar o nível de sua consciência política. Melhorar o abastecimento, o armamento e o equipamento. Intensificar o recrutamento. Ocupar corrutelas, atacar postos policiais, punir bate-paus e ampliar o conhecimento do terreno.

Do ponto de vista dos seus efetivos, como devem atuar as FF GG? Em conjunto ou por Destacamento? Sua principal atuação é por Destacamento e, eventualmente, com todas as suas unidades.

Nossa perspectiva é estender nossa influência entre as massas. Estas são muito receptíveis à nossa propaganda. Como organiza-las? Das formas mais variadas, tudo dependendo do seu nível de consciência. Elas podem ser organizadas como “amigos da guerrilha”, em organizações de luta por suas reivindicações locais (contra o INCRA, contra os grileiros, etc), na ULDP, nas milícias e no P. devemos estender adjutórios e manter escolas. Ter como perspectiva o crescimento das FF GG com pessoas da região, sendo remota a possibilidade de recrutamento de combatentes vindos das cidades.

Se temos a perspectiva de criar uma área liberada, devemos, desde já, ter em vista os embriões do poder local.

Devemos desenvolver a propaganda revolucionária, forjar a frente única e isolar a ditadura (no nosso caso, as FF AA do governo).

Tudo fazer para restabelecer a ligação com o exterior.

Devemos sempre nos ater à linha militar, obedecendo escrupulosamente as leis da guerrilha. Armar-se com as armas capturadas ao inimigo (as armas geram outras armas) e adquiridas entre a massa e através da massa.

No futuro, com o crescimento das FF GG, devemos enviar GG ou DD às regiões próximas. Tê-las em vista desde já, levando sempre em conta a existência da mata e das massas.

Depois que todos os companheiros intervieram sobre o primeiro ponto da Ordem do Dia (balanço de 10 meses da luta guerrilheira), trocando experiências, passamos ao segundo ponto (sobre a situação política). Na discussão deste ponto fiz também a intervenção de abertura. Ao encerrar a reunião, tomamos as seguintes resoluções:

os Destacamentos devem ter prontos os locais de emboscamento e fustigamento;

os Destacamentos devem criar depósitos operacionais;

os Destacamentos devem garantir uma reserva de abastecimento para 6 meses. Consumir os alimentos velhos e substituí-los por novos;

os Destacamentos devem adquirir o armamento que puderem. Conseguir balas 44. a CM deve manter a oficina em pleno funcionamento;

a CM e os DD devem completar seus estoques de remédios para 2 anos;

entrar em contato com personalidades locais, tendo em vista formar e desenvolver a frente única;

aumentar a propaganda escrita e oral. Desmascarar e combater o INCRA;

fazer trabalho de finanças e de solidariedade material à guerrilha entre as massas e amigos que tenham recursos;

os Destacamentos devem criar seus serviços de informações;

procurar restabelecer a ligação com o P e fazer com que nossos materiais saiam da região por outros condutos que não seja o P.

A reunião da CM com os CC e VVCC foi grandemente produtiva e a troca de experiências bastante rica. ZC informou que seu D recrutou 2 novos combatentes entre a população local. São muito jovens, um de 15 e outro de 18 anos de idade. Como resultado do debate e das informações do Osv, a CM decidiu mudar a área de atuação do DB para outra área, onde esta unidade guerrilheira poderá desenvolver melhor sua atividade.

Na reunião aprovou-se o manifesto redigido pela CM, contra o INCRA. Transcrevo abaixo o seu texto:

Lavrador! Defende tua terra contra a espoliação dos grileiros e do governo.

A todo momento você ouve falar no INCRA (Instituto Nacional de Colonização Agrária). Seus funcionários aparecem nas roças e corrutelas para dizer que essa repartição surgiu para apoiar o homem do campo. Muita gente fica confusa, sem saber o que é o INCRA.

O que é mesmo o INCRA?

Esse órgão do governo foi criado para beneficiar os grileiros, os grandes fazendeiros e poderosas companhias que exploram a agricultura e a pecuária, como a CODEARA, a CODESPER, a SUIÁ MISSÚ e muitas outras. O INCRA não traz vantagem alguma para o povo. Que ajuda deu ao homem do campo? Qual o posseiro ou lavrador pobre que dele obteve créditos, ferramentas, sementes, veneno, transporte, remédios, etc, mesmo pagando?

Ninguém conhece. O INCRA só faz cobrar e embolsar dinheiro. Ultimamente, prometeu abrir “piques” para demarcar a terra. Mas exige elevadas somas por quilômetro demarcado. Quem pode pagar quantias tão altas? Somente os ricos

O INCRA zomba, assim, da miséria dos pobres. E nunca se satisfaz. O lavrador é sempre por ele prejudicado. Vê-se obrigado a pagar anualmente pesadas taxas, arrancadas de seus magros recursos. Esse pagamento anual não dá qualquer garantia de posse da terra. Quando aparece o grileiro, com títulos de propriedade forjados, o posseiro é expulso de sua gleba pela polícia, mesmo tendo dado suas contribuições ao INCRA.

Veja o exemplo do capitão Olinto, chefe dos grileiros da Capingo. Ele, com a conivência das autoridades de Belém e do INCRA, apoderou-se de quase 50 mil hectares de terra (9.600 alqueires) na área do rio Gameleira, abrangendo inclusive o lugar onde se situa a corrutela de Santa Isabel. Para burlar a lei que não permite a venda pelo governo estadual de mais de 3 mil hectares, o conhecido ladrão de terras formou o loteamento Saranzal, usando nomes de parentes e paus-mandados. Desse modo, e com a ajuda de soldados e capangas, expulsou de seus locais muitos moradores e não deixa ninguém botar roça na área grilada. O INCRA apoiou o capitão Olinto e deixou os posseiros ao desamparo.

Também o INCRA pretende colonizar as terras ao longo das estradas Transamazônica, S. Felix, S. Geraldo e As. Domingos e outras rodovias. Que significa a colonização? Significa que o INCRA visa enquadrar o lavrador, controlar sua vida e sua produção, obrigando-o a se registrar na polícia e a produzir de acordo com os planos que só favorecem os grandes fazendeiros e as grandes companhias. Esse sistema foi instaurado em Dourados, no Mato Grosso, e em Ceres, em Goiás, e fracassou completamente, trazendo as maiores dificuldades aos colonos. É uma espécie de cativo que o homem do campo não pode tolerar.

O lavrador não precisa do INCRA para coisa nenhuma. Ele procura se libertar da opressão, viver e trabalhar em paz. Para isso almeja terra para lavar e o respectivo título de propriedade; exige que se acabe com a grilagem; reivindica preços mínimos compensadores para seus produtos; desejam que lhe sejam vendidos, a preço baixo e a longo prazo, ferramentas, adubos, sementes, aviamentos para fazer farinha, lonas para a colheita do arroz, moinhos, etc; quer facilidade para o escoamento de sua produção e financiamento para a compra de animais. Ele tem muitas outras reivindicações.

Mas você só conseguirá isso lutando. Não se deixe enganar pelo INCRA. Não entregue um só tostão a essa verdadeira arapuca. Você deve combater o INCRA. Não se deixe cadastrar pelos seus agentes. Não lhe dê qualquer informação. Ingresse na UNIÃO PELA LIBERDADE E PELOS DIREITOS DO POVO (ULDP), que defende os interesses da população pobre e pugna pelo progresso do interior. Você precisa apoiar, por todos os meios, as Forças Guerrilheiras do Araguaia que, de armas na mão, enfrenta a odiosa ditadura militar e se empenham em conquistar um governo popular. Esse governo acabará com as perseguições, a fome, a miséria e a exploração; assegurará, a todos, liberdade e bem estar; fará do Brasil um país respeitado, livre e independente.

Abaixo o INCRA!

Morra a ditadura sanguinária dos generais!

O povo unido e armado vencerá!

Marabá, 10 de agosto de 1973

A União pela Liberdade e pelos Direitos dos Povos

Os CC e VVCC dos DD também receberam as normas para recrutamentos e a orientação sobre a criação e o funcionamento dos núcleos da ULDP. ZC trouxe do DA um

romance (literatura de cordel), de autoria do Beto. Seu título: Porque entrei na Guerrilha. É muito bem feito. Não contém “apelações”. Tem boa estrutura e coordenação. Possui qualidades poéticas e literárias. Conta a vida atribulada de um camponês da região e descreve os motivos que o levaram a ingressar nas FF GG. Penso que terá repercussão entre os moradores. Será excelente veículo de propaganda. O Pe também trouxe um novo romance do Mundico; O Encontro de Osvaldão com a Dina. Eleva o nome da guerrilha e de alguns de seus combatentes, mais um material de agitação, terá o mesmo sucesso do “Romance da Libertação do Povo”.

Não veio nenhuma notícia da entrada do inimigo na região.

16/8 – Vivo a placidez do acampamento, ontem perturbada por tiro de espingarda 20. o disparo talvez tenha sido feito por um peão do capitão Olinto. Pequeno é o movimento de aviões. Um joelho vem me incomodando. Julgo ser uma distensão muscular provocada pela última caminhada. Ari trouxe uma jabota, encontrada num cipóal que está próximo à nossa “residência”. No mais, tudo azul.

18/8 – espero, hoje, a volta do Jo e Zeca, com notícias do DC. Anteontem dispararam novo tiro perto do acampamento. Precisamos mudar de local. Mas temos muita coisa a realizar por aqui. Ontem, Ari caçou um gorgo e trouxe também uma pequena jabota. Esse combatente acaba de fazer uma coronha e uma telha para um rifle 44 que veio do DA. Trata-se de excelente arma, em perfeito estado, dada pela massa. O povo nos ajuda por todos os meios.

19/8 – As primeiras horas da última noite foram de completa escuridão. Nós, habitantes da selva, víamos somente as luzes dos vagalumes que, em grande número, se deslocavam céleres no espaço. Lembrei-me então dos poemas de Catulo da Paixão Cearense, que eu lia e às vezes recitava, em meus anos e ginásio. O poeta falava nos pirilampos a iluminar a mata, transformada em palco de uma grande festa. Recordo-me, também, da conversa que mantive, ocasionalmente, com o bardo sertanejo em 1938, num restaurante popular do Rio de Janeiro, situado na antiga rua Chile, hoje desaparecida. Encontrava-me no Garoto de Lisboa (em que, esporadicamente, fazia as refeições), quando Catulo, já velho e com a cabeça lisa como uma bola de bilhar, paletó de alpaca surrado, abancou-se em minha mesa e logo entabulou conversação.

Vivia-se os dias de um campeonato mundial de futebol. A população carioca vibrava com a atuação do selecionado brasileiro. Mas, o conhecido trovador revoltava-se contra aquele entusiasmo. Mostrava profunda indignação. Timidamente, ensaiei uma explicação para o interesse que o chamado esporte bretão despertava entre o povo. Este, afirmei entre rodeios, não pode se empolgar pela poesia com o mesmo ardor com que torce por seu time. O autor de “O Luar do Sertão”, embora alquebrado pelos anos, replicou com particular vitalidade e não menor falta de modéstia, pois considerava-se o maior poeta brasileiro. Sim, a verdadeira poesia poderia atrair grandes massas, ser declamada nos estádios. E para arrematar seus argumentos, ordenou-me que ouvisse um poema que acabara de compor, para ser transmitido pela Rádio Jornal do Brasil. Deu-me o dia da irradiação e relatou-me, minuciosamente, o enredo.

João e Maria (não estou bem certo se estes eram os nome dos personagens) amavam-se. Eram dois matutos. Surgem vários obstáculos ao casamento. O casal de namorados fez uma promessa. Se conseguisse se unir, na noite de S. João, fariam uma viagem através da mata. Os dois amorosos atingem seus objetivos. Catulo relata as suas travessias na floresta. Aí é que entram, em profusão, os pirilampos, acompanhados das

estrelas cintilantes, do luar, das flores e de outros condimentos que acentuam o caráter lírico do tema.

No entanto, aqui na selva o panorama é outro. Quão diversa é a realidade da imaginação do poeta! De fato, vagalumes voam em grande número, dando certa beleza à paisagem noturna. Mas, tais insetos luminosos emaranham-se nos cabelos dos guerrilheiros, penetram em baixo de suas vestes e, com mais frequência, em “piques” suicidas, mergulham nas panelas fumegantes. Não poucas vezes os combatentes comem carne de veado ou de tatu, de paca ou guariba, ao molho do pirilampo.

E para concluir esta conversa sobre vagalumes, desejo só assinalar que aqui existe uma variedade que, ao invés de um só “farol”, característico dos espécimes da cidade, têm 3 “faróis”: dois na frente, em cima dos olhos, e um na cauda. Um entomologista teria na selva farto material de trabalho.

A Rádio Tirana, em sua transmissão de ontem, deu notícias bem interessantes. Informou que o advogado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Araguaia enviou carta ao “Estado de São Paulo”, denunciando o Instituto Brasileiro de Defesa Florestal e o INCRA. Estas duas repartições do governo impedem que os camponeses façam derrubadas para botar suas roças. Contra tal arbitrariedade, foi enviado às autoridades competentes um memorial com 2 mil assinaturas de lavradores.

A mesma estação de rádio irradiou artigo de “A Classe Operária” que fornece outros dados sobre as lutas em nossa região e sobre a repressão da ditadura a tais lutas. Destacou a prisão do Bispo de S. Felix do Araguaia e de 9 freiras. Observa-se, assim, que sob o influxo da guerrilha, ampliou-se o movimento de camponeses e de massas no interior. No artigo fala-se também que o inimigo, tendo fracassado na sua tentativa de liquidar os combatentes das FF GG com a tática de “matar homem a homem”, está preparando uma grande campanha. Refere-se ainda “A Classe” a uma reportagem do Jornal da Tarde. Nela se diz que a Transamazônica está coalhada de soldados.

O artigo do órgão central do P, além de nos alertar sobre futuras investidas do Exército, nos trouxe imensa satisfação.

20/8 – Chegaram ontem de manhã Jo e Zeca, da área do DC. Nas costas carregavam duas latas (de querosene) de farinha. Trouxeram daquela área as seguintes informações:

Pe e Dina conversaram com o representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Araguaia e São Geraldo. Trata-se de um reformista e legalista. Com ele, tudo é na lei (dois generais, é claro). É contra a violência e, portanto, não apoia a guerrilha. Mas pode-se estabelecer um diálogo com esse tipo. Informou que a sucursal do sindicato tem 200 sócios. Penso que devemos aconselhar os camponeses a ingressar naquela organização sindical e realizar de forma independente a luta pelas suas reivindicações. Os dirigentes do sindicato agirão “com a lei”. Nós atuaremos com as armas e daremos a tônica ao movimento. Dessa combinação sairá algo útil para a revolução.

O INCRA está fazendo demagogia na área do DC. A situação nessa área é diferente da que existe nas áreas dos DD A e B. S. Geraldo é considerado pelo INCRA como zona fundiária e a Transamazônica zona de colonização. Nesta última, quer enquadrar os camponeses nas colônias, e na primeira pretende alguns títulos de posse da terra (não se trata de título de propriedade). Dez posseiros já receberam tais títulos e outros dez foram chamados a Marabá para recebe-los. É preciso desmascarar a demagogia do INCRA. Nas terras em que há conflitos entre posseiros e latifundiários, aquela repartição fica com os grandes fazendeiros. O bandido do Antoninho é um exemplo. Conta com todo apoio. Precisamos atacar o INCRA por aí.

Um grupo chefiado pelo Mundico realizou interessante trabalho de massas. Esteve numa reza onde havia 120 pessoas. Aquele combatente, então, fez um comício, falando para aquela pequena multidão. Depois, em outros locais, falou para ajuntamentos de 20 e 30 pessoas.

Mundico informa que em sua incursão encontrou dois jovens esquisitos, que fixaram residência na área. São pessoas da cidade. Parecem milicos e deram informações contraditórias. É preciso estar atento. O inimigo talvez pretenda instalar toda uma infraestrutura de informações na região. Na área do D foi visto um tipo estranho, num Wolks, querendo botar roça. Outro, igualmente suspeito, pretende fazer um local de plantio, e um jovem de S. Domingos anda investigando os moradores sobre suas ligações com a guerrilha. Na área do DB também apareceram dois “mineiros” querendo formar locais de plantio. Além disso, um investigador andou por lá. Acresce ainda que Osv informou que elementos da massa deram notícia de um grupo à paisana emboscado na selva. Mundico também informou que um camponês dissera que, em janeiro passado, foram vistas 9 pessoas, vestidas, armadas e equipadas como guerrilheiro, andando na mata. Será que eram os elementos que iam pôr em prática a tática de “matar homem a homem”? tudo isso nos obriga a reforçar a vigilância e tomar as necessárias providências para resguardar as FF GG de qualquer golpe.

Hoje, cedo, partiram Jo e Joaq para se encontrar com mensageiro do DA. Jo foi no lugar do Ari, que teve novo ataque. Preocupa-nos a saúde do nosso ferreiro e caçador.

21/8 – Zeca e Ari, ontem à tarde, deram uma volta no cipoal que está próximo do acampamento. Trouxeram uma jabota e um carumbé. Temos carne para 2 dias.

26/8 – Agosto aparece, agora, com sua verdadeira fisionomia. Dias de sol brilhante e a selva batida por suave brisa. Tardes quentes e belas. As noites, porém, são bastante frias. Às vezes o frio é tão intenso que não nos deixa dormir. Na mata, é a época mais agradável do ano, será sempre recordada, com alegria, pelos guerrilheiros.

Zeca e Nelson acabam de imprimir uma série de materiais: o Manifesto contra o INCRA, o Comunicado do 3º Destacamento e o Manifesto da ULDP. Trabalho quase perfeito. Parece incrível que possa ter sido realizado na mata, em condições tão precárias. “Em Defesa do Povo Pobre e pelo Progresso do Interior” tornou-se um folheto com excelente apresentação. Melhora, assim, nossa propaganda. Esperamos a chegada de papel para editar novos materiais.

Ontem pela manhã Joaq e Jo vieram da área do DA. ZC mandou um grupo de 7 combatentes trazer parte de nosso rancho: 4 latas de milho, 2 latas de farinha, 5 litros de arroz pilado, 5 litros de fava e 7 quilos de sal. Beto e Edinho, participantes do grupo, vão fazer a ligação com os combatentes do DC, através da mata que margeia a estrada S. Geraldo-S. Domingos. Nunes, que chefiava os guerrilheiros, deu as seguintes informações: ingressaram no D mais 2 novos combatentes. Um de 16 anos e outro de 20. São filhos de camponeses amigos da guerrilha e bastante pobres. Não tinham nem cobertor. Deste modo, o DA já fez 6 recrutamentos. Está com seu efetivo completo; os camponeses da PA-70 (os chamados baianos) dizem que o INCRA não entra lá. Será recebido à bala. E o INCRA se moitou. Seu chefe diz que espera a chegada dos “meninos” (soldados) para “visitar” aquela área; o D entrou em contato com uma personalidade de Marabá que pode nos ajudar a impulsionar a frente única;

a FUNAI vai ocupar a Aldeia dos Índios. À sua sombra, virão agentes do Exército. Os silvícolas poderão ser usados contra a guerrilha. Na região de Serra Norte (onde se situam as jazidas de minério de ferro), os índios Caetés estão sendo expulsos; em Marabá, agora, já existem 10 soldados do Exército. A construção do quartel do Batalhão de Infantaria de Combate na Selva será concluída em dezembro. As casas dos oficiais não ficarão prontas este ano. Estão sendo erguidas perto do hospital; ao contrário da massa da área do DA (de S. Domingos para cima), a população de Marabá ainda não está esclarecida sobre a guerrilha. Ainda nos chamam de terroristas. Nossa propaganda não chegou lá; um amigo de Marabá não acredita que o Exército entre este ano na mata. Nos alerta contra os agentes do INCRA, FUNAI, SUDAM e da CEM; em Marabá funciona um campus avançado da USP. Os universitários costumam ficar na cidade um mês. É preciso enviar propaganda para eles; em Marabá vão instalar uma rádio-emissora local. Parece que seu controle está nas mãos da Igreja; a estrada de ferro que vai ser construída de Serra Norte ao porto de S. Luiz, com capitais ianques, cortará o Araguaia na altura da cachoeira de S. Bento, perto do antigo PA da beira do DA.

Hoje cedo, Zeca e Ari partiram ao encontro dos mensageiros do DC.

28/8 – Joaq e Jo foram buscar castanhas e trouxeram mais de duas latas.

Os co do DA, no último encontro, falaram que abateram uma onça. Era vermelha e de avantajado tamanho. Vinha devorando os carneiros de um camponês. Por sua vez, os combatentes devoraram a carne do felino. Dizem que é muito boa. Pena que eu não tenha experimentado.

1/9 – Terminou o mês de agosto, que registrou alguns êxitos para a guerrilha e assinalou um acontecimento bastante triste para nós: a morte de Mundico. Esse combatente do DC, no dia 16, apareceu morto, talvez vitimado por acidente com seu revólver. Seu corpo foi encontrado na mata, próximo da casa de um camponês. Enterrado perto do local onde morrera, recebeu o adeus e as homenagens de seus co. Na ocasião, falou a comissária Dina. Mundico revelou-se sempre bom guerrilheiro e comunista dedicado. Filho de família pobre do interior da Bahia – seu pai é funileiro -, formou-se em Direito em Salvador. Era valente e tinha grande capacidade para o trabalho de massas. Num encontro com o inimigo, abateu, no ano passado, um bate-pau. Ocupava no D o posto de chefe de Grupo. Na sua última missão de propaganda revolucionária, à frente de um grupo, falou, em, diferentes oportunidades, em poucas horas, a 158 pessoas adultas. Seu desaparecimento é uma grande perda para as FF GG e, em particular, para o DC.

Zeca e Ari, portadores da triste notícia, chegaram a 29 do mês passado. Eles trouxeram outras informações:

o Destacamento vai recrutar um novo combatente. Trata-se de um peão de 23 anos. Parece ser um bom elemento;

o Destacamento acaba de organizar o terceiro núcleo da ULDP. Há perspectiva imediata de estruturar mais dois;

o Destacamento adquiriu, na base do “rolo”, um rifle 44 e um rifle Itajubá (antigo fuzil com o cano alargado), que também funciona com balas 44;

os co conseguiram ver um “título de ocupação de terra” fornecido pelo INCRA. Verdadeira tapeação. Vão desmascarar firmemente aquela repartição do governo;

um pequeno fazendeiro que no início da luta apoderou-se de coisas nossas, quer nos dar 500 cruzeiros de indenização;

em S. Geraldo correu o boato de que os guerrilheiros iriam ocupar a corrutela. Foi um corre-corre dos diabos. De Xambioá chegaram soldados da polícia de Goiás. Na delegacia içaram bandeira branca. Informa-se que o delegado teria dito. Informa-se que o delegado teria dito não Ter nada contra a guerrilha e que não iria hostilizá-la;

informações procedentes de Belém dizem que o Exército vai realizar nova campanha, utilizando 10 mil soldados, no período de 25 de setembro a 10 de outubro. É possível que seja verdade, mas também pode ser trabalho do inimigo para nos inquietar. Se se verificar a ofensiva da reação, estamos preparados para enfrentá-la convenientemente.

6/9 – Hoje, saímos todos ao encontro do DB, que vai mudar de área. Depois, junto com seus combatentes, iremos em direção à área do DC para nos ligarmos ao Pe. Ontem à tarde Jo e Ari mataram dois porcos. Comemos carne à vontade e ainda restam 20 quilos de porco moqueado. Estamos agora camuflando o acampamento que vamos abandonar. Levaremos conosco, para serem entregues aos DD B e C, 5 armas: uma metralhadora, 2 rifles 44, uma espingarda 36 (Itajubá) e uma espingarda 20. Jo e Zeca voltarão do caminho para atender o ponto com Zezinho e o ponto com mensageiros do DA. Para este D levarão uma metralhadora e uma espingarda 20.

8/9 – Ontem, encontramos com o DB. Osv saíra para uma espera e perdeu-se na mata. Apareceu ao meio-dia, depois de perambular quase 48 horas na selva. Trazia um carumbé de grandes proporções. Nós trouxemos carne moqueada de porco, uma jabota e um gorgo. Amanhã partiremos rumo à área do DC. Osv prestou informação do seu D. foi criado mais um núcleo da ULDP. Assim, na área do DB existem 5 Uniões. Um elemento de uma dessas Uniões estava tramando entregar nossos elementos ao Exército, em troca de dinheiro. Foi isolado. Também se informa que o Exército soltou 25 soldados na mata para nos espionar. Os que forem por nós localizados, serão tratados devidamente. Um jovem da área do DB, que agora está na Palestina, mandou ao Toinho o seguinte bilhete: “Palestina, 3 de agosto de 1973. Saudação. Amigo Antoninho: Mando somente este bilhete para dizer que quando o entrar, alistando os rapazes, eu estarei com vocês. Recordação para a Dina. Desejo muita saúde para você para todos que andam na guerrilha. Muitas felicidades para vocês e para “seu” Osvaldo. Peço para guardar uma arma para mim. Lembranças para todos na mata. Assino R. A. S.”.

13/9 – Saímos com o DB no dia 9 e encontramos com o DC a 11. No caminho, apanhamos 2 jabutis. Boa foi a viagem, mas me resenti da caminhada. Doem-me as panturrilhas. Tuca fez-me algumas massagens.

O DC vai bem. Consegui duas armas: um rifle 44 em bom estado e uma velha Comblain. Na noite de 11, juntaram-se dois DD. Tomou-se chocolate e cantou-se hinos, canções e músicas regionais. Obteve grande sucesso um lindo, cuja letra foi feita por Peri e Osv. Excelente propaganda.

16/9 – Os DD B e C e a CM estão juntos há 6 dias. Durante esse período, fizemos 4 reuniões. Pe, na primeira reunião, expôs ao DB a maneira de atuar na nova área e explicou as características dos lugares onde se concentram os moradores. No dia seguinte fiz o balanço de 10 meses de atividade guerrilheira. Os combatentes entrevistaram, dando suas experiências. Na sua quase totalidade fizeram críticas ao comandante, a maioria improcedentes. A CM procurou solucionar as contradições existentes. Para os dois DD, proferi duas palestras: uma sobre a conduta do combatente, particularmente sobre a moral na guerrilha; outra sobre a situação política, examinando o X

Congresso do PC da China, a posição de Fidel na Conferência dos Países Não-Alinhados, em Argel, e os acontecimentos no Chile.

Ontem apareceu um elemento da massa no acampamento do DC. Estava perdido. Era um morador da região. Isso nos obrigou a mudar hoje de acampamento. Quatro combatentes levaram o camponês para sua casa e entregaram propaganda para alguns moradores. Trabalho bem interessante. O lavrador extraviado, muito pobre, pediu ingresso nas FF GG. Na próxima 5ª feira (hoje é Domingo) virá a um ponto previamente marcado.

Pe nos entregou algumas quartas de farinha e de milho.

A Rádio Tirana irradiou artigo de “A Classe Operária” sobre o 30º aniversário da Conferência da Mantiqueira. Matéria muito bem lançada e bastante educativa.

19/9 – No dia 17, chegaram ao acampamento, Joca, Zeca e Zezinho. Este último encontrou-se com os primeiros na área do DA, em um lugar onde se deposita farinha. Zezinho cumpriu sua missão. Vamos ver se dá algum resultado. No seu destino conseguiu novos pontos de apoio, com antigos amigos que regressaram à cidade. Joca trouxe algumas informações do DA e um rifle 44 para consertar. Esse D organizou um núcleo da ULDP na Metade e outros, de mulheres, em Fortaleza. Promoveu uma reunião contra o INCRA, da qual participaram 50 pessoas (todas adultas). Havia gente de Fortaleza, Canadá e Bom Jesus. Os camponeses que intervieram mostraram-se muito radicais. Ingressou na guerrilha um novo combatente; trata-se do pai de um dos jovens que entrara para as FF GG. É um camponês experimentado e velho amigo nosso. Deixou a mulher e os filhos em um barraco perto da sua roça. Outros recrutamentos estão em perspectiva, inclusive uma jovem. O DA está preparando contatos de frente única com pessoas de certa representatividade em S. Domingos, Brejo Grande e Vila S. José. Na área estão sendo feitas grandes derrubadas e construídas inúmeras estradas. Trata-se de um problema militar de importância para a guerrilha e que precisamos discutir. Na área de Brejo Grande, o D está preparando uma ação armada contra o INCRA. A roça do Carretel está para ser vendida e metade do dinheiro será entregue à sua mulher. O que restar pode ajudar o D a adquirir muitas coisas.

Ontem, nos despedimos dos DD B e C. ficaram no acampamento a CM e o DC. Hoje chegaram 3 combatentes daquelas unidades trazendo cerca de 300 bananas. Pe já deixara arroz e feijão e o ZC enviou 7 litros de arroz. De manhã cedo, Joaq e Zezinho saíram para pesquisar área e caçar. Talvez tragam carne.

20/9 – Joaq e Zezinho se atrasaram e dormiram na folha. Não tinham redes e nem agasalhos. Chegaram hoje de manhã, cansados e sonolentos, com um tatu e uma jabota. À tarde, após violenta chuva, apareceu em pleno acampamento outra jabota. Vinha visitar a amiga... Temos, assim carne para mais 2 dias.

21/9 – Passo mais um dia da primavera na floresta amazônica. Como aqui se mata rápido o tempo! Um ano decorreu sem eu sentir. E a velhice chegando cada vez mais e, com ela, dores nos músculos e nas juntas. É o diabo. Para meu consolo, a vida na selva é uma permanente primavera.

24/9 – A 22, chegaram Ari e Ivo. Traziam, moqueado, um veado inteiro. Um bom reforço para a alimentação.

Ontem apareceram 2 mensageiros do Pe: Simão e Raul. Nas costas, meio saco de arroz pilado e mais alguns pratos de feijão e fava. No próximo Sábado, o C do DC mandará 5 quartas de farinha. Pe informou que ingressou novo combatente nas FF GG.

Trata-se do camponês que apareceu no acampamento do DC. Parece ser bom elemento. As pessoas que o conhecem dão boas referências. Personalidade da área do DC conversou com Pe, Dina e Osv e dispôs-se a ajudar. Tem condições de fazer propaganda da guerrilha e conseguir alguma ajuda material. Também foi realizado trabalho junto a certa pessoa de posses. Esta, discretamente, poderá contribuir materialmente para as FF GG.

Hoje, partiram Zeca e Ari ao encontro de mensageiros do DA. Ficarão 2 dias na oficina para consertar uma espingarda 20 que vai para aquela unidade guerrilheira. Também entregarão 2 revólveres 38. Deste modo, vamos suprindo a falta de armas que se verifica no DA, em virtude dos últimos recrutamentos. Nossos mensageiros estarão fora 12 dias.

7/10 – Insidiosa malária atacou-me e deixou-me inteiramente prostrado. Foi uma semana de febre e intensa diarreia, tomei Darador, duas doses de Fanasulfa (8 comprimidos) e Darapim. Ingeri Resoguina e aplicaram-me Aralein injetável (4 ampolas). Tomei também soro glicosado misturado com vitamina C. Doíam-me as pernas e os braços e não podia ficar de pé. Também não podia comer e sentia dores horríveis no estômago. Vomitava com frequência. Fiquei bem, mas bastante debilitado. Tuca, que veio me trazer, está usando uma terapia de choque: glicose e vitamina C na veia.

Mal acabava de escrever estas linhas, apareceram Raul e Fogoió. Vinham avisar que o inimigo iria entrar na mata no dia seguinte. Era necessário mudar imediatamente de acampamento. Este foi o acampamento da fartura. Nunca faltou carne. Em poucos dias, nossos caçadores abateram uma tona, um gorgo e 2 caíditus. Havia banana em quantidade e podia-se comê-las à vontade. Contamos com arroz e feijão.

Enquanto me encontrava doente, os mensageiros de Pe informaram que a massa dava notícia de que um grupo do DA realizara uma operação contra o posto militar da Transamazônica, situado no entroncamento que leva a S. Domingos. Fornecia detalhes da ação. Os guerrilheiros tinham se apoderado de 7 fuzis e 5 revólveres. Dias depois, chegaram Zeca e Ari com informações do DA. Quem veio ao ponto foi o Piauí, que relatou o seguinte: um grupo composto por 10 combatentes, armados de fuzis e rifles 44, dirigiu-se para o posto militar da Transamazônica. Viajou pela mata, caminhos, quintas e estradas. Perto da rodovia, mandaram o Carretel se informar com um morador sobre a situação no Posto. Obtida a informação, rumaram em direção ao objetivo visado. Durante o dia 2 combatentes observaram atentamente a atividade dos soldados. Na madrugada do dia 24, o grupo guerrilheiro, sob o comando do ZC, cercou o alojamento dos policiais militares. Nunes foçou a porta com o fuzil, mas ela não cedeu, pois estava trancada. Então, ZC ordenou que se abrisse fogo e, em seguida, mandou atear fogo no telhado, que era de palha de babaçu. Desta vez, os praças se entregaram, foram presos e a casa invadida. O fogo ia alto. Na estrada apareceu um Wolks, que foi detido. Os guerrilheiros apreenderam 6 fuzis com 36 balas, 1 sabre, 14 calças, 15 camisas, 4 cinturões, 1 revólver 32 com coldre, 4 redes, 2 lanternas, 4 botinas, 1 relógio e 180 cruzeiros. Depois de realizada a operação militar, os soldados, em número de 3, foram aconselhados a abandonarem a Polícia Militar e, em seguida, postos em liberdade, vestidos apenas de calção. Grande foi a repercussão da ação no meio da massa camponesa e entre os moradores das corrutelas próximas. Em Marabá não se falava em outro assunto. ZC emitiu comunicado.

Um camponês, que foi comissário de polícia em uma corrutela, enviou ao DA a seguinte carta:

Ilmo e prezado amigo Adão Nunes
Saudações amigas

Apesar de não conhecer os senhores, tenho uma irmã que é muito amiga dos senhores. Eu também sou amigo de vocês. Estive trabalhando na polícia, mas estava enganado. O que eu ganhei foi ficar sem um revólver 38 que eles tomaram. Nunca fui contra vocês. O Pedro Carretel sabe como é. Também, como vocês, sou contra o INCRA, porque, para mim, o INCRA é um cativo. Eu já achei muito negócio em meu lugar, mas eu não quero vender. Eu quero é voltar para meu lugar. Só tenho é pegado prejuízo. Quero que vocês sejam meus amigos e mesmo quero me entender com vocês.

8/10 – Ontem mudamos de acampamento. Caminhei com dificuldade durante 4 horas, sob um calor sufocante. Acampamos junto a uma capoeira, perto do acampamento dos DD B e C. Pe veio ao nosso encontro. Informa que o inimigo já entrou. Um pequeno grupo bivacou próximo do Paulista e outro foi para Pimenteira, castanhal do Almir Moraes. Mais um outro foi para Pau Preto. Hoje, devem chegar mais tropas. A aviação está em atividade. Um “paquera” sobrevoava a área. Cedo levantamos acampamento e só paramos depois de 3 horas de marcha. Pe está preparando algumas ações militares contra o inimigo.

10/10 – Estamos em outro acampamento. Este não me agrada. Está cercado por estradas e caminhos de castanhal. Logo mudaremos. Hoje, cedo, Nelson, Joca e Raul saíram para se encontrarem Dom Pe. Amanhã saberemos das novidades. “Tecos” e helicópteros voam insistentemente.

É o seguinte o comunicado de ZC por motivo da ação militar na Transamazônica:

Ao povo de Marabá, S. Domingos. S. João do Araguaia, Apinagés e Brejo Grande:

A todos os lavradores!

O 1º Destacamento das Forças Guerrilheiras do Araguaia – Destacamento Helenira –, no dia 24 de setembro realizou com pleno êxito uma operação militar contra o posto policial da rodovia Transamazônica, localizado no entroncamento da estrada que liga a S. Domingos e Apinagés.

Os militares que guarneciam aquele posto, sob o pretexto de identificar os viajantes, extorquiam dinheiro dos lavradores, apreendiam qualquer arma de uso pessoal, e até mesmo facas, facões e canivetes; humilhavam pais de famílias, desrespeitavam moças e mulheres, cometiam toda espécie de abusos e arbitrariedades contra os moradores da região. Diante disso, o 1º Destacamento decidiu punir os soldados da ditadura que cometiam tais crimes contra o povo.

Um grupo de combate do Destacamento, no amanhecer daquele dia, cercou o posto policial e intimou os ocupantes a se renderem. Não obtendo resposta, abriu fogo e incendiou a casa. Então, os soldados se entregaram sem oferecer resistência. Os prisioneiros tiveram um tratamento humano. Não sofreram maus tratos e nem humilhações. Foram libertados depois de aconselhados a abandonar a Polícia Militar do Pará, a não servir de instrumentos de um governo de bandidos, inimigo da liberdade, que prende, tortura e assassina patriotas, oprime trabalhadores, protege os tubarões e os poderosos.

Realizada a operação militar, os guerrilheiros retiraram-se em ordem, levando, como presas de guerra, fuzis, revólveres, fardas e outros objetos de utilidade. Assim, o 1º Destacamento aumentou seu poderio de fogo à custa do inimigo.

Com a operação contra o posto policial da Transamazônica, o povo foi vingado.

O Destacamento Helenira concita a todos os lavradores e moradores da região a apoiar as Forças Guerrilheiras do Araguaia e a ajudá-las a levar adiante a luta pelos direitos do povo, contra o Exército e a Polícia, contra o INCRA e os grileiros, pela derrubada da ditadura militar e por um governo efetivamente democrático e popular.

O povo unido e armado vencerá!

Terra para o povo viver e trabalhar!

Abaixo a odiosa ditadura militar!

Viva o Brasil livre e independente!

Viva as Forças Guerrilheiras do Araguaia!

Em um ponto qualquer das matas do Araguaia, 25 de setembro de 1973.

José Carlos, comandante do 1º Destacamento das Forças Guerrilheiras do Araguaia – Destacamento Helenira

Lino Piauí – Vice-Comandante

11/10 – Os mensageiros que trouxeram a informação sobre a ação militar do DA, foram também portadores de uma notícia má. No próprio dia 24, Paulo, que ficara com os demais combatentes que não participaram da ação, fugiu. E fugiu em péssima hora. Esse indivíduo, verdadeiro crápula, que causara os maiores aborrecimentos ao DA, parecia ter se aquietado, embora não merecesse a menor confiança. As suas possibilidades de sair da região são mínimas e acabará caindo em mãos do Exército ou da Polícia. Preso pelo inimigo, Paulo representa um perigo para o DA, pois é covarde e conhece camponeses amigos nossos. Conhece igualmente certas áreas, onde os combatentes costumam circular ou acampar. Na certa, se a reação o pegar, dirá tudo o que sabe. Estou torcendo para que não o prendam. Mais tarde, as FF GG ajustarão contas com esse traidor. Não fosse a ameaça de delação, a fuga desse pusilânime alivia o DA de pesada carga.

12/10 – Ontem Nelson, Joca e Raul regressaram ao acampamento, depois de manterem contato com Pe. Traziam, nas mochilas, farinha, milho, bananas e uma lata de óleo de soja. Segundo informações colhidas pelo C do DC junto a elementos da massa, o inimigo não está realizando uma campanha contra nós. Entraram pequenos contingentes da PM do Pará. Esses militares realizam operação de polícia, prendendo alguns camponeses e acampando em diferentes lugares. São apoiados por aviões e helicópteros e estão bastante temerosos. Se a ação do inimigo se limita a isso, será bom para nós. Trata-se de soldados sem experiência de luta antiguerrilha, corruptos e acostumados a viver em pequenas cidades e corrutelas. Os “macacos” poderão ser alvos fáceis de nossos fustigamentos e emboscadas. À sua custa podemos reforçar o nosso poder de fogo, apreendendo armas e munições. A massa também informa que a área do DA está “quente”. Lá estiveram numerosos soldados que detiveram muitos moradores. Aguardo informações do ZC. Pe organizou um grupo de combate, chefiado pelo Osv, para agir contra o inimigo. Esse grupo está bem armado. Seus componentes se locomovem com rapidez e são bastante combativos.

Hoje fez um ano e meio que se iniciou a luta guerrilheira no Sul do Pará. Nesse período, as FF GG avançaram muito. Melhoraram seu armamento, conseguiram, apesar do inimigo, 6 fuzis, 7 espingardas 20 e 16 (3 de dois canos), 4 revólveres e um rifle 32x20. Adquiriram ou ganharam da massa 4 rifles 44 e algumas armas de caça. Recrutaram 9 combatentes entre os camponeses e contam com dezenas de amigos firmes. Formaram 15 núcleos da ULDP. Sua influência estende-se à grande maioria dos habitantes da região e da periferia. Desenvolveram intensa propaganda e ampliaram o trabalho de frente única.

Aumentaram sua capacidade militar, sua experiência de vida na mata e seu domínio do terreno. Os guerrilheiros tiveram, assim, 18 meses de aprendizado. Esse aprendizado nos custou sangue, sofrimentos e suor. Devemos valorizá-lo grandemente. Nossos DD se temperaram e tornam-se força militar combativa. Resolvemos os problemas de abastecimento e, em parte, do equipamento. Nossa perspectiva é crescer, avançar sempre. Nosso ponto fraco reside no desligamento do exterior; do P. em consequência disso, não vieram combatentes da cidade e nem ajuda material. O pior, porém, é que a propaganda da luta guerrilheira é geral, fora da realidade dos fatos, não se relacionando com a rica experiência da guerrilha. Com o tempo superaremos essa falha. Neste rápido balanço, volto a repetir que se não cometermos erros essenciais, jamais seremos batidos. Com o inimigo diante de nós, devemos aplicar uma política de economia de forças e, rigorosamente, pôr em prática nossa linha militar. Obedecer sem vacilação as leis da guerra de guerrilhas que aprendemos a dominar neste ano e meio de árduas e difíceis lutas.

13/10 – Zezinho foi ontem a uma “espera”. Voltou com um veado de grande porte. Comi como há muito não comia: bife de veado com arroz, além de sarapatel de miúdos.

14/10 – Zeca e Zezinho foram hoje ao encontro dos mensageiros do Pe e voltarão amanhã. De manhã cedo desabou uma chuva torrencial, mas durante o dia movimentaram-se os aviões e helicópteros do inimigo.

As estações de rádio do país e do estrangeiro estão cheias de notícias sobre a guerra no Oriente Médio, irrompida há dez dias. A luta parece equilibrada. Os árabes, desta vez, mostram maior valor e capacidade militar. A política de distensão foi seriamente abalada. Aumentaram as contradições no cenário internacional e isso é favorável à nossa luta aqui no Araguaia.

16/10 – ontem regressaram Zeca e Zezinho. Poucas foram as informações que trouxeram. Os soldados estão disseminados por algumas bases. Por enquanto, andam pelas estadas, mas estão batendo o rio Gameleira. Muitos camponeses foram presos e houve também prisões em S. Geraldo. Todos os moradores estão sendo chamados pela PM e interrogados. Após a chegada daqueles co, saíram Joaq, Jo e Ari, para se ligarem com o DA. O primeiro ficará uns 15 dias nesse D. na tarde de ontem, Nelson e Zezinho foram pesquisar o terreno, tendo em vista a mudança de acampamento. Na volta, acharam 2 carumbés bem grandes. Apesar do mau tempo, um helicóptero vem observando com certa insistência a área em que nos encontramos.

17/10 – Enver Hodja acaba de completar 65 anos de idade. Tomamos conhecimento desse fato através do caloroso telegrama de felicitações enviado por Mao-Tsetung ao principal dirigente do PTA, irradiado pela Rádio Tirana. Registramos também, com satisfação o 65º aniversário desse eminente marxista-leninista e um dos chefes do movimento comunista internacional. O camarada Enver é um grande e fiel amigo do povo brasileiro e do PC do Brasil. Os guerrilheiros do Araguaia têm contado com sua valiosa ajuda política. Hodja é um dedicado internacionalista proletário. Desejamo-lhe longa vida.

O acampamento está tranqüilo, mas ouve-se, sem cessar, o barulho do motor de um avião. Este, durante a tarde, voa continuamente. Deve estar dando cobertura a uma tropa que se desloca.

19/10 – ontem mudamos de acampamento. Este está bem perto do acampamento que acabamos de abandonar. Enquanto viajávamos, um avião e um helicóptero batiam insistentemente a área. Isso durou toda manhã. Zezinho saiu para caçar e

hoje, cedo, voltou com um tatu. À tarde, Nelson e Zeca sairão para se encontrarem com mensageiros do Pe e trazer milho e farinha, que não temos mais aqui.

Há vários dias que vem chovendo. Parece que o inverno chegou. De ontem para hoje caiu pesado aguaceiro. A estação das águas nos traz dificuldades. Mas, para o inimigo, ela é um estorvo muito maior.

22/10 – aviões e helicópteros sobrevoam com certa insistência a área do nosso acampamento. Isso se deve ao fato de que um grupo de 40 a 50 “meganhas” estar acantonado na casa de um bate-pau, situada a pouco mais de uma légua do lugar em que nos encontramos.

Ontem, ao escurecer, chegaram Nelson e Zeca, trazendo um jabuti, uma lata de farinha e uma lata de milho. Os mensageiros do Pe deram várias informações. O grupo chefiado por Osv teve que regressar da área onde estava porque o inimigo não apareceu lá. Mas, em compensação, recrutou um jovem camponês, de 23 anos, bastante forte. A tropa que atua na área é da PM. Localiza-se em 3 pontos. Existe também um contingente em S. Geraldo. Os “macacos” circulam pouco e não entram na mata. Mandam intimidar os camponeses por meio de um bate-pau. Prenderam quase todos os lavradores de certa zona da área. Alguns camponeses estão sendo espancados. Diante disso, precisamos estudar melhor a maneira de resguardar a massa dos golpes da reação. É necessário deslocar nossos combatentes para outras áreas a fim de desnortear o inimigo. Pe planeja uma ação contra o inimigo que está acantonado na casa do bate-pau. Este precisa ser eliminado com urgência, pois vem delatando camponeses e ameaçando outros.

Depois de vários dias de chuva, o dia amanheceu claro e belo. Céu azul e sol resplandecente. E, longe, voa o helicóptero. Ontem, Nelson e Zezinho foram apanhar castanhas.

A Rádio Tirana noticiou a ação das FF GG contra o posto policial da Transamazônica. Deu também informações sobre a preparação do inimigo para investir contra os guerrilheiros. Noticiou um combate próximo ao rio Araguaia, onde morreram 11 soldados do inimigo. Não sei do que se trata, mas não deixa de ser propaganda.

Há 43 anos vencia a chamada Revolução de Outubro. A data não é mais lembrada. Caiu no olvido. No entanto, a vitória de 1930 foi precedida por um dos maiores movimentos de massas que o Brasil presenciou. Só que foi dirigida pela burguesia e, por isso, não poderia trazer conseqüências – transformar radicalmente a estrutura econômica e social do país -. Atualmente, os principais problemas que afligem o país há mais de 4 décadas, continuam sem solução. Só o proletariado pode dirigir com êxito a revolução agrária e antiimperialista, conduzir o povo na luta pela total liquidação do domínio estrangeiro e do latifúndio. E levar adiante o movimento revolucionário até o socialismo.

30/10 – Novo acesso de malária e más notícias do DA (para mim particularmente terríveis) deixaram-me em estado de não poder escrever coisa alguma. Hoje, livre do ataque de impaludismo e, em parte, refeito do choque emocional, disponho-me a relatar o sucedido com um grupo de combatentes daquele D. no dia 26, chegaram Joca e Ari, depois de caminharem 12 dias, gastos na ida e na volta, até o ponto com os mensageiros do DA. Jo relatou que vieram ao local do encontro Piauí e Antonio. O VC daquela unidade guerrilheira contou o seguinte: no dia 13, um grupo chefiado por ZC, composto por Nunes, João, Zebão e Alfredo, dirigiu-se a um depósito para apanhar farinha. No dia anterior, Alfredo e outros combatentes insistiram junto ao C para se matar 3 porcos do D, que estavam numa capoeira abandonada. ZC repeliu com energia a proposta, dizendo

que ela afetava a segurança e que “não se devia morrer pela boca”. Por isso, só iriam buscar farinha. No entanto, no meio do caminho, sob pressão de alguns combatentes, deixou-se convencer de apanhar os porcos. E o grupo enveredou capoeira adentro. Então, foram cometidas uma série de facilidades: os porcos foram mortos a tiros, acendeu-se o fogo, não se deu importância ao helicóptero que sobrevoava o local e permaneceu-se demasiado tempo na capoeira. Ainda estavam os guerrilheiros dedicados à tarefa de tratar os porcos quando foram surpreendidos pelo inimigo. João procurou fugir e ouvir descargas de metralhadora. Mas obteve êxito. Foi ele que relatou o ocorrido. Em sua opinião, os outros 4 combatentes, que não apareceram no acampamento, foram mortos. Assim, o DA foi duramente golpeado. Perdeu seu comandante, homem capaz e um dos mais puros revolucionários. Estava ligado ao P desde os 16 anos e ainda podia dar muito à revolução. Era excelente comandante. O primeiro erro que, no entanto, cometeu, lhe foi fatal. Tinha 127 anos e seu verdadeiro nome era André Grabois. Nunes era a terceira pessoa do D. tinha raras qualidades de combatente e destacava-se por seu espírito combativo. Seu nome era Divino Ferreira de Souza. Tinha 31 anos. Zebão, jovem espirituoso, incorporou-se à guerrilha aos 19 anos e agora tinha 23. Era um guerrilheiro exemplar. Alfredo, que não conheci, era elemento recrutado entre a população local. Eficiente, calmo e corajoso, constituía a melhor aquisição das FF GG entre os camponeses.

Mas do DA não vieram somente notícias más. Piauí contou que, com a entrada o inimigo, grande número de camponeses refugiou-se nas matas. Na área onde morava o Carretel, todos os moradores, inclusive mulheres e crianças, embrenharam-se na selva. Um camponês organizou um grupo de 10 pessoas e todas pediram ingresso na guerrilha. Dois outros camponeses entraram nas FF GG. Muitos outros “caíram na folha” e estão à procura dos guerrilheiros, para juntar-se a eles. O inimigo vem fazendo violenta repressão contra a massa e realizou inúmeras prisões, inclusive em S. Domingos, Bom Jesus e outras corrutelas. Um grupo de mais de 10 combatentes, sob a direção de Nelito, saiu para realizar ações contra o inimigo e pequenos grupos saíram para fazer fustigamentos.

No dia 28/10, Nelson e Zezinho foram se encontrar com os mensageiros do Pe. O primeiro trouxe várias informações: o inimigo continua prendendo e espancando elementos da massa. Os presos permanecem detidos e só um foi solto. Os soldados não são da PM do Pará. Fazem parte de tropas especializadas na luta antiguerrilha e andam à paisana. Estão alojados no Paulista, Abóbora, Cajueiro, Zé Novato, Miguel Barros, Regatão, Zé Fosqui e Sete Barracas. São 8 grupos de 20 soldados que saem em grupos de 10 a 14. Com eles vai gente do INCRA. Não dão tiros a esmo, com as tropas que aqui estiveram antes. Conseguiram guias através do terror e da corrupção. Pe acha que o inimigo pode intensificar a campanha e que os soldados em atividade têm em vista reconhecer o terreno. O C do DC soltou um grupo para realizar fustigamentos. Informa também que devido à função dos DD B e Ce aos fornecimentos à CM, só têm abastecimento para um mês. Por isso, vai mudar de área, para uma zona onde poderá se abastecer nas capoeiras e com a massa. Camponeses informaram que houve “fogo” na área do DA. Dizem que 2 guerrilheiros morreram e 2 outros foram presos. A informação talvez seja correta. Vamos aguardar novas notícias.

31/10 – As perdas sofridas pelo DA chamam a atenção de todas as FF GG para um problema dos mais sérios: o relaxamento da vigilância em face do inimigo. A CM precisa discutir com urgência o assunto. É necessário obedecer rigorosamente às normas que dizem respeito à segurança no trabalho de massa, aos acampamentos, às

marchas, etc. Caso contrário, enfrentaremos sérios revezes. Nestas anotações tenho afirmado que se não cometermos erros essenciais não seremos batidos. A falta de vigilância e o desrespeito às leis da guerrilha são erros essenciais. E estamos incidindo com frequência em tais erros. Se não pusermos um paradeiro a eles, poderemos pôr abaixo todo um trabalho promissor iniciado com a luta guerrilheira no Araguaia. Hoje, a questão vital para a sobrevivência da guerrilha é desenvolver ao máximo a vigilância.

Zezinho e Ari saíram para apanhar o Pe. Se tudo correr bem, a CM se reunirá a 2. Logo após, mudaremos de acampamento, pois em torno dele, em área mais ou menos vasta, operam algumas patrulhas do inimigo. Não é ocasional o grande movimento de aviões e helicópteros.

1/11 – Aguardo ansiosamente a chegada do Pe, a fim de tomarmos algumas decisões. Ainda não me refiz de todo do último acesso de malária nem do abalo sofrido com a notícia da queda do ZC. Estou certo de que enfrentarei bem esta crise. Tudo farei para servir melhor ao P e à revolução. Hoje, V faz 30 anos. Pena não poder assinalar a data com a alegria de todos os anos. Espero que esteja feliz e que não lhe tenha acontecido nada. Desejo-lhe os melhores êxitos na vida e que, algum dia, veja concretizados seus ideais de luta.

3/11 – Pe chegou ao escurecer do dia 1º e a 2 a CM se reuniu. Nos DD B e C tudo corre normalmente. O inimigo prossegue em sua repressão contra a massa. Até agora só soltou um dos detidos. Muitos estão incomunicáveis, não podendo ser visitados por suas famílias. Os camponeses presos são obrigados a sair com os soldados na mata e servir de guias. Esta ação objetiva desmoralizá-los e obter alguma pista sobre a localização dos guerrilheiros. Os membros da CM, depois de trocarem informações e debaterem diferentes problemas, chegaram a algumas conclusões, à base das quais se decidiu: designar provisoriamente Joaq como C do DA; aplicar rigorosamente as normas de segurança e demais normas das FF GG. Combater as concepções liberais, de relaxamento da vigilância, que tomaram corpo durante o ano de ausência do inimigo; rever nossa política de trabalho entre as massas, tendo em vista resguardá-las dos golpes do inimigo. No momento, suspender o trabalho de massas e trabalhar com um pequeno número de camponeses, tendo em vista obter informações algum abastecimento; recuar nossas forças e concentrá-las em lugares relativamente seguros. Realizar algumas ações de fustigamento e, se possível, uma emboscada, objetivando conseguir armas. Procurar recrutar novos combatentes para as FF GG entre os camponeses perseguidos.

No que se refere à tática do inimigo, não existem muitas inovações. O que há de novo é a repressão em massa contra os camponeses. Politicamente, isso nos é favorável. O Exército e o INCRA arrancaram a máscara e estão juntos na perseguição aos lavradores. Na atividade militar, o inimigo, na área do DA, utiliza as estradas para conduzir a tropa de caminhão em suas investidas. Na área dos DD B e C, onde os caminhos são ruins, usa helicóptero. Isso torna difícil conhecer os hábitos e os roteiros dos soldados.

A CM também chegou à conclusão sobre a necessidade de discutir seus métodos de dirigir, muitos dos quais se mostraram ineficientes, bem como estudar melhor a estrutura e a maneira de agir das FF GG. A excessiva autonomia dos DD talvez tenha sido, em parte, prejudicial.

Zezinho e Ari, quando trouxeram Pe e Raul, carregavam uma jabota e uma capininga. Ontem, Jo e Zeca cataram uma lata de castanhas. Melhorou a bóia; há mais de 10 dias era só farinha. Hoje, partiram Pe e Raul. Por sua vez, Zeca, Zezinho, Ari e Tuca foram buscar 6 litros de farinha e alguns quilos de sal num depósito do DC.

6/11 – Ontem, mudamos de acampamento. O lugar é bom e a água das melhores. Só há um inconveniente: um pique bem próximo. Nele se chega em meia hora de marcha. Faremos novas pesquisas de terreno para nos mudarmos o mais breve possível. No dia anterior, chegaram Zeca, Zezinho, Ari e Tuca carregados de farinha. Traziam 3 jabutis moqueados. Hoje, partiram Jo e Ari para se encontrarem com mensageiros do DA. Viagem cheia de riscos. Mas terão êxito se obedecerem as normas de marcha e acampamento.

9/11 – Zezinho empenhou-se em uma verdadeira batalha para apanhar uma caça. Segundo as normas, não se pode atirar perto do acampamento. Assim, os bichos têm que ser apesados sem tiros. Há 3 dias, aquele combatente localizou um tatu em sua toca. Fez um “jiqui” e colocou-o na entrada do buraco. Durante a noite dormiu no local. O animalzinho tentou sair, mas vendo algo estranho, recuou. No dia seguinte, nosso caçador a Tuca começaram a cavar, mas em vão. À noite, o guerrilheiro dormiu novamente no local. O tatu fez nova tentativa de fuga, procurando contornar a armadilha, mas foi obrigado a voltar para sua morada. Hoje, Zezinho e Tuca apelaram para outro recurso: encheram de água o refúgio da caça e, assim, o tatu acabou entrando no “jiqui”. Foi uma vitória da pertinácia. No jantar, teremos carne. Esta anda bastante escassa. A bóia será feita no local da castanha. A Rádio Tirana tem dado poucas notícias do Brasil e de nossa luta. Faltam-lhe informações. Nem mesmo a presença do inimigo foi noticiada. É preciso restabelecer a ligação com o P. No que se refere à saúde, atravesso uma fase de azar. Depois de várias malárias e desinterias, surgiu-me uma complicação no olho direito. Mancha escura atrapalha-me a visão. Não sei a que atribuí-la. Talvez a uma pancada. Há quase 3 anos tive algo semelhante, mas a mancha desapareceu. Agora está incomodando muito. É possível que surja uma melhora. Minha vida torna-se difícil. Ainda não me refiz de todo do choque emocional resultante da queda do ZC. Mas superarei todas as dificuldades. Assim espero. Ontem, Nelson e Zeca trouxeram duas latas de castanhas, apanhadas próximo ao acampamento. Hoje, Zeca e Zequinha foram ao encontro com mensageiros do Pe. Estes só virão se tiverem algo importante a comunicar.

12/11 – Ontem Zeca e Nelson saíram para pesquisar terreno, a fim de mudarmos de acampamento. Voltarão ao entardecer. A data de hoje assinala o 17º mês do início da luta armada. Estou com informações para que possa fazer um ligeiro balanço. Ainda estou sob a emoção do impacto que me ocasionaram os acontecimentos do DA. Deixa-me bastante triste a ausência do ZC. Mais tranqüilo e com notícias mais completas, poderei fazer uma análise de nossa situação militar. Esta, apesar de todos os percalços, não é desesperadora e apresenta algumas perspectivas favoráveis. Pela primeira vez, desde que o inimigo reiniciou suas atividades, a aviação da ditadura não deu o ar de sua graça. Nem helicópteros nem “tecos”. Será que as patrulhas do Exército afastaram-se da área que circunda nosso acampamento?

A mancha que surgiu em meu olho está aumentando e minha capacidade visual diminuindo. Verdadeira maçada. Como enfrentar a doença sem médico, sem nenhum recurso? Meu consolo é que tenho dois olhos e só um está sendo afetado.

13/11 – Nelson e Zeca regressaram de sua pesquisa no terreno. Na direção que escolheram, a área é tomada pelos castanhais. Não serve para acampar na época de safra. Esta começa em dezembro. É necessário pesquisar em outro ramo. Aqueles dois combatentes trouxeram 3 jabutis e quase uma lata de castanhas. Hoje, a aviação do inimigo recomeçou suas atividades. Mas o ruído dos motores ouvia-se longe. Só um helicóptero passou perto do acampamento. Faz um mês que caiu o ZC.

16/11 – No dia 14 chegaram ao acampamento Joaq, Jo e Ari. O primeiro resolveu vir a fim de prestar informações diretas à CM. As notícias sobre o DA não são boas. A co Sonia, bula do D, quando atendia a um ponto com 2 combatentes, foi surpreendida pelo inimigo e metralhada. Isso aconteceu porque ela desobedeceu às normas de marcha e às diretrizes que recebeu. Tinha ordens para seguir determinada rota, mas resolveu ir por uma “batida”, verdadeiro caminho. Os milicos estavam na área e buscavam rastros dos guerrilheiros. Aquela co resolveu tomar banho e deixou suas botinas no trilheiro, a uma distância não muito longe do ponto. Como os dois co não chegaram na hora combinada, ela regressou despreocupada, acompanhada de um jovem que há pouco ingressara na guerrilha. Não encontrou as botinas. O jovem alertou-a sobre o inimigo, mas ela insistiu em procurá-las. Então se ouviu a intimação dos soldados: “se correr morre”. Seu acompanhante fugiu em desabalada carreira. Ouviram-se rajadas de metralhadora e de FAL. Sonia tombou gritando. A morte de Sonia é um exemplo da falta de espírito militar que domina ainda muitos de nossos combatentes. Esta morte é uma grande perda para o DA, pois aquela guerrilheira era a melhor bula das FF GG e desfrutava de grande prestígio de massas. Seu desaparecimento terá repercussão negativa entre a população da área do D. Sonia viera do Estado da Guanabara. Era de família pobre. Foi educada em um asilo – a União das Operárias de Jesus -. Trabalhou numa das fábricas da Coca-Cola e custeou seus estudos com seus próprios recursos. Ingressou na Faculdade de Medicina e cursava o 4º ano quando veio para o Araguaia.

Joaq deu novos esclarecimentos sobre a queda de ZC e dos 3 co que com ele tombaram. O C do DA tinha clareza sobre a situação. Soube da presença do inimigo quando este entrou na região. Tinha ponto marcado para concentrar o D pensava reunir todos os combatentes e se ligar à CM para receber diretrizes. Infelizmente, Piauí, que estava em tarefa com mais da metade daquela unidade guerrilheira, manteve dispersos os combatentes que estavam sob seu controle. ZC e Nunes, que comandavam dois grupos em áreas diferentes, acudiram ao lugar combinado. Piauí só chegou a 16, com o Nelito, que saíra em missão que lhe fora designada pelo seu C, a 1º de novembro. Isso foi um erro e uma indisciplina do Piauí. Enquanto esperava os outros combatentes, ZC decidiu apanhar farinha e talvez realizar uma ação punitiva conta um bate-pau; no caminho decidiu matar porcos e trazê-los para o acampamento. Foi uma temeridade e um erro, mas uma série de circunstâncias contribuíram para sua queda. Assim, por exemplo, os porcos já estavam limpos e retalhados para serem carregados. Na hora de sair, as alças das mochilas não agüentaram o peso. Então, o Alfredo teve que construir 5 “vira-mundos”, tarefa que demorou muito tempo. Quando terminava o último, verificou-se a emboscada do inimigo. Tudo, no entanto, resultou da falta de vigilância e da desobediência às normas das FF GG.

A perda de 4 guerrilheiros, principalmente do ZC e do Nunes, teve influência negativa sobre os elementos novos do D e entre a massa. Os camponeses que deviam ingressar na guerrilha não apareceram no local combinado. Penso que isso se deve ao fato de terem sido mortos o C do DA e de combatentes bastante conhecidos, como Nunes e Alfredo. Alguns co novos se amedrontaram e Joaq foi obrigado a mandar embora dois jovens que tinham sido recrutados há pouco tempo. É possível que outros também saíam da guerrilha. O DA, atualmente, está concentrado em área de refúgios e enfrenta dificuldades de alimentação. Joaq voltará para o D afim de assumir seu comando efetivo.

A CM reuniu-se e debateu as mesmas questões que tinham sido discutidas com Pe. Daqui há um mês se reunirá novamente para decidir sobre a reestruturação das FF GG, sobre a maneira militar da CM, sobre o trabalho de massas e sobre o recrutamento para a guerrilha,

assuntos que exigem mudanças em nossa orientação. A respeito desses assuntos, já fizemos um debate preliminar.

Jo, Ari e Joaq trouxeram uma jabota, dois carumbés de grande porte, uma lata de milho e uma latinha de sardinhas, de um depósito do DA. Hoje, Zeca e Jo partiram para pesquisar terreno, a fim de mudarmos de acampamento. Helicópteros continuam roncando longe do lugar em que nos encontramos.

Beto, combatente do DA, enviou 3 poesias de sua autoria. Em minha opinião, são muito boas, tanto pelo seu conteúdo como pelo seu valor poético.

19/11 – A 17, Pe apareceu no ponto. Não era esperado. Mas sua presença foi bastante útil, pois reunimos a CM completa. Nos DD B e C tudo corre normalmente. Um grupo e 4 combatentes, chefiados pelo Ari, fez um fustigamento na estrada S. Geraldo- S. Domingos. Foram desfechados 4 tiros em uma patrulha do Exército. Infelizmente, parece que não ocasionaram baixas. No entanto, o inimigo mostrou-se nervoso e mobilizou, usando helicópteros, um contingente numeroso de soldados, que se espalhou em longo trecho da estrada. Outra patrulha passou perto do acampamento dos DD B e C – cerca de 30 metros – e nada percebeu. Isto obrigou a Pe mudar de local. A CM discutiu demoradamente a questão da estrutura das FF GG e os métodos de direção. Esses métodos se mostraram ineficazes. É necessária uma maior centralização do comando e não estabelecer áreas estanques para os DD. É necessário assegurar às FF GG mais mobilidade e flexibilidade, elevando, ao mesmo tempo, a sua capacidade militar. Ter os DD mais próximos do comando. O conjunto de nossas forças devem atuar nas mais diferentes áreas, de acordo com as circunstâncias e necessidades. A CM também resolveu mudar sua política de massas e corrigir algumas deformações do recrutamento. Não se deve, de nenhum modo, realizar trabalho aberto com as massas. Não organizar mais núcleos da ULDP. Fazer propaganda revolucionária armada geral e ligar-se, sigilosamente, com alguns camponeses, tendo em vista obter informações e conseguir alimentos. A população local, apesar da repressão, manifesta simpatia em relação aos guerrilheiros. Quanto a recrutamento, ser mais rigoroso na admissão de novos combatentes. No DA foram recrutados elementos sem condições para entrar na guerrilha. Obedecer rigorosamente às normas de recrutamento. A CM discutiu a situação do abastecimento. Temos comida para um mês. Em caso de grandes dificuldades, apelaremos, com bastante critério, para a política de requisições. Daqui há um mês à base de novas informações, a CM deve tomar as medidas para aproximar mais os DD e centralizar o comando.

Jo e Zeca, nos dias 16 e 17, realizaram nova pesquisa de terreno em outro rumo. Só encontraram castanhais. A área não serve para esta época do ano. Vamos mudar de acampamento para lugar próximo do local onde acamparam os DD B e C.

21/11 – ontem saíram Joaq, Zezinho e Ari em direção ao ponto de encontro com os mensageiros do DA. O primeiro ficará por lá para assumir o comando daquele D. também saíram Nelson e Zeca para apanhar farinha em um depósito. Hoje estarão de volta. No dia 19, Zezinho foi procurar jabutis. No caminho, a uma e 10 minutos de marcha, encontrou um veado e não se conteve. Abateu-o com um tiro de 38. Assim, infringiu a disciplina, pois está terminantemente proibido atirar na área. Desse modo, o nosso caçador pode Ter dado o sinal de nossa presença ao inimigo, que vem patrulhando a mata em torno do nosso acampamento. Zezinho foi severamente criticado e espero que não reincida no erro.

As FF GG foram duramente atingidas com os insucessos do DA. Este, que estava com um efetivo completo, ficou com apenas 15 combatentes e alguns deles são bastante atrasados do ponto de vista militar. O D perdeu 4 fuzis, um rifle 44, uma espingarda 20 e 6

revólveres. Enfrentamos atualmente a situação mais difícil desde que começou a luta guerrilheira. Podemos, no entanto, enfrentar com êxito essa situação e impedir que a atual tática do Exército nos cause outros prejuízos. Mas, para isso, temos que centralizar mais o comando, elevar nossa capacidade militar e fortalecer em alto grau a disciplina e a vigilância, cumprindo rigorosamente nossas normas de atuação. Estamos tomando medidas nesse sentido.

Desde o dia 19 diminuiu a atividade aérea do inimigo. Não se ouve o barulho de helicópteros. Esporadicamente passam as aeronaves mais pesadas. Poucos “tecos”.

23/11 – A 21, Nelson e Zeca regressaram com duas latas de farinha e 3 jabutis. Ontem, Simão e Ivo, mensageiros do Pe, apareceram no acampamento. Nos DD B e C não há nada de novo. Um grupo, sob a chefia do Jaime, saiu para fazer fustigamento. Outros grupos caçam e apanham castanhas. Pe pretende fazer uma operação com quase todos os guerrilheiros, tendo em vista prosseguir o abastecimento. Por isso, pediu para não mudarmos para a sua área, conforme tínhamos combinado quando ele aqui esteve.

A Rádio Tirana irradiou ontem dois comunicados das FF GG do Araguaia. Um sobre a retirada do Exército da região e outro sobre a morte da co Fátima. Não sei onde o P conseguiu as informações. Parece que nosso bilhete não chegou ao seu destino. O primeiro documento é geral e comenta a ausência do inimigo. O segundo dá uma versão deformada da queda de Helenira. Só apresenta um fato verdadeiro: a heróica combatente tombou perto da corrutela de S. José. Acho que não é correto os co da cidade emitirem comunicados do comando das FF GG, sem terem informações daqui. Acabam caindo em contradição conosco. Já tínhamos emitido um sobre a queda de Fátima e os dois documentos, sobre um mesmo assunto, se contradizem. É melhor que os co do P façam comentários sobre os acontecimentos do Araguaia não procurando falar em nome das FF GG. De qualquer forma, no entanto, os comunicados transmitidos pela rádio da Albânia constituíram boa propaganda.

Ao rever minhas anotações em um caderno que pretendo me desfazer, encontrei o resumo das intervenções dos participantes da reunião dos CC e VVCC de D com a CM, realizada entre 9 e 12 de agosto último. Para que fique registrada nestes apontamentos da guerrilha, transcrevo um sumário da intervenção do José Carlos naquela oportunidade, quando o vi pela última vez:

“O C do DA chama a atenção para os êxitos do seu D no trabalho entre as massas, os quais considerava também êxitos militares. Em seguida, assinalou que sem ter informação não se pode ter iniciativa no terreno militar. Por isso, estabeleceu como tarefa de grande importância a criação do serviço de informações do D. afirmou também que sem garantir o abastecimento de comida, não se pode operar com êxito contra o inimigo. Assim pensava em desenvolver os depósitos operacionais. Julgava que escolher previamente os locais para as emboscadas não é fundamental, pois é difícil saber com antecedência por onde o inimigo vai passar. O mais importante para atuar contra os militares da reação é o serviço de informações. Destacou o papel do planejamento. Sejam quais forem os criminosos, bate-paus ou soldados, o fato é que o inimigo nos golpeou em nossa retaguarda, em plena mata. Isso nos criou uma situação difícil. Temos que mudar de área. É o que estamos fazendo. Nos transferiremos para um local há 10 dias de viagem daqui. Dentro de 20 minutos partiremos. É uma travessia cheia de riscos”.

Ari era excelente guerrilheiro (parece que a morte escolhe sempre os melhores combatentes). Ativista estudantil na Guanabara, cursava a Escola de Física daquele Estado.

Tinha bastante futuro e daria um bom chefe de D, nasceu em Cachoeira do Itapemirim, no Espírito Santo. Seu nome: Arildo Valadão. Idade: 25 anos.

7/12 – passei este tempo todo sem escrever por duas razões: a primeira consiste em ter caminhado durante 11 dias com mais 7 companheiros, e a segunda reside no fato da doença em meus olhos ter-se agravado. O olho esquerdo, que não estava atingido, também foi afetado e está bem pior que o direito. A perspectiva para mim, se a moléstia não regredir, não é das melhores. Tenho que tomar providências urgentes para enfrentar a situação de saúde. Quanto à viagem, ela foi boa, sem maiores incidentes. Tivemos que atravessar 3 estradas de rodagem construídas pelo inimigo na mata, uma das quais não conhecíamos e que ainda estava sendo concluída. Atravessamos também 9 igarapés grandes, todos eles cortados ou margeados por piques abertos pelo Exército. Cruzamos inúmeros piques e estradas de burro. Não nos faltou comida, além da farinha racionada e de umas poucas latas de sardinha, conseguimos bastante bacaba e apanhamos 26 jabutis. Só num dia encontramos 8. Amanhã temos ponto com o 1º grupo dos DD B e C, uma barraca, que se encontra na nova área, onde havia duas latas de milho, foi cortada por um pique recentemente aberto por um grileiro, segundo parece. Ninguém mexeu nas coisas, mas o giráú quebrou-se e o milho derrubou-se no chão. Aproveitamos um resto, que estava num coifo, e mais 4 quilos de sal. Aguardo a 12 a chegada do Pe, que vem chefiando o último grupo de guerrilheiros que estão sob seu comando. Então, trataremos de reorganizar nossas forças. Penso trazer a maior parte do DA para a nova área e redistribuí-la. Depois, faremos nosso plano de ação. Nossa situação alimentar não é boa, pois não temos abastecimento. Durante a viagem, foi pequena a atividade aérea do inimigo. Nelson, que comandou a marcha, saiu-se muito bem.

10/12 – No dia 8, Fogoió e Ida foram ao ponto de chegada do pessoal do B e C. apareceu o Simão, que chefiava o segundo grupo, que deveria chegar a 10. Ele trouxe notícias más. Sua viagem foi normal até o dia 3. Nesse dia seu grupo acampou em um local muito utilizado por nós. Chegara às duas e meia da tarde e às cinco foi surpreendido pelo inimigo. Chico, que saíra, juntamente com Toninho, para procurar jabutis sob uma gameleira, foi alvejado perto do acampamento, por 2 tiros. Seguiram-se, então, novos tiros, de 15 e 20. No acampamento encontravam-se Simão, Daniel, Lauro e Áurea. Estavam inteiramente à vontade, consertando armas e costurando roupas. Todos saíram em desabalada carreira do local, deixando as mochilas, armas, munição e bornais. Jaime, que no momento saíra para apanhar cocos, e Ferreira, que estava de guarda, se extraviaram do conjunto do grupo. Toinho, voltando ao acampamento, não encontrou ninguém. Apanhou seu mocó e correu em direção da guarda. Não encontrou o Ferreira, mas viu o mato se mexer. Para lá se dirigiu e tomou contato com o Simão. Chico, segundo informações do Toinho, deve Ter morrido. Então, os 5 combatentes saíram em marcha batida em direção ao ponto conosco. Não tinham nada. Nem fósforos e nem isqueiros. Chegaram ao local dia 6 e tiveram que esperar até o dia 8. Passaram 5 dias dramáticos. Dias de fome, quando chegaram estavam esqueléticos e com os corpos inteiramente picados por tatuquiras. Dormiram ao relento ou em barracas improvisadas. A situação do Jaime e do Ferreira não é boa. O ponto de reencontro não está claro para eles. O segundo não tem fogo e se orienta mal na mata. Se os dois se encontraram na confusão do ataque (estavam na mesma direção) sua situação será bem melhor. O ocorrido com esse grupo é um novo golpe nas FF GG. Estas foram desfalcadas de mais um combatente, o Chico. Dois guerrilheiros estão extraviados. Perdemos 1 revólver 38 (do Daniel), um rifle 22 (do Toinho), uma espingarda 20 (da áurea) e um rifle 44 (do Chico). Perdemos também 50 balas de fuzil, 70 balas de 38 e 50 balas de

44; 2 quilos e meio de pólvora, chumbo, uma bússola, 8 mochilas, 4 embornais, 8 redes, 8 cobertores, camisas de uso e 8 camisas novas, calças de uso e 2 calças novas, 2 quartas de farinha, 4 quilos de sal, 4 panelas, 20 colheres, 5 pratos, 8 lanternas, remédios e vários objetos. O que aconteceu indica claramente que a situação das FF GG vai se tornando difícil. Seus combatentes continuam a incidir em erros graves, desobedecendo as normas de segurança, marcha, acampamento, etc. também têm revelado pouco espírito militar e falta de combatividade. Não se tem em vista o combate. A tendência predominante em alguns co é a retirada desordenada. Nem sempre se procura resistir ao inimigo, obrigar-se a cobrir, pelo fogo, a retirada, nem se tenta salvar a carga e os co. no caso do grupo em questão, verificou-se quase uma debandada. E o responsável da unidade guerrilheira não foi à referência do Jaime e do Ferreira. Precisamos pôr um fim a tais erros ou seremos derrotados. Em 2 meses de nova investida do inimigo, tivemos 7 baixas e 2 combatentes estão extraviados.

Lauro informa que Jaime, Manezinho e ele realizaram um fustigamento. Acha que atingiu mortalmente um milico. Isso se deu no dia 21 do mês passado. A arma de Jaime falhou. O cartucho de seu fuzil não detonou. Infelizmente, nossas armas não são boas.

Simão trouxe 2 jabutis. Fogoió outro e Zeca, Amauri e Tuca, que foram buscar milho em um depósito, trouxeram 3. Os 3 últimos combatentes chegaram com 2 latas de milho e 20 quilos de sal. Assim, garantimos a bóia. Ainda temos comida para 3 dias.

Osv, que devia chegar a 8, está atrasado. Faço votos para que nada tenha acontecido. Tanto o seu grupo como o de Pe passariam pela área onde Simão foi assaltado.

Minas vista piora sempre. Enxergo com dificuldade com o olho esquerdo. E o direito também não está de todo bom. Faço grande esforço para escrever.

Chico era um companheiro que veio da Guanabara e que entrou na região da guerrilha quando a luta armada começou. Seu nome é Adriano. Não conheço seu sobrenome. Nasceu em Minas, acho que em Ponte Nova, mas ultimamente vivia na GB. Era membro do P e tinha certa capacidade política, embora militarmente não fosse um combatente de vanguarda. Na cidade, como universitário, desenvolvia atividade no meio estudantil. Dedicou-se à cinematografia, tendo realizado alguns filmes de curta metragem.

21/12 – não escrevi nada nos últimos dias porque sucederam-se inúmeros acontecimentos que me obrigaram a caminhar quase sem parar. No dia 10, de manhã, inesperadamente, o Toinho fugiu. Isso constituiu um transtorno para os DD A e B. este desertor se encontrava numa área por ele conhecida e onde fora recrutado. Sabe aonde se encontram alguns depósitos de milho com os quais contávamos. Não foi se entregar ao inimigo (deixou sua arma e o mocó), mas acabará preso e, sem dúvida, falará. É lastimável não termos ganho esse elemento vindo da massa. É um garoto, de cerca de 15 anos, sem pai e sem mãe, bastante ativo e que estava integrado na guerrilha. As dificuldades da luta, a alimentação escassa, a morte do Chico e o mau tratamento que alguns combatentes lhe dispensavam, devem ter contribuído para sua fuga. Não tinha ainda consciência sobre os elevados princípios de nossa causa.

No dia 11, apareceu o Osv, com atraso de 3 dias. Sua viagem foi normal. A 12, chegou o Pe, que trouxe incólume o seu pessoal. Com ele vieram Zezinho e Ari, com notícias do DA. Diante da fuga do Toinho, decidimos mudar de área, para evitar surpresas. A 15, decidimos acampar por alguns dias em nova área, aguardar a vinda do Joaq e reorganizar as FF GG. A 16, partiram Manezinho e Ari para apanhar o Joaq. No mesmo dia saíram Simão e Ivo, para localizar Jaime e Ferreira, que devem Ter ido aos pontos de referência. Depois que todos os mensageiros partiram, retiramo-nos para um morro, perto do local, onde dormimos e onde

pretendíamos permanecer até o Joaq chegar. Camuflando o velho acampamento, ficaram Zezinho, Fogoió e Raul. Passadas mais de 2 horas, ouvimos tiro de arma de caça. Decorridos 2 minutos, foram detonados 6 a 7 tiros de FAL. O inimigo aparecera no local que tínhamos abandonado. Não sabemos se ele surpreendeu nossos co da camuflagem ou se foram surpreendidos. A Segunda hipótese é a mais viável. Quem usa arma de caça são os guerrilheiros. E o intervalo de dois minutos entre o primeiro tiro e os demais, indica que os milicos devem Ter se abrigado. Mas os co não vieram para o lugar das mochilas, onde estava o grosso do pessoal. Possivelmente, foram ao ponto de referência marcado para o caso de dispersão. Os demais combatentes retiraram-se em ordem, levando suas mochilas e as dos 3 combatentes que entraram em choque com os soldados. Todos esses fatos nos obrigaram a mudar novamente de área e somente ontem chegamos ao ponto escolhido. Antes de viajar, despachamos o Joca e a Chica para o ponto onde Manezinho e Ari iam apanhar o Joaq, para evitar que ele fosse para a área onde se deu o choque com os “macacos”. No curso da marcha, no dia 18, Josias, sob o pretexto de fazer suas necessidades fisiológicas, iludiu nossa vigilância e desertou. Na certa, foi se entregar às forças da repressão. Trata-se de um elemento inseguro, vacilante, individualista e sem nenhuma valia para a guerrilha. Apesar de quintanista de Medicina, nem como bula servia. Pode dar algum serviço dos depósitos da área do DC. Sua deserção não foi surpresa para ninguém. Alivia a guerrilha de um peso morto. Hoje de manhã, Osv e Amauri saíram para apanhar o Joaq e os demais camaradas que foram ao seu encontro. Tanto na área onde o Toinho fugiu, bem como nas áreas onde os co enfrentaram o inimigo e o Josias desertou, a atividade aérea do inimigo se intensificou, com o emprego de “tecos”, NA e helicópteros. Zezinho, que chegara do DA, informou que nesse D está tudo normal. Trouxe maiores detalhes da morte do José Carlos, Nunes, Zebão e Alfredo. Quando o inimigo os surpreendeu, na primeira rajada de metralhadora, sucumbiram logo Nunes e Zebão; José Carlos ainda conseguiu apanhar o fuzil e disparar 3 tiros. Alfredo, mortalmente atingido, ainda disparou o revólver contra os soldados, quase atingindo seu comandante, que segundo a massa seria um major. Os camponeses também informaram que Sonia teve morte heróica. Os milicos não a atingiram nos primeiros disparos. Cercaram-na e então se estabeleceu o seguinte diálogo: - Quem é você? – Sou uma guerrilheira do Araguaia. – Que está fazendo aqui? – Luto pela liberdade. Ato contínuo, Sonia puxou o revólver e atingiu um soldado no braço e outro na perna. Então um milico metralhou-a, dizendo: vou dar tua liberdade. Bandidos!

O nome verdadeiro de Sonia era Maria Lucia de Souza.

22/12 – Ontem Osv e Amauri regressaram sem o Joaq e os outros co que deviam apanhar. Não encontraram o local combinado. Hoje, partiram o Nelson e a Ida para trazer os combatentes que Osv não conseguiu localizar.

Pe, que comanda os DD B e C, informa que só tem ração de alimentos para um dia. Acabou-se o milho e restam 7 litros de farinha. O que vem salvando a situação é a castanha e o jabuti. Na última etapa da viagem catamos duas latas de amêndoas, e durante o deslocamento da área do DC para a área do DA, onde nos encontramos, no curso de 24 dias, apanhamos cerca de 150 jabutis.

Também, partiram, para se encontrar com o João, Maria e mais os 23 combatentes extraviados no choque com o inimigo, os co Amauri e Valquíria. No acampamento só se encontram 12 combatentes. Cinco estão atacados de malária: Osv, Dina, Áurea, Luiz e Peri. Não melhorei nada dos olhos. A diminuição da visão incomoda bastante.

Espero a vinda do Joaq para discutirmos melhor a situação. Devemos reexaminar nossa tática militar, reorganizar nossas forças e definir nossas perspectivas.

O moral dos combatentes é alto, apesar de todas as vicissitudes. Mas, num ou outro elemento surgem sintomas de derrotismo. Mostrei que é possível enfrentar com êxito a nova investida do Exército. Nossas perdas resultam, fundamentalmente, dos desrespeito às leis da guerrilha e da nossa linha militar.

23/12 – Jo não apareceu no ponto. Que teria acontecido? Nelson foi hoje repetir o ponto. Talvez tenha havido confusão de data. Caso Jo não apareça novamente teremos que nos ligar ao DA.

Acabou-se a nossa bóia. Pe está providenciando recolhimento de cocos (para se comer a massa) e de castanhas. Até agora não parou a atividade aérea do inimigo.

25/12 – Nelson encontrou o Jo. Este regressou com a Chica, Manuel, Fogoió e Raul. Os 3 extraviados, dirigidos pelo Zezinho, foram ao ponto com Joaq. Lá reataram o contato. Eles relataram que o inimigo viera no nosso batido. No acampamento, que acabara de ser camuflado, estava só o Raul, pois o Zezinho tinha ido à grota apanhar o Fogoió, que estava de guarda. Três milicos vinham na vanguarda, procurando os nossos rastros. A patrulha devia Ter uns 15 homens. Fizeram grande alarido e marchavam no batido que levava ao morro, onde estava o grosso dos nossos combatentes, quando os soldados viram o Raul, que corria em direção aos seus dois co, dispararam um tiro. Então, aquele combatente abrigou-se. Passados dois minutos, correu de novo. Contra ele e os outros, fizeram 6 a 7 disparos. Mas todos saíram incólumes. Ainda bem.

Joaq e Zezinho não vieram porque foram buscar duas latas de farinha para nos entregar. Quanto ao Ari, o nosso armeiro, desapareceu quando ia apanhar farinha em uma barraca. Não sabemos se teve um ataque epilético ou se desertou. As duas possibilidades são viáveis. Ultimamente, com a presença do inimigo e com o aumento das dificuldades, mostrava certo descontentamento. É muito personalista e também um pouco assustado. A morte do Zebão, que era seu primo, e a falta de bóia, podem Ter contribuído para que ele fugisse. Se ele não aparecer, trará dificuldades para nós. Ficamos sem um dos armeiros. Ele conhece todos os depósitos da CM e a oficina, onde há 14 armas para consertar.

Agravou-se a moléstia dos meus olhos. Estou enxergando com certa dificuldade. Há possibilidade de ocorrer um colapso em minha visão. Não posso facilitar. Penso em sair da região, pois, se não o fizer, posso criar, com minha doença, uma situação difícil para os co. Discutirei o assunto na próxima reunião da CM, que se realizará logo que o Joaq chegue. Para mim é bastante doloroso deixar as FF GG.

* * * *